ISAAC ASIMOV

VIAGEM FANTÁSTICA II

RUMO AO CÉREBRO



EDITORA BEST SELLER

2ª. EDIÇÃO

ISAAC ASIMOV

VIAGEM FANTÁSTICA II

RUMO AO CÉREBRO

Tradução de

ELIZABETH E DJALMIR MELLO

Para Dick Malina e Scott Meredith, que tornaram possível esta obra.

Nota

Meu romance Viagem Fantástica foi publicado em 1966. Era, na verdade, a transformação em livro de um filme, cujo roteiro foi escrito por outras pessoas. Mantive-me tão fiel quanto possível ao enredo, mudando apenas as incoerências científicas mais insuportáveis. Embora tenha alcançado grande sucesso, sendo até hoje reeditado, ele nunca me satisfez completamente, pelo simples fato de que nunca o consegui sentir como obra minha.

Quando surgiu a oportunidade de escrever outro romance sobre o mesmo tema — uma nave miniaturizada com tripulação percorrendo o organismo de um ser humano vivo —, aceitei, impondo a condição de que o faria totalmente à minha maneira.

Aqui está, portanto, Viagem Fantástica II: Rumo ao Cérebro. É possível que dele venha a nascer um filme, mas, se isso acontecer, o romance nada lhe ficará devendo. Para o melhor ou para o pior, este romance é meu.

CAPÍTULO 1

NECESSÁRIO Quem se torna necessário tem de aprender a aceitar a adulação.

Dezhnev (pai)

— DESCULPE, mas o senhor fala russo? — A voz grave, de contralto, soou como um murmúrio, bem perto de seu ouvido.

Albert Jonas Morrison levantou o corpo na poltrona. A sala estava na penumbra, e a tela do computador, na plataforma, desfilava gráficos e mais gráficos que nada significavam para ele. Cochilara, quase adormecera. Ao sentar-se, estava certo de que havia um homem na poltrona a seu lado. Como teria se transformado em mulher?

Ou teria saído e o lugar fora ocupado por outra pessoa?

— A senhora falou comigo? — Pigarreou para limpar a garganta.

Não podia vê-la direito na sala escurecida. A luz da tela atrapalhava mais que ajudava. Conseguiu distinguir o cabelo liso e escuro, cobrindo as orelhas e atado na nuca sem nenhum enfeite.

— Perguntei se o senhor fala russo.

— Falo. Por que a senhora quer saber?

— Porque fica mais fácil para mim. Meu inglês é um pouco falho.

O senhor é o doutor Morrison? A. J. Morrison? Está tão escuro que não consigo ver direito. Desculpe se me enganei.

— Eu sou A. J. Morrison. Nós nos conhecemos?

— Não. Mas eu conheço o senhor. — A mão tocou de leve a manga do paletó. — Preciso muito de sua ajuda. O senhor está prestando atenção à conferência? Não parecia muito interessado, há pouco.

Conversavam em sussurros. Morrison olhou em volta instintivamente.

A sala não estava muito cheia e havia várias poltronas desocupadas ao redor deles. Mesmo assim, baixou ainda mais a voz.

— E se não estiver? — Estava curioso, além de entediado. O conferencista lhe tinha dado sono.

— Vamos sair daqui? Meu nome é Natália Boranova.

— E para onde vamos, senhora Boranova?

— Ao café, para podermos conversar. É muito, muito importante.

Foi assim que começou. Mas não teria feito muita diferença o fato de ele estar ou não presente àquela conferência, naquela sala, e ainda por cima cochilando, pensaria Morrison mais tarde. Assim como não fizera diferença ter se sentido curioso e envaidecido a ponto de acompanhar uma desconhecida que dizia precisar dele.

Ela o teria encontrado onde quer que estivesse e o forçaria a ouvir o que tinha a dizer. Talvez fosse mais difícil em outras circunstâncias, mas, no final, teria dado no mesmo. Disso, mais tarde, ele viria a ter certeza. Seria totalmente impossível escapar.

À LUZ NORMAL, ela parecia menos jovem do que ele imaginara.

Uns trinta e seis anos, quarenta, talvez. Cabelo castanho-escuro, nem um fio branco. Feições bem marcadas, acentuadas; sobrancelhas grossas, queixo firme, nariz bem-feito; corpo cheio, pesado, mas sem gordura; quase da altura dele, mesmo de saltos baixos. De maneira geral, uma mulher atraente, ainda que não fosse bonita. O tipo de mulher, pensou Morrison, com a qual podia se acostumar.

Ele suspirou ao ver sua própria imagem refletida no espelho do café: cabelo louro e ralo, olhos azuis sem brilho, rosto e corpo magros; nariz adunco; um sorriso agradável. Pelo menos, achava agradável o próprio sorriso. Mas... não. Não era o tipo de homem com quem as mulheres quisessem se acostumar. Brenda se desacostumara em pouco mais de dez anos. Quando chegasse ao quadragésimo aniversário, que não estava longe, Morrison completaria também cinco anos e cinco dias de divórcio.

A garçonete trouxe os cafés. Os dois estavam em silêncio, avaliando um ao outro. Ele achou que devia dizer qualquer coisa.

— Não prefere vodca? — brincou ele.

Ela sorriu e, de alguma forma, aquilo a fez parecer ainda mais russa do que antes.

— Por que não Coca-Cola?

— Vício por vício, Coca-Cola é mais barata.

— E tem ótimas razões para ser.

Morrison riu.

— Você é perspicaz assim também em russo?

— Vamos ver — respondeu ela, em russo.

— Vão pensar que somos espiões — observou ele, na mesma língua.

A mudança não fazia diferença para ele, que falava e compreendia o russo tão bem quanto o próprio idioma. Se um cientista americano quisesse se manter atualizado com a literatura técnica tinha de dominar a língua russa, quase tanto quanto seus colegas russos dependiam do inglês. A própria Natália Boranova, por exemplo, apesar de alegar falta de familiaridade, dominava perfeitamente o idioma, com um sotaque quase imperceptível.

— Por que alguém pensaria uma coisa dessas? Há centenas de milhares de americanos falando inglês na União Soviética e outros tantos cidadãos soviéticos se expressando em russo aqui. Não estamos mais nos velhos tempos.

— É verdade. Eu estava brincando. Mas, nesse caso, por que a insistência no russo?

— Estamos no seu país, e isto lhe dá uma vantagem psicológica, não é, doutor Morrison? Se falarmos no meu idioma, as coisas se equilibram um pouco mais.

— Como quiser. — Morrison tomou um gole de café.

— Doutor Morrison, o senhor não me conhece?

— Não. Nunca a vi antes.

— E meu nome? Natália Boranova. Nunca ouviu falar?

— Desculpe. Se trabalhássemos na mesma especialidade, eu a conheceria. Como me é estranho, entendo que nossos campos de atividades são diferentes. Eu devia conhecê-la?

— Ficaria mais fácil. Mas não faz mal. De qualquer forma, eu o conheço. Para dizer a verdade, sei muito a seu respeito: local e data de nascimento, currículo acadêmico, sobre seu divórcio e suas duas filhas (que vivem com a ex-mulher), seu cargo na universidade e suas pesquisas.

— Nada disso é difícil de descobrir numa sociedade infestada de computadores como a nossa. — Morrison deu de ombros. — Devo ficar vaidoso ou irritado?

— Como assim?

— Se sou tão famoso na União Soviética, posso me envaidecer.

Se fui alvo de alguma investigação, vou ficar irritado.

— Pretendo ser absolutamente honesta com o senhor. Investiguei sua vida. Tive razões muito importantes para isso.

— Que razões? — Morrison perguntou com frieza.

— Para começar, o senhor é um neurofísico.

Morrison tinha acabado o café e fez um sinal distraído, pedindo outro. O de Natália estava pela metade, e ela parecia tê-lo esquecido.

— Há muitos neurofísicos.

— Nenhum como o senhor.

— A senhora está me adulando. Só pode ser, uma vez que não me conhece tão bem. Não sabe das coisas mais importantes a meu respeito.

— Seu fracasso, por exemplo? O fato de que seus métodos de análise das ondas cerebrais não são aceitos pela comunidade científica?

— Mas, se sabe, por que está interessada em mim?

— Porque temos um neurofísico em meu país que conhece bem o seu trabalho e o considera brilhante. Ele diz que o senhor deu um salto para o desconhecido e pode até estar errado, mas brilhantemente errado.

— Brilhantemente errado? Qual é a diferença entre isso e apenas errado?

— Na opinião dele, é impossível alguém estar brilhante e completamente errado. Mesmo que com alguns pontos falhos, muitas de suas idéias podem ser úteis. Nesse caso, é possível que o senhor esteja totalmente certo.

— Qual o nome da sumidade que faz tal juízo de mim? Vou elogiá-lo no próximo artigo que publicar.

— Pyotor Leonovich Shapirov. O senhor o conhece?

Morrison afundou na cadeira. Não esperava por aquilo.

— Se o conheço? Conheço pessoalmente. Pete Shapiro é como eu o chamo. As pessoas daqui acham que ele é tão maluco quanto eu.

Se alguém descobrir que ele me apóia, acabam de me enterrar. Por favor, diga ao Pete que agradeço o apoio, mas, se realmente quer me ajudar, que nunca revele a ninguém que está do meu lado.

Natália olhou-o com um ar de repreensão.

— O senhor está brincando. Nunca leva nada a sério?

— Não é isso. Eu é que sou uma piada. Fiz uma descoberta importantíssima e não consigo convencer ninguém. A não ser o Pete, pelo que a senhora diz; mas ele não vale. Não consigo mais nem publicar meus artigos!

— Então venha para a União Soviética, Temos lugar para o senhor e suas idéias.

— Não. Não quero emigrar.

— Quem falou em emigrar? Se quer continuar americano, continue.

O senhor já visitou a União Soviética e pode voltar, passar algum tempo lá e depois retornar.

— Para quê?

— O senhor tem idéias malucas, assim como nós. Pode ser que as suas ajudem as nossas.

— Que idéias malucas são essas? As suas, quero dizer; as minhas, eu conheço bem.

— Não podemos discutir sem que o senhor me dê alguma esperança de que está disposto a nos ajudar.

Morrison, ainda afundado na cadeira, estava só vagamente consciente do movimento ao redor deles — gente bebendo, comendo e conversando. Todos fugidos da conferência, imaginou. Fixou o olhar na compenetrada mulher a sua frente, aquela russa que admitia com naturalidade que também tinha idéias malucas. Tentou imaginar o que ela realmente queria dele.

— Boranova! — gritou ele de repente, empertigando o corpo. — Claro que já ouvi seu nome! Pete Shapiro me falou a seu respeito.

Você trabalha com...

Animado com a lembrança, sem querer voltara a falar em inglês.

A mão dela caiu rápido sobre a sua, as unhas forçando dolorosamente a pele. Ele engasgou no meio da frase. Ela largou a mão.

— Desculpe. Não quis machucar.

Ele inspecionou cuidadosamente as marcas de unha. Uma delas, achou, ficaria arroxeada.

— Você trabalha com miniaturização — murmurou ele, em russo.

NATÁLIA CONTINUOU olhando para ele com toda a calma.

— Que tal um passeio pelo rio? Podemos sentar num banco e conversar. O dia está tão bonito.

Morrison acariciou a mão dolorida. Umas poucas pessoas tinham se virado em sua direção quando gritara em inglês, mas ninguém mais parecia prestar atenção neles.

— Acho que não. Eu devia estar na conferência.

Natália sorriu, como se ele tivesse concordado que o dia estava lindo.

— A conversa num banco à beira do rio vai ser muito mais interessante.

Por um instante, ele achou que o sorriso podia ter a intenção de seduzi-lo. Será que ela... Abandonou a idéia antes mesmo de terminá-la. Coisas daquele gênero já estavam fora de moda até em programas da holovisão — BELA ESPIÃ RUSSA USA O CORPO ESCULTURAL PARA SEDUZIR AMERICANO INGÊNUO. Para começar, ela não era bela, e o corpo não era escultural. Além disso, nada indicava que aquelas coisas pudessem passar por sua mente. Afinal, ele não era ingênuo nem estava interessado. No entanto, acabou caminhando com ela pelo campus, na direção do rio.

Enquanto andavam devagar, Natália falou alegremente do marido, Nikolai, e do filho Aleksandr, que, no início do curso primário, demonstrava um estranho interesse por biologia, embora ela própria fosse uma especialista em termodinâmica. E, mais estranho ainda, Aleksandr, para decepção do pai, era péssimo em xadrez, mas revelava um talento promissor no violino.

Morrison não estava prestando atenção. Tentava lembrar o que havia lido e ouvido sobre as pesquisas soviéticas no campo da miniaturização, imaginando que relação aquilo podia ter com seu trabalho.

— Aquele ali parece limpinho. — Natália apontou um dos bancos.

Sentaram-se. Ele olhava distraído para o rio, para o desfile incessante dos carros nas rodovias que ocupavam as duas margens e para os barcos que se arrastavam preguiçosos. Natália, com uma expressão pensativa, finalmente quebrou o silêncio:

— Você não acha interessante?

— O quê?

— Minha sugestão: ir para a União Soviética, — Não! — respondeu ele, de forma grosseira.

— Por que não? Seus colegas americanos não aceitam suas idéias e isso o deprime. Você está procurando uma solução. Por que não?

— Já que investigaram minha vida inteira, acredito que sabem que minhas idéias não são aceitas. No entanto, como podem ter certeza de que estou deprimido?

— Qualquer pessoa normal ficaria deprimida. Além disso, basta conversar com você para ter certeza.

— Você concorda com minhas idéias?

— Eu? Não é minha especialidade. Conheço muito pouco, quase nada, do sistema nervoso.

— Suponho que você simplesmente acatou o julgamento de Shapirov.

— Sim. E, mesmo que fosse diferente, problemas inusitados precisam de soluções inusitadas. Não temos nada a perder experimentando suas idéias. Nada pode piorar, no ponto em que estamos.

— Vocês conhecem minhas idéias. Foram todas publicadas.

Ela o encarou com severidade.

— Achamos que nem todas foram. É por isso que queremos o senhor.

Morrison riu sem vontade.

— Como posso ajudar vocês com a miniaturização? Sei menos sobre isso do que você sobre o cérebro. Muito menos.

— O que o senhor sabe a respeito de miniaturização?

— Só duas coisas: consta que os soviéticos estão pesquisando o assunto e que é totalmente impossível.

Natália olhava placidamente o rio.

— Impossível? E se eu lhe disser que nós a conseguimos?

— Prefiro acreditar que vocês conseguiram ensinar um ursobranco a voar.

— Por que eu iria mentir?

— Só falei dos fatos, Não estou interessado em sua motivação.

— O que lhe dá tanta certeza de que a miniaturização é impossível?

— Se reduzirmos um homem às dimensões de uma mosca, toda a massa deste ser humano ficará condensada no mesmo volume desse inseto. A densidade da mosca será por volta de... — Fez uma pausa para calcular mentalmente. — Cento e cinqu?enta mil vezes maior que a da platina.

— E se a massa também fosse reduzida na mesma proporção?

— Cada átomo do homem miniaturizado ocuparia o espaço de três milhões de átomos originais. O homenzinho ficaria não só do mesmo tamanho da mosca, mas também com a mesma capacidade cerebral.

— E se os átomos também fossem reduzidos?

— Átomos miniaturizados? A constante de Planck, uma das grandezas absolutamente fundamentais do universo, não permitiria.

Cada átomo assim seria pequeno demais para o padrão atômico do universo.

— E se eu lhe dissesse que a constante de Planck também pode ser reduzida, de maneira que o homem miniaturizado fique dentro de um campo onde o padrão atômico seja incrivelmente menor que em circunstâncias normais?

— Eu não acreditaria.

— Sem estudar o problema? Você não aceitaria com base em convicções preconceituosas, do mesmo jeito que seus colegas recusam suas idéias.

Morrison fez uma longa pausa.

— Não é a mesma coisa.

— Não? — Ela olhou, pensativa, para o rio, — Qual é a diferença?

— Meus colegas acham que eu estou errado. Minhas idéias, para eles, teoricamente não são impossíveis, só estão erradas.

— Enquanto que a miniaturização é impossível...

— É.

— Então venha ver. Se é impossível como você diz, o governo o convida a passar um mês na União Soviética, com todas as despesas pagas. Se quiser, pode levar algum amigo ou amiga.

— Não, obrigado. Não quero. — Morrison sacudiu a cabeça. — Mesmo que a miniaturização seja possível, não tem nada a ver com minha especialidade. Não me ajudaria em nada nem teria nenhum interesse para mim.

— Como pode saber? E se a miniaturização lhe desse a oportunidade de estudar a neurofísica de uma forma totalmente nova, como ninguém nunca a

estudou? E se, ao mesmo tempo, você pudesse nos ajudar? É nisso que estamos interessados.

— Que maneira nova de estudar a neurofísica você pode oferecer?

— Doutor Morrison, pensei que estivéssemos nos entendendo!

Você não consegue comprovar suas teorias porque não é capaz de observar células nervosas isoladamente; para chegar a uma delas você as danifica demais. Que tal se lhe déssemos um neurônio do tamanho do Kremlin (ou até maior, se preciso) para estudar molécula por molécula?

— Você quer dizer... Inverter o processo de miniaturização e aumentar um neurônio até o tamanho de um palácio?

— Não. Isso ainda não conseguimos fazer. O que podemos é reduzir o senhor ao tamanho que quisermos. Dá no mesmo, não é?

Morrison levantou-se, o olhar fixo na mulher.

— Não — murmurou ele. — Não! Você é maluca? Acha que sou maluco? Adeus! Adeus! — Saiu andando rápido na direção do hotel.

— Doutor Morrison, espere! Escute!

Ele fez um gesto largo com o braço, sinalizando uma negativa, e atravessou correndo a avenida, escapando por pouco de um carro.

MORRISON AINDA estava trêmulo quando chegou à porta do quarto, com o retângulo de plástico do chaveiro apertado na mão e a respiração pesada. Perguntou-se se ela sabia o número do quarto. Não seria difícil descobrir, se estivesse realmente determinada. Olhou para os dois lados do corredor, quase com medo de vê-la correndo em sua direção, com os cabelos desalinhados e o rosto contorcido.

Sacudiu a cabeça. Tudo aquilo era loucura. O que podia temer?

Não poderiam carregá-lo à força. Não poderiam obrigá-lo a fazer nada contra a vontade. Que terror infantil era aquele que sentia?

Tomou fôlego e introduziu a chave na fechadura. Girou-a, ouviu o ruído do mecanismo e abriu a porta.

O homem sentado na poltrona de palhinha, próximo à janela, sorriu.

— Entre.

Morrison olhou espantado e recuou um pouco, virando-se para confirmar o número gravado na porta.

— Não, não! O quarto é este mesmo. Entre e feche a porta.

Ele obedeceu em silêncio, continuando a encarar o outro com espanto.

Era um homem corpulento, sem ser gordo. Seu corpo preenchia todo o espaço disponível da poltrona. Usava um paletó de linho, e a camisa era tão branca que parecia brilhar. Não podia ser descrito como calvo, mas caminhava visivelmente para essa condição.

Os cabelos castanhos que restavam eram encaracolados. Não usava óculos, mas os olhos pequenos e o olhar apertado de míope tanto podiam indicar o uso de lentes de contato quanto um traço de personalidade.

— Veio correndo, não foi? Eu estava olhando. — Apontou para a janela. — Vi quando você se levantou e disparou para cá. Fiquei torcendo para que você viesse logo para o quarto. Não queria ficar aqui o dia inteiro, a sua espera.

— Você entrou aqui para ficar me espiando da janela?

— Não. Foi coincidência. Vi quando você e aquela senhora andaram até o banco. Conveniente, para mim, mas não planejado. Mas.

tudo bem. Se eu não estivesse observando da janela, os outros estariam, de vários lugares.

Àquela altura, Morrison já estava com a respiração regular e calmo o suficiente para fazer o que deveria ter sido sua primeira pergunta.

— Quem é você?

O homem sorriu e tirou do bolso interno do paletó um portadocumentos.

— Está tudo aqui: assinatura, holograma, impressões digitais e padrão vocal.

Morrison comparou o rosto sorridente com o também sorridente holograma.

— Segurança. Está bem, mas isso não lhe dá o direito de invadir meu quarto.Não estou fugindo de ninguém. Você podia ter me chamado da portaria ou pelo menos batido à porta.

— Em circunstâncias normais, você estaria com toda a razão, é claro. Mas achei melhor nos encontrarmos da maneira mais discreta possível. Além disso, levei em conta o fato de sermos velhos conhecidos.

— Conhecidos?

— Você não se lembra? Há dois anos, num congresso internacional, em Miami, Você fez uma palestra. Por sinal, passou maus momentos.

— Do congresso e da palestra me lembro bem, mas não de você.

— Acho que isso não chega a ser surpresa. Tomamos uns drinques depois, porque quis lhe fazer algumas perguntas.

— Eu não chamaria isso de velha amizade. Seu nome é Francis Rodano?

— Isso mesmo! Você até se lembrou da pronúncia correta, com a tônica na segunda sílaba. Memória subliminar, é claro.

— Não. Não me lembro de você, O nome está escrito na cédula de identidade. Gostaria que você fosse embora.

— Preciso conversar com você. Assunto profissional.

— Parece que todo mundo quer falar comigo hoje. Qual é o assunto?

— Seu trabalho.

— Você é neurofísico?

— Você sabe que não. Eu me formei em economia; pósgraduação em línguas eslavas.

— Então, o que temos para conversar? Sou bom em russo, mas você provavelmente é melhor. Além disso, não sei nada de economia.

— Vamos falar de seu trabalho, como há dois anos. Por que você não se senta? O quarto é seu, afinal. Não vou demorar. Prefere sentar aqui onde eu estou?

Morrison sentou-se à beira da cama.

— Vamos acabar logo com isso. O que você quer saber a respeito de meu trabalho?

— A mesma coisa que queria há dois anos. É verdade que existe uma estrutura especial no cérebro responsável especificamente pelo pensamento criativo?

— Não é bem uma estrutura. Fica difícil definir com uma palavra não-científica. É uma cadeia neurônica. Ela existe, sim. Mas ninguém acredita, porque não conseguem localizá-la e não há como provar sua existência.

— Você a localizou?

— Não. Meu raciocínio vai de trás para a frente, parte dos resultados e de minhas análises das ondas cerebrais. Parece que ninguém fica muito convencido. Minhas análises não são... ortodoxas. A ortodoxia nunca fez ninguém chegar a lugar nenhum nesse campo da ciência, mas exigem que eu seja ortodoxo — terminou ele em tom amargo.

— Disseram-me que as técnicas matemáticas que você emprega na análise dos eletroencefalogramas não são apenas heterodoxas, mas sim completamente erradas. Ser heterodoxo é uma coisa; estar errado é outra muito diferente.

— Afirmam que estou errado só porque não provei. E só não consigo provar que estou certo porque não tenho como estudar detalhadamente um neurônio.

— Você já tentou isolar um neurônio para estudo? Mexer no cérebro de um ser humano vivo não é considerado prática antiética ou até criminosa?

— Claro que é. Não sou maluco. Usei cérebros de animais.

— Tudo isso você me disse há dois anos. Entendo que desde então você não descobriu nada de novo.

— Nada, mas sei que estou certo.

— Sua certeza não adianta nada, se você não conseguir convencer os outros. Quero fazer outra pergunta. Você conseguiu fazer alguma coisa, nos últimos dois anos, que convencesse os soviéticos?

— Os soviéticos?

— Por que esse ar de surpresa, doutor Morrison? Acaba de passar mais de uma hora conversando com a doutora Boranova. Não foi ela que o fez correr do rio até aqui?

— A doutora Boranova? — Confuso, Morrison começou a repetir a pergunta como um papagaio, inconscientemente.

A expressão de Rodano continuou tranqu?ila.

— Perfeitamente. Nós a conhecemos muito bem. Sempre ficamos de olho nela quando visita os Estados Unidos.

— Você fala como se ainda estivéssemos nos velhos tempos.

— Não, nada disso. — Rodano encolheu os ombros. — Não há perigo de guerra nuclear. Nós e a União Soviética trocamos cortesias.

Agimos em conjunto nas viagens espaciais. O projeto de mineração lunar é desenvolvido em comum acordo, e indivíduos das duas nações têm acesso a todas as dependências espaciais. Tudo isso nos fez crer que estamos num novo tempo. No entanto, há coisas que nunca se invertem de todo, doutor. Continuamos de olho em nossos bons parceiros soviéticos, só para termos certeza de que estão se comportando direitinho. E por que não? Eles fazem exatamente a mesma coisa.

— Parece que vocês andam me vigiando também.

— Você estava com a doutora Boranova.

— Não vai acontecer de novo, posso lhe garantir. Se depender de mim, nunca mais me verão perto dela. Aquela mulher é maluca.

— É mesmo? Maluca... Literalmente?

— Palavra que é. Escute aqui: nada de nossa conversa é confidencial ou secreto, ou seja lá o que for, pelo menos que eu saiba.

Estou inteiramente à vontade para repetir tudo o que ela disse. Ela está metida num processo de miniaturização.

— Nós sabemos. — A voz de Rodano continuava calma, tranqu?ila.

— Eles têm uma cidadezinha nos Urais, construída especialmente para isto.

— E estão conseguindo alguma coisa?

— Também gostaríamos de saber.

— Ela tentou me convencer de que estão, pois conseguiram a miniaturização.

Rodano continuou calado. Morrison esperou um pouco e, como não obteve nenhuma resposta, continuou:

— Mas garanto-lhe que não é possível. Cientificamente é impossível.

Você tem que entender. Bom... seu ramo são as línguas e a economia, não é? Portanto, aceite minha palavra: é impossível.

— Não preciso de sua palavra, meu amigo. Há muita gente que diz não ser possível. Mesmo assim não sabemos... E, se os soviéticos insistem em brincar com a miniaturização, o problema é deles.

Não queremos, contudo, que a consiga antes de nós, Afinal, não compreendemos o que eles pretendem fazer com ela.

— Isso não serve para nada, absolutamente nada! — Morrison gritou. — É bobagem se preocupar com isso. Se interessa ao nosso governo contribuir para que os soviéticos fiquem atrasados em tecnologia, devemos estimulá-los a pesquisar esse tipo de coisas! Deixar que gastem dinheiro, recursos humanos e tempo! Deixar que concentrem esforços nessa bobagem! É um total desperdício!

— Mesmo assim — respondeu Rodano —, não acredito que a doutora Boranova seja maluca, como, também, não acredito que você seja maluco. Aliás, sabe o que me pareceu ao observar vocês dois naquele banco? Que ela estava lhe pedindo ajuda. Quem sabe se as suas teorias de neurofísica não são capazes de ajudá-los em suas tentativas de miniaturização? Tanto eles como você possuem idéias muito esquisitas... Quem sabe se, juntando as duas coisas, surge algo menos estranho? Pelo menos é o que acho.

— Já lhe disse que nada tenho a esconder. — Os lábios de Morrison empalideceram de raiva. — Mas posso lhe dizer que sua hipótese é correta: ela queria que eu fosse para a União Soviética, ajudá-la no projeto de miniaturização. Não quero saber como você adivinhou, pois não acredito em adivinhações. Não me venha convencer de que existem. — E, ignorando o sorriso irônico de Rodano, continuou:

— Seja como for, recusei definitivamente o convite. Deixei-a falando sozinha e vim embora correndo, como você viu. A verdade é esta. Se vocês não fossem tão apressados, eu encaminharia um relatório às autoridades competentes. Aliás, é isso que ando fazendo, não é? E não pense que minto, porque... que razão teria para mentir?

Por que diabo me meteria em um projeto que não possui o menor sentido para mim? Se quisesse trabalhar contra meu país, o que não é o caso, levaria em conta o fato de que eu sou, acima de tudo, um cientista! Não iria me envolver com um projeto maluco, sem qualquer perspectiva. O que eles estão tentando é tão lógico quanto o moto-contínuo, a antigravidade ou uma velocidade maior que a da luz. — Parou de repente. Percebeu que estava ensopado de suor.

— Por favor, doutor Morrison — Rodano falou com gentileza —, ninguém está duvidando de sua lealdade. Eu jamais faria tal coisa!

Não estou aqui somente porque o senhor conversou com aquela russa. A razão pela qual eu vim é simples: imaginamos que ela tentasse entrar em contato com o senhor e temíamos que o senhor não lhe desse atenção.

— Como é?

— Tente compreender, doutor Morrison! Por favor, tente compreender!

Gostaríamos, gostaríamos muito mesmo, que o senhor fosse para a União Soviética com a doutora Boranova.

MORRISON EMPALIDECEU. Seus lábios tremiam enquanto permaneceu com os olhos fixos em Rodano. Enquanto passava a mão direita pelos cabelos, como se os estivesse penteando, falou devagarinho:

— Por que você deseja que eu vá para a União Soviética?

— Não sou eu. É o governo dos Estados Unidos que quer.

— Por quê?

— A resposta é óbvia: se a União Soviética anda pesquisando a miniaturização, queremos saber tudo o que eles conhecem a respeito.

— Mas a madame Boranova está aqui e ela deve saber quase tudo.

É só prendê-la, torturá-la, que ela contará tudo.

— Tenho certeza de que você está brincando. — Rodano suspirou.

— Você sabe que não se lança mão mais desse procedimento.

A União Soviética partiria imediatamente para alguma retaliação (o que seria extremamente desagradável) e, o que é pior, levaria a opinião pública mundial a ficar do lado deles. Não perdemos mais tempo com brincadeiras como esta.

— Está bem. Entendo que nada violento pode ser feito. Mas, é claro, há agentes nossos lá, tentando conseguir as informações.

— Esta é a palavra-chave, doutor: tentando. Há agentes nossos na União Soviética, sim, para não falarmos dos sofisticadíssimos equipamentos de espionagem, tanto na Terra como no espaço. Da mesma forma como eles têm seus agentes aqui. Mas, se ambos somos muito bons nesse jogo de obter informações, também o somos, em contrapartida, no de esconder informações. E eles não são tão bons... são melhores que nós. É verdade que não vivemos mais nos velhos tempos, como você diz, mas eles, durante mais de um século, especializaram-se na arte de dissimular. Principalmente porque a sociedade deles não é "aberta", no sentido que nós damos ao termo.

— E o que vocês querem que eu faça?

— O senhor é diferente. Qualquer agente que mandarmos para a União Soviética, ou qualquer área da sua influência, deve operar às escondidas, usando algum tipo de disfarce, correndo o risco de, mais cedo ou mais tarde, ser descoberto. Seja quem for, tem que se insinuar em algum lugar onde não é bem-vindo para obter informações secretas. Isso não é fácil. Muitas vezes o agente é apanhado de surpresa, e isso causa um profundo mal-estar. No seu caso é diferente:

eles o convidaram. Parece que o senhor lhes é necessário. Eles desejam levá-lo aos seus laboratórios, aos lugares mais secretos.

Trata de uma senhora oportunidade!

— Mas só há menos de duas horas eles me fizeram o convite!

Como você sabe de tanta coisa?

— Há muito que eles começaram a se interessar por você. Foi por isso que me aproximei de você há dois anos. Já naquela época eles demonstraram interesse, e nós queríamos saber por quê. Agora, finalmente, eles deram os primeiros passos... já nos encontraram prontos para o próximo.

Morrison surpreendeu-se batucando com os dedos na cabeceira da cama e retirando, com as unhas, um som irritante da madeira.

— Vamos pôr um pouco de ordem nessa bagunça — disse ele. — Concordo em ir com a Natália Boranova para a União Soviética, provavelmente para a tal cidadezinha do projeto de miniaturização.

Chego lá e finjo que quero ajudar...

— Não vai ser preciso fingir. Dê-lhes toda a ajuda que puder, principalmente naquilo que contribuir para que o senhor compreenda o processo.

— Está bem, eu ajudo. E, na volta, passo todas as informações para vocês.

— Exatamente.

— E se eu não conseguir nenhuma informação? E se tudo isso for um blefe gigantesco, ou não passar de uma grande bobagem?

E se eles estiverem repetindo, outra vez, toda aquela história de Lysenko?

— O senhor então nos dirá exatamente isto. Aliás, é isso que, realmente, adoraríamos ouvir. Saber é muito melhor que desconfiar.

Afinal de contas, temos certeza de que os soviéticos acreditam em nossos progressos nas pesquisas sobre a antigravidade. Pode ser que estejamos progredindo, mas pode ser que não... Eles não têm certeza e nós não temos a menor intenção de contribuir com eles para que tenham. Não pretendemos convidar nenhum cientista deles a vir aqui nos ajudar; de modo nenhum não facilitaremos o trabalho deles de investigação. Por falar nisso, ouvi comentários de que os chineses andam trabalhando na pesquisa da velocidade mais alta que a da luz. É engraçado... estes foram os dois campos que você chamou de “teoricamente impossíveis”. Não sei de ninguém que ande pesquisando o moto-contínuo, pelo menos...

— Esses joguinhos entre nações são ridículos. Por que não pode haver cooperação? Parece coisa dos velhos tempos!

— Não é bem assim, embora o presente não chegue a ser nenhum paraíso. Ainda há resíduos de suspeitas e ainda são feitas tentativas de se conseguir dar algum passo de gigante à frente do outro. E isso pode até ser uma coisa boa. Motivados por desejos egoístas de grandeza nacional, desde que esses desejos não nos levem à guerra, somos capazes de progredir mais rápido: Se a corrida contra nossos vizinhos e amigos fosse interrompida, talvez caíssemos na indolência e na decadência.

— O que significa que, se conseguir informar você, com segurança, que eles embarcaram numa canoa furada ou que realizaram tais e tais progressos, estarei contribuindo não só com os Estados Unidos, mas também com o mundo todo, a manter seu vigor e progresso tecnológico. Inclusive com a própria União Soviética.

— É uma boa perspectiva de se olhar o problema — concordou Rodano.

— Sinto-me obrigado a lhes dar os parabéns, a você e a seus colegas.

Vocês são verdadeiros experts na arte da manipulação. Só que eu não vou pagar para ver. Sou favorável à cooperação internacional e não vou me meter nesses joguinhos perigosos à maneira do século 20, em pleno século 21, o século do racionalismo. Disse à doutora Boranova e repito agora: não irei.

— O senhor compreende que é o governo de seu país quem está lhe fazendo este pedido?

— Compreendo que você está me pedindo e que estou dizendo não a você. Mas, se é verdade que você representa o governo nessa história, estou preparado para dizer não também ao governo.

MORRISON CONTINUOU sentado, apesar de toda exaltação. Seu coração batia rápido e ele se sentia um herói. Nada me fará mudar de idéia, pensou. O que eles podem fazer? Me jogar na cadeia? Sob que acusação? Esperou uma reação irritada do outro, alguma ameaça.

Rodano apenas continuava olhando para ele, com uma expressão divertida.

— Por que o senhor se recusa, doutor Morrison? Onde está seu patriotismo?

— Nada tenho contra o patriotismo, mas, sim, contra a insanidade.

— Insanidade?

— Você sabe o que planejam fazer comigo?

— Por que o senhor não me conta?

— Eles querem me miniaturizar e me colocar dentro de um corpo humano, para que eu examine o estado neurofísico de uma célula do cérebro por dentro.

— Para quê?

— Ela sugeriu que isso ajudará não só as minhas pesquisas, como também dará subsídios ao trabalho deles, Mas não tenho a mínima intenção de me submeter a uma experiência dessas.

Rodano coçou a cabeça com delicadeza e se apressou a rearrumar o cabelo ralo, como se tivesse medo de expor a calvície.

— Não vejo razão para se preocupar com isso. Você me diz que a miniaturização é absolutamente impossível. Nesse caso, não vão conseguir miniaturizá-lo, seja qual for a intenção.

— Mas vão fazer algum tipo de experiência comigo. Eles dizem que dominam a miniaturização, o que quer dizer que são mentirosos ou malucos. Seja qual for o caso, não me submeterei às experiências deles, nem para agradar a eles, nem a você, nem ao governo dos Estados Unidos.

— Eles não são malucos. Sejam quais forem suas intenções, eles sabem muito bem que os responsabilizamos pela segurança e bemestar de um cidadão americano convidado a visitar seu país.

— Obrigado! Muito obrigado! E o que vocês fariam para responsabilizá-los? Publicariam uma nota oficial ríspida? Prenderiam alguns cidadãos soviéticos aqui, em represália? E, além disso, quem falou que eles vão me executar em público, na Praça Vermelha? E se eles decidirem que é melhor eu não voltar para contar o que aprendi?

Eles podem tirar de mim o que quiserem, seja lá o que for, e depois achar que não vaIe a pena que eu conte tudo o que vi ao governo americano. Um lamentável acidente pode ocorrer comigo.

Depois, um milhão de pedidos de desculpas formais e, naturalmente, uma indenização à minha pobre família, logo depois que eu voltar num caixão coberto com a bandeira nacional. Não, obrigado.

Não levo nenhum jeito para missões suicidas.

— Você está dramatizando. Vai ser tratado por eles como convidado.

Você os ajuda no que for possível e não precisa ficar investigando ostensivamente. Não estamos lhe pedindo para ser um espião.

Ficaríamos gratíssimos por qualquer quantidade de informações, desde que tivessem credibilidade. E é claro que lá teremos pessoas nossas para observar você, se for possível. Nossa intenção é tê-lo de volta, em segurança e.

— Se for possível — interrompeu Morrison.

— Se for possível — concordou o outro. — Não podemos prometer nenhum milagre. Você acreditaria em nós, se prometêssemos?

— Seja como for, isso não é trabalho para mim. Não sou corajoso.

Não tenho a menor intenção de virar peão de um jogo de xadrez maluco, pondo em risco, provavelmente, a minha própria vida, só porque você, ou o governo, está me pedindo.

— Você se assusta sem necessidade.

— Não. O medo tem uma função: serve para que um sujeito seja cauteloso e se mantenha vivo. Pessoas como eu possuem um truque para conservar a vida: chama-se covardia. Para alguém com a musculatura e a mentalidade de um touro, essa atitude pode não ser muito admirável; mas para um sujeito fraco como eu não constitui nenhum crime. Não sou covarde a ponto de aceitar uma missão suicida só para esconder minhas fraquezas. Eu as revelo, com todo o prazer. Não tenho coragem para esta missão. E agora, por favor, vá embora.

Rodano deu de ombros, esboçou um sorriso e levantou-se lentamente:

— Então está bem. Não podemos obrigá-lo a servir seu país, contra a sua vontade. — Encaminhou-se para a porta, com um andar arrastado.

Quando pôs a mão na maçaneta, virou-se novamente para Morrison: — Mas fiquei um pouco aborrecido. Acho que errei e detesto descobrir meus erros.

— Que erro? O que você fez? Apostou dinheiro com alguém que eu sairia correndo para dar a vida por meu país?

— Não. Acreditei que você sairia correndo para aproveitar a chance de melhorar sua situação profissional. Suas perspectivas não são lá grande coisa neste momento, não é? Ninguém dá atenção às suas idéias. Ninguém quer mais publicar seus artigos. Seu contrato com a universidade provavelmente não será renovado. Bolsas? É melhor esquecê-las. Auxílio do governo? Nem em sonho, principalmente agora, depois de recusar nosso pedido. A partir do ano que vem você vai ficar sem prestígio e sem fonte de renda. E, mesmo assim, você se recusa a ir à União Soviética, como achei que iria, salvar sua carreira. O que você vai fazer?

— Problema meu.

— Não. Problema nosso. O jogo, neste lindo mundo novo em que vivemos, é a disputa pelo desenvolvimento tecnológico: o prestígio, a influência e o poder que se obtém quando se consegue realizar algo que os outros não conseguem. Os jogadores são dois, com seus respectivos aliados: nós e eles, os Estados Unidos e a União Soviética. Apesar de toda a amizade formal, continuamos competindo.

As peças do jogo são os cientistas e os engenheiros, e qualquer peça que não funcione bem pode ser usada pelo adversário. Você é uma peça que está funcionando mal, doutor Morrison. Entende o que quero dizer?

— Entendo que você está quase começando a me ofender.

— Você declarou que a doutora Boranova o convidou para visitar a União Soviética. Será que é verdade, mesmo? Será que ela não lhe propôs ficar nos Estados Unidos e trabalhar para a União Soviética, em troca do apoio para as suas idéias?

— Entendi certo: você está me ofendendo.

— Meu trabalho é esse. Tenho de ofender, quando necessário. E se meu raciocínio inicial estiver certo, afinal de contas? Você pode sair correndo para aproveitar a chance de salvar a carreira. Só que de outra maneira: ficando aqui e passando informações para eles, em troca de dinheiro ou apoio.

— Tudo errado. Você não tem nenhum indício, e nada pode provar!

— Mas posso suspeitar, e outras pessoas também. Vamos ter que manter você sob observação permanente. Para um cientista, isso é o fim. Sua vida

profissional acabará para sempre. E tudo isso pode ser evitado. Ë só fazer o que pedimos.

Morrison falou com os lábios cerrados e a garganta seca:

— Você me ameaça com uma chantagem grosseira. A resposta é:

não! Assumo os riscos. Minhas teorias sobre o centro do pensamento, em algum lugar do cérebro, estão corretas e algum dia serão reconhecidas, façam vocês o que fizerem.

— Você n pode pagar suas contas com esperanças.

— Então morrerei de fome. Posso ser covarde fisicamente, mas não moralmente. Adeus.

Rodano olhou para ele, ainda por alguns instantes, com ar de pena, e foi embora. E Morrison, trêmulo de medo e depressão, sen tiu o espírito de desafio desaparecer aos poucos, deixando em seu lugar apenas o desespero.

CAPÍTULO 2

SEQUESTRADO

Quando pedir educadamente não dá resultado, vá lá e tome o que quer.

Dezhnev (pai)

ENTÃO MORREREI de fome, pensou Morrison de novo. Não se dera ao trabalho de trancar a porta após a saída de Rodano. Afundou na poltrona pensativo, o rosto sem expressão. A luz do sol, já próximo ao poente, iluminava o quarto, mas ele sequer tocou no interruptor que podia diminuir ou eliminar a transparência da janela de vidro.

Observava, como se estivesse num transe hipnótico, a dança das partículas de poeira contra a luz.

Fugira da russa mas conseguira enfrentar o agente americano, ainda que com a coragem do desespero. E desespero, sem coragem, era tudo que sentia agora. Rodano dissera a verdade, afinal de contas.

Seu contrato não seria renovado no ano seguinte e, até lá, todas as tentativas de contatos que fizera com outras instituições cairiam no vazio. Transformara-se em um pária no mundo acadêmico e não possuía experiência, nem tampouco contatos, o que era ainda mais importante, necessários para conseguir um emprego na iniciativa privada, mesmo que a discreta pressão contrária do governo ofendido não fosse levada em conta.

O que podia tentar? Ir para o Canadá? Conhecia Janvier, da Universidade McGill, que uma vez demonstrara interesse em suas idéias. Uma vez Morrison nunca chegara a pensar seriamente na Mc-Gill, pois nunca planejara deixar o país. Agora os planos não valiam muito. Talvez fosse obrigado a emigrar. Havia também a América Latina, onde uma dúzia de universidades podia ter interesse em receber um americano que falasse espanhol ou português. Seu espanhol não era grande coisa e seu português não existia. O que tinha a perder? Não tinha família. As filhas estavam cada vez mais distantes, não passavam de velhas fotografias que já começavam a amarelar. Não possuía amigos de verdade, desde que o fracasso de suas pesquisas se tornara óbvio. Tinha seu programa de

computador, claro, feito sob medida. Tinha sido desenvolvido inicialmente por uma empresa especializada, segundo rigorosas prescrições suas e desde então ele o modificara inúmeras vezes. Já pensara em patenteá-lo, mas nunca se dera ao trabalho, pois, provavelmente, era quase impossível que alguma outra pessoa viesse a usá-lo. O programa iria com ele, fosse qual fosse seu destino, como sempre. Agora mesmo ele o tinha consigo, estufando o bolso do paletó como se fosse uma carteira recheada.

Morrison podia ouvir a própria respiração, cada vez mais lenta, e percebeu que tentava fugir dos pensamentos através do sono. Como seria capaz de provocar interesse em outras pessoas, pensou com amargor, se ele próprio dormia quando começava a raciocinar? Notou que a luz do sol já não estava mais no quarto; em seu lugar, havia uma penumbra acolhedora. Melhor assim, pensou.

Uma campainha suave o tirou do torpor. Verificou que era o telefone mas não se moveu de onde estava. Fechou os olhos e deixou o aparelho em paz. Era o tal Rodano, provavelmente, tentando algum argumento.

Adormeceu de vez, com a cabeça caída sobre o ombro, numa posição tão incômoda que acordou, com um susto, menos de quinze minutos depois. O céu ainda estava azul mas a penumbra no quarto havia aumentado. Sentiu-se culpado quando percebeu ter perdido todas as palestras daquela tarde. Rebelou-se logo em seguida: e daí?

Para que ouvir aquela gente? O sentimento de rebeldia foi aumentando, O que estava fazendo naquele congresso, afinal? Ouvira uma sucessão de palestras, durante três dias, e nenhuma delas conseguira despertar seu interesse. Não encontrara uma só pessoa que pudesse ajudá-lo profissionalmente. Que iria fazer durante os próximos três dias, a não ser tentar se esconder de Natália e Rodano, as duas pessoas que ele mais desesperadamente não desejava ver?

Estava com fome. Não almoçara direito e já era hora do jantar.

Não tinha a menor vontade de comer sozinho no restaurante de luxo do hotel, e menos ainda de pagar o preço exorbitante. Enfrentar a fila da lanchonete era uma idéia menos atraente ainda.

Decidiu-se, afinal. Já tivera o suficiente de tudo aquilo. O melhor a fazer era encerrar a conta e caminhar até a estação ferroviária.

Não era distante e o ar fresco da noite talvez o ajudasse a espantar o sofrimento. Em cinco ou dez minutos faria a mala. E, ainda com esse pensamento na cabeça, começou a arrumar suas coisas, sem alegria.

Pelo menos economizaria metade da conta do hotel e se livraria de um lugar que só lhe prometia mais aborrecimentos.

Morrison estava perfeitamente correto, é claro, mas algum sistema de alarme em sua mente poderia ter lhe avisado que já demorara demais.

DEPOIS DO RÁPIDO ritual do fechamento da conta, Morrison atravessou a enorme porta de vidro do hotel, alegre porque estava livre, mas um pouco preocupado. Investigara cuidadosamente o lobby para se certificar de que nem Natália nem Rodano estavam por ali, e agora, já do lado de fora, observou a fila de táxis e o movimento das pessoas que entravam e saíam. Tudo bem, pensou. Tudo bem, embora tivesse caído em desgraça com o governo, fracassado nas pesquisas e, provavelmente, tivesse de contar com todos os tipos de dificuldades no futuro. A Universidade McGill tornava-se cada vez mais atraente... se conseguisse entrar.

Começou a caminhar em direção à estação, que ainda estava distante demais para ser vista, agora que a noite caíra de todo. Calculou que deveria chegar em casa bem depois da meia-noite e sabia que não conseguiria dormir no trem. Tinha consigo uma revista de palavras cruzadas. Se no trem houvesse luz suficiente...

Parou subitamente quando ouviu alguém gritar seu nome. Foi uma reação instintiva, embora o bom senso, naquelas circunstâncias, o aconselhasse a fugir.

— Al? Al Morrison! Há quanto tempo!

Era uma voz aguda, que ele não reconheceu. Como também não reconheceu o rosto redondo, de meia-idade, bem barbeado e adornado por óculos com aros de metal, do homem bem vestido que o chamara. Começou a sofrer a agonia familiar de tentar reconhecer alguém que evidentemente o conhecia bem, pois se comportava como um velho amigo. Pesquisou em todos os arquivos da sua memória, sem nenhum sucesso. O homem pareceu perceber sua dificuldade mas não se importou:

— Percebo que você não se lembra de mim. Mas não é para menos.

Sou Charlie Norbert. Nós nos conhecemos num congresso científico da Fundação Gordon há muitos, muitos anos. Você debateu com um conferencista sobre as funções cerebrais, e foi brilhante!

Extremamente convincente. Por ter me impressionado tanto, foi possível agora reconhecê-lo.

— Ah, sei — disse Morrison, sem muita convicção. — Sete ou oito anos atrás, não foi? Muito obrigado pelos elogios.

— Tivemos uma longa conversa naquele dia, doutor Morrison.

Lembro-me bem, porque fiquei muito impressionado com suas idéias.

Não o culpo por não se lembrar de mim. Mas identifiquei seu nome na lista de presença, hoje, e quando vi o segundo nome, Jonas, me lembrei de imediato. Tentei ligar para o seu quarto, há coisa de meia hora, mas ninguém atendeu. Precisava falar com você.

— Norbert finalmente notou a mala que Morrison carregava e com ar de desaponto disse: — Está indo embora?

— Infelizmente, tenho que pegar o trem. Sinto muito.

— Por favor, me dê uns cinco minutos. Tenho lido muito a respeito de suas... teorias.

Morrison recuou um pouco. Nem mesmo o interesse de alguém por suas idéias era o suficiente para detê-lo naquele momento. Além disso, a loção de barba do outro, como também o próprio Norbert, estavam invadindo seu espaço pessoal. E nada do que Norbert dissera havia despertado qualquer vestígio de memória.

— Desculpe, talvez o senhor seja a única pessoa que anda lendo meus estudos. Não me leve a mal, mas...

— Levo, sim. — O rosto de Norbert ficou sério. — Tenho a impressão de que a comunidade científica não faz justiça a sua capacidade intelectual.

— Tenho esta impressão há muito tempo, senhor Norbert.

— Me chame de Charlie. Tratávamo-nos pelos primeiros nomes, no passado. Não há motivos para que suas teorias sejam desrespeitadas, há?

— Não sei explicar. Bem... — Morrison fez de novo menção de ir embora.

— Espere, Al. E se eu lhe dissesse que tenho trabalho para lhe oferecer, com pessoas que compreendem e concordam com suas teorias?

Morrison demorou um pouco a responder:

— Diria que você está sonhando.

— Não estou, não. Escute, Al... Que sorte esbarrar com você desse jeito! Quero apresentar-lhe uma pessoa Estamos começando uma empresa, a Genetic Mentalics. Temos um capital apreciável e planos ambiciosos. Estamos pensando no desenvolvimento da mente humana através da engenharia genética. A cada ano que passa, conseguimos desenvolver computadores cada vez melhores. Por que não tentar a mesma coisa com nosso computador pessoal? — Apontou a própria testa com seriedade e convicção. — Onde foi que ele se meteu? Deixei-o no carro quando vi você saindo do hotel.

Sabe que você não mudou quase nada desde aquela época?

Morrison ignorou o cumprimento:

— E essa companhia nova está interessada em mim?

— É claro! Queremos melhorar a mente humana, torná-la mais inteligente, mais criativa! Mas o que é preciso alterar para conseguir esse resultado, só você pode nos dizer.

— Não cheguei a esse ponto ainda.

— Claro que não esperamos nada a curto prazo. Queremos apenas que você continue pesquisando. Escute: seja qual for seu salário atual, lhe oferecemos o dobro. Você nos diz quanto está ganhando e tudo o que temos a fazer é multiplicar essa quantia por dois. E, além disso, será você o seu próprio chefe. O que você tem a dizer?

Morrison franziu a testa:

— É a primeira vez que encontro Papai Noel, de paletó e gravata.

E bem barbeado, ainda por cima. Que brincadeira é essa?

— Não é brincadeira! Oh, meu Deus, aonde ele foi se meter?

Ah! Está ali! Talvez tenha tido necessidade de manobrar o carro para permitir que alguém saísse. Seu nome é Craig Levinson, Al.

É o meu chefe. Não estamos lhe fazendo nenhum favor, Al, você é quem nos faz, se concordar em trabalhar conosco. Vamos até o carro.

Morrison hesitou só por um instante. Sempre fica mais escuro antes da aurora, pensou. De repente, vieram à sua lembrança velhos provérbios. Depois da tempestade vem a bonança. Quando se está no fundo do poço, a única saída é por cima. Submerso neles, deixou-se conduzir pelo outro até o carro.

Norbert, ainda a uma certa distância, falava excitado:

— Consegui! Consegui encontrá-lo. Este é o Al Morrison, o homem de quem lhe falei. Este é o nosso homem!

Um homem de meia-idade, de expressão séria, debruçou-se à janela do motorista do carro novo, cuja cor era indefinível naquela iluminação.

Sorriu um sorriso agradável, aparecendo-lhe os dentes muito brancos:

— Ótimo! — disse.

A tampa do bagageiro se abriu, comandada por algo de dentro do carro; Charlie Norbert tomou a mala de Morrison e, colocando-a lá dentro, fechou a tampa.

— Espere aí — disse Morrison, surpreso.

— Não se preocupe, Al. Se você perder o trem, sempre haverá outro. Ou, se você quiser, alugaremos uma limusine para levá-lo até sua casa, depois. Entre, vamos!

— No carro?

— Claro!

A porta traseira estava aberta, convidativa.

— Para onde vamos?

— Escute — respondeu Norbert, em tom bem baixo. — Não devemos perder mais tempo. Entre!

Morrison sentiu um objeto duro encostar-se em suas costelas e tentou se virar para descobrir o que era. O objeto pressionou-o com mais força e, nesse momento, a voz de Norbert foi pouco mais que um sussurro:

— Quietinho, Al. Não vá nos criar problemas.

Morrison entrou no carro, sentindo-se muito assustado. O objeto que Norbert encostara em suas costas era um revólver.

AO ENTRAR pela porta traseira, Morrison pensou abrir a porta do lado direito e sair correndo. Norbert podia estar armado mas certamente não dispararia no estacionamento de um hotel, com dezenas de pessoas em sua volta. Mesmo que seu revólver tivesse silenciador, o barulho de um corpo caindo no chão seria suficiente para chamar atenção. Desistiu, contudo, da idéia, porque imediatamente um terceiro homem entrou pela direita. Era alto e forte e gemeu ao fazer esforço para dobrar o corpo e se sentar ao seu lado. Tinha uma expressão que, se não era violenta, estava longe de ser amigável.

Morrison sentiu-se imprensado entre ele e Norbert, impossibilitado de se mexer. O carro deixou o hotel devagar e logo ganhou velocidade na estrada.

—Que história é essa? Para onde vocês estão me levando? — Morrison falou baixo, com a voz meio estrangulada.

A voz de Norbert de repente era outra, sem a forçada exuberância que possuía na conversa anterior:

— Não se preocupe, doutor Morrison. Não temos nenhuma intenção de machucá-lo. Só queremos que o senhor permaneça conosco.

— Eu estava com você, lá no estacionamento. — Tentou apontar em uma direção, mas o grandalhão, à sua direita, inclinou o corpo, prendendo seu braço.

— Mas desejamos que fique conosco em outro lugar.

Morrison tentou um tom ameaçador:

— Escutem aqui! Isso é sequ?estro. É muito alta a pena para esse crime.

— Não, doutor Morrison. Não vamos chamar isto de sequ?estro.

Vamos dizer que é um convite amigável, só que um tanto forçado.

— Chame do que quiser, mas continua sendo crime. Ou vocês são da polícia? Se são, deixem-me ver suas carteiras e me expliquem que história é essa. O que foi que eu fiz?

— Não estamos prendendo o senhor. Já expliquei que só desejamos usufruir de sua companhia. Nós o aconselhamos a ficar quieto e manter a calma, doutor. Vai ser melhor para o senhor.

— Como vou manter a calma sem saber o que está acontecendo?

— Controlando-se — respondeu Norbert, sem nenhuma gentileza.

Morrison nada achou mais para dizer e, mesmo sem se acalmar, resolveu ficar quieto.

O céu estava estrelado e límpido. Centenas de carros deslizavam pela estrada, cada um dirigido por alguém que sabia para onde ia e ignorava totalmente que, ali, em meio ao tráfego, um crime estava sendo cometido. O coração de Morrison continuava acelerado e seus lábios tremiam. Não conseguia acalmar-se. Norbert dissera que não pretendia machucá-lo, mas como podia ter certeza? Até então, nada do que ele dissera era verdadeiro. Fechou os olhos e tentou respirar profunda e lentamente, procurando raciocinar com clareza.

Afinal, era um cientista. Tinha que ser racional.

Os homens só podiam ser colegas de Rodano. Com certeza levavam-no para o Departamento, onde mais ainda o pressionariam para aceitar a missão. Só que de nada adiantaria. Estavam nos Estados Unidos e eles eram obrigados a tratá-lo de acordo com regras estabelecidas, procedimentos legais. Nada poderia ser improvisado ou arbitrário. Poderia continuar recusando pois eles nada podiam fazer.

O carro reduziu a velocidade e ele abriu os olhos. Estavam deixando a rodovia e entrando numa estradinha de terra. Instintivamente perguntou:

— Para onde estamos indo?

Não obteve resposta. O carro continuou, aos trancos, por um tempo que pareceu enorme, até que, orientados pela luz dispersa dos faróis, aproximaram-se de um helicóptero, com os rotores ligados em marcha lenta, cujo ruído era quase inaudível. Tratava-se de um dos tipos mais modernos, silencioso, projetado de forma a absorver, em lugar de refletir, as ondas do radar. Ele era

conhecido pelo público como “helicóptero invisível”. Morrison sentiu um aperto no coração: se estavam dispostos a usar um aparelho como aquele, ainda raro e caríssimo, isso demonstrava que eles não estavam medindo esforços com ele e o tratavam como presa valiosa. Só que eu não sou valioso, pensou, em desespero.

O carro parou e apagaram-se os faróis. Só se ouvia o ronronar do rotor e se via, lá fora, as estrelas; além delas, a única iluminação vinha de algumas lâmpadas fracas, cor violeta, que serviam para balizar o lugar de pouso do helicóptero. O grandalhão à direita de Morrison abriu a porta e, com outro gemido, conseguiu sair do carro.

Do lado de fora, estendeu sua mão enorme para ele.

— Aonde vocês estão me levando?

A mão agarrou seu braço e ele foi meio carregado, meio arrastado para fora. O puxão provocou em seu ombro uma dor aguda.

— Chega de conversa. Saia logo.

Morrison ignorou a dor. O grandalhão falara pela primeira vez. A língua era inglês mas com um inconfundível sotaque russo. Sentiu um frio na espinha. Aqueles homens não eram americanos.

MORRISON ENCONTRAVA-SE NO helicóptero. Não tinha entrado, propriamente, já que este verbo expressa uma ação voluntária. Fora entrado pelos outros. Agora voava, em situação idêntica àquela que vivenciara no interior do carro: espremido entre o grandalhão e o que se autodenominara Norbert. Quase nada parecia ter mudado, a não ser o fato de o ruído macio do rotor ser mais hipnótico que o do motor do automóvel.

Uma hora depois, mais ou menos, o aparelho pareceu abandonar a escuridão do céu e procurou esconder-se na escuridão do oceano.

Morrison identificou o mar pelo cheiro do ar e pela umidade. Além disso, conseguiu distinguir vagamente a forma de um navio, uma forma mais escura em meio à escuridão geral. Como conseguira o piloto localizar o navio no meio do oceano? Mesmo em seu estado de desespero e torpor, não conseguia deixar de formular perguntas e respostas. Sem dúvida o helicóptero havia focalizado a emissão de um radiofarol, camuflado por uma frequ?.ncia pseudoaleatória. Decodificada de maneira correta, a frequ?.ncia indicava o rumo tão facilmente quanto a de um radiofarol comum. Emitida de forma igualmente correta, ela não

podia ser identificada por computadores, tratando-se mesmo dos mais avançados.

O navio não passou de uma curta parada. Permitiram que ele usasse o banheiro, deram-lhe uma refeição apressada composta de pão e uma sopa grossa, que ele aceitou com avidez. A seguir empurram-no, com a falta de cerimônia a que, inevitavelmente, já se acostumava, para um avião de tamanho médio.

Havia lugar para dez pessoas na aeronave mas, fora os dois pilotos e os dois homens que o acompanhavam desde o carro, os quais se sentaram nos últimos lugares, o único passageiro era ele mesmo.

Morrison mal reconheceu seus captores, iluminados pela fraca luz do interior do aparelho. Escolheu uma poltrona. Os homens, desta vez, não se deram ao trabalho de imprensá-lo. O espaço era amplo e, de qualquer forma, a única fuga possível era para o convés do navio. Mais tarde, quando estivesse voando, a única alternativa seria uma queda livre até um oceano, de profundidade ignorada.

Começou a se impacientar, tentando imaginar o que faltava para a decolagem. A porta foi aberta de repente, entrando uma outra passageira.

Ele imediatamente a reconheceu, apesar das luzes fracas.

Menos de doze horas se passaram desde o primeiro encontro. Como tanta coisa podia acontecer em tão pouco tempo?

— Desculpe, doutor Morrison. — Ela falou em russo, em voz baixa, e sentou-se a seu lado.

Como se fosse aquele o sinal esperado, o ruído das turbinas, de imediato, aumentou terrivelmente e ele sentiu o corpo comprimido contra a poltrona, enquanto o avião decolava quase na vertical. Encarou Natália Boranova, tentando pôr em ordem seu raciocínio. Sentiu vontade de dizer-lhe alguma coisa trivial, como se nada o estivesse perturbando. Não conseguiu. Pigarreou e, com uma voz aguda que mal lembrava seu tom normal, tudo o que conseguiu dizer foi:

— Fui sequ?estrado!

— Era o único jeito, doutor Morrison. Sinto muito. Sinto muito, mesmo. Mas o senhor deve compreender que tenho uma missão a cumprir. Se fosse possível, eu o teria levado através da persuasão.

Como não foi...

— Você não pode fazer uma coisa dessas! Não estamos no século XX! — Engasgou-se com o esforço que fazia para sufocar sua indignação e falar de maneira sensata. — Não sou nenhum criminoso, nem fugitivo. Vão notar minha ausência e o serviço de informações de meu país sabe perfeitamente de nossa conversa e de seu convite para que eu fosse à União Soviética. Vão ficar sabendo que fui sequ?estrado.

A esta altura, já devem estar sabendo. O seu governo vai ter que se explicar. Isto se tornará um incidente internacional dos mais desagradáveis!

— Não, não. — Natália estava absolutamente séria, os olhos escuros bem fixos nos seus. — Não é assim. É claro que seu governo já sabe do que está acontecendo, mas não apresentam nenhuma objeção, doutor Morrison. As operações de espionagem soviéticas não se baseiam apenas em tecnologia de ponta. Há um século estudamos o perfil psicológico dos americanos. Claro que vocês fazem exatamente a mesma coisa. É justamente esse equilíbrio de know how, aliás comum também a várias outras nações, que nos ajuda a manter a cooperação atual. Cada uma das nações sabe que nenhuma outra está muito mais ou menos capacitada.

— Não entendo o que você diz — resmungou Morrison. O avião continuava atravessando a noite, na direção do Sol Nascente.

— O que mais interessa hoje, ao serviço de informações americano, são nossas tentativas de miniaturização.

— Tentativas? — Morrison conseguiu ser sarcástico.

— Tentativas bem-sucedidas. Mas os americanos não sabem se fomos ou não bem-sucedidos. Acham que o projeto pode estar servindo para mascarar outra coisa completamente diferente. Sabem que alguma coisa estamos fazendo. Possuem mapas detalhados da região do projeto, onde cada edifício, cada veículo são perfeitamente identificados. Sem dúvida têm agentes no próprio local. Claro, fazemos o possível para atrapalhá-los. Não somos emocionais a respeito disso. Sabemos muita coisa a respeito do projeto americano de pesquisa da

antigravidade. Seria muita ingenuidade nossa acharmos que só nós fazemos pesquisas avançadas, só nos realizamos grandes descobertas, e os americanos, não.

Morrison esfregou os olhos. A voz suave e monótona de Natália fez com que se lembrasse de que costumava dormir cedo. Estava com sono. Assim mesmo perguntou:

— E o que tudo isso tem a ver com o fato de, em meu país, os sequ?estros não serem admitidos?

— Escute, doutor Morrison. Tente compreender. Por que eles iriam protestar? Sabem que precisamos do senhor, embora não entendam muito bem a razão. Por que imaginariam que suas teorias de neurofísica têm valor para nós? No mínimo estão pensando que seguimos uma pista falsa e não vamos conseguir obter do senhor nada que preste. Que objeção podem apresentar ao fato de abrirmos nosso projeto de miniaturização a um americano, uma vez que qualquer coisa que esse americano venha descobrir pode ser muito útil para eles? O senhor não acha que eles devem estar raciocinando assim, doutor Morrison?

— Não sei como eles raciocinam. Esse tipo de coisa nunca me interessou.

— Mas um tal de Francis Rodano esteve com o senhor logo depois de nossa conversa... Percebe? Até disso nós sabemos. O senhor vai me dizer que ele não tentou convencê-lo a fazer o nosso jogo, vir para a União Soviética e descobrir o que for possível?

— Você me diz que ele tentou me induzir a bancar o espião?

— E não foi isso que ele sugeriu?

Morrison ignorou a pergunta.

— Você está convencida de que vou ser um espião. Assim, logo que eu fizer o que vocês desejam que faça, vocês me executarão.

Não é esse o destino dos espiões?

— O senhor andou vendo muitos filmes antigos, doutor Morrison.

Para começar, impediremos que o senhor descubra qualquer coisa importante. E, em segundo lugar, os espiões são valiosos demais para que os destruamos, sem mais nem menos. São utilíssimos como unidades de troca, para

reavermos agentes nossos que podem estar nas mãos dos americanos, ou de qualquer outra potência. Acho que os americanos, a esse respeito, pensam igual a nós.

— Muito bem, minha senhora. Para começar, não sou espião.

Não tenho a menor vocação e não pretendo sê-lo. Nada sei sobre os projetos secretos americanos. E, finalmente, não vou trabalhar para vocês.

— Não tenha tanta certeza, doutor Morrison. Acho que, no final, o senhor desejará trabalhar conosco.

— Como você pensa conseguir isso? Me deixar sem comida? Me torturar? Me colocar em uma cela solitária? Me condenar a trabalhos forçados?

Natália fez uma careta e sacudiu a cabeça, demonstrando estar sinceramente horrorizada.

— Francamente, doutor Morrison! O que o senhor pensa? Será que estamos de volta àquela época em que vocês inventavam horrores a respeito de nós? Proclamavam para todo o mundo que éramos o império do mal? Não digo que sejamos imunes à tentação de tomar medidas enérgicas se o senhor for intransigente. A ocasião faz o ladrão, o senhor sabe. Mas tenho certeza de que não haverá necessidade.

— E o que lhe dá tanta certeza?

— O senhor é um cientista. É um homem corajoso.

— Corajoso, eu?! Minha cara senhora, o que a senhora sabe a meu respeito?

— Sei que o senhor tem teorias estranhas. Que o senhor as defendeu durante anos e anos. Que sua carreira foi um fracasso, por causa disso. Que o senhor nunca conseguiu convencer ninguém a respeito delas. E sei que, apesar de tudo isso, o senhor nunca abriu mão das idéias que acha corretas. Essa atitude não é a de um homem corajoso?

— Está bem. — Morrison concordou com a cabeça. — É um tipo de coragem. Mas há milhares de malucos, na história da Ciência, que nunca abriram mão de suas maluquices, contra toda a lógica, todas as evidências e contra seus próprios interesses. Pode ser que eu seja mais um deles.

— Mas, mesmo estando errado, o senhor não deixa de ser corajoso.

Ou o senhor pensa por acaso que a coragem é uma questão de ações ou de atitudes físicas apenas?

— Claro que não. Há uma infinidade de tipos de coragem. — Acrescentou, com amargura: — Mas pode ser que cada um deles corresponda a um tipo de insanidade ou, pelo menos, de estupidez.

— O senhor se considera um covarde?

— E por que não? Às vezes gosto de pensar que não sou insano nem estúpido.

— Será que suas teimosas teorias de neurofísica são malucas?

— Não me surpreenderia muito se fossem.

— Que é isso? O senhor acredita em suas idéias.

— Claro, doutora Boranova. Mas isto também pode ser parte da maluquice, ou não?

Natália sacudiu a cabeça:

— O senhor não leva nada a sério. Acho que eu já disse isso antes.

Shapirov acha que o senhor está certo. Ou, mesmo que não esteja, que o senhor é um gênio.

— Qualquer das duas coisas... Ele também é maluco.

— As opiniões de Shapirov são extremamente valiosas.

— Para a senhora, claro. Escute, minha senhora, estou cansado, meio zonzo. Já não sei mais o que estou dizendo. Não sei se tudo isso é de verdade ou sonho. Espero que seja sonho. Posso descansar um pouquinho?

Natália suspirou, penalizada:

— Coitado! Desculpe, meu amigo. É claro que pode. Não queremos lhe fazer mal algum. Acredite, por favor.

Morrison fechou os olhos e recostou a cabeça. Sentiu vagamente alguém empurrar seus ombros e colocar um travesseiro no encosto da poltrona.

QUANDO ACORDOU, ainda estava no avião. As luzes estavam apagadas mas sentiu, sem sombra de dúvida, que ainda estava a bordo e voando.

— Doutora Boranova!

— Pois não. — Ela respondeu imediatamente.

— Não estamos sendo perseguidos?

— Não! Há vários caças nossos na escolta, prontos para interferir em qualquer radar, mas, até agora, nada tiveram que fazer. Calma, meu amigo! Nós o queremos conosco e o seu governo também deseja isso.

— E você ainda garante que conseguiu a miniaturização? Não é mentira nem maluquice?

— Você vai ver. E vai ficar maravilhado. Vai querer, vai exigir que o deixemos participar.

— Se isso não é nenhuma brincadeira de mau gosto, o que vocês pretendem com a coisa? Alguma superarma? Transportar exércitos inteiros num avião como esse? Infiltrar multidões invisíveis nos outros países?

— Que monte de absurdos! — Natália pigarreou, como se estivesse precisando cuspir. — Será que nosso território, nossa população, nossos recursos não são suficientes para nós? Será que já não ocupamos todo o espaço sideral de que precisávamos? Será que não há coisas mais importantes a fazer com a miniaturização do que tudo isso que imagina? Será que o senhor está tão zonzo, com a mente tão distorcida, que não consegue visualizar o potencial dela como instrumento de pesquisa? Pense no estudo de organismos vivos, de cristalografia, de circuitos integrados! Pense em computadores e outras máquinas ultraminiaturizadas! Pense no que podemos descobrir sobre a física, se conseguirmos alterar a constante de Planck à nossa vontade! E a cosmologia!

Morrison tentou levantar o corpo. Apesar de meio zonzo, já podia ver as primeiras luzes no horizonte. Já conseguia distinguir a silhueta de Natália, a seu lado.

— É isto apenas que vocês desejam: nobres propósitos científicos?

— O que seu governo faria? Tentaria obter superioridade militar?

Voltaria ao século XX?

— Não. Claro que não.

— Você ainda acredita na história de que vocês são nobres e leais e nós, o império do mal. É claro que, se a miniaturização for completamente dominada, a União Soviética pode alcançar a liderança de uma sociedade espacial. Imagine só: transportar equipamentos em miniatura através do espaço, enviar milhões de colonos em espaçonaves em que só caberiam dois ou três homens de tamanho normal... O espaço teria as cores soviéticas, a cultura soviética...

Não porque o povo soviético seja superior, ou mais forte, mas simplesmente porque a ciência soviética teria vencido a batalha das idéias, da tecnologia. Há algo de errado nesse sonho?

Morrison sacudiu a cabeça:

— Não. Mas, neste caso, também não ajudarei vocês. Que razão tenho para ajudá-los? Não quero que a ciência soviética vença esta batalha. Prefiro nossas tradições, nossa ideologia.

— Respeito os seus princípios. Mas você mudará de idéia, verá!

— Não vou, não.

— Meu querido Albert. Posso chamá-lo assim, não posso? Já disse que você vai ficar admirado com o que já conseguimos. Ou você imagina que ficará insensível? Deixemos esta discussão para outra oportunidade. Olhe! — Apontou pela janela para o mar, que começava a se delinear lá embaixo, ainda cinzento. — Estamos atravessando o Mediterrâneo. Logo depois virá o Mar Negro. Depois atravessaremos o Volga e chegaremos a Malenkigrad. “Cidadezinha”, “aldeola”, na sua língua, não é? Quando chegarmos, o sol já estará brilhando. Simbólico! Um novo dia! Uma nova luz!

Garanto que você ficará ansioso em colaborar para que essa nova luz brilhe. Não me surpreenderei se você decidir ficar na União Soviética para sempre.

— Sem ser obrigado?

— Quando quiser ir embora, é só avisar que lhe arranjamos um avião. Mas só depois de nos ajudar.

— Não vou ajudar.

— Vai, sim.

— E desejo voltar agora.

— Agora não, já disse — Natália parecia eufórica.

O avião continuou seu vôo sereno, com destino a Malenkigrad.

CAPÍTULO 3

MALENKIGRAD O peão é a peça mais importante do jogo de xadrez... do ponto de vista do peão.

Dezhnev (pai)

FRANCIS RODANO estava em seu escritório na manhã seguinte, uma segunda-feira. O fato de ter passado o domingo trabalhando era corriqueiro demais para surpreendê-lo. Surpresa mesmo tinha sido conseguir dormir à noite, como fizera.

Chegou meia hora antes do início do expediente e já encontrou Jonathan Winthrop trabalhando. Isso também não era surpresa.

Dois minutos mais tarde, Winthrop entrou em sua sala. Encostou-se na parede, de braços cruzados, a perna esquerda sobre a direita e a ponta do sapato esquerdo marcando o carpete macio.

— Você parece cansado, Frank — disse, franzindo as espessas sobrancelhas.

Rodano levantou a cabeça e deu uma olhada na cabeleira grisalha e descuidada do companheiro e que lhe conferia sempre uma aparência deselegante. Ele mesmo sempre caprichava ao máximo todas as manhãs e procurava se vestir bem.

— Estou esgotado, mas tinha esperança de que ninguém notasse.

— Mas se nota, sim. O rosto é o espelho da alma, Se você tivesse que trabalhar no campo.

— Nem todo mundo nasceu para o trabalho de campo.

— Eu sei. E nem também para trabalhar em escritório. — Winthrop esfregou o nariz avantajado, como se quisesse reduzi-lo a proporções normais por fricção. — Você está preocupado com o tal cientista, o... Como é mesmo o nome dele?

— Albert Jonas Morrison. — Rodano falou de má vontade. Todos no Departamento fingiam esquecer o nome de Morrison, talvez para enfatizar o fato de que o assunto pertencia a outra pessoa.

— OK. Nada tenho contra o nome dele. Mas você está preocupado?

— Estou. Com ele e mais uma porção de coisas. Gostaria de poder ver as coisas com mais clareza.

— E quem não gostaria? — Winthrop resolveu sentar. — Ficar preocupado não adianta nada. Você foi bem no caso, desde o começo.

Por isso resolvi deixar o assunto em suas mãos, já que estava fazendo um bom trabalho. Tenho certeza de que você fez tudo o que podia para que a coisa desse certo. Uma das suas vantagens é que você compreende bem os russos.

Rodano fez uma careta, contrariado:

— Não diga este nome. Você anda vendo muitos filmes do século XX. Nem todos são russos, como também nós não somos todos anglo-saxões. São soviéticos. Se você quer compreendê-los, tente conhecer qual visão eles têm de si próprios.

— Está bem. Como você quiser. Você descobriu por que seu cientista é tão importante?

— Não. Não consigo entender. Ninguém lhe dá nenhuma importância, a não ser os soviéticos.

— Será que eles sabem coisas que nós não sabemos?

— Alguma coisa devem saber, é claro. Mas não consigo imaginar o quê. Não se pode nem dizer que, como um todo, sejam soviéticos.

É só um deles, o físico teórico chamado Shapirov. E é possível que tenha sido ele o descobridor do método de miniaturização, se é que tal coisa foi mesmo descoberta. E, além das fronteiras da União Soviética, todos os cientistas são ambivalentes a respeito dele. É um sujeito que faz coisas inesperadas. Um excêntrico, para não dizer coisa pior. Mas os soviéticos o endeusaram e ele endeusa o Morrison, se bem que isso pode ser mais uma de suas excentricidades. E, de repente, o interesse pelo Morrison deixou de ser curiosidade e virou desespero.

— Como você sabe disso, Frank?

— Em parte através de agentes na própria União Soviética.

— Ashby?

— Em parte.

— Muito bom agente..

— É. Mas ele já está lá há muito tempo. Precisa de um descanso.

— Não sei, não. Não se mexe em time que está ganhando.

— Seja lá como for — Rodano não estava com vontade de discutir —, depois de ficar anos de olho em Morrison, soube que o interesse dos soviéticos por ele, de repente, aumentou muito mais ainda.

— Vai ver que esse tal de Shapirov teve alguma idéia brilhante e convenceu os russos, quer dizer, os soviéticos, de que Morrison era necessário.

— Pode ser. Mas o engraçado é que Shapirov sumiu do noticiário, de uns tempos pra cá.

— Caiu em desgraça?

— Nenhum indício há de que isso aconteceu.

— Pode ser isto, Frank: se descobriram agora que tudo isso sobre a miniaturização é bobagem, eu não queria estar na pele dele. Pois uma coisa é certa: os dias de hoje podem não ser iguais aos dos velhos tempos, mas de qualquer forma os soviéticos nunca tiveram senso de humor com quem os engana.

— Também ele pode ter desaparecido do noticiário porque o projeto de miniaturização está ganhando vida. E isso pode explicar também o desespero deles com relação ao Morrison.

— Ele conhece alguma coisa de miniaturização?

— Apenas que é impossível.

— Não faz sentido, não é?

Rodano falou com cuidado:

— Foi por isso que consentimos que o apanhassem. Sempre há esperança de que um fato novo misture as peças do quebra-cabeças e, na arrumação nova, a gente descubra algum sentido.

Winthrop consultou o relógio de pulso:

— Ele já deve estar chegando. Malenkigrad... Que nome! Não tivemos notícia de acidente aéreo em nenhum lugar do mundo a noite passada. Acho que já deve estar lá.

— É. Ele é o tipo de pessoa inadequada para mandarmos à União Soviética. Contudo, era exatamente ele que os soviéticos queriam.

— O que há de errado com ele? Ideologicamente duvidoso?

— Duvido até que tenha alguma ideologia. É um zero absoluto.

Fiquei noite inteira me perguntando se não foi um grande erro enviá-lo, pois só é brilhante do ponto de vista acadêmico. Seu medo o impede de pensar por si mesmo. Como é pouco esperto, não vai descobrir nada sozinho e, possivelmente, entrará em pânico do começo até o fim. Durante horas a fio, fiquei pensando que nunca mais vamos vê-lo. Vai acabar na prisão ou morto. E a responsabilidade será minha.

— Isso é excesso de zelo, Frank. Você se preocupa à toa. Por mais estúpido que seja, pelo menos ele vai saber dizer se viu alguma demonstração de miniaturização, por exemplo, ou o que exatamente fizeram com ele. Para tanto, não é preciso ser observador profissional. Ele só terá que fazer um relatório de todos os acontecimentos, O resto é por nossa conta. Nós pensamos por ele.

— Mas, Jon, talvez ele não volte!

Winthrop pôs a mão no ombro de Rodano:

— Deixe de ser pessimista, Frank. Vou recomendar a Ashby que fique em cima do caso o tempo todo. O que for possível ele fará. E garanto que os russos, quer dizer, os soviéticos, por um momento vão ser racionais e mandá-lo de volta, caso façamos pressão, em segredo e na hora certa. Não fique aí se torturando. É só mais um lance num jogo muito complexo; se não der certo, não deu. Há milhares de outros lances no tabuleiro.

MORRISON ESTAVA ABATIDO. Passou quase toda a segunda-feira dormindo, na esperança de se adaptar à diferença de fusos horários.

Comeu com apetite a refeição que lhe trouxeram no fim da tarde; tomou com prazer um bom chuveiro e vestiu as roupas limpas que lhe deram. O corte e o tamanho não eram dos melhores, mas não deu importância a isto. A noite inteira alternou períodos de sono e de leitura. E preocupou-se. Quanto mais pensava, mais se convencia de que Natália Boranova tinha razão quando dizia que conseguiu trazê-lo porque os americanos também queriam que ele viesse.

Rodano pressionou também; chegou até a ameaçá-lo, insinuando que ele viveria dificuldades maiores na vida profissional... Como se fosse possível que a situação piorasse ainda mais, pensou. Por que, então, impediriam o sequ?estro? Podiam discordar, em princípio, ou temer que essa atitude abrisse um precedente perigoso. Mas tudo indicava que sua presença, na União Soviética, era, para eles, muito importante, pois passaram por cima de muita coisa.

Para que, então, exigiu que o levassem ao consulado americano mais próximo dali e qual o sentido em ameaçar os soviéticos apontando para a possibilidade de retaliações americanas? Na verdade, agora tudo já era fato consumado. A conivência dos americanos impediria até que seu país fizesse abertamente qualquer coisa por ele, até mesmo emitir uma nota de protesto. A opinião pública inevitavelmente perguntaria: como fora possível tirar à força do país um cidadão americano? Só havia duas respostas possíveis: incompetência ou conivência. E aos Estados Unidos não interessaria publicamente acatar qualquer uma das duas.

Ele compreendia, claro, a razão de tudo aquilo, O próprio Rodano explicara: o governo americano precisava de informações e ele estava na posição ideal para obtê-las. Ideal? Era ingenuidade pensar assim. Os soviéticos não seriam tolos o suficiente para consentir que ele obtivesse qualquer informação importante. E, se ele conseguisse alguma, ou não conseguissem evitar que ele a obtivesse, não seriam tolos para deixá-lo ir embora.

A cada momento adquiria maior certeza de que nunca mais veria os Estados Unidos e que a Comunidade de Informações iria lavar as mãos, considerando sua perda como inevitável. Se nada ganhavam, também não perdiam grande coisa. Morrison fez uma autoavaliação:

possuía titulação de doutor, exercia a posição de professor-assistente de neurofísica; era autor de uma teoria sobre o pensamento que fora rejeitada e quase totalmente ignorada; sabia-se marido, pai e cientista fracassado, e, agora, peão fracassado num jogo de xadrez maluco. Realmente, não se perderia grande coisa.

No meio da noite, num quarto de hotel em uma cidade que nem sabia onde ficava, num país que, por mais de um século, foi sempre o inimigo natural do seu, apesar do espírito de cooperação relutante e desconfiado das últimas décadas, Morrison chorou como uma criança.

Chorou com pena de si próprio e por desespero; e também pela humilhação ao perceber que ninguém considerava que valia a pena lutar por ele ou, até mesmo, lamentar sua sorte.

No entanto, os soviéticos o queriam. E pensar nisso despertoulhe uma centelha de orgulho. Esforçaram-se, e muito, para capturálo.

Quando falhou a persuasão, não hesitaram em usar a força. Claro que eles não tinham certeza absoluta de que o governo americano fecharia os olhos para os acontecimentos e, nessa medida, os soviéticos correram o risco de provocar, por sua causa, um incidente internacional, por menor que fosse. E não era só isso. Agora que o tinham, pareciam dispostos a mantê-lo em segurança a qualquer custo. Ficara sozinho quarto mas observou que as janelas tinham grades. A porta não estava trancada mas, quando a abriu, dois homens armados e fardados perguntaram-lhe se desejava alguma coisa.

Não gostava desta situação, mas ela lhe deu, pelo menos, a medida do valor que lhe atribuíam deste lado do mundo.

Quanto tempo duraria esta situação? Ainda que eles julgassem correta sua teoria acerca do pensamento, o próprio Morrison admitia que todas as provas até então obtidas tinham sido terrivelmente circunstanciais e indiretas. E, o pior, ninguém mais confirmou suas descobertas. O que aconteceria se os soviéticos, eles também, não conseguissem comprová-las, ou, com ele ali, pesquisando-a mais detalhadamente, decidissem que não valiam o esforço?

Natália dissera-lhe que Shapirov tinha em alta conta suas idéias.

Mas Shapirov era um excêntrico notório, que mudava de idéia todo dia. Se ele se desinteressasse, de repente, o que fariam os outros?

Se o troféu que, com tanto esforço, arrebataram da América de repente perdesse todo o valor, eles o devolveriam aos Estados Unidos — o que seria, sem dúvida alguma, mais uma humilhação para ele — ou o esconderiam numa prisão ou num cemitério, para não se exporem ao ridículo?

Além disso, aquela operação podia ter sido uma iniciativa isolada de algum funcionário suficientemente ousado, a ponto de correr o risco de um incidente internacional, desde que desse certo. E se não desse? Qual o destino desse funcionário?

Ao nascer do sol da terça-feira, quando completava vinte e quatro horas que estava na União Soviética, Morrison estava convencido de que qualquer caminho futuro, qualquer alternativa, dali em diante, resultaria em desastre. Olhava o sol crescer no horizonte, com a alma mergulhada na mais completa escuridão.

ÀS OITO DA MANHÃ bateram fortemente à porta. Morrison entre abriu-a e o soldado, do lado de fora, a escancarou com um empurrão, como se quisesse provar ser ele quem decidia qual a posição em que a porta devia ficar. E, com um tom de voz desnecessariamente elevado, disse:

— A doutora Boranova estará aqui dentro de meia hora para levávlo ao café da manhã. Esteja pronto.

Enquanto se aprontava às pressas, com o auxílio de um barbeador elétrico de design antiqu?.ssimo, segundo os padrões americanos, Morrison perguntou-se por que ficara surpreso ao ouvir o soldado dizer “doutora” Boranova. O arcaico tratamento “camarada” já estava fora de uso há muito tempo. Irritou-se com seu pensamento.

Na imensa confusão em que estava metido, por que perdia tempo com questões tão irrelevantes? Mas sabia que essa era uma reação comum a quase todas as pessoas.

Natália chegou dez minutos atrasada. Bateu à porta com delicadeza e, ao entrar, quis saber:

— Como está se sentindo, doutor Morrison?

— Sequ?estrado.

— E fora isso? Dormiu bem?

— Acho que sim. Não sei. E, francamente, minha senhora, não estou muito disposto a cortesias. O que a senhora quer de mim?

— Por enquanto, tomar café com o senhor. E, por favor, acredite, doutor Morrison, que me sinto tão constrangida quanto o senhor.

Garanto que, agora mesmo, gostaria de estar com o meu Aleksandr.

Tenho dedicado tão pouco tempo ao menino, nestes últimos meses... E Nikolai não anda nada satisfeito. Mas, quando casou comigo, ele sabia que eu teria uma carreira. Vivo lhe dizendo isso.

— Por mim, a senhora pode me despachar de volta e passar o resto da vida com o Aleksandr e o Nikolai.

— Ah! Se eu pudesse... Mas não posso. Vamos, vamos ao café.

Podíamos comer aqui, mas acho que o senhor se sentiria como um prisioneiro. Vamos para o refeitório, pois aí o senhor se sentirá melhor.

— Será? Aqueles dois soldados vão conosco, não vão?

— São os regulamentos, doutor... Encontramo-nos numa zona de alta segurança. Eles têm que tomar conta do senhor até que alguém responsável decida não ser mais necessário. E não é fácil convencer este pessoal. A função deles é não se deixar convencer.

— Imagino que seja — disse Morrison, enquanto se esforçava para vestir o paletó que lhe haviam dado, meio apertado nas cavas das mangas.

— Mas eles não nos atrapalharão em nada.

— Mas se, de repente, eu sair correndo ou for a algum lugar sem autorização, eles atirarão em mim para matar, não é?

— Não. Isso não seria bom para eles. O senhor é muito valioso enquanto estiver vivo. Morto, de nada valeria. Provavelmente eles correriam atrás e o trariam de volta à força. Mas tenho certeza de que o senhor não criará um problema desta natureza, sem qualquer necessidade.

— Quando é que devolverão minha bagagem, minhas roupas? — Morrison não fez qualquer esforço para disfarçar o mau humor.

— Na hora certa. A primeira coisa, agora, é o café da manhã.

Chegaram ao refeitório através de um elevador e de um longo corredor deserto. Não era grande: doze mesas, cada uma com seis lugares. Havia pouca gente ali. Sentaram-se sozinhos numa delas e ninguém fez menção de se juntar a eles. Os dois soldados escolheram a mesa ao lado da porta e, embora comessem o bastante para quatro pessoas normais, não tiravam os olhos de Morrison.

Não havia cardápio. A comida ia sendo servida para cada mesa e ele verificou que não podia reclamar em relação à quantidade: ovos cozidos, batatas cozidas, sopa de repolho e caviar, além de grossas fatias de pão preto. As porções não eram individuais; tudo era posto no centro da mesa e cada um se servia a gosto. Morrison imaginou que as porções eram destinadas para seis pessoas. Como eram apenas dois, deviam comer apenas a terça parte. De qualquer forma, com o estômago forrado, sentiu-se um pouco melhor.

— Doutora Boranova...

— Por que não me chama de Natália, doutor Morrison? Esse lugar é bem informal e vamos trabalhar juntos talvez por muito tempo.

Ser chamada de doutora o tempo todo me dá dor de cabeça.

Meus amigos até me chamam de Natasha.

Ela estava sorrindo, mas Morrison recusava-se teimosamente a ceder:

— Quando me sentir amigável, agirei de forma amigável, minha senhora. Mas, na qualidade de sequ?estrado e permanecendo aqui contra a vontade, prefiro lhe conceder um tratamento formal.

Natália suspirou. Cortou um pedaço grande de pão e ficou mastigando, pensativa. Finalmente concordou:

— Está bem. Como o senhor quiser. Mas, pelo menos, dispenseme os “minhas senhoras”. É por demais artificial. Chame-me pelo título, se quiser. Mas acabei interrompendo o senhor...

— Doutora Boranova — disse Morrison, ainda mais friamente —, a senhora ainda não disse o que deseja de mim. Falou em miniaturização, mas sabe tão bem quanto eu que isso é impossível.

Acho que falou nisso só para disfarçar. Então esqueçamos essa história. Aqui, com certeza, não há necessidade de disfarces. Diga-me para que estou

aqui. Mais tarde ou mais cedo terá que dizer mesmo, já que a senhora parece disposta a me forçar a ajudá-la em alguma coisa. E eu em nada poderia ajudar se permanecer completamente na ignorância.

— O senhor é de difícil convencimento, doutor Morrison. — Natália sacudiu a cabeça. — Estive falando a verdade desde o primeiro momento. Trata-se do projeto de miniaturização.

— Não acredito.

— Por que, então, o senhor estaria em Malenkigrad?

— "Cidadezinha", "aldeola"... — Morrison sentiu um estranho prazer em. ouvir a própria voz em inglês. — Talvez por ser um lugar tão pequeno.

— Como já tive ocasião de dizer, doutor, o senhor não leva nada a sério. Mas, tudo bem... O senhor não demorará a se convencer.

Imediatamente conhecerá algumas pessoas. Para dizer a verdade, uma delas já devia ter chegado. — Olhou em volta com um ar preocupado.

— Onde foi que ele se meteu?

— Já reparei que ninguém se aproxima de nós. De vez em quando pego alguém olhando para mim mas, quando percebem que estou olhando de volta, desviam os olhos.

— Eles foram avisados — respondeu ela, com ar distraído. — Não queremos que o senhor perca tempo com irrelevâncias e quase todo mundo aqui é irrelevante para seu trabalho. Mas há alguns que não são. Acho que vou ter que chamá-lo. — Levantou-se, de repente.

— Com licença, doutor Morrison. Não me demorarei.

— Será que é seguro me deixar sozinho? — A voz dele estava cheia de sarcasmo.

— Os soldados ficarão. Por favor, não lhes dê nenhuma razão para agir. A inteligência não é o ponto forte deles. São treinados para cumprir ordens sem ter que usarem o raciocínio, e desse modo, podem acabar machucando o senhor à toa.

— Não se preocupe comigo. Tomarei cuidado.

Ela saiu apressada, depois de rápida troca de palavras com os soldados.

Morrison acompanhou-a com os olhos. Depois examinou todo o refeitório, com vagar. Nada achou de interessante e ficou simplesmente olhando a vasta quantidade de comida sobre a mesa, de cabeça baixa.

— Acabou de comer, camarada?

Morrison tomou um susto. Havia pouco lembrara-se de que “camarada” era um arcaísmo. Havia uma mulher em pé a seu lado, os punhos sobre os quadris, numa atitude negligente. Era corpulenta e estava com uniforme branco, todo manchado. Tinha cabelos avermelhados, assim como as sobrancelhas, que franzia num arco arrogante.

— Quem é você?

— Nome: Valeri Paleron. Profissão: trabalhadora braçal, servente de copa. Mas sou cidadã soviética e membro do Partido. Fui eu quem trouxe a comida. Não me viu antes? Não costuma olhar para os de baixo?

Morrison ficou sem jeito.

— Desculpe, senhorita. Estava distraído com outras coisas. Mas é melhor deixar a comida. Acho que está vindo mais uma pessoa.

— Ah! E a czarina? Vai voltar?

— Czarina?!

— Você achou que não havia mais czarinas na União Soviética?

Deixe disso, camarada. Esta Boranova, neta de camponeses, descendente de uma longa linhagem de camponeses, tem o ar emproado de uma lady, não é? — Fez um ruído depreciativo com os lábios e ele quase pôde sentir o cheiro do desprezo junto com o hálito carregado de arenque.

Deu de ombros.

— Eu não a conheço muito bem.

— Você é americano, não é?

— Por que pergunta? — Morrison falou com irritação.

— Por causa de seu jeito de falar. Com esse sotaque, ia ser o quê?

O filho do czar Nicolau, o Tirano?

— O que há de errado com o meu russo?

— É típico de quem aprendeu na escola. A gente reconhece um americano a um quilômetro de distância. É só ele dizer: “Me dá um copo de vodca, por favor”. Não chega a ser tão ruim quanto os ingleses, é claro. Esses, a gente reconhece a dois quilômetros.

— Está bem. Sou americano.

— E vai voltar pra lá, algum dia? Com certeza. Espero que sim.

A copeira fez que sim com a cabeça, tirou um pano do bolso e começou a esfregar a mesa, pensativa.

— Eu gostaria de visitar os Estados Unidos, algum dia.

— E por que não vai?

— É preciso ter passaporte.

— É claro.

— E como uma simples e leal servente conseguirá um?

— Acho que você deve solicitá-lo às autoridades.

— Solicitar? Se eu disser a um funcionário público: “Eu, Valeri Paleron, quero ir aos Estados Unidos”, ele vai querer saber por quê.

— E por que você quer ir?

— Para ver o país. As pessoas. A riqueza. Tenho curiosidade de saber como vocês vivem. E ele vai dizer que esta não é uma razão suficiente.

— Diga outra coisa qualquer. Por exemplo: que deseja escrever um livro sobre os Estados Unidos para a juventude soviética.

— Sabe quantos livros... — interrompeu-se no meio da frase e continuou limpando a mesa, totalmente concentrada na tarefa.

Morrison levantou o olhar. Natália estava em pé, a seu lado, com uma expressão dura e zangada. Resmungou um monossílabo, que ele não conseguiu entender, mas pôde sentir que não era dos mais educados. A copeira corou e Natália fez um gesto com a mão. A mulher foi embora. Havia um homem ao lado de Natália, só então ele notou. Baixo, forte, musculoso, com olhos apertados e orelhas grandes. Comparado com a moda russa, o cabelo preto era mais longo e completamente desalinhado, como se ele tivesse o cacoete de puxá-lo com frequ?.ncia.

Natália não os apresentou:

— Aquela mulher estava falando com o senhor?

— Estava.

— Ela o reconheceu como americano?

— Disse que meu sotaque faz com que isto se torne óbvio.

— E disse que quer visitar os Estados Unidos?

— Disse.

— E o senhor? Ofereceu ajuda?

— Aconselhei-a a requerer um passaporte.

— Só isso?

— Só isso.

Natália estava claramente aborrecida:

— O senhor não deve prestar nenhuma atenção a ela. É uma ignorante.

— Fez uma pausa. — Quero lhe apresentar meu amigo Arkady Vissarionovich Dezhnev. Arkady, este é o doutor Albert Jonas Morrison.

Dezhnev cumprimentou com a cabeça, meio desajeitado.

— Já ouvi muito a seu respeito, doutor Morrison. O acadêmico Shapirov me falou muito sobre o senhor.

— Muito obrigado — disse com frieza. — Mas, doutora Boranova, se aquela mulher a aborrece tanto, por que a senhora não solicita sua dispensa ou transferência?

Dezhnev deu uma gargalhada.

— Completamente impossível, camarada americano, Foi assim que ela o chamou, não foi?

— Não exatamente.

— Acabaria chamando, se não a tivéssemos interrompido. Aquela mulher, na minha opinião, deve ser agente de segurança. Uma dos que vivem de olho em nós.

— Mas por quê?

— Porque, numa operação como esta, ninguém está acima de qualquer suspeita. Quando vocês, na América, estão metidos num projeto científico totalmente novo e revolucionário não são também vigiados?

— Não sei — respondeu Morrison secamente. — Nunca me envolvi em qualquer projeto científico totalmente novo e revolucionário em que meu governo tivesse qualquer interesse. Mas desejo saber por que aquela mulher se comporta daquele jeito, se for agente de segurança?

— Provocação, é claro. Fazendo afirmações absurdas e escandalosas, pode induzir alguém a fazer a mesma coisa.

— Bem, o problema é dos senhores, não meu.

— É mesmo — concordou Dezhnev. Voltou-se para a doutora Boranova: — Você já contou a ele, Natasha?

— Arkady! Por favor..

— Ah, Natasha! Como costumava dizer meu pai: “Se você vai extrair um dente de alguém, é errado pensar que se puxar bem devagar vai doer menos”. Vamos contar!

— Já contei que estamos trabalhando com a miniaturização.

— Só isso? — Dezhnev sentou na cadeira ao lado e empurrou-a para bem perto de Morrison. Este, como sempre fazia ao sentir seu espaço invadido,

recuou o corpo. Dezhnev inclinou-se e aproximou-se ainda mais: — Camarada americano, minha amiga Natasha é uma romântica e está convencida de que o senhor vai querer nos ajudar por amor à ciência. Acredita que vamos persuadi-lo a fazer com boa vontade o que tem de ser feito. Ela está errada. Ninguém conseguirá persuadi-lo, como ninguém o conseguiu antes.

— Arkady, você está sendo grosseiro — exclamou Natália.

— Não, Natasha. Estou sendo honesto, o que, aliás, frequ?entemente vem a dar no mesmo. Doutor Morrison... Albert. Detesto formalismos. Como não vamos conseguir persuadi-lo, e como não temos muito tempo, você vai fazer o que quisermos à força, da mesma forma como foi trazido para cá.

Natália interrompeu novamente:

— Arkady, você tinha prometido...

— E daí? Depois que prometi, pensei melhor e decidi que o americano terá que saber o que queremos dele. Fica mais fácil para nós e para ele, também.

Morrison olhou para os dois e sentiu a garganta tão apertada que mal conseguia respirar. Fossem lá quais fossem os seus planos, sentiu que não haveria muita escolha.

MORRISON PERMANECEU em silêncio. Dezhnev atirou-se à refeição, com evidente apetite. O refeitório já estava quase vazio. A copeira, Valeri Paleron, começou a retirar os pratos e travessas. Dezhnev fez um sinal para ela, indicando que tinham terminado.

— Quer dizer que não tenho escolha .— disse Morrison. — E o que tenho para não escolher?

— Hah! A Natasha não lhe contou nem isso, pelo menos?

— Ela me disse várias vezes que terei de me envolver em algum projeto de miniaturização. Mas eu sei, tão bem quanto você, que isso não existe. O que talvez exista é uma tentativa de transformar uma impossibilidade em realidade. E não sei como posso ajudar nisso. Tudo o que quero é saber o que vocês esperam de mim.

Dezhnev sorriu, achando graça:

— Por que você considera a miniaturização impossível?

— Porque é.

— E se eu disser que nós a conseguimos?

— Responderei que pago para ver.

Dezhnev voltou-se para Natália, que suspirou e fez que sim com a cabeça.

— Vamos. Vamos levá-lo à Gruta. — Levantou-se, indicando a saída.

Morrison mordeu os lábios. Na situação em que estava, as pequenas frustrações pareciam grandes:

— Não entendi essa palavra que você disse em russo.

Foi Natália quem respondeu:

— Temos um laboratório subterrâneo aqui. Nós o chamamos de Gruta. É um nome poético, que não tem muito a ver com o trabalho.

É na Gruta que desenvolvemos o projeto de miniaturização.

FORA DO PRÉDIO, havia um aerocarro à espera deles. Morrison esforçou-se para ajustar os olhos à luz natural. Examinou o veículo com curiosidade. Parecia pobre e despojado, se comparado aos modelos americanos. Pouco mais que um trenó, possuía assentos minúsculos e um complicado motor na parte da frente. Parecia inútil para o inverno; com neve, ou mesmo chuva fria, seria impraticável.

Talvez fosse apenas um modelo de verão.

Dezhnev tomou o lugar do motorista e Natália fez sinal para que ele se sentasse atrás, enquanto ela própria se sentava na frente, à direita.

Dirigiu-se aos guardas:

— Vão para o hotel e esperem por nós. Daqui em diante, a responsabilidade é toda nossa. — Datou e assinou um formulário, registrou a hora, dando uma olhada displicente em seu relógio de pulso.

Depois o entregou a um deles.

Na chegada a Malenkigrad, Morrison percebeu como o nome era apropriado: realmente não passava de uma aldeola. Umas poucas fileiras de casinhas, todas de dois andares, todas horrivelmente iguais.

Parecia claro que a cidadezinha fora construída para abrigar os que trabalhavam no projeto, fosse ele qual fosse. Podia chamá-lo de miniaturização, se eles gostavam do nome. E era evidente também que os recursos não eram muito fartos. Cada casinha possuía uma pequena horta. E as ruas, embora pavimentadas, tinham jeito de coisa malfeita, mal acabada.

O veículo, movido por um colchão de ar comprimido expelido contra o solo, deixava atrás de si uma nuvem de poeira, embora parte dela insistisse em acompanhá-lo e aderir aos passageiros. Morrison percebeu que os poucos pedestres que encontravam estavam também habituados ao desconforto: ao verem o aerocarro, corriam para se livrar da poeira. A precariedade do carrinho evidenciou-se ainda mais para ele quando, num cruzamento, pegaram um vento contrário e foram envolvidos por uma nuvem grossa. Natália parecia se divertir com o passeio. Tossiu um pouco, riu e falou:

— Não se preocupe. Vamos ser aspirados logo, logo.

— Aspirados? — Morrison tossiu em resposta.

— É! Não por nós... Um pouco de poeira não faz mal a ninguém.

Mas a Gruta tem que ficar tão livre de poeira quanto for possível.

— Meus pulmões também! Por que vocês não fazem esses aerocarros com uma carroceria?

— Já nos prometeram uns mais modernos. Um dia, talvez, eles cheguem. Por enquanto... esta cidade está na estepe. O clima é árido.

Tem suas vantagens e desvantagens. O pessoal cultiva legumes, como o senhor viu, e é fácil criar animais domésticos. Em compensação, temos que esperar até que a comunidade cresça para conseguirmos irrigação artificial. Mas não faz mal. O que nos interessa mesmo é a miniaturização.

Morrison sacudiu a cabeça:

— Vocês falam tanto de miniaturização, com uma cara tão séria, que acabarei acreditando, mesmo contra a minha vontade.

— Acredite, sim. O senhor verá a demonstração que o Dezhnev organizou.

— E não foi fácil! — gritou Dezhnev. — Tive que pedir permissão ao Comitê Central de Coordenação, outra vez. Espero que os poucos cabelos brancos que ainda lhes restavam tenham sido todos arrancados de raiva. Como costumava dizer o meu pai: “Os primatas só foram inventados porque nós precisávamos de políticos”.

Como é que pode? Ficam a dois mil quilômetros de distância e querem ditar todas as regras.

O aerocarro deslizou para fora dos limites da cidadezinha, na direção do rochedo que marcava o início da montanha de pedra lisa.

— A Gruta — disse Natália — é aí dentro, É espaçosa, protegenos de chuvas e tempestades e é totalmente impenetrável à espionagem aérea ou mesmo por satélites.

— Satélites-espiões são ilegais! — Morrison indignou-se.

— O que é ilegal é admitir que eles sejam espiões — retrucou Dezhnev.

O veículo fez uma curva suave e coordenada e parou à sombra de uma enorme protuberância da rocha.

— Chegamos.

Desceram os três e uma porta abriu-se à frente deles, em pleno rochedo. Morrison não conseguiu entender o funcionamento. Nem parecia uma porta. Era como um fragmento da pedra. Foi como a caverna dos quarenta ladrões se revelando ao comando de Ali Babá:

“Abre-te, Sésamo!”

Dezhnev simulou um gesto de cortesia caricata, convidando os outros dois a entrarem antes dele. Morrison viu-se de repente distante da luz brilhante do céu da manhã e dentro de uma câmara mal iluminada. Custou a adaptar as pupilas ao novo ambiente. Não tinha nada a ver com a caverna dos quarenta ladrões. Era uma sala cuidadosamente projetada e construída. Para ele, a sensação era como a de deixar a Terra e chegar à Lua. Nunca havia estado na Lua, claro, mas estava familiarizado, como quase todo mundo, com as imagens de colônias

lunares mostradas pela holovisão. O aspecto sobrenatural, extraterreno, era o mesmo. Mas a gravidade, naturalmente, continuava atuando.

CAPÍTULO 4

A GRUTA Ser muito pequeno às vezes pode ser muito bom. As águias podem passar fome; um canário na gaiola, nunca.

Dezhnev (pai)

NO BANHEIRO amplo, Natália e Dezhnev começaram a se despir.

Morrison, um pouco assustado, hesitou. Natália sorriu:

— Pode ficar com a roupa de baixo, doutor Morrison. Atire todo o resto, exceto os sapatos, naquela cesta. O senhor nada tem nos bolsos, não é? Os sapatos ficam na prateleira ao lado da cesta.

Quando sairmos daqui, tudo estará lavado e limpinho.

Morrison obedeceu, sem deixar de observar que o corpo dela era dos mais opulentos, embora ela parecesse ignorar totalmente a própria seminudez. É incrível, pensou, o que as roupas são capazes de esconder, a não ser quando feitas especialmente para exibir. Os dois começaram a se lavar, esfregando, com força, o sabonete nos braços e rostos e escovando os cabelos com energia. Morrison hesitou de novo e Natália, adivinhando seus pensamentos, gritou:

— As escovas são descartáveis, doutor Morrison. Não sei o que andou ouvindo a respeito de nossos hábitos, mas alguns soviéticos, pelo menos, têm noções de higiene.

— Tudo isso só para entrar na Gruta? Toda vez que entram?

— Toda vez. É por isso que a entrada é lenta. E até durante o trabalho a gente tem que se lavar várias vezes. O que vem agora é meio desagradável. Feche os olhos, tome um bom fôlego e prenda a respiração. Dura só um minuto.

Morrison obedeceu outra vez, e viu-se de repente envolvido por uma corrente de ar fortíssima. Cambaleou um pouco e amparou-se numa das cestas. A ventania parou tão subitamente quanto começara.

Abriu os olhos. Dezhnev e Natália, a seu lado, pareciam ter colocado perucas de palhaços. Apalpou os próprios cabelos e percebeu que o efeito tinha sido o mesmo. Procurou a escova, instintivamente.

— Não vale a pena — disse Natália. — Ainda há mais.

— Que diabo foi isso? — Pigarreou duas vezes para conseguir falar normalmente.

— Avisei que seríamos aspirado. É para tirar toda a poeira. Mas isso á só a primeira fase do processo de limpeza. Por aqui, por favor.

— Abriu a porta para ele.

Morrison viu-se num corredor estreito, mas muito bem iluminado.

As paredes brilhavam por fotoluminescência. Resmungou qualquer coisa, elogiando o processo.

— É para economizar energia — respondeu Dezhnev —, o que é muito importante aqui. Ou será que você está se referindo ao desenvolvimento tecnológico? Os americanos que vêm à União Soviética em geral esperam encontrar lamparinas de querosene.

Deu uma risadinha desagradável e acrescentou: — Sei que em algumas coisas vocês estão à frente. Nossos bordéis, por exemplo, são muito mais primitivos.

— Você é agressivo de graça, sem ser agredido. É sinal de que a consciência não está tão tranqu?ila. Se está tão preocupado em se vangloriar dos avanços tecnológicos, mande pavimentar melhor a estradinha que vem de Malenkigrad até aqui e use aerocarros com carroceria. Não precisaríamos de tanta limpeza.

O rosto de Dezhnev endureceu mas Natália não deixou que ele respondesse:

— O doutor Morrison tem razão, Arkady. Não concordo com você:

é possível ser honesto sem ser grosseiro. Se você não consegue ser as duas coisas ao mesmo tempo, fique de boca fechada.

Dezhnev sorriu de novo, meio sem jeito:

— Está bem. É claro que o americano tem razão. Mas o que podemos fazer, se as decisões são tomadas por meia dúzia de idiotas em Moscou, que só estão preocupados com os custos e não com as consequ?.ncias práticas? Como costumava dizer o meu pai: "O problema é que fazer economias porcas pode custar muito caro".

— É verdade — concordou Natália. — A gente poderia cortar custos do processo de limpeza se a estrada fosse melhor e se os aerocarros fossem mais modernos. Mas nem sempre é fácil convencer as pessoas que controlam os orçamentos. Na América deve acontecer a mesma coisa.

Morrison, seguindo os sinais que Natália lhe fazia, entrou com os outros dois numa espécie de câmara. Dezhnev fechou a porta atrás deles e lhe entregou uma espécie de pulseira:

— Coloque isso no braço direito. Quando eu levantar o braço, levante o seu também.

O chão pareceu fugir dos pés, dando uma impressão de diminuição de peso.

— Isto é um elevador?

— Como foi que você descobriu? — Dezhnev cobriu a boca com a mão e olhou de lado para Natália. — Desculpe. Não posso ser grosseiro, não é?

O movimento cessou e de repente a porta se abriu. Ouviram uma voz imperiosa:

— Identificação!

Dezhnev e Natália ergueram os braços e Morrison os imitou.

Uma luz arroxeada inundou o elevador e as pulseiras começaram a brilhar, Ele notou que cada uma tinha um padrão diferente. Atravessaram outro corredor e entraram num salão úmido e abafado.

— Hora do banho, doutor Morrison — disse Natália. — Como fazemos isso todo dia, despir-nos em conjunto já virou rotina. Assim não se perde tempo.

— Se vocês conseguem, acho que também consigo.

— Não faz diferença — disse Dezhnev. — Todos nós já vimos isso antes. — Despiu-se completamente e andou até uma parte da parede onde brilhavam várias lampadazinhas vermelhas. Escolheu uma delas e encostou seu polegar direito um pouco acima. Um painel da parede deslizou, aparecendo no vão roupas brancas penduradas em um cabide, e Dezhnev colocou suas roupas de baixo numa prateleira ao lado delas. Parecia totalmente à vontade, nu como estava.

Tinha o peito e ombros cobertos de pêlos negros e uma velha cicatriz na nádega direita.

Natália repetiu os gestos do outro e disse a Morrison:

— Escolha uma das lampadazinhas. É só tocar com o polegar direito que o armário abre. Para fechar, a mesma coisa. Mas não se esqueça do número, senão depois terá que tocar uma por uma até encontrar a que registrou sua impressão digital.

Morrison obedeceu, mais uma vez.

— Se quiser ir ao banheiro antes, há um ali — acrescentou Natália.

— Não, obrigado.

Em seguida, uma nuvem de gotículas encheu o salão.

— Feche os olhos! — Natália gritou.

Mas nem teria sido necessário. Os olhos de Morrison começaram a arder e sua reação foi fechá-los. A água continha sabão ou outra substância que, além de possuir um gosto horrível, irritava os olhos e as narinas.

— Levante os braços — gritou Dezhnev. — Não precisa girar o corpo. O jato vem de todos os lados ao mesmo tempo.

Morrison já havia percebido. E um jato que saía do chão causava uma sensação desagradável nos testículos.

— Quanto tempo leva isso?

— Um tempão — respondeu Dezhnev. — Mas é indispensável.

Morrison começou a contar mentalmente. Quando chegou a 58, sentiu que seus lábios já não estavam amargando. Nesse momento entreabriu os olhos e viu

que os outros dois continuavam de braços levantados. Continuou contando e, ao chegar a 126, a água parou repentinamente quando ele foi envolvido por uma nuvem desagradável de ar seco e quente. Percebeu que estava sem fôlego porque tinha prendido a respiração o tempo todo.

— Para que tudo isso? — perguntou, desviando o olhar dos seios amplos e firmes de Natália.

— Já estamos secos — disse ela. — Vamos nos vestir.

Sentindo-se aliviado, apressou-se em obedecer. Ficou desapontado com as roupas que encontrou no armário: calça e blusa de algodão grosseiro, com um cordão de algodão servindo de cinto, um boné de algodão, que cobria completamente os cabelos, e sandálias brancas. Embora o algodão fosse opaco, ao se vestir teve a impressão de estar tão nu quanto antes.

— É só isso que usaremos?

— É — respondeu Natália. — Trabalharemos num lugar limpo, à temperatura constante. Essas roupas são descartáveis, portanto não há por que gastar dinheiro em trajes mais modernos. Na verdade, poderíamos perfeitamente trabalhar nus, só não o fazemos porque algumas pessoas parecem não se sentir à vontade. Vamos embora.

Chegaram finalmente ao local que Morrison identificou como o salão principal na Gruta. Era enorme. Morrison tentou calcular a área, usando as colunas como referência, mas não conseguiu. Não reconheceu também nenhum equipamento, o que não lhe causou surpresa. Ele era só teórico. Estava acostumado a trabalhar com programas de computador, que ele mesmo desenvolvia e modificava.

Por um instante, sentiu saudades do laboratório da universidade, dos livros, do cheiro que saía das gaiolas dos animais e, até mesmo, da burrice obstinada de seus colegas.

A Gruta estava cheia de gente. Próximo a eles trabalhavam doze pessoas que, à distância, pareciam fazer parte de um formigueiro humano, cheio de máquinas, com as quais, aparentemente, todos sabiam lidar. Ninguém prestava a menor atenção a eles, que acabavam de chegar, nem tampouco aos seus vizinhos. Trabalhavam todos em silêncio. Os ruídos dos passos, abafados pelas

sandálias mal se faziam ouvir. Natália pareceu adivinhar novamente seus pensamentos e sussurrou:

— Cada um cuida só de si, aqui dentro. Cada um sabe apenas o que é relevante para seu trabalho. Assim as informações não vazam nunca.

— Mas eles não se comunicam entre si?

— Só o mínimo necessário. Esse comportamento, apesar de pouco condizente com o espírito de equipe, é necessário ser mantido.

— E atrapalha também a obtenção de resultados — resmungou Morrison.

— É o preço que pagamos pela segurança absoluta. Por isso não se ofenda se ninguém dirigir a palavra ao senhor. Há uma razão para isso.

— Sou um estrangeiro. Eles não têm curiosidade?

— Comuniquei a todos que receberíamos a visita de um especialista estrangeiro. É tudo que precisam saber.

— E aceitarão um especialista americano?

— Eles não sabem que o senhor é americano.

— Pelo que disse a copeira, meu sotaque pode ser identificado a um quilômetro.

— Mas o senhor só falará com pessoas a quem eu o apresentar.

Tudo bem... — Morrison ficou indiferente. Olhou em volta com mais atenção, pois, já que estava ali, o melhor era observar o mais atentamente que pudesse. Quando voltasse, se voltasse, aos Estados Unidos, teria que relatar tudo nos mínimos detalhes. O melhor, portanto, era memorizar o que fosse possível. Sussurrou próximo ao ouvido de Natália:

— Vocês investiram um bocado aqui. Qual a percentagem do orçamento nacional para pesquisas?

— Investimos muito — disse ela. — Aliás, o governo faz o que pode para minimizar os custos.

Dezhnev acrescentou, mal-humorado:

— Hoje de manhã tive que mendigar, durante uma hora, para convencer aquela gente a nos deixar fazer uma experienciazinha, por sua causa. Espero que, qualquer dia, todos os membros do Comitê contraiam cólera.

— A cólera não existe mais, nem mesmo na Índia.

— Quem sabe, no caso do Comitê...

Natália repreendeu:

— Arkady, se essa espécie de... humor chegar aos ouvidos do Comitê, você se envolverá em maus lençóis.

— Não tenho nenhum medo daqueles imbecis, Nastasha.

— Eu tenho. Sabe o que acontecerá com o orçamento do ano que vem se cairmos em desgraça?

Morrison irritou-se, de repente, mas falou num tom ainda mais baixo:

— Não me interessa nem o Comitê nem o orçamento. Apenas quero saber o que estou fazendo aqui.

— Você está aqui, neste momento, para assistir a uma experiência de miniaturização e ouvir uma explicação a respeito do que esperamos que faça — respondeu Dezhnev. — Certo, camarada...

hum... camarada especialista estrangeiro?

CONDUZIDO POR ELES, Morrison chegou ao que parecia ser um pequeno vagão de trem, de aparência antiga e bitola estreitíssima. Natália tocou em um painel e a porta se abriu silenciosamente.

— Entre, doutor Morrison, por favor.

Ele hesitou:

— Para onde vai isso?

— Para a câmara de miniaturização, é claro.

— De trem? De que tamanho é esse lugar?

— Bem grande. Mas não tão grande assim. É questão de segurança.

Poucas pessoas têm autorização para usar o trenzinho e só com ele se consegue chegar ao coração da Gruta.

— Vocês não confiam muito no seu pessoal...

— Vivemos num mundo muito complicado, doutor Morrison.

Nosso pessoal é de confiança, mas para que expor desnecessariamente um número elevado de pessoas a tentações? E se um de nós for levado à força para... para um outro país, como aconteceu com o senhor? Quanto menos se souber, melhor. Entre, por favor.

Teve de se contorcer um pouco para entrar no veículo apertado.

Dezhnev também sentiu dificuldades e resmungou:

— Outro exemplo de economia porca. Por que isso é tão pequeno?

Porque os burocratas investem bilhões de rublos no projeto e se sentem felizes quando conseguem economizar algumas centenas em detalhes, mesmo que seja às custas do conforto de quem trabalha de verdade.

Natália ocupou o banco da frente. Morrison não conseguiu ver como ela dirigia o veículo, se é que dirigia. Provavelmente a direção era por computador. O vagão começou a se movimentar com um tranco.

Havia uma janelinha de cada lado, à altura de suas cabeças, mas os vidros eram semi-opacos. Dessa forma, Morrison conseguia ver alguma coisa do lado de fora, mas era como uma imagem fora de foco. Pelo jeito, as janelinhas não haviam sido projetadas para permitir a visão, mas apenas como precaução contra o sentimento de claustrofobia. Mesmo assim, teve a impressão de que as sombras vestidas de branco, que entrevia de vez em quando, não prestavam a menor atenção ao veículo. São todos muito bem treinados, pensou.

A regra parecia ser esta: prestar atenção ao que não é da sua conta é considerado uma atitude indelicada, ou, talvez, algo pior.

Sentiu que chegavam ao fundo da caverna. O trenzinho deu um tranco e parou. Um pedaço da rocha deslizou. Ocorreu um segundo tranco e eles atravessaram a abertura, ganhando velocidade. Escureceu quase completamente e a pequena lâmpada no teto do vagão mal permitia distinguir os outros

passageiros. Percebeu que estavam atravessando um túnel. À direita, a rocha quase tocava o trem.

Olhando por cima do ombro de Dezhnev, à sua esquerda, teve a impressão que via outros trilhos. Pensou que devia haver pelo menos dois daqueles vagões, cada um trafegando em sua própria linha.

O túnel escuro não era reto. Quem o projetara devia ter seguido os pontos de menor resistência da montanha, para economizar custos.

Ou, talvez, foi motivado pela necessidade atávica de reforçar a segurança complicando desnecessariamente o acesso. A escuridão de dentro do vagão podia ter o mesmo objetivo.

— Quanto tempo isso demora?

Dezhnev encarou-o e, mesmo no escuro, notou que o rosto dele era inexpressivo.

— Você não sabe como me tratar, não é? Não tenho título acadêmico.

Por que não me chama de Arkady, como todo mundo?

Como costumava dizer o meu pai: "O que conta é a pessoa; o nome não vale nada".

Morrison concordou com a cabeça:

— Está bem. Quanto tempo demora isso, Arkady?

— Só um pouquinho, Albert — respondeu o outro, sorrindo.

Morrison sentiu que havia caído numa armadilha, embora não tivesse nenhuma objeção ao tratamento informal. Dezhnev, com todos os aforismos de seu pai, parecia ser um sujeito simples e, Morrison, pelo menos naquelas circunstâncias, alegrou-se por não ter de dispender esforços no tipo de eloqu?.ncia verbal que mantinha com Natália.

O trenzinho devia desenvolver, naquele momento, uma velocidade pouco maior que a de uma pessoa andando mas, mesmo assim, em cada curva ocorria um pequeno tranco. Concluiu que a economia de custos eliminara também a inclinação proporcional ao ângulo das curvas. De repente, sem nenhum aviso, o vagão parou e encheu-se de luz.

Morrison desceu esfregando os olhos. O salão onde tinha chegado não era tão grande quanto o anterior e se encontrava praticamente vazio. Só havia nele os trilhos dos trenzinhos. Seguindo-os com os olhos, viu à distância o outro vagão atravessar a mesma abertura disfarçada na rocha pela qual haviam passado. O que os trouxera se afastou devagar, descreveu uma curva aberta e parou, rente à parede.

Havia muitas portas no salão e o teto era relativamente baixo.

Sem qualquer razão lógica, ele sentiu que estava numa espécie de tabuleiro de xadrez tridimensional, com inúmeras salas, ou células, em níveis diferentes.

Natália esperou por ele, com um ar de reprovação à sua curiosidade.

— Está pronto, doutor Morrison?

— Não, doutora Boranova. Como não sei onde estou, para onde vou nem o que estou fazendo, não posso estar pronto. Mas, se a senhora me indicar o caminho, seguirei.

— Então está pronto o bastante — retrucou ela. — Por aqui, por favor. Quero apresentá-lo a outra pessoa.

Atravessaram uma das portas e entraram numa sala pequena e bem iluminada. As paredes estavam cobertas por grossos cabos elétricos.

Uma moça parou de ler o que parecia ser algum relatório técnico e se voltou para eles. Era bonita, com um ar pálido e frágil.

O cabelo, louríssimo, apesar de muito curto, era ondulado o suficiente para quebrar o ar de austeridade, O uniforme grosseiro, que Morrison sabia ser igual para todos no interior da Gruta, revelava um corpo esguio e bem-feito, sem a opulência exagerada de Natália.

A perfeição do rosto era quebrada, ou, para o seu gosto, acentuada por uma pequena verruga, logo abaixo do canto esquerdo dos lábios. Tinha os molares salientes e as mãos pequenas e graciosas.

Sua expressão era de uma dessas pessoas que não costumam sorrir com frequ?.ncia.

Morrison sorriu, no entanto. Pela primeira vez, desde o sequ?estro, sentiu um certo prazer.

— Bom dia. É um prazer conhecê-la. — Caprichou no russo, tentando parecer educado, e diminuiu o sotaque que a copeira denunciara.

Ela não respondeu e se voltou para Natália:

— É esse o americano?

— É. É o doutor Albert Jonas Morrison, professor de neurofísica.

— Professor assistente — corrigiu ele, com um ar de modéstia.

Natália ignorou a interrupção:

— E esta, doutor Morrison, é a doutora Sophia Kaliinin, nossa especialista em eletromagnetismo.

— Parece ser muito jovem — disse ele, querendo ser galante.

O galanteio foi desperdiçado, pois ela apenas retrucou:

— Talvez eu pareça mais jovem do que sou. Tenho trinta e um anos.

Morrison surpreendeu-se e Natália adiantou-se antes que ele dissesse alguma coisa:

— Já podemos começar. Por favor, verifique os circuitos. Andemos logo com isto.

Sophia saiu para cumprir a ordem. Dezhnev abriu um sorriso largo:

— Fico contente por ver que ela parece não gostar de americanos.

Isso elimina uns cem milhões de competidores em potencial, no mínimo. Se ela também não gostasse de russos... Se ela percebesse que eu sou tão carélio-finlandês quanto ela.

— Carélio-finlandês, você!? — Natália riu sem querer. — Você acha que alguém aqui vai acreditar nisso, seu maluco?

— Acho que ela seria capaz de acreditar, no ambiente certo, no momento certo.

— Ainda não inventaram ambiente capaz de provocar uma coisa dessas. — Voltou-se para Morrison: — Não há nada de pessoal no comportamento de Sophia, doutor Morrison. Não se ofenda, por favor.

Muitos soviéticos passam por uma fase de patriotismo exagerado e acham que, como bons cidadãos, não podem gostar de americanos.

É muito mais uma pose que um sentimento. Garanto-lhe:

assim que começarmos o trabalho em equipe, ela abandonará essas barreiras.

— Entendo bem. No meu país acontece a mesma coisa. Para ser sincero, neste momento não estou gostando muito dos soviéticos, o que é compreensível. Mas — sorriu — não considero difícil abrir uma exceção em se tratando da doutora Kaliinin.

Natália balançou a cabeça:

— Sejam americanos como o senhor ou russos como Arkady, os homens pensam de uma forma que transcende fronteiras e diferenças culturais.

— Isso não significa que eu queira trabalhar com ela ou com qualquer outra pessoa. Já cansei de dizer, doutora Boranova, que não aceito a existência da miniaturização e que não ajudarei vocês, em absoluto.

Dezhnev riu outra vez:

— Sabe que às vezes tendo a acreditar no que fala, Albert? Você fala tão sério.

Natália apontou para uma gaiola:

— Preste atenção, doutor Morrison. Esta é a Katinka.

Morrison surpreendeu-se por não tê-la notado antes. Ficara com a atenção tão presa na doutora Kaliinin que, mesmo depois de sua saída, seus olhos voltavam-se distraidamente para a porta, esperando que ela de novo aparecesse. Examinou a gaiola: Katinka, pelo que podia ver, era uma coelha branca, de tamanho médio e jeito tranqu?ilo, dedicada a roer algumas verduras com a concentração típica de sua espécie. Morrison não entendeu como pudera deixar de perceber o ruído da mastigação que fazia e o seu cheiro característico.

— Estou vendo. Parece uma coelha.

— Mas não é apenas uma coelha, doutor Morrison. É uma criatura absolutamente única. Ela já fez mais História, e de forma muito mais interessante,

que o amontoado de guerras e desastres que costumamos denominar com esse nome. Se não levarmos em conta uma pequena multidão acidental de vermes, pulgas e parasitas submicroscópicos, Katinka foi a primeira criatura viva a ser miniaturizada.

Na verdade, ela já passou três vezes por esse processo e teria passado muitas outras vezes se pudéssemos dispor de mais recursos.

A contribuição que ela nos deu para o domínio desse processo com seres vivos foi imensa! E, como o senhor pode ver muito bem, as experiências não lhe fizeram mal algum.

— Não estou querendo ofender, doutora Boranova, mas o simples fato de a senhora afirmar isso não prova absolutamente nada. Acho que a senhora é capaz de compreender que só acreditarei ao testemunhar esse acontecimento.

— Perfeitamente. E é por isso que, a um custo altíssimo, a Katinka será agora miniaturizada pela quarta vez.

SOPHIA KALIININ voltou apressada e perguntou a Morrison:

— O senhor está usando algum relógio ou possui algum objeto metálico no bolso?

— Não tenho nada comigo, doutora Kaliinin. O único bolso que esta roupa esquisita possui está vazio. E até esta pulseira de identificação que puseram em meu braço parece ser feita de plástico.

— É que será criado um campo eletromagnético muito intenso.

Qualquer objeto de metal pode atrapalhar.

— Ocorrerá algum efeito fisiológico?

— Não. Até agora, pelo menos, não detectamos nenhum.

Cada vez mais convencido de que tudo aquilo não passava de uma encenação, Morrison tornava-se mais e mais cético a cada mi nuto e esperava que eles desistissem da farsa a qualquer momento.

Por isso respondeu com um risinho malicioso:

— Será que a exposição a tal campo não interferirá com a reprodução, doutora Kaliinin? E se a senhora um dia engravidar?

— Já tenho uma filhinha perfeitamente normal. — Sophia ficou com o rosto vermelho.

— E a senhora se expôs durante a gravidez?

— Só uma vez.

Natália interrompeu de novo:

— Acabou a inquisição, doutor Morrison? Podemos começar?

— A senhora ainda deseja convencer-me de que vai miniaturizar a coelha?

— É claro.

— Então siga em frente. Sou todo ouvidos. Ou melhor, sou todo olhos. — Pensou ser tudo aquilo uma enorme idiotice. O próximo passo seria, obviamente, um acidente qualquer e os respectivos lamentos pela falta de sorte. Mas aonde pretendiam chegar e qual o objetivo daquela encenação?

— Para começar, doutor Morrison, o senhor poderia, por favor, levantar a gaiola? — A voz de Natália soou fria.

Morrison procurou os olhos de cada um dos soviéticos, com suspeita e animosidade. Foi Dezhnev quem falou:

— Vá. Não vai doer, Albert. Não dá nem para sujar as mãos. E, mesmo que sujasse, quem trabalha direito às vezes tem que sujar as mãos, como costumava dizer o meu pai.

Segurou a gaiola pelos lados, com as duas mãos, e levantou. Devia pesar uns dez quilos, pensou.

— Posso baixar?

— Claro — respondeu Natália.

— Devagar! — Sophia exclamou. — Cuidado com a Katinka.

Morrison recolocou a gaiola no suporte, com cuidado. A coelha, que interrompera a refeição quando a gaiola fora erguida, depois de cheirar o ar várias vezes, voltou às verduras.

Natália fez um sinal com a cabeça e Sophia dirigiu-se a um dos cantos da sala, onde um painel de controle estava quase escondido entre os cabos elétricos. Olhou para a gaiola, como se estivesse avaliando a distância, levantou-se de novo e ajustou a posição em alguns centímetros. Voltou para o painel e ligou um interruptor. Ouviu-se um som agudo, quase um assobio, e a gaiola pareceu começar a vibrar, como um filme ligeiramente fora de foco. A vibração a envolveu completamente e criou uma espécie de almofada entre a base e o suporte onde ela estava.

— A gaiola está totalmente dentro do campo de miniaturização, doutor Morrison — disse Natália. — Só o que se encontra no campo será miniaturizado.

Morrison começou a sentir um comichão de dúvida. Será que estavam aplicando nele algum truque ilusionista? Será que tentariam convencê-lo de estar assistindo a um processo de miniaturização?

— E como é que vocês geram o campo de... miniaturização, doutora Boranova?

— Não temos a menor intenção de fornecer-lhe essas explicações, doutor. O senhor entende o conceito de informação confidencial, não é? Continue, Sophia.

O silvo aumentou de intensidade e tornou-se desagradável. Os outros não pareciam se incomodar, notou Morrison. Observou em volta, examinando as reações dos três soviéticos. Quando olhou de novo para a gaiola, assustou-se: ela parecia menor. Franziu a testa e inclinou um pouco o corpo, de forma a alinhar uma das .barras laterais com um dos cabos, da parede, que lhe pareceu perfeitamente reto. Esforçou-se para não mover a cabeça ou os olhos, mas, mesmo assim, achou que a barra de arame da gaiola estava se deslocando em relação à linha de referência que escolhera. Não havia mais como negar. A gaiola estava encolhendo.

Natália deu um sorrisinho.

— Está encolhendo, sim, doutor Morrison. O senhor está duvidando daquilo que os seus próprios olhos vêem?

O silvo continuou e o encolhimento, também. A gaiola já devia estar pela metade do volume original. Morrison resmungou, sem muita convicção:

— Sei que há fenômenos como hipnotismo, ilusões de ótica.

— Pare um pouco, Sophia — gritou Natália Boranova.

O silêncio encheu a sala e a vibração ao redor da gaiola desapareceu.

A gaiola continuava em cima do suporte, como antes; só que parecia bem menor. Dentro dela, uma coelha igualmente menor, mas parecendo perfeitamente proporcional, continuava roendo as verduras. Morrison notou que até mesmo a cenoura picada estava menor, mas na mesma proporção que todo o resto.

— O senhor acha, honestamente, que isto é uma ilusão de ótica?

— Natália quis saber.

Morrison não respondeu.

— Deixe disso, Albert — disse Dezhnev. — Não perca a fé nos seus próprios sentidos. Esta experiência consome uma quantidade absurda de energia! Se você não se convencer, nossos brilhantes administradores ficarão furiosos conosco pelo desperdício de dinheiro.

Como é?

— Não sei o que dizer — Morrison sacudiu a cabeça, totalmente confuso.

— Queira levantar a gaiola outra vez, doutor Morrison — disse Natália. Ele hesitou, mas ela voltou a insistir:

— O campo de miniaturização não tem efeitos radiativos, ou qualquer coisa assim. O contato com sua mão, que, como o senhor pode ver, continua do mesmo tamanho, não causa qualquer reação.

Quer ver? — Colocou a própria mão espalmada sobre a parte de cima da gaiola.

Ainda assim, ele não se sentiu muito tranqu?ilo. Segurou a gaiola como antes pelos lados, só que meio sem jeito desta vez, e levantou-a. Quase gritou de susto. A massa estava reduzida a menos de um quilo. Aplicou força demais, o que fez com que Katinka se assustasse e abandonasse a refeição, correndo para procurar abrigo num dos cantos. Colocou-a de volta no suporte, esforçando-se para encontrar o local exato. Mesmo assim, Sophia voltou a ajeitá-la alguns centímetros para um lado e para trás.

— O que o senhor está achando, doutor Morrison? — Natália quis saber.

— Pareceu muito mais leve. Vocês a trocaram por uma outra menor?

— Trocar? O senhor está achando que nós fizemos sumir a gaiola grande e a substituímos por outra menor, absolutamente proporcional, inclusive a coelha? Tudo isso diante dos seus olhos? Francamente, doutor Morrison..

Esfregou os olhos e não respondeu. Ele próprio já começava a duvidar de sua explicação. Natália continuou:

— Faça o favor de notar, doutor Morrison, que não foi só o volume que diminuiu. A massa diminuiu na mesma proporção. Os átomos que constituem a gaiola, a coelha e tudo o mais foram reduzidos na mesma proporção. O que aconteceu, fundamentalmente, foi que reduzimos a constante de Planck. Tudo, dentro do campo, manteve a mesma relação com todos os seus componentes. Para a coelha, a comida, o ninho, as grades, tudo continua do mesmo tamanho.

O que está do lado de fora, é claro, aumentou terrivelmente, mas ela não parece ter consciência disso.

— Mas vocês interromperam o campo de miniaturização. Por que é que as coisas não voltaram ao tamanho normal?

— Por dois motivos. Em primeiro lugar, o estado de miniaturização é metaestável. Esta foi uma das grandes descobertas fundamentais que tornaram tudo isto possível. A qualquer interrupção do processo, a energia necessária para mantê-lo é quase desprezível. Segundo: o campo de miniaturização não foi interrompido totalmente.

Foi minimizado apenas, de modo a evitar que a atmosfera da gaiola sofresse difusão e, da mesma forma, que as moléculas normais do lado de fora fossem impelidas para dentro. É por isso que o senhor pode tocar a gaiola sem causar nenhum desastre, com suas mãos em tamanho normal. Mas estamos longe do fim da experiência, doutor Morrison. Podemos continuar?

Perturbado, incapaz de refutar aquilo que seus próprios olhos estavam vendo, ele se perguntou se podia estar drogado ou de algum jeito induzido a pensar que estava experimentando visões sugeridaspelos outros. Resmungou, com voz estrangulada:

— A senhora está fazendo revelações confidenciais.

— Não. Tudo o que eu lhe disse é superficial. Se o senhor repetir tudo isso na América, provavelmente ninguém acreditará. E o senhor não conseguirá com elas nem ao menos fornecer alguma pista sobre a essência do processo. — Natália repetiu o sinal com a mão e Sofia ligou de novo o interruptor. Recomeçou o silvo e a gaiola voltou a encolher. O processo parecia mais rápido, desta vez, e Natália, de novo adivinhando seus pensamentos, explicou:

— Quanto menor, menos massa para remover. A velocidade do processo aumenta geometricamente.

Morrison viu-se, de repente, olhando fixamente para uma gaiola de um centímetro cúbico. Natália ergueu a mão, outra vez, e o ruído parou.

— Cuidado, doutor Morrison! Ela está pesando menos de um grama. Para a sua escala, é um objeto extremamente frágil. Dê uma olhada com isto.

Morrison recebeu uma lupa. Sem dizer nada, abaixou-se e examinou a gaiola através dela. Se não soubesse de antemão o que iria ver, talvez não fosse capaz de reconhecê-la. Não era fácil admitir a idéia da existência de uma coelha tão incrivelmente minúscula. Mas testemunhara todo o processo e ficou examinando o animal através da lupa, confuso e fascinado. Levantou a cabeça, totalmente zonzo, e perguntou a Natália:

— Isso está mesmo acontecendo? De verdade?

— O senhor ainda está desconfiado de ilusões de ótica, hipnotismo...

ou o que mais?

— Drogas?

— Se tivéssemos conseguido drogar o senhor, doutor Morrison, com o que fizemos, acho que teríamos alcançado um desenvolvimento científico mais espetacular do que com o processo de miniaturização.

Olhe em volta. O resto do mundo não lhe parece normal?

Que droga seria capaz de alterar sua percepção de um só objeto em um ambiente em que todos os demais objetos continuam absolutamente normais? Doutor Morrison... O que o senhor viu foi um fenômeno perfeitamente real.

— Faça com que ela volte ao tamanho natural — a voz mal conseguiu sair da garganta.

Dezhnev começou uma gargalhada e tapou a boca com as mãos, engasgando-se até parar de rir:

— Se eu começar a rir à vontade, acabarei arremetendo a pobrezinha da Katinka contra a parede e, então, Natasha e Sofia tentarão fazer, mais ou menos, a mesma coisa comigo. Se você quiser ver a coelhinha de volta ao tamanho natural, vai ter que esperar muito!

Natália concordou:

— O Dezhnev está certo. Veja bem, doutor Morrison. O que o senhor presenciou foi uma demonstração científica, não um passe de mágica. Se fosse mágica, era só estalar os dedos e a coelhinha voltaria ao tamanho normal, com gaiola e tudo. E então o senhor estaria certo... Teria vivenciado uma ilusão de ótica. Infelizmente, precisamos de uma quantidade enorme de energia para reduzir a constante de Planck a uma fração minúscula de seu valor normal, mesmo que seja para aplicarmos tal fenômeno a uma porção relativamente minúscula do universo. É por isto que a miniaturização custa tão caro. E, para reverter a constante de Planck, teremos de dispender tanta energia quanto aquela que gastamos no processo de miniaturização. A lei da conservação de energia não foi alterada.

Não podemos desminiaturizar mais rapidamente do que o tempo que precisamos para dispersar o calor que vai ser gerado. Vai de morar muito, muito mais que a miniaturização.

Morrison ficou calado. Para ele, a explicação sobre o princípio da conservação de energia fora mais convincente que a própria demonstração.

Se fossem um bando de charlatães, não seriam tão meticulosos com os fundamentos da física. Dirigiu-se a Natália, finalmente:

— Então me parece que o processo de miniaturização não pode ter muita utilidade prática. No máximo, um bom instrumento para expandir e aprofundar a teoria quântica.

— Só isso realmente já seria um progresso, não seria? Mas não profira juízos sobre uma técnica quando esta se encontra ainda em seus estágios iniciais. Temos muita esperança de que conseguiremos contornar este problema das trocas de energia e conseguiremos descobrir métodos mais eficientes. Será que toda a energia trocada ao se criar o campo de miniaturização tem de ser

desperdiçada em forma de calor quando se reverte o processo? Será que não podemos domar a energia liberada pela desminiaturização em campos eletromagnéticos? Talvez fique muito mais fácil, desse jeito...

— A senhora está tentando abolir a segunda lei da termodinâmica?

— Morrison conseguiu dar à voz o tom educadamente sarcástico que queria.

— De jeito nenhum. É claro que não esperamos cem por cento de conversão Se conseguirmos converter setenta e cinco por cento da energia gerada na desminiaturização num campo eletromagnético...

Se conseguirmos converter vinte e cinco por cento já considero um enorme avanço. Mas o importante é que temos esperança em desenvolver uma técnica muito mais sutil e muitíssimo mais eficiente.

É aí que o senhor entra no projeto.

Morrison arregalou os olhos:

— Eu!? Não conheço nada a respeito disso! Por que vocês cismaram que eu sou o salvador? Uma criança do jardim de infância seria mais útil que eu!

— Não. Não é verdade. Sabemos o que estamos fazendo, doutor Morrison. Vamos! O senhor e eu esperaremos em meu escritório, enquanto Sophia e Arkady ficam encarregados da longa tarefa de restaurar o tamanho normal da Katinka. Vou lhe provar que o senhor conhece tudo o que é necessário para transformar a miniaturização num processo muito mais eficiente, além de comercialmente viável. Vou lhe provar, na verdade, que o senhor é a única pessoa capaz de nos ajudar.

CAPÍTULO 5

COMA

A vida é agradável e a morte é a paz. A transição é que é difícil.

Dezhnev (pai)

— ESTE É O MEU LAR dentro da Gruta — disse Natália. Sentou-se numa poltrona velha e surrada que, imaginou Morrison, devia lhe parecer perfeitamente confortável, depois de anos e anos se amoldando ao seu corpo.

Ele sentou numa cadeirinha menor, mais austera, forrada de cetim e menos confortável do que parecia. Examinou o escritório e sentiu um dor aguda de saudade. Era, em muitas coisas, parecido com o seu. Lá estava o terminal de computador, com tela grande, como o seu. Só que a sala como um todo era mais enfeitada que a sua. O estilo soviético era propenso a ornamentos desnecessários e, por alguns instantes, Morrison ficou especulando sobre a razão daquilo, até que se cansou de pensar em um assunto tão trivial. Mas havia a mesma desorganização nas pilhas de impressos, o mesmo cheiro de papel velho, e até mesmo livros antigos misturados com os videocassetes. Tentou identificar o mais próximo, mas a lombada estava descolorida e suja. Os livros sempre tinham a aparência muito antiga. Mesmo quando eram novos, pensou. Ficou com a impressão de que o livro estava escrito em inglês, o que não lhe causou nenhuma surpresa. Ele próprio guardava no escritório vários clássicos russos no original, para se exercitar no uso do idioma.

— Podemos ficar totalmente à vontade aqui, doutor Morrison.

Dei ordens para que ninguém nos incomodasse. E ninguém conseguirá ouvir o que falamos. Mais tarde, peço para nos trazerem o almoço, se o senhor quiser.

— A senhora é muito gentil — Tentou eliminar da voz qualquer traço de sarcasmo.

— Obrigada. — Se foi sarcástico, Natália não percebeu. — Doutor Morrison, notei que o Arkady e o senhor estão se tratando pelos primeiros nomes. Ele é um pouco bronco, não muito culto, e pode estar abusando da sua educação,

Mesmo assim, posso lhe pedir outra vez para sermos informais e amigáveis, apesar das condições em que o senhor foi trazido para cá?

Morrison hesitou um pouco.

— Está bem. Me chame de Albert. Mas é uma questão de conveniência, e não de amizade. Não estou muito disposto a esquecer que fui sequ?estrado.

Natália baixou a cabeça, encabulada.

— Fiz o que pude para que você viesse conosco por vontade própria.

Mas sua recusa obrigou-nos a...

— Se vocês estão constrangidos pelo que fizeram, é fácil: me mandem de volta. Prometo que esquecerei tudo isto e não apresentarei queixa às autoridades de meu país.

— Você sabe que não podemos. — Sa a cabeça lentamente. — Sua presença continua necessária. Logo, logo compreenderá. Por enquanto, Albert, vamos conversar francamente, sem ressentimentos, como membros da mesma comunidade científica, o que está muito acima das questões nacionais e das outras diferenças artificiais entre os seres humanos. Acho que você já aceita o fato de que a miniaturização é verdadeira.

— Sou obrigado a aceitar. — Balançou a cabeça, como se lamentasse.

— E já identificou o problema principal do processo... — Claro. O custo da energia é absurdo.

— E se nós reduzíssemos drasticamente o custo? Tente imaginar como seria se pudéssemos ligar tudo aquilo a uma tomada da parede, como quem liga uma torradeira ou um liquidificador.

— Só que parece impossível. Ou, pelo menos, é impossível para vocês. Para que tanto segredo, então? Publiquem os resultados que já conseguiram até aqui e se abram às contribuições dos demais membros da família universal da ciência. Mantendo segredo, vocês só me fazem pensar que desejam a miniaturização para objetivos militares. Alguma arma poderosa o suficiente para que a União Soviética consiga romper o equilíbrio que, há duas gerações, vem tornando possível a paz mundial e a cooperação entre os povos.

— Não é verdade. A União Soviética não quer a hegemonia mundial.

— Espero que não. Mesmo assim, se vocês insistem em manter segredo, será compreensível que as outras nações comecem a desconfiar.

— Os Estados Unidos não têm segredos?

— Não sei. O governo americano não confia em mim. E, se tem segredos, o que eu acho provável, desaprovo também esta atitude.

Para que servem tantos segredos? Que diferença fará se vocês controlarem sozinhos a miniaturização ou se nós o fizermos ou se nós dois conseguirmos ou se apenas os africanos? Foi um americano quem inventou o telefone... e vocês não o utilizam? Nós chegamos à lua primeiro e vocês usufruem do mesmo espaço para colônias lunares que usufruímos. Vocês, por outro lado, dominaram primeiro a fusão nuclear e a energia solar no espaço, e nós igualmente nos beneficiamos.

— Tudo isso é verdade — concordou Natália. — Mas há mais de um século que o mundo se acostumou a pensar que a tecnologia americana é superior à soviética. Isto é um fator de irritação permanente para nós. Se uma coisa tão básica e tão completamente revolucionária quanto a miniaturização fosse reconhecida claramente como uma conquista soviética, nós nos sentiríamos muito melhor.

— E a comunidade universal da ciência, à qual você acabou de apelar? Você faz parte dela ou considera-se apenas uma cientista soviética?

— As duas coisas. — Natália irritou-se um pouco. — Se a decisão fosse minha, talvez eu publicasse as experiências. Mas não o é.

O poder de decisão é do meu governo, e eu sou leal a ele. E vocês não nos facilitam as coisas. Mantêm a permanente atitude de superioridade arrogante, e isso nos coloca na defensiva.

— Mas, o fato de vocês precisarem de um americano, e se com essa ajuda vocês alcançarem o que desejam, isso não ferirá o sentimento nacionalista que tanto ostentam?

— Um pouco, sim... Pelo menos, permitirá que os americanos se sintam donos de parte do mérito que, aliás, não esconderemos. Você, se nos ajudar, estará se tornando um bom patriota americano, Albert, e os efeitos disso sobre sua reputação serão imediatos.

Morrison sorriu com amargor:

— Isto é suborno?

— Se é isso que você acha, nada posso fazer. — Natália deu de ombros. — Continuaremos conversando como dois amigos e veremos o que acontece.

— Neste caso, comece a me dar informações. Fui obrigado a me convencer de que a miniaturização é possível. Que tal me explicar os fundamentos físicos do processo? Eu sou curioso.

— Você sabe não ser possível, Albert. Saber demais seria perigoso para você mesmo. Para podermos permitir que você retorne ao seu país em segurança, é preferível não saber. E, além disto, nem eu mesma conheço todos os fundamento científicos, mesmo como operadora do processo. Você acha que, se eu soubesse de tudo, meu governo consentiria que eu fosse aos Estados Unidos?

— Você está insinuando que o governo americano é capaz de sequ?estrar alguém?

— Tenho a mais absoluta certeza, desde que seja realmente necessário.

— E quem conhece toda a base científica do processo?

— Isso é outra coisa que você deve desconhecer. Mas uma coisa posso afirmar: Pyotor Shapirov é uma dessas pessoas.

— Peter, o Maluco... — Morrison sorriu. — Não me surpreende muito...

— Nem poderia surpreender. Sei que, quando o chama de maluco, você não está falando sério. Foi ele quem desenvolveu o raciocínio básico que conduziu esse processo. É verdade — acrescentou, depois de uma pequena pausa — que talvez tenha sido necessária uma dose de insanidade ou pelo menos de idiossincrasia, para se chegar a isso. Foi o Shapirov, também, quem imaginou um método de obter a miniaturização com um gasto mínimo de energia.

— Como? Pela conversão em campo eletromagnético?

— Não. Tentava apenas exemplificar quando me utilizei desse argumento. O método dele é muito mais sutil.

— Você pode explicar?

— Só de maneira muito geral. Shapirov diz que os dois aspectos principais da teoria unificada do universo, a teoria quântica e a teoria da relatividade,

dependem de constantes que os limitam. Na teoria quântica é a constante de Planck: minúscula, mas maior do que zero. Na teoria da relatividade, é a velocidade da luz: imensa, mas não infinita. A constante de Planck impõe um limite inferior para a transferência de energia, a velocidade da luz impõe um limite superior para a transmissão de informações. A idéia de Shapirov é a de que as duas constantes podem estar interrelacionadas. Em outras palavras, se a constante de Planck for reduzida, a velocidade da luz aumentará; se for reduzida a zero, a velocidade da luz será infinita.

— Nesse caso, o universo teria propriedades newtonianas?

Natália concordou:

— Certo. De acordo com Shapirov, a causa da grande energia necessária ao processo de miniaturização reside no fato de esses dois limites não estarem interrelacionados. A constante de Planck está sendo reduzida sem que a velocidade da luz esteja sendo aumentada.

Se conseguíssemos relacioná-las, a energia seria transferida do limite da velocidade da luz para o limite da constante de Planck durante a miniaturização e, no sentido inverso, durante a desminiaturização, de tal forma que a velocidade da luz aumentaria, à medida que miniaturizássemos algum objeto, e diminuiria quando revertêssemos o processo. A eficiência seria de praticamente cem por cento. Precisaríamos de pouquíssima energia e a restauração ao tamanho normal seria muito rápida.

Morrison pensou um pouco.

— E ele sabe como fazer o processo, nos dois sentidos, com os limites relacionados?

— Ele dizia que sim.

— Dizia? Quer dizer que mudou de idéia?

— Não. Não foi bem isso.

— Então o que foi que houve?

Foi a vez de Natália hesitar um pouco:

— Albert, não queira ir depressa demais. Eu quero que você pare para pensar. — Falou de forma quase suplicante. — Você já sabe que a miniaturização

existe. Sabe também que ainda não é muito prática. Sabe que constitui um desenvolvimento incrível para toda a humanidade e eu lhe garanti que não temos propósitos militares, de destruição. Quando tivermos assegurado que o mérito da descoberta vai ser nosso, o que desejamos muito, por razões psicológicas que eu lhe expus com toda a franqueza, estou certa de que todos os lugares do mundo muito se beneficiarão com ela.

— É mesmo, Natália? Você e seu país teriam confiança nos Estados Unidos, se a situação fosse a oposta?

— Confiar... — ela repetiu, com um longo suspiro. — A confiança não é um sentimento natural no ser humano. É uma das piores fraquezas da humanidade essa tendência em atribuir aos outros intenções e sentimentos mesquinhos. Alguém, no entanto, tem de começar a confiar, senão esta cooperação frágil de que estamos nos beneficiando há tanto tempo terminará desabando e estaremos de volta ao século XX, com todos os seus horrores. Se os americanos estão tão convencidos de que são os melhores e os mais desenvolvidos, por que não são os americanos os primeiros a confiarem?

Morrison abriu os braços, com ar perplexo:

— Não tenho resposta para isso. Sou um cidadão comum. Não represento minha nação.

— Como cidadão comum você pode nos ajudar, sabendo que não vai prejudicar sua nação.

— Como saberei? Só tenho a sua palavra e, pelo que sei, você é tão comum quanto eu, ou seja, representa o seu governo tanto quanto represento o meu. Mas, Natália, tudo isso é irrelevante. Mesmo que eu quisesse, como contribuiria para viabilizar seu processo prático de miniaturização? Não sei nada sobre o assunto!

— Paciência!... Daqui a pouquinho vamos almoçar. Dezhnev e Sophia devem estar acabando de desminiaturizar a Katinga e virão conosco. Há uma outra pessoa que quero que você conheça, também.

E, depois do almoço, vou levá-lo ao Shapirov.

— Não sei se isso é bom, Natália. Você acaba de me dizer ser perigoso conhecer as pessoas que conhecem tudo sobre a miniaturização.

Se eu aprender demais, fatalmente terei problemas para voltar aos Estados Unidos, O que tenho a ganhar conversando com ele?

Natália ficou com um ar triste:

— Shapirov é um caso excepcional. Garanto que você entenderá isto quando formos até ele. E entenderá também por que precisamos de você.

— Isto não entenderei nunca! — Morrison respondeu com a mesma convicção com que negara, havia pouco, a possibilidade da miniaturização.

O SALÃO onde almoçavam era bem iluminado, com vários painéis nas paredes e todo o teto eletroluminescentes. Natália, assim que chegaram, mostrou com orgulho a iluminação. Morrison não respondeu.

Nos Estados Unidos a eletroluminescência já era lugarcomum, havia muito tempo. Nem se deu ao trabalho de comentar o fato de que o candelabro, com lâmpadas convencionais, bem no centro do salão, era absolutamente inútil. Na verdade, quebrava um pouco o ar anti-séptico do refeitório.

Cumprindo a promessa anterior, Natália apresentou-lhe um quinto parceiro à mesa.

— Yuri Konev. Neurofísico, colega seu, Albert.

Moreno, másculo, com uns trinta e cinco anos, Konev ostentava um ar de juventude um tanto arrogante:

— Muito prazer. — O inglês era bom, o sotaque americano. O aperto de mão foi firme, com uma expressão de curiosidade contida.

— Você viveu nos Estados Unidos, não é? — Morrison respondeu, também em inglês.

— Dois anos em Harvard. Foi uma oportunidade excelente para treinar meu inglês.

Natália o interrompeu em russo:

— Yuri, o doutor Morrison fala também um russo excelente.

Vamos lhe dar a mesma oportunidade que você teve no país dele?

— Claro, claro — Konev respondeu, também em russo.

A esta altura, Morrison havia quase esquecido de que estavam no interior da montanha. Não havia janelas no salão, mas isto era comum em grandes edifícios de escritórios. A maior parte da re feição se passou em silêncio. Arkady Dezhnev parecia concentrado em alguma idéia distante. Sophia Kaliinin parecia ausente; de vez em quando, olhava de lado para Morrison, mas ignorou Konev o tempo todo. Natália Boranova passou todo o almoço observando os outros quatro, mas não disse quase nada. Parecia empenhada em deixar que Konev conduzisse a conversa. Este não se fez de rogado:

— Venho acompanhando seu trabalho há muito tempo, doutor Morrison.

Desde que chegara ao território soviético, esta era a primeira referência feita ao seu trabalho. Morrison abandonou por um instante a sopa grossa de repolho, que estivera saboreando com prazer, e deu um sorrisinho:

— Agradeço seu interesse. Só que Natália e Arkady me chamam de Albert. Tenho um pouco de dificuldade em me situar quando sou tratado por nomes diferentes ao mesmo tempo. Enquanto estiver aqui, o que, espero, não leve muito tempo, me chame de Albert, Yuri.

Natália o interrompeu, outra vez, em voz baixa:

— Se você nos ajudar, realmente será breve sua estadia aqui.

— Nem pense nisso — a voz de Morrison saiu igualmente baixa.

— Desejo ir embora.

Koriev falou desnecessariamente alto, como se quisesse marcar sua intenção em fazer a conversa voltar ao tema de seu interesse:

— Mas tenho que admitir, Albert, que não consegui reproduzir suas experiências.

— Já ouvi reclamação idêntica de meus colegas americanos — Morrison respondeu secamente.

— Mas por quê? O acadêmico Shapirov ficou fascinado com suas teorias e garantiu que você está certo, se não totalmente, pelo menos em grande parte.

— Mas o Shapirov não é neurofísico, é?

— Não. Mas tem uma intuição extraordinária. Nunca ocorreu que eu o ouvisse dizer: “Para mim, isto está certo”, sem que mais tarde o que quer que estivesse em discussão não fosse comprovado. Em parte, pelo menos. E ele disse ter certeza de que você estava perto de descobrir uma espécie de relé.

— Relé? E o que ele quis dizer com isso?

— Foi o que ele me disse uma vez, quando estávamos sozinhos.

Alguma coisa que ele intuiu, sem dúvida. — Konev fixou o olhar em Morrison, como se esperasse uma explicação.

O americano sacudiu os ombros:

— Tudo que eu fiz foi desenvolver um tipo novo de análise das ondas encefálicas, geradas pelo cérebro, e pesquisar uma cadeia neurônica especificamente destinada ao pensamento criativo.

— Mas talvez você tenha sido otimista demais, Albert. Ainda não consegui me convencer da existência desta sua cadeia.

— Os resultados de minhas pesquisas são claríssimos.

— Em cachorros e macacos. Não estou certo de que possam ser extrapolados para a estrutura muito mais complexa do cérebro humano.

— Certo. Não pude pesquisar a anatomia do cérebro humano diretamente.

Mas analisei, com todo o cuidado, as ondas cerebrais de seres humanos. Os resultados foram perfeitamente coerentes com minha teoria da estrutura criativa.

— Mas foi isto que nem eu nem seus colegas americanos conseguiram reproduzir no laboratório.

Morrison deu de ombros:

— Fazer uma análise adequada das ondas cerebrais, como eu fiz, é um trabalho infernalmente difícil. Não sei de ninguém que tenha dedicado tantos anos a isso quanto eu dediquei.

— Nem de ninguém que possua um programa de computador como o seu, não é? Você o desenvolveu exclusivamente para o estudo das ondas cerebrais?

— Claro!

— E o descreveu completamente, em seus artigos publicados?

— Mas é claro! Se não publicasse a íntegra de meu programa, que valor teriam as minhas descobertas? Sem uma cópia do programa, ninguém conseguiria reproduzir meus resultados!

— É. Mas no Congresso Internacional de Neurofísica, em Bruxelas, ano passado, eu ouvi uma acusação: você modifica seu programa o tempo todo, e depois reclama de que ninguém consegue reproduzir os resultados porque ninguém tem um programa sensível bastante para isso.

— Não, Yuri. Isto é bobagem. Totalmente falso. Já modifiquei meu programa inúmeras vezes, mas sempre publiquei as modificações no Computer Technology. Também tentei publicar em The American Journal of Neurophysics, mas há muito eles se recusam a aceitar meus artigos. Se as pessoas se limitam a ler o AJN e se esquecem de que há coisas melhores para ler, a culpa não é minha.

— Ainda assim... — Konev hesitou e fez uma careta, parecendo inseguro do que queria falar. — Não sei se devo dizer o que estou pensando. Não quero que pense que estou sendo hostil, — Vá em frente. Nesses últimos anos eu me acostumei com tod o tipo de demonstração de antagonismos: grosseiro, sarcástico. O pior de todos é a comiseração. Já estou calejado. Esta galinha à Kiev está excelente, esqueci de dizer.

— É comida de convidados — resmungou Sophia, baixinho. — Engorda. Faz mal ao corpo.

— Ah! — Dezhnev gritou. — “Faz mal ao corpo” é o tipo de expressão americana que não quer dizer nada em russo. Como costumava dizer o meu pai: “O corpo sabe muito bem do que precisa; é por isso que alguns pratos são tão deliciosos”.

Sophia fechou os olhos, parecendo revoltada:

— Isso é uma receita de suicídio.

Morrison notou que Konev não olhou para a moça uma só vez, durante toda a discussão. Nem uma só vez.

— Continue, Yuri. Você ia dizendo qualquer coisa capaz de me magoar, não é?

— Está bem. Albert, é ou não verdade que você, uma vez, emprestou seu programa a um colega e que ele não conseguiu reproduzir os resultados?

— Verdade. O colega, um sujeito bastante competente, afirmou que não conseguiu reproduzir.

— Você acha que ele mentiu?

— Não. Acho que não. O problema é que se trata de uma análise tão delicada que, se você partir da idéia preconcebida de que não dará certo, provavelmente não dará mesmo.

— Será que não se pode inverter o raciocínio, Albert? Ou seja, se você começar com o preconceito de que vai dar certo.

— É até possível. Já ouvi este argumento inúmeras vezes. Mas não acredito nele.

— Mais um boato — retruca Konev. — Detesto ter de dizer isto, mas é muito importante. É verdade que você andou dizendo que, durante a análise das ondas do pensamento, você sentiu pensamentos?

Morrison sacudiu a cabeça energicamente.

— Nunca publiquei nada disso! Disse a um colega, umas duas ou três vezes, que, enquanto eu estivera totalmente concentrado na análise das ondas do pensamento, teria tido a impressão de que pensamentos alheios estavam invadindo minha mente. Não tenho como garantir que fossem pensamentos alheios. Pode perfeitamente ter acontecido uma ressonância das minhas próprias ondas cerebrais com as do paciente da experiência.

— Essa ressonância existe?

— Acho que sim. As ondas cerebrais produzem oscilações minúsculas em campos eletromagnéticos.

— Ah! Ah! Deve ter sido isso que levou o acadêmico Shapirov a fazer o comentário sobre o relé. As ondas cerebrais produzem campos eletromagnéticos oscilatórios o tempo todo, com ou sem análises exteriores! A ressonância não ocorre, se é que se trata de ressonância, quando há alguém de fato pensando a

seu lado, por mais intenso que seja o seu processo de pensamento. A ressonância só acontece quando você se concentra no estudo das ondas cerebrais através de seu programa de computador. É o programa que funciona como um relé, magnificando ou intensificando as ondas do paciente até que você as receba em seu próprio cérebro!

— Nunca consegui provar nada disso, Não passou de uma impressão fugidia. Não serve para nada.

— Não sei. O cérebro humano é muito, muito mais complexo que qualquer outro corpo estudado por nós.

— E os golfinhos? — Dezhnev perguntou, de boca cheia.

— Um exagero dos estudiosos — retrucou Konev, impaciente.

— São inteligentes, é verdade, mas seus cérebros se ocupam exclusivamente das minúcias da navegação, da própria sobrevivência.

Não acredito que eles sejam capazes de pensamento abstrato como nós.

— Nunca estudei golfinhos — disse Morrison, indiferente.

— Esqueça! Pense no fato de que seu programa, num computador compatível, possa talvez funcionar como um relé, retransmitindo à sua mente os pensamentos do paciente que você estiver estudando, Albert! Se isso for verdade, é de você que estamos precisando e de ninguém mais!

Morrison afastou a cadeira da mesa e franziu a testa:

— Mesmo que eu consiga captar pensamentos alheios através de meu programa, coisa em que, aliás, não acredito... Até me disponho a dizer que não é possível... Mas, mesmo que fosse, o que e como isso se relacionaria com a miniaturização?

Natália levantou-se, olhando o relógio de pulso:

— Está na hora. Vamos ver Shapirov.

— O que ele disser não vai fazer a menor diferença para mim — resmungou Morrison.

— Você verá — havia um tom metálico na voz dela — que ele nada dirá. Mas igualmente você se convencerá.

MORRISON, ATÉ ENTÃO, não se irritara, Os soviéticos, afinal de contas, estavam lhe dispensando um tratamento de convidado. Se não levasse em conta o fato de ter sido sequ?estrado, não tinha muito do que reclamar. Mas para que tudo aquilo? Natália lhe havia apresentado várias outras pessoas: Dezhnev, Sophia, Konev, sem que ele descobrisse a razão. Inúmeras vezes também havia mencionado que ele era indispensável, sem nunca dizer para quê. No fim do almoço, até Konev repetiu a mesma história, igualmente sem explicação.

Estavam agora indo ao encontro de Shapirov. Ele pressentiu que aquela visita seria o ponto alto da viagem. Desde que Natália referiu-se a ele pela primeira vez, no congresso, há dois dias atrás, o nome de Shapirov parecera presidir todos os acontecimentos. Fora ele quem desenvolvera o processo de miniaturização; quem, pelo menos aparentemente, detectara uma relação entre a constante de Planck e a velocidade da luz; quem intuíra a validade das teorias neurofísicas de Morrison; quem fizera um comentário estranho sobre o programa do computador servindo como relé e também quem, aparentemente, convencera Konev de que somente Morrison podia ajudá-los.

O que tinha a fazer, portanto, pensou Morrison, era recusar qualquer pedido ou pressão de Shapirov. Se recusasse com firmeza, o que eles poderiam fazer? Lançar mão da força, da tortura? Fazer lavagem cerebral? Tremeu um pouco. A saída era convencê-los de que não seria capaz de ajudá-los, e não de que se recusava a fazê-lo.

Afinal, esta era uma atitude lógica. O que tinha a neurofísica ou, mais ainda, uma teoria neurofísica duvidosa a ver com a miniaturização?

Será que eles próprios não conseguiam enxergar o óbvio?

Por que não abriam mão da opinião de que um sujeito como ele, que até dois dias antes sequer pensara em miniaturização, poderia fazer alguma coisa que nem mesmo eles, os únicos especialistas do mundo no assunto, conseguiam fazer?

A caminhada foi longa e, absorto em suas preocupações, Morrison nem percebeu que os outros os haviam deixado.

— Onde estão os outros três? — perguntou a Natália.

— Trabalhando. Nossos prazos não são eternos.

Ele sacudiu a cabeça. Não eram tagarelas, com certeza. Sempre o mesmo número de informação. Seria este algum antigo hábito cultural soviético? Ou, talvez, resultado de um treinamento realizado com as pessoas que iriam trabalhar num projeto confidencial, em que cada cientista tinha de se limitar aos objetivos imediatos?

Será que o estariam tomando por um clássico especialista americano em generalidades? Não, não era possível. Nada em sua carreira sugeria tal coisa. Não passava, na verdade, de um limitado especialista, que quase nada fora dos limites sabia de seu próprio campo. Pensava até ser a especialização excessiva uma doença da sociedade de sua época.

Entraram num elevador, que ele mal notara, e encontravam-se agora em outro nível da Gruta. Olhou em volta e o ambiente lhe pareceu familiar:

— Isto aqui é uma enfermaria?

— Um hospital. A Gruta é um complexo científico autosuficiente.

— E o que estamos fazendo aqui? Espere aí!... — Parou de repente horrorizado com a idéia que lhe assaltou: será que tentariam dobrá-lo através de drogas?

Natália havia dado mais alguns passos, mas voltou-se, irritada:

— De que você está com medo desta vez?

Morrison sentiu vergonha. Será que as expressões de seu rosto eram tão transparentes assim?

— De nada — resmungou. — Só estou cansado de andar sem destino, de um lado para outro.

— E o que fez você pensar que caminhamos sem destino? Informei-o de que íamos ver Shapirov. Vamos! Já estamos chegando.

— Dobraram uma esquina do corredor e ela parou, junto a uma janela de vidro.

Do outro lado ele viu um quarto, com quatro camas. Só uma estava ocupada e havia várias pessoas em volta dela, além de equipamentos que ele não conseguia identificar. Uma profusão de tubos e vasos ligavam-se ao paciente. Morrison contou doze pessoas de uniforme.

Podiam ser médicos, enfermeiros, paramédicos.

— Aquele ali é o acadêmico Shapirov — apontou Natália.

— Qual deles? — Procurou reconhecer, entre os membros da equipe, o cientista que já vira antes.

— O da cama.

— Ele... ele está doente?

— Pior que doente. Está em coma. Há mais de um mês, e temos razões suficientes para acreditar que seu estado é irreversível.

— Sinto muitíssimo. Foi por isso que você usou a palavra "dizia"

no almoço?

— Foi. O Shapirov que conhecemos é hoje uma figura do passado.

A não ser que...

— A não ser que se recupere? Mas você mesma disse que seu estado é provavelmente irreversível.

— É verdade. Mas não ocorreu a morte cerebral. O cérebro foi atingido, é claro, senão não estaria em coma, mas não está morto. E Konev, que acompanhou detalhadamente o seu trabalho, Albert, acha que algumas cadeias do pensamento de Shapirov podem estar intactas.

— Ah! Estou começando a entender. Por que não me disseram logo? Se tivessem me explicado, desde o início, que queriam minha opinião sobre este caso talvez até viesse por minha própria conta e vontade! Mas, por outro lado, se eu examinar suas funções cerebrais e disser que Yuri Konev está certo, que diferença vai fazer?

— Nenhuma. Você ainda não entendeu nada. E só vou poder explicar o que quero quando você começar a entender nosso problema.

O que está enterrado, por assim dizer, nas porções do cérebro de Shapirov que ainda estão vivas?

— Seus pensamentos, acho eu.

— Para sermos mais precisos, seus pensamentos a respeito da relação entre a constante de Planck e a velocidade da luz. As idéias que podem fazer da miniaturização um processo rápido, barato e prático. De posse dessas idéias, poderíamos dar à humanidade uma técnica capaz de revolucionar a ciência, a tecnologia e a própria sociedade! Desde a invenção do transístor, nunca houve nada comparável. Talvez nem mesmo desde as descobertas do fogo!

Quem sabe?

— Você não está dramatizando um pouco?

— Não, Albert! Você não vê que, se conseguirmos relacionar a miniaturização a uma aceleração significativa da velocidade da luz, poderemos enviar espaçonaves a qualquer ponto do universo? Não precisaremos de velocidade maior que a da luz: a própria luz se moverá mais depressa a nosso serviço! E não vamos precisar da anti-gravidade: uma nave miniaturizada terá massa próxima de zero!

— Não consigo acreditar nisso.

— Até há pouco você não conseguia acreditar na miniaturização.

— Não é isso! Não disse que não acredito nos resultados da miniaturização.

Não acredito que a solução do problema esteja encerrada para sempre no cérebro de um só homem. Outras pessoas chegarão a ela; se não acontecer agora, acontecerá no ano que vem, ou na década que vem.

— Para você é fácil esperar, Albert. O problema é que, para nós, não haverá o ano que vem, que dirá a próxima década. Esta Gruta que você está conhecendo custa à União Soviética tanto quanto uma guerra limitada. Cada vez que reduzimos algum objeto, mesmo que seja só a Katinka, gastamos a mesma quantidade de energia que uma cidade grande consome durante um dia. Os nossos líderes começam a ver o projeto com desconfiança e muitos cientistas, por não perceberem o potencial da miniaturização ou por pura inveja, estão reclamando de que estamos drenando todos os recursos nacionais para a Gruta. Se não conseguirmos encontrar uma forma de reduzir drasticamente o custo da energia, tudo isto será abandonado!

— Mas, Natália, se vocês publicarem tudo o que já descobriram sobre o processo, entregarem relatórios à Sociedade Mundial para o Progresso da Ciência, cientistas de todo o mundo se interessarão e, mais cedo ou mais tarde,

alguém descobrirá a maneira de relacionar a constante de Planck e a velocidade da luz.

— É — retrucou ela. — E talvez o cientista que descobrirá a chave para a miniaturização a baixa energia seja um americano, um francês, um nigeriano, um uruguaio... Mas agora ela pertence a um cientista soviético. Não queremos perder o crédito.

— Você está esquecendo a comunidade científica internacional.

Não segmente as coisas desse jeito!

— Você falaria de outra forma se fosse um americano que estivesse à beira da descoberta e se eu dissesse que o crédito seria nosso.

Você estudou, em História, a reação dos americanos quando nós colocamos um satélite artificial em órbita pela primeira vez?

— Todos nós avançamos consideravelmente desde então.

— Certo. Avançamos muito. Mas quanto? O mundo ainda não é capaz de raciocinar como uma comunidade global. Ainda sobrevive muito orgulho nacionalista.

— Pior para o mundo! Mesmo assim, se não conseguimos constituir uma comunidade global, se o orgulho nacionalista ainda conta, então eu também posso ter o meu. Sou americano... por que vou compadecer-me dos soviéticos se eles em função disso perderem o crédito?

— Estou pedindo que entenda a importância dessa descoberta para nós. Ponha-se em nosso lugar, por um instante, e tente entender a razão do desespero em descobrir o que Shapirov sabe.

— Está bem, Natália. Eu entendo. Não concordo, mas entendo.

Agora, escute, por favor: entendi, está tudo bem... Mas o que vocês querem de mim?

— Queremos — disse ela, emocionada — que você nos ajude a descobrir os pensamentos de Shapirov. Os pensamentos que existem na parte do cérebro dele que ainda está viva.

— Como!? Não há nada na minha teoria que torne isso possível!

Mesmo supondo que as cadeias de pensamento existam de verdade, mesmo que as ondas cerebrais possam ser analisadas ao limite dos detalhes, mesmo que eu seja até capaz de às vezes, captar imagens mentais, que talvez sejam alucinações, fantasias... Mesmo com tudo isso, não há maneira de estudar as ondas cerebrais até o ponto de interpretá-las em termos de pensamentos!

— Nem mesmo se você puder analisar, detalhadamente, as ondas cerebrais de uma só célula nervosa, que faça parte de uma cadeia de pensamento?

— Não! É impossível analisar uma célula nervosa isolada com esse nível de detalhamento.

— Você está esquecendo que, miniaturizado, pode entrar na célula nervosa.

Morrison não respondeu. Ficou olhando para ela, de boca aberta, horrorizado. Natália havia mencionado qualquer coisa assim no primeiro encontro mas ele não dera a mínima atenção àquela idéia.

Bobagem, pensara. Uma idéia aterrorizante, mas que não passava de bobagem, uma vez que a miniaturização não tinha a mínima chance de existir. Mas sabia agora que ela existia. E o terror desabou sobre ele, deixando-o paralisado, inerte.

NÃO CONSEGUIU, nem naquele momento nem mais tarde, quando tentou pôr em ordem suas idéias, entender muito bem o que aconteceu em seguida. Sabia que não tinha exatamente desmaiado: tudo em volta apenas ficara fora de foco. Viu-se, de repente, deitado num sofá, com Natália debruçada sobre ele. Dezhnev, Sophia e Konev, um pouco atrás dela, demoraram um pouco mais para voltar ao foco normal. Esforçou-se para levantar o corpo mas Konev pôs a mão em seu ombro e o forçou a ficar na horizontal:

— Por favor, Albert, descanse um pouco mais, até se recuperar de todo.

Olhou para cada um dos soviéticos, completamente confuso.

Lembrava-se de que alguma coisa o havia assustado mas não conseguia lembrar bem o quê, — O que houve? Como vim parar aqui? — Tornou a examinar o lugar onde estava. Não, não era o mesmo. Lembrou que estivera observando um paciente num hospital, através de uma janela de vidro.

— Eu desmaiei?

— Não foi bem um desmaio — respondeu Natália. — Você ficou meio fora de si, como se estivesse em estado de choque.

Finalmente lembrou-se. Tentou erguer de novo o corpo, com muito mais energia, desta vez. Deu um tapa na mão de Konev, que tentava novamente mantê-lo deitado. Sentou-se no sofá, apoiando o peso do corpo nas mãos.

— Já estou me lembrando. Você queria me miniaturizar. O que fiz?

— Você ficou zonzo e caiu. Consegui trazê-lo até aqui de maca.

Todos acharam que não havia necessidade de medicação, só de um pouco de descanso.

— Medicação? — Examinou as veias do braço, como se esperasse encontrar marcas de picadas de agulha hipodérmica através da blusa de algodão.

— Nenhuma. Pode ficar tranqu?ilo.

— O que eu disse antes de desmaiar?

— Nada.

— Então vou dizer agora: não serei miniaturizado! Está claro?

— Está claro que você disse isso.

Dezhnev sentou no sofá, a seu lado, com uma garrafa cheia numa das mãos e um copo vazio na outra:

— Você está precisando disso. — Encheu o copo quase até a borda.

— O que é isso? — Morrison fez um gesto de que ia afastar o copo.

— Vodca. Não é remédio, é alimento.

— Eu não bebo.

— Sempre há uma primeira vez, meu caro Albert. E essa é uma ótima oportunidade para um pouquinho de vodca, mesmo em se tratando de um abstêmio.

— Não é por nenhuma razão moral. Não agu?ento bebida. Não preciso de álcool. Se eu tomar dois goles dessa coisa, fico bêbado em cinco minutos.

Dezhnev franziu a testa:

— Ué... E daí? Para que serve a bebida? Vamos lá... Se você consegue ficar bêbado gastando tão pouco, dê graças a seja lá quem for por isso. Há gente que gasta muito dinheiro para ficar nesse estado.

Uns golinhos só vão aquecer seu corpo, estimular a circulação periférica, aclarar suas idéias, melhorar sua capacidade de concentração. Vão até lhe dar coragem.

Sophia tentou sussurrar mas, mesmo assim, Morrison ouviu:

— O álcool não é capaz de fazer milagres.

Morrison voltou-se furioso para ela. Não parecia tão bonita quanto antes. Havia qualquer coisa dura e cruel em seu rosto:

— Nunca disse a ninguém que sou um homem corajoso. Nunca disse a ninguém que estava disposto a ajudá-los. Desde o início, venho dizendo que nada posso fazer por vocês. Como todos devem estar sabendo, cheguei aqui contra a minha vontade. Não devo nada a vocês!

Natália interrompeu:

— Calma, Albert. Você está tremendo. Tome um golinho de vodca.

Você não vai ficar embriagado com um gole, e nós não o forçaremos a beber mais.

Como se quisesse demonstrar coragem, Morrison tomou o copo de Dezhnev e bebeu um gole. Sentiu a garganta queimar um pouco, mas só por um momento. O gosto era ligeiramente adocicado. Tomou outro gole, maior, e devolveu o copo. Dezhnev o colocou junto à garrafa, numa mesinha ao lado do sofá. Morrison tentou falar mas só conseguiu tossir. Respirou fundo, pigarreou um pouco.

— Até que não é tão ruim... Me dê um pouco mais, Arkady, por favor.

Dezhnev esticou o braço mas Natália não deixou:

— Não. Já chega. Não queremos que você se embriague, Albert.

Só queremos que você se recupere um pouco para podermos conversar.

Morrison sentiu o calor irradiando em seu corpo, a partir do estômago, como nas poucas vezes em que se permitira, em reuniões sociais, um pouco de

sherry ou um martíni. Sentiu-se perfeitamente apto a demolir qualquer argumento de Natália:

— Está bem. Fale.

— Ninguém disse que você nos deve coisa alguma, Albert. Pelo contrário, lamento muito que tudo isto tenha acontecido com você, pois sabemos que não é nenhum atleta, nenhum aventureiro. Por essas razões fomos deixando que soubesse as coisas aos poucos... Alimentei até a esperança de que você compreendesse sozinho, sem precisar de nossas explicações.

— Ilusão sua, uma maluquice como essa jamais passaria pela minha cabeça.

— Mas você entende nosso problema, não entende?

— Entendo. Só que este não é um problema meu.

— Você pode fazer isso em prol da comunidade científica mundial.

— A comunidade científica mundial é uma abstração que eu admiro muito mas por quem não tenho a menor intenção de arriscar minha pele, que é absolutamente concreta. E o que lhes preocupa é que a ciência soviética esteja correndo perigo, e não a ciência mundial.

— Então pense na ciência americana — retrucou Natália. — Se você nos ajudar, será lembrado eternamente como um membro da equipe vitoriosa. Será americano-soviética a vitória.

— Vocês divulgariam a minha participação ou essa descoberta entraria para os anais como uma conquista exclusivamente soviética?

— Você tem a minha palavra — assegurou Natália.

— Você não representa o governo soviético.

— Que coisa horrível! — Sophia exclamou. — Ele julga nosso governo pelo dele.

— Espere, Natália — disse Konev. — Permita-me que eu tenha uma conversinha de homem para homem com nosso amigo americano.

— Sentou-se ao lado dele: — Albert, faço-lhe um apelo em nome de seu próprio trabalho O que você conseguiu ate agora?

Muito pouco. Não convenceu ninguém em seu próprio país e não tem a menor chance de convencer, enquanto se ativer aos instrumentos de que dispõe. Estamos lhe oferecendo um instrumento melhor, com o qual você nem de leve sonhava há três dias atrás, e nunca mais você terá outra chance para experimentá-lo se não aceitar agora. Albert, estamos lhe oferecendo a oportunidade única de abandonar as especulações românticas e chegar a provas total mente convincentes. Faça o que estamos lhe pedindo e você será, da noite para o dia, o neurofísico mais famoso do mundo.

— Vocês estão querendo que eu arrisque a vida numa experiência para a qual nunca me senti atraído.

— Isso não é nenhuma novidade. Ao longo de toda a História houve cientistas que se arriscavam em suas pesquisas. Houve gente que se alçou aos ares em balões, que mergulhou no mar em esferas metálicas primitivas. Químicos arriscaram a vida com tóxicos e explosivos.

Biólogos com substâncias patogênicas. Médicos se inocularam com vírus, físicos experimentaram reações nucleares que não conheciam direito, sabendo apenas que uma explosão poderia acabar com eles, ou com todo o resto do planeta.

— Vocês estão blefando — resmungou Morrison outra vez. — Vocês nunca admitiriam publicamente a participação de um americano nessas pesquisas. Como posso acreditar, se vocês próprios confessam que todo esse desespero surge do medo de que a União Soviética perca o crédito da descoberta?

— Vamos ser honestos, Albert — respondeu Konev. — Não poderíamos em hipótese alguma esconder sua participação, ainda que quiséssemos. O governo americano sabe que você se encontra aqui. Sabemos que eles sabem. Você também sabe. Se eles nada fizeram para impedir a sua vinda foi por que queriam que você viesse.

Eles sabem, ou pelo menos desconfiam, por que necessitamos de sua presença, como também sabem que publicaremos sua participação, se tudo correr bem. É claro que eles tomarão as providências necessárias para que os Estados Unidos, através de você, recebam o crédito que lhes é devido.

Morrison abaixou a cabeça e ficou em silêncio. Sentia uma ponta de dor de cabeça, por causa da vodca. Não precisava levantar os olhos para saber que havia

quatro pessoas lhe observando e que, provavelmente, a esta altura estavam quase sem fôlego. Levantou o rosto:

— Quero fazer uma pergunta: como Shapirov entrou em coma?

Houve uma longa pausa. Além dos seus, três pares de olhos se voltaram para Natália.

Morrison insistiu:

— Como foi?

— Vou lhe dizer a verdade, Albert, mesmo contra nossos próprios interesses. Se eu mentisse, você teria razão para não acreditar mais em nossas palavras. Pode ser que, ao constatar que falamos a verdade, você nos dê mais crédito. O acadêmico Shapirov está em coma, Albert, porque ele foi miniaturizado, da mesma forma como esperamos que você seja. Ocorreu um pequeno acidente na ocasião de sua restauração. Parte do cérebro dele foi destruída — e parece que de forma irreversível. Isso pode acontecer. Está vendo? Nada escondemos de você. Reconheça que estamos sendo absolutamente honestos e diga que vai nos ajudar.

CAPÍTULO 6

A DECISÃO

Sempre podemos ter a certeza de que a decisão que tomamos foi a errada.

Dezhnev (pai)

MORRISON finalmente levantou-se do sofá. Sentiu-se um pouco tonto, mas não sabia se por causa da vodca ou da tensão daquele dia ou da última revelação de Natália. Também não lhe interessava saber.

Bateu os pés no tapete, para lhes dar um pouco de firmeza, e começou a andar lentamente, de um lado para outro. Parou em frente a Natália e disse com voz dura:

— Você miniaturiza uma coelha e se dá por satisfeita porque não acontece nada com ela. Já lhe passou pela cabeça que o cérebro humano é a matéria mais complexa que conhecemos e que talvez não resista a experiências que parecem não ter nenhum efeito sobre outros objetos?

— Passou. — Natália respondeu com firmeza. — Mas todas as nossas investigações indicam claramente que a miniaturização não tem efeito nenhum sobre as relações interiores do objeto do processo.

Teoricamente o cérebro humano não pode ser afetado por ela.

— Teoricamente! — Morrison repetiu, com desdém. — Como foi que, baseados apenas em teorias, vocês tiveram a coragem de fazer experiências com o Shapirov cujo cérebro parece possuir um valor incomensurável para vocês próprios? E como é que, depois de um tão lamentável acidente, você tem coragem de propor outra experiência comigo, para remendar o estrago que já fizeram? É claro que fracassarão comigo também! Não aceitarei isso, em hipótese alguma.

Foi Dezhnev quem respondeu:

— Não diga bobagens. Não somos malucos. Nada de impensado fizemos, nem tampouco agimos de forma irresponsável. A culpa foi do Shapirov.

— De certa forma, Arkady tem razão — acrescentou Natália. — Shapirov era muito excêntrico. Você mesmo o chamou de "Pete, o Maluco", não foi? Talvez não tenha exagerado demais. Ele estava louco para provar o processo de miniaturização. Dizia estar ficando velho e não queria fazer como Moisés, que avistou a Terra Prometida e não entrou nela.

— Você podia ter evitado!

— Eu! Proibir Shapirov de fazer o que queria? Você está brincando!

— Vocês todos! O seu governo... Se a miniaturização é tão preciosa para a União Soviética.

— Ele ameaçou abandonar o processo se não fizéssemos sua vontade, e este era um risco por demais alto para nós. E nosso governo já não mais dispensa aos cientistas o mesmo tratamento autoritário de antigamente. Da mesma forma que o seu governo, o nosso também leva em conta a opinião pública mundial. É o preço que pagamos pela cooperação internacional que recebemos. Se uma coisa é boa ou não, não sei dizer. Só sei que Shapirov acabou sendo miniaturizado.

— Que maluquice! — Morrison resmungou.

— Não. Não foi maluquice. Tomamos todas as precauções. Apesar do custo abusivo de cada experiência, apesar dos faniquitos do Comitê Coordenador, brigamos ferrenhamente até conseguir os cuidados que acreditamos indispensáveis. Reduzimos dois chimpanzés e, nessas duas vezes, não detectamos neles a mais tênue mudança quando revertemos o processo. Realizamos estudos comportamentais os mais detalhados, acompanhamos as imagens cerebrais por ressonância magnética.

— Um chimpanzé não é um ser humano!

-— Sabemos disso — respondeu ela gravemente. — Por isso o passo seguinte foi miniaturizar um ser humano. Um voluntário: Yuri Konev.

— Havia de ser eu — completou Konev. — Para começar, eu possuía muito mais certeza do que todos os outros de que o cérebro humano não seria afetado. O neurofísico da equipe sou eu, e todos os cálculos foram meus. Não podia

permitir que qualquer outra pessoa submetesse sua saúde mental a uma experiência baseada nos meus cálculos e na minha confiança. Morrer é uma coisa... Todos morreremos mais tarde ou mais cedo. Mas a sanidade mental é algo muito mais sério.

— Muito corajoso... — sussurrou Sophia, de olhos baixos. — Um ato de heroísmo típico de um grande cidadão soviético. — Seus lábios tremeram um pouco, como se fosse fazer uma careta.

Konev a ignorou e continuou olhando Morrison nos olhos:

— Sou um cidadão leal à União Soviética, mas meus motivos nada tiveram a ver com o nacionalismo, que, no caso, seria irrelevante.

Agi assim por uma questão de decência e ética científica. Possuía total confiança em minhas análises... Que valor elas teriam, se eu não estivesse pronto a me arriscar por elas? E há outra coisa: quando a miniaturização for publicada, entrarei para a História como o primeiro ser humano submetido ao processo! Só assim superarei o prestígio de meu bisavô, que lutou contra os nazistas na Grande Guerra Patriótica. E isto eu quero, não pela glória, mas para provar minha crença de que às conquistas para a paz são maiores que as conquistas para a guerra.

— Bom... — interrompeu Natália. — Vamos deixar os ideais de lado e voltar aos fatos. Yuri foi miniaturizado duas vezes. Na primeira, foi reduzido à metade e restaurado, sem qualquer consequ?.ncia.

Na segunda, ficou do tamanho de um camundongo. E, de novo, nada sofreu com a reversão do processo.

— E aí foi a vez de Shapirov?

— Foi a vez de Shapirov. Não foi fácil. Brigou como um demônio porque queria ter a honra da primeira miniaturização no ser humano. Brigou muito mais ainda quando perdeu a segunda chance, muito mais drástica. A partir daí, não conseguimos mais controlá-lo. Não só nos obrigou a submetê-lo ao processo, mas também nos ameaçou: se não o miniaturizássemos muito mais do que a Konev, abandonaria o projeto, fugiria do país e reiniciaria os estudos em algum outro lugar do mundo. Não tivemos escolha. Se “Pete, o Maluco”, como você o chama, estava suficientemente maluco para pensar em emigrar, não

tínhamos outro recurso. Seria um golpe duro para o governo e não queríamos vê-lo na prisão; miniaturizamos Shapirov ao tamanho de uma célula.

— E assim foram ultrapassados os limites de segurança.

— Não. Temos todas as razões do mundo para acreditar que, mesmo reduzido a tal extremo, ele estava perfeitamente íntegro. Foi na reversão do processo que aconteceu um acidente. Acho que permitimos uma desminiaturização um pouco rápida demais e sua temperatura subiu também demais. Não foi uma febre alta o suficiente para matá-lo, mas bastou para danificar seu cérebro de forma permanente. Poderíamos ter evitado, através de medicamentos, mas fomos obrigados a esperar pelo fim do processo. Foi uma catástrofe!

Tudo o que podemos fazer, agora, é tentar resgatar o que precisamos daquilo que sobrou de seu cérebro.

— Da mesma forma pode ocorrer outro acidente — não é assim que você nomeia esse acontecimento? —, se eu for miniaturizado, não pode?

— Pode. Não posso negar que pode. A história da ciência está cheia de acidentes e fracassos. Acho que não preciso mencionar o número de astronautas mortos em missões, tanto do seu país quanto do nosso. E não foi isso que nos impediu de criar as colônias lunares e a própria conquista do espaço: a esperança de um novo lar para a humanidade.

— Não vou discutir essa questão. Acrescento, contudo, que todos os desenvolvimentos espaciais foram obtidos com voluntários.

Ninguém foi enviado ao espaço contra a vontade. E eu não me apresento como voluntário!

— Não precisa ficar tão amedrontado, Albert! Fizemos tudo que foi possível para a sua segurança. Além disso, você não vai sozinho.

Konev e Shapirov foram sozinhos, tão desprotegidos quanto a coelha, porque foram num campo de miniaturização envolto apenas em ar. Você, não! Você vai numa nave, uma espécie de submarino adapta do. A nave, aliás, também já foi miniaturizada, sem nada sofrer.

Reduzir objetos inanimados é um pouco mais barato, porque, na reversão, não há tanta preocupação com a elevação da temperatura.

Este processo foi, aliás, muito vantajoso porque contribuiu para testarmos a resistência e a estabilidade de todos os componentes da nave.

— Natália, eu não irei! Nem sozinho nem com todo o Exército Vermelho me fazendo companhia!

Ela o ignorou completamente:

— Seremos cinco na nave; você, eu, Sophia, Yuri e Arkady. Por isso quis que você conhecesse todos os três. Somos todos companheiros e estaremos juntos na maior viagem exploratória de todos os tempos! Não atravessaremos um oceano nem mergulharemos no vácuo espacial. Navegaremos um oceano microscópico e penetraremos no cérebro humano. Será que algum cientista, um neurofísico, pode resistir a uma idéia como essa?

— Claro! Eu resisto. Ë fácil. Não vou!

— Seu programa está conosco — disse Natália. — Você o leva sempre consigo, não é? Estava com ele no bolso quando foi... trazido.

A bordo da nave vai haver um computador exatamente igual ao que você usa em seu laboratório. Vai ser uma viagem curta. Todos vamos ser miniaturizados, ou seja, vamos correr os mesmos riscos.

Você vai captar e registrar, com o programa, todas as sensações que conseguir. Aí é só voltar ao normal e pronto!... Sua parte terá terminado.

Vamos, Albert, diga que sim! Diga que aceita.

Morrison cerrou os punhos e quase gritou:

— Não! Eu não aceito!

— Que pena, Albert... — lamentou Natália. — Você deu a resposta errada. Nós não a aceitamos.

O CORAÇÃO de Morrison disparou de novo. Se tudo aquilo estava para se tornar um mero confronto de vontades, ele não estava muito certo de que conseguiria dobrar aquela mulher que, apesar da voz macia e das maneiras suaves, parecia de aço. E, o que era mais grave, ela, por sua vez, tinha atrás de si todo o aparato governamental soviético. Ele estava sozinho. Respondeu, desesperado:

— Vocês são uns românticos e você sabe disso muito bem. Como é que podem garantir que existe uma relação entre a constante de Planck e a velocidade da luz? Sabem apenas que Shapirov afirmou qualquer coisa a esse respeito uma vez, não é? Ele apresentou detalhes? Alguma prova? Alguma explicação mais detalhada? Análises matemáticas? Nada mais foi que um pouco de especulação criativa!... — Tentou ostentar autoconfiança. Se Shapirov tivesse apresentado qualquer coisa um pouco mais concreta, afinal de contas eles não se veriam obrigados àquela tentativa desesperada de explorar seu cérebro.

Antes de responder, Natália trocou olhares com Konev. Finalmente falou, de maneira firme:

— Pretendemos continuar seguindo nossa linha: só lhe dizemos a verdade nua e crua. Você calculou certo. Só podemos contar com os comentários e as especulações de Shapirov. Ele tinha a mania de guardar suas idéias e teorias em segredo até surpreender-nos com fatos consumados. Era até um pouco infantil nessas coisas... Podia ser mais uma de suas excentricidades ou mais uma das manifestações de sua genialidade ou as duas coisas.

— Mas como você pode garantir, nessas circunstâncias, que uma especulação dessas, sem qualquer apoio lógico, pode ter qualquer validade?

— Quando o acadêmico Shapirov dizia: "eu sinto que tal coisa é de tal e tal maneiras", mais tarde ou mais cedo a confirmação acabava aparecendo.

— Ah! Deixe disso! Sempre?

— Quase sempre.

— Quase sempre! E se ele errou desta vez?

— Sou obrigada a reconhecer que ele pode ter errado.

— E, mesmo que ele tenha intuído ou descoberto alguma coisa útil, o que é que impede que tal coisa esteja na parte do cérebro que foi destruída?

— Pode ser, também.

— E se tal coisa estiver na parte do cérebro que sobreviveu, quem garante que eu saiba interpretá-la?

— Não temos nenhuma garantia.

— Para resumir, então: a sugestão de Shapirov pode estar errada; se não estiver, pode estar inacessível; se estiver acessível, posso não ser capaz de interpretá-la. Que chances de sucesso vocês têm? Você não está vendo que acabaremos arriscando nossas vidas por um objetivo quase certamente impossível?

— De forma totalmente objetiva — respondeu Natália —, nossas chances são mínimas. Mas, se não arriscarmos nossas vidas, a chance é nenhuma, é um zero absoluto, Correndo o risco, sou a primeira a admitir que a probabilidade é muitíssimo pequena, mas não é igual a zero. Só por isso, por essa pequena diferença, acho que devemos nos arriscar, — A relação entre risco e probabilidade é ridícula, para mim.

Natália descansou a mão no ombro dele:

— Tenho certeza de que esta não é a sua decisão final.

— Tenho certeza absoluta de que é!

— Pense bem... Pense no que isto significa para a União Soviética!

Pense como seu país será beneficiado a partir do momento em que publicarmos os resultados! Os benefícios para a ciência em todo o mundo! A sua fama, a sua reputação! Seu único argumento contra tudo isto é o medo. Eu até compreendo, Albert, mas não se consegue realizar nada na vida sem se vencer o medo.

— Já pensei bem. Continuar pensando não vai me fazer mudar de idéia.

— Pense até amanhã cedo, pelo menos. Até lá são umas quinze horas, mais ou menos. É todo o tempo que podemos desperdiçar.

Equilibrar medos com esperanças é um trabalho que pode levar a vida inteira. E, neste caso, nós não temos a vida inteira. O coitado do Shapirov pode passar até dez anos em coma, mas não sabemos por quanto tempo o que sobrou de seu cérebro ainda vai reter as idéias.

Não podemos esperar mais.

— Não posso e não quero me preocupar com problemas que são de vocês.

Natália continuou falando no mesmo tom suave, como se fosse incapaz de ouvir as recusas e os argumentos do americano:

— Por enquanto, é só. Não vamos insistir mais. Jante sossegado, quando chegar a hora. Depois, veja um pouco de holovisão, ou leia; pense e durma bem. Arkady vai com você para o hotel. Qualquer dúvida, é só perguntar a ele.

Morrison fez que sim com a cabeça.

— E, Albert, amanhã de manhã você nos dirá qual a sua decisão.

— Posso dizê-la agora, pois não mudarei de idéia: é não.

— Não, não. A decisão tem que ser juntar-se a nós e nos ajudar.

Faça o favor de decidir assim, porque não há outro jeito, e ficará muito mais fácil para você e para todos nós se se decidir voluntariamente, de boa vontade.

O JANTAR acabou sendo mesmo sossegado, mas não muito satisfatório, porque ele mal conseguiu beliscar a comida. Dezhnev, por sua vez, nem percebeu que seu companheiro à mesa perdera o apetite:

comeu com vontade, falando sem parar, contando uma infinidade de anedotas, em que seu pai era sempre a personagem principal.

Parecia encantado por ter encontrado um ouvinte novo. Morrison sorriu algumas vezes, sem prestar a mínima atenção. Pelo tom de voz do outro, identificava os momentos culminantes e sorria.

Valeri Paleron, a mesma copeira do café da manhã, ainda estava a postos. Longa jornada de trabalho, pensou ele, mas que podia resultar ou do desejo de uma remuneração maior ou em virtude de suas atividades não-oficiais. A cada vez que se aproximava da mesa, a mulher lançava olhares furiosos para Dezhnev, parecendo discordar das anedotas, um tanto desrespeitosas ao regime soviético.

Morrison não se sentia muito feliz com os rumos do próprio pensamento.

Agora que começara a levar a sério a possibilidade, ainda remota, de deixar de vez a Gruta, Malenkigrad, e a própria União Soviética, começou a ter também um estranho sentimento de perda.

Surpreendeu-se desejando conhecer melhor o processo de miniaturização.

Pensou que seria bom poder usá-lo para provar suas próprias teorias, forçar os cretinos arrogantes que as haviam rejeitado a lhes darem o valor

devido. Percebeu que, dentre todos os argumentos de Natália, aquele fora o único que calara fundo. Todo o restante, a grandeza da ciência, de uma nação ou de outra, não passava de retórica vazia. A sua posição na comunidade científica era outra coisa. Sentia o sangue ferver quando pensava nela. Valeri retirou qualquer coisa da mesa e ele quis saber:

— Até que hora você trabalha aqui?

— Até que os últimos grão-duques, que, por acaso, hoje são vocês, resolvam ir embora.

— Não há pressa nenhuma — disse Dezhnev, esvaziando o copo de vodca. Já estava ficando com o rosto vermelho e a voz um pouco pastosa. — Gosto tanto da camarada copeira que sou capaz de ficar aqui até o Volga secar, só para poder olhar para ela.

— Desde que eu não seja obrigada a ficar olhando para sua cara, tudo bem — respondeu Valeri.

Morrison tornou a encher o copo de Dezhnev e lhe perguntou:

— O que você acha da doutora Boranova?

O outro ficou com os olhos parados, sem pegar o copo. Respondeu com ar grave:

— Ouvi dizer que ela não é das melhores, como cientista, mas é uma excelente adminin... administradora. Atenta, firme, toma decisões rápidas. É absolutamente incorrupível... eh, quer dizer... incorruptível.

Ou seja, um pontapé nos... Quando o administrador é incorrup... é honesto demais, inferniza a vida de todo mundo com milhões de detalhezinhos. É louca pelo Shapirov, também. Acha que ele é incontro... incontrovertível! É isso!

Morrison começou a ter dificuldades com o russo falado naquelas condições e tentou confirmar:

— Você quer dizer que ela acha que ele está sempre certo?

— Isso! Se ele diz que sabe como fazer a miniaturização ficar mais barata, ela acredita e não se discute mais. Yuri Konev é a mesma coisa.

Mas quem vai fazer você se enfiar no cérebro do Shapirov é a Boran...

Boranova! Não sei como, mas vai. Agora, aquele chato do Yuri...

aquele é o verdadeiro cientista da equipe! Brilhante. Brilhante!

— Respirou fundo e recomeçou a beber, com ar solene.

— Ele é um sujeito interessante — disse Morrison, acompanhando com o olhar os movimentos do copo. — E a moça, a Sophia Kaliinin?

— Uma gracinha! — Fez uma careta de conquistador barato. Sacudiu a cabeça, em seguida, com ar de tristeza. — Mas não tem um pingo de senso de humor.

— É casada, não é?

— Não! — Dezhnev sacudiu a cabeça veementemente, com muito mais energia do que o assunto parecia merecer.

— Ela me disse que tem uma filhinha.

— E tem, mesmo. Mas não é a assinatura na certidão que engravida.

São aquelas brincadeirinhas que se faz na cama.

— E o governo puritano da União Soviética permite isso?

— Não. Mas acho que ela nunca pediu permissão. — Começou a rir, muito alto. — Além disso, o fato de trabalhar como cientista em Malenkigrad dá umas prerro... prerro.

— Prerrogativas. Fiquei com a impressão de que ela está muito interessada no Konev.

— Você também percebeu, é? Não precisa ser nenhum gênio. Está tão interessada que fica cada vez mais claro que sua filhinha é resultado da colaboração do Yuri naquelas brincadeirinhas às quais me referi.

— É mesmo?

— Ele diz que não. E fica furioso quando alguém pergunta. É até engraçado que, apesar do mal-estar geral, ele seja obrigado a trabalhar junto com ela. Os dois são indispensáveis ao projeto. O único jeito, para ele, é fingir que ela não existe.

— Reparei que ele nunca olha para ela. Mas já devem ter sido amigos, pelo menos uma vez.

— Muito amigos, pelo que ela conta. Só que devem ter sido muito discretos. Mas... que diferença faz tudo isso? Ela não precisa dele para cuidar da criança. Ganha muito bem e a creche toma conta da menina enquanto ela trabalha. O problema dela é só emocional.

— Por que será que se separaram?

— Quem vai saber? Os amantes levam suas brigas a sério demais.

Eu nunca me apaixono... não desse jeito romântico. Se gosto de uma garota, brinco com ela. Quando chateia, sigo em frente. É uma sorte que todas as mulheres que eu encontro sejam tão prag...

pragmáticas! Boa palavra essa, bem? Eu também sou pragmático!

E aí nunca me meto em encrencas. Como costumava dizer meu pai:

"mulher boa é mulher que não chateia". Para dizer a verdade, às vezes acontece de uma ou outra se cansar de mim antes que eu me canse. Mas... e daí? Quando elas cansam, eu também me canso.

Sempre há alguma outra por perto.

— O Yuri deve ser igual a você, não é?

Dezhnev esvaziou o corpo e protestou quando Morrison fez menção de reabastecê-lo:

— Não, não! Já bebi demais!

— Nunca é demais — replicou o outro, com toda a calma. — Mas você estava me falando do Yuri.

— O que dizer? Ele não é de andar atrás de mulheres... Mas eu ouvi dizer... — Encarou Morrison, com os olhos parecendo um pouco fora de foco.

— Você sabe como é, não é? Um sujeito diz para o outro, que torna a dizer para outro... No fim, a gente não sabe se a história é a mesma do começo. Mas eu ouvi dizer que, quando estava nos Estados Unidos, ele ficou conhecendo uma americana... Entrou La Belie Americaine e saiu a pobrezinha da nossa Sophia

soviética... Pode até ser. Pode ser que ele tenha voltado diferente, pode ser que ainda sonhe com o amor perdido do outro lado do oceano.

— É por isso que a Sophia tem tanta má vontade com os americanos?

Dezhnev fixou os olhos na vodca, enquanto tomava um gole, lentamente.

Em seguida, encarou Morrison e inclinou o corpo na direção dele, o hálito pesado de comida e bebida:

— A nossa Sophia jamais gostou de americanos. Mas para mim isso não é surpresa. Não é fácil gostar de americanos... Espero que você não se ofenda...

— Não me ofendo, não — disse Morrison.

A cabeça de Dezhnev foi tombando aos poucos, até se aninhar no braço direito, estendido sobre a mesa. Começou a roncar. Morrison esperou alguns minutos. Quando teve certeza de que o outro não se movia, chamou a copeira com um gesto. Ela atendeu de imediato, sacudindo os quadris amplos a caminho dos dois. Encostou-se à mesa, olhando para o inconsciente Dezhnev com ar de desprezo:

— E aí? Você quer que eu traga uma pá e um balde para carregar o nosso príncipe até a cama dele?

— Ainda não, senhorita Paleron. Como você sabe, eu sou americano.

— Como todo mundo sabe. Você fala duas ou três palavras e até as cadeiras e mesas aqui do salão dizem entre si: “esse aí é americano”.

Morrison fez uma careta. Sempre se orgulhara da pureza de seu russo e, pela segunda vez, a mulher zombava de seu sotaque. Ignorou a zombaria e continuou:

— Fui trazido para cá contra a vontade, à força. Acredito que isto aconteceu sem o conhecimento do governo soviético, que nunca aprovaria uma coisa destas. Tenho certeza de que a teria evitado, se soubesse. As pessoas daqui agiram por conta própria, sob as ordens da doutora Boranova, aquela que você chamou de Czarina, O governo soviético tem que ser informado de tudo isto, para me enviar de volta com urgência e, assim, evitar um incidente internacional que não seria bom para ninguém. Você concorda comigo?

A copeira espalmou as mãos nos quadris:

— E o que pode interessar a alguém, aqui ou nos Estados Unidos, se eu concordar ou não com você? Tornei-me agora diplomata? Ou será que eu sou a reencarnação do Czar Pedro, o Grande Bêbado?

— Você pode fazer com que seu governo fique sabendo. — Morrison sentiu-se de repente completamente inseguro. — Depressa!

— Que você está pensando, americano? Que tenho um amante que é membro do Soviete Supremo? É só chegar para ele e contar, e fica tudo bem para você, não é? Que tenho eu a ver com o governo?

E tem mais: estou falando sério, camarada estrangeiro! Não quero que fale comigo desse jeito de novo! Muitos cidadãos decentes, leais, já se viram comprometidos por terem acreditado em intrigantes estrangeiros. O que eu vou fazer, fique sabendo, é contar tudo isso à camarada Boranova agora mesmo! E tenho certeza de que ela não consentirá que você me insulte desse jeito outra vez.

Marchou furiosa para fora do refeitório. Morrison a acompanhou com o olhar, completamente sem ânimo. Foi então que ouviu a voz de Dezhnev, que o fez saltar da cadeira:

— Albert, Albert... Satisfeito agora, menino? — A voz tinha voltado ao normal, sem sombra sequer do tom pastoso anterior. Estava recostado confortavelmente na cadeira. Apenas seus olhos estavam um pouco avermelhados. — Fiquei curioso para descobrir por que você estava tão empenhado em encher meu copo e resolvi descansar a cabeça um pouquinho. Foi muito interessante!

— Você não está bêbado? — Morrison não encontrou outra coisa para dizer.

— Já estive mais sóbrio muitas vezes na vida, não há dúvida. Mas não estou inconsciente. Nunca estive. O problema é que vocês, que não bebem, exageram a rapidez com que um bom cidadão soviético pode apagar-se com a bebida. O que demonstra como não beber é perigoso.

Morrison estava mais intrigado ainda com a reação da copeira:

— Foi você quem falou que ela é agente do governo...

— Falei? — Dezhnev deu de ombros. — Disse que desconfiava que fosse. Às vezes a gente desconfia errado. Além disso, ela me conhece bem melhor que você, coitado, e provavelmente percebeu que eu não estava bêbado. Aposto dez

rublos contra um copeque que ela sabia muito bem que eu estava prestando uma bruta atenção.

Que você queria que ela fizesse, numa situação como essa?

— Mas, neste caso — Morrison animou-se de novo —, já que ouviu tudo o que eu disse, relatará esse acontecimento às autoridades do seu governo. E elas, como não desejam provocar um incidente internacional, ordenarão a vocês que me soltem, provavelmente com um pedido oficial de desculpas. E serão vocês quem vão ter de explicar um monte de coisas. Melhor para vocês é me mandarem de volta, por vontade própria.

Dezhnev deu uma risada:

— Não desperdice seu talento no papel de conspirador. Você faz uma idéia muito romântica do nosso governo. Pode até ser que um dia eles mandem você de volta, mas, com ou sem incidentes internacionais, só depois de nós o termos miniaturizado.

— Não acredito que qualquer autoridade responsável esteja sabendo que vocês me sequ?estraram. E que, quando ficar sabendo, não reprovará.

— Pode ser que eles não saibam. Pode até ser que fiquem furiosos quando souberem. Mas o que eles vão poder fazer? O governo já investiu demais no projeto para deixar você ir embora antes que ele tenha uma chance de viabilizá-lo, de pagar tudo o que já foi gasto, e mais um pouco. Não é lógico?

— Não! Porque eu não vou ajudá-lo. — Morrison encheu-se novamente de determinação, — Não vou deixar vocês me miniaturizarem.

— Isso é problema da Natália. Ela ficará furiosa e não terá pena de você. Não percebe que você tentou friamente fazer intrigas com todos os participantes do projeto e o governo? Podemos ser afastados, ou até coisa pior pode acontecer conosco. E você fez isso depois de nós o termos tratado tão bem, com toda a consideração e gentileza...

— Vocês me sequ?estraram!

— Mas com toda a consideração e gentileza... Alguém machucou você? Alguém o maltratou? Você é que tentou nos prejudicar.

Vai ter de se explicar com a Natália.

— Como? Pancadas, torturas, drogas?

— Como você conhece mal a nossa Natasha! Ela não é dessas coisas. Eu até seria capaz, mas ela, nunca! Ela é tão delicada e bemintencionada quanto você, meu caro, à maneira dela. Mas esteja certo de uma coisa: Natália vai forçá-lo a colaborar.

— De que jeito?

— Não sei. Nunca consegui descobrir como ela faz essas coisas.

Mas não tenho a menor dúvida de que conseguirá. — Seu sorrisinho foi se transformando em um esgar.

Morrison não respondeu. Ao ver a certeza estampada na cara de lobo de Dezhnev, sentiu que não teria como escapar.

OS DOIS VOLTARAM à Gruta na manhã seguinte. Foram direto a uma sala ampla, sem janelas, com iluminação somente no teto, que Morrison ainda não conhecia. Nada tinha a ver com o escritório de Natália e fora projetada ostensivamente para impressionar quem a visitasse. Natália estava sentada em uma escrivaninha enorme e pesada.

Na parede, às suas costas, havia uma foto emoldurada do principal dirigente soviético, com uma expressão carregada e solene.

No canto, à esquerda, estava um bebedouro e, no canto oposto, um arquivo de microfilmes. Sobre a mesa havia um pequeno processador de textos. E mais nada, em todo o amplo espaço da sala.

— Pronto, aqui está ele — disse Dezhnev. — O nosso conspirador tentou usar a encantadora Valeri Paleron para nos intrigar com o pessoal do governo, para ver se conseguia fugir.

— Eu já recebi o relatório — respondeu ela, em voz baixa. — Vá embora, por favor, Arkady. Quero ficar sozinha com o professor Albert Morrison.

— Você acha seguro?

— Acho que sim. Albert não é homem de violência, pelo que conheço dele, O que acha, Albert?

— Vamos deixar de brincadeiras. — Foi a primeira frase dita por ele, desde a noite anterior. — O que você quer, Natália?

Ela fez um gesto de comando e Dezhnev saiu. Quando a porta se fechou, ela perguntou:

— Por que você fez isso? Por que tentou conspirar com uma pessoa que você desconfia que é agente de segurança? Será que o tratamos tão mal assim?

— Trataram! — Ele respondeu com raiva. — Será que vocês nunca entenderão que não gostei de ter sido sequ?estrado e trazido para cá à força? Vocês querem o quê, de mim? Gratidão? Obrigado por não terem quebrado minha cabeça, mas tenho certeza de que não o fizeram porque precisavam dela inteira.

— Se não precisássemos dela inteira, como você diz, nós o teríamos deixado sossegado. Você sabe disso, como sabe que agimos premidos pela necessidade, Já explicamos tudo, com todo o cuidado.

Se você tivesse apenas tentado fugir, eu teria entendido. Mas com a tentativa que fez poderia ter destruído nosso projeto e até a nós mesmos, talvez. Você queria que o governo reprovasse nossos atos e se irritasse. Se conseguisse, o que aconteceria conosco?

Morrison apertou os lábios e resmungou:

— Não achei nenhuma outra forma de tentar fugir. Você falou em necessidades prementes. As minhas também são.

— Albert, fizemos tudo o que pudemos para que aceitasse colaborar conosco. Não usamos força, ameaças, não fizemos nada desagradável com você desde a sua chegada. Não é verdade?

— Acho que é.

— Acha que é? É verdade! Mas não deu certo. Você ainda se recusa a ajudar, não é?

— Recuso e continuarei recusando.

— Então serei forçada, contra a minha própria vontade, a dar o próximo passo.

Morrison sentiu o coração perder o ritmo, com o medo, mas fez um esforço desesperado para parecer desafiador:

— E que passo é esse?

— Você quer voltar para os Estados Unidos. Muito bem. Já que nossas tentativas de convencê-lo fracassaram, você voltará.

— Você está falando sério?

— Você parece surpreso.

— Estou surpreso. Mas aceito. Vou acreditar em sua palavra.

Quando posso ir embora?

— Assim que concordarmos sobre a versão que será divulgada.

— Qual é o problema? Digam a verdade...

— Isso vai ser difícil, Albert. Meu governo ficaria em má situação e teria que declarar que agi sem permissão dele. Então, eu ficaria mal. Você não está sendo razoável, querendo que eu faça uma coisa dessas.

— Que mais você pode fazer?

— Dizer que foi você quem pediu para vir, para nos ajudar em alguns projetos.

Morrison fez que não com a cabeça:

— Isso seria tão difícil para mim quanto a admissão do sequ?estro para vocês. Podemos já não viver mais os velhos tempos, mas os hábitos de um povo custam muito a desaparecer. A opinião pública americana ficaria muito desconfiada de um cientista americano que pedisse aos soviéticos que o deixassem "ajudar" em qualquer projeto.

A competição entre as duas nações ainda sobrevive. Tenho que pensar em minha reputação.

— É verdade — concordou Natália. — Você ficará em apuros.

Mas eu prefiro que fique você, e não eu, em apuros.

— Mas não acontecerá. Você acha que omitirei qualquer detalhe do sequ?estro?

— Mas, Albert — Natália falou baixinho, suavemente —, você acha que alguém acreditará em você?

— É claro! Meu governo sabe que vocês me pediram para vir e que eu recusei. Só posso estar aqui à força.

— Acho que seu governo não vai querer admitir isso, Albert. Você acha que interessa a ele admitir que agentes soviéticos arrancam um cidadão americano de dentro do seu quarto de hotel e o carregam por terra, mar e ar até território soviético sem que ninguém perceba? Vocês se orgulham tanto de sua tecnologia que admitir tal coisa seria admitir a própria incompetência. Ou, então, traição de alguém ou das próprias autoridades de segurança. Acho que seu governo preferirá que o mundo inteiro acredite que você veio como voluntário. Aliás, houve gente do governo que lhe pediu para vir, não foi?

Morrison não respondeu.

— É claro que houve — continuou Natália. — Eles lhe pediram para descobrir tudo o que pudesse a respeito da miniaturização. O que você tem a fazer, agora, é dizer-lhes que se recusou a ser miniaturizado.

Você só poderá dizer que viu um coelho miniaturizado e eles ou acharão que houve, de sua parte, excesso de imaginação ou que nós fizemos algum truque com você. Do ponto de vista deles, você fracassou completamente e eles não sentirão nenhuma necessidade de lhe dar apoio.

Ele continuou em silêncio, remoendo o que ela dissera. Finalmente, respondeu:

— Você vai me fazer passar por espião e traidor do meu país, é isso? Você vai mesmo fazer isso?

— Não é o que queremos, Albert. Contaremos toda a verdade que for possível. Na realidade o que gostaríamos de fazer seria proteger você, apesar de sua relutância em aceitar nossa proteção. Façamos o seguinte: vamos dizer que Pyotor Shapirov, nosso grande cientista, está em coma e que elogiou muito suas teorias neurofísicas pouco antes da tragédia. Então nós o convidamos e lhe pedimos que aplicasse suas teorias, todo o seu conhecimento, para reestabelecer a saúde dele. Você não pode reclamar: o mundo inteiro o julgará um grande

humanista. Seu governo até endossaria esta versão. Tanto o seu governo quanto o nosso ficariam bem perante a opinião pública.

E é quase verdade, não é?

— E a miniaturização?

— Ah, disso não vamos poder falar...

— E o que vai me impedir de falar?

— O fato de que ninguém acreditará. Você acreditou, quando eu lhe contei? Você acreditou, antes de ver com seus próprios olhos? E o seu governo também não vai querer que o mundo inteiro acredite que nós, os soviéticos, inventamos esse processo. Até que tenham a certeza de que dominamos a miniaturização — ou, talvez, até que ele também a domine —, não vai interessar ao governo americano divulgar uma coisa dessas e assustar toda a população. Mas... tudo bem, Albert. Vamos mandá-lo para casa e divulgar uma historinha inócua, que não tem nada a ver com a miniaturização. Seu governo e o nosso ficam bem e você não correrá o risco de ser acusado de traição. Satisfeito?

Morrison passou as mãos pelos cabelos, despenteando-se completamente:

— Mas que razão vocês oferecerão para me mandarem de volta?

Isto também terá de ser explicado! Dizer que Shapirov se restabeleceu com minha ajuda, vocês não podem, a não ser que ele se cure de verdade. E dizer que ele morreu antes que eu pudesse ajudá-lo também não, a não ser que ele morra mesmo. Mais cedo ou mais tarde alguém descobrirá que ele continua vivo, e em coma. Vocês não conseguirão escondê-lo para sempre.

— Isto também nos preocupa muito, Albert. Você é muito esperto.

Afinal de contas, você só passou uns dois dias conosco e foi devolvido.

Por quê? Acho que a única resposta lógica, infelizmente, será: porque descobrimos que você não passa de um charlatão, não é? Nós o trouxemos, cheios de esperanças de que você fosse salvar o Shapirov. Mas logo, logo ficou claro que suas teorias não passam de bobagens sem nexo e então, desapontados, desistimos e o mandamos de volta. Mas isso não o prejudicará muito, Albert. Ser charlatão é bem melhor do que ser espião e traidor.

— Pare de bancar a ingênua, Natália! Você sabe que não pode fazer isso! — Estava branco de raiva.

— Por quê? Não faz sentido? Seus próprios colegas não o levam a sério, debocham de suas teorias. Todos eles concordarão conosco:

suas idéias sobre a neurofísica são bobagens. Isso nos deixará um pouco mal, talvez, por lhe termos dado tanto crédito. Mas será fácil argumentar que não fomos nós, foi só o Shapirov, e nós não sabíamos que ele estava à beira da estafa, de um derrame cerebral. Ninguém poderia prever que a admiração que ele nutria por você já era um prenúncio de doença.

— Vocês não podem me fazer de palhaço! Não podem acabar com minha reputação desse jeito! — Sentiu que os lábios estavam tremendo, como se fosse chorar.

— Reputação? Que reputação, Albert? Sua mulher o abandonou, e muita gente acredita que foi por causa do fracasso de sua carreira, baseada em idéias malucas. Ouvimos dizer que seu contrato de trabalho não vai ser renovado, e que você não está conseguindo achar outro emprego. Como cientista você já está liquidado. Esta história só vai confirmar. Quem sabe, talvez você encontre outro meio de vida, fora da comunidade acadêmica. Provavelmente é o que você teria de fazer de qualquer jeito, mesmo que não tivéssemos nos conhecido.

É sempre um consolo.

— Você está mentindo! Você sabe que está mentindo, Natália!

Vocês não têm um código de ética? Como uma cientista respeitável pode se comportar dessa forma com outro cientista?

— Ontem você disse que não arriscaria a pele por uma abstração.

Hoje é a minha vez: não corro riscos por uma abstração.

— Um dia algum outro cientista vai descobrir que tenho razão. E como é que vocês ficarão?

— A longo prazo vamos todos estar mortos... E você sabe, muito bem, como essas coisas acontecem. Quando Franz Anton fez as primeiras descobertas sobre hipnotismo, ele foi considerado um charlatão. Mais tarde, James Braid redescobriu e recebeu todos os créditos. Mesmer continuou sendo visto como um

fraudulento. E, além disso... será que mentimos quando chamamos você de charlatão?

— É claro que sim!

— Vamos ver... Qual a razão de sua recusa em participar de uma experiência de miniaturização, já que ela pode lhe dar condições de provar suas teorias, isso sem levar em conta que você aumentará enormemente seus conhecimentos sobre o cérebro? Sua recusa só pode ter uma razão: no fundo, você tem certeza de que suas teorias são infundadas e que você é um idiota ou um charlatão ou as duas coisas, e não deseja que isso seja comprovado, como o seria, se você participasse dessa experiência.

— Não é isso!

— Você quer que a gente acredite que o motivo de sua recusa é o medo apenas? Quer que acreditemos que despreza uma grande chance de adquirir maior conhecimento, glória, fama, vitória, depois de tantos anos de ostracismo, só por falta de coragem? Que é isso, Albert? Não somos ingênuos a ponto de acreditar que você seja tão frouxo. Faz muito mais sentido pensarmos que você é uma farsa. Assim que o liberarmos e divulgarmos nossa explicação, você aparecerá em todos os jornais de seu país. A imprensa americana é extremamente ativa e "a mais livre do mundo", como vocês mesmo gostam de propagandear. E isso, acho, significa dizer que ela é um poder em si mesma. Os americanos se orgulham de sua imprensa livre e não se cansam de esfregá-la em nossos narizes, porque a nossa é muito mais moderada. A imprensa vai adorar! Até antevejo as manchetes: "Charlatão Americano Engana Soviéticos Ingênuos"!

Mas você pode ganhar dinheiro com isso, Albert, fazendo palestras e seminários! Você relata todas as coisas ridículas em que nos fez acreditar e eles morrerão de rir...

Morrison falou baixinho, pouco mais que um sussurro:

— Natália, por que você está fazendo isto comigo?

— Eu! Eu não estou fazendo nada! Quem está fazendo é você! É você quem quer ir embora. Como não consegui convencê-lo a participar da miniaturização, não tenho escolha: tenho que deixar você ir. E, com a sua ida, uma série de acontecimentos ocorrerá segundo uma sequ?.ncia lógica.

— Neste caso não posso ir embora! Não posso destruir minha própria vida!

— Quem se incomodará com isso, Albert? Sua ex-mulher? Suas filhas, que nem o conhecem direito? Elas talvez mudem de sobrenome, isso sim! Você acredita que a universidade que está prestes a admiti-lo se incomodará? Seus colegas, que zombam de você? Seu governo, que o abandonou? Sejamos realistas. Ninguém se importará.

Será dada uma risada geral, de ponta a ponta do país, e logo, logo você será esquecido para sempre. Quando morrer, sequer aparecerá nos obituários; talvez algum jornaleco, sem muitos escrúpulos, desengavete a história para distrair seus leitores com uma dose de humor negro.

Ele sacudiu a cabeça, em desespero:

— Assim não posso voltar.

— Mas terá que voltar. Você só pode continuar aqui se nos ajudar, e isto você não aceita.

— Quero voltar, mas não nestas condições.

— E que outra alternativa você tem?

Morrison fixou os olhos nos dela. Natália, apesar de parecer um pouco preocupada, estava tranqu?ila.

— Aceito a alternativa.

Dessa vez foi ela quem demorou a responder. Depois de fixar-se por um longo momento nos olhos de Morrison, falou:

— Não quero nenhum mal-entendido, Albert. Seja mais claro.

— Ou sou miniaturizado ou destruído, não é isso?

Natália fez uma careta antes de responder:

— Que maneira horrível de colocar as coisas! Prefiro expressarme assim: ou você até o meio-dia concorda em nos ajudar ou em barca em um avião para os Estados Unidos às duas da tarde. O que você diz? São quase onze horas. Você tem mais de uma hora para pensar.

— Que diferença vai fazer? Nada mudará em uma hora. Aceito ser miniaturizado.

— Todos seremos miniaturizados. Você não fará nada sozinho.

— Tocou um contato no tampo da escrivaninha.

Imediatamente Dezhnev entrou:

— Albert! Você está tão abatido, tão amarrotado, que estou propenso a acreditar que você concordou.

— Nada de sarcasmo, Arkady — respondeu Natália. — Albert nos ajudará e nós lhe seremos eternamente gratos. A decisão dele foi absolutamente voluntária.

— Tenho certeza! — Dezhnev sorriu. — Como você conseguiu esta façanha, Natasha, eu nem desconfio. Mas tinha certeza absoluta de que conseguiria. Mas também você, Albert, merece parabéns.

Demorou muito mais do que eu esperava!

Morrison apenas olhou os dois, em silêncio. Sentia-se como se tivesse engolido uma pedra de gelo que, ao invés de derreter, estivesse absorvendo todo o calor de seu corpo, a ponto de congelá-lo.

Percebeu que estava todo arrepiado.

CAPÍTULO 7

A NAVE

Nenhuma viagem é perigosa para quem fica dando adeus no porto.

Dezhnev (pai)

MORRISON ESTEVE atordoado durante todo o almoço mas, ao mesmo tempo, sentiu-se aliviado pela ausência de pressão. Não mais foram proferidas palavras carregadas de segundas intenções; acabaram-se as explicações tensas, os sorrisos enigmáticos, as trocas de olhares significativos.

Disseram-lhe apenas, de forma objetiva e fria, que não sairia mais da Gruta até o final da experiência. E da Gruta, era claro, não havia como escapar. Vez por outra um mesmo pensamento o estremecia:

havia dado permissão para ser miniaturizado!

Foi levado, depois da refeição, a um quarto privativo, onde especialmente para ele havia sido instalado um visor. Podia ver livrofilmes e, se quisesse até mesmo em inglês. Estavam fazendo o que podiam para que ele se sentisse em casa. Sentou-se, adaptou o visor à sua vista e começou a ver um livrofilme, sem prestar qualquer atenção.

Dera permissão para que fosse miniaturizado! Disseram-lhe que ficasse à vontade até a hora em que fosse chamado e desde que, naturalmente, não quisesse sair. Havia guardas em todos os lugares para onde olhava. Mas o sentimento de terror estava diminuindo, aos poucos. Era para isto que servia o atordoamento. E, como sempre, ao repetir vezes sem conta a mesma frase, pouco a pouco ia perdendo o valor: permitira ser miniaturizado! Como o som de um sino que se repete a si mesmo até se assemelhar a uma indistinta massa de ruído, quanto mais ele repetia para si mesmo esta frase, menos horrível ela parecia e, em sua mente, ia ficando uma espécie de vácuo.

Percebeu vagamente que a porta do quarto fora aberta. Alguém o viera chamar, pensou. Tirou o visor devagar, voltou a cabeça e, por um momento,

sentiu uma centelha de interesse. Era Sophia Kaliinin que lhe parecia bonita, apesar do estado de torpor em que se encontrava.

— Boa tarde, doutor — disse a moça, em inglês.

Ele instintivamente fez uma careta. Aquele sotaque horroroso doeu-lhe nos ouvidos.

— Continuemos em russo, Sophia — respondeu, de rosto fechado.

Seu sotaque podia ser tão desagradável para ela quanto o dela para ele, mas não se importou. Não estava ali porque queria. Se seus defeitos os incomodavam, o problema era deles.

— Claro, se é isso que você deseja. — Sophia deu de ombros. Em seguida, olhou para ele, pensativa.

Morrison sustentou o olhar sem dificuldade. Naquele momento para ele não fazia diferença olhar para ela ou para qualquer outra coisa, ou, até mesmo, para coisa nenhuma. A fugidia impressão de beleza que tivera, ao vê-la entrar no quarto, havia desaparecido.

— Pelo que entendi, você concordou em nos acompanhar na experiência, Albert.

— Concordei.

— Ótimo. Ficamos muito gratos. Honestamente, não esperava que aceitasse, por ser americano. Peço desculpas por isso.

Ele fez um gesto irritado:

— Não foi uma decisão voluntária. Fui persuadido por uma especialista em persuasão.

— Natália Boranova?

— Foi.

— Realmente ela é formidável em persuasão. Não é das pessoas mais caridosas, mas se sai muito bem nisso. Eu também fui persuadida.

— Você? Por quê?

— Tinha minhas razões. São importantes só para mim.

— Que razões?

— Não são importantes para você.

Depois disso, instalou-se um silêncio longo e desagradável, que foi rompido por ela:

— Vamos. Minha tarefa é mostrar-lhe a nave.

— Que história é essa de nave? Há quanto tempo vocês planejam tudo isso? Houve tempo até para construir uma nave?

— Você se refere a uma nave específica para explorar o cérebro de Shapirov? É claro que não. Ela foi construída para outras missões, muito mais simples. Mas é a única de que dispomos. Vamos, Albert. A Natália acha que fará bem a você dar uma olhada para ir se acostumando com ela. Pode ser que um exemplo concreto de desenvolvimento tecnológico faça com que se reconcilie com a sua tarefa.

Morrison não se mexeu:

— Por que tenho de ver a nave agora? Será que não é possível ter um tempo maior para me acostumar à idéia de que serei miniaturizado?

— Bobagem! Quanto mais você permanecer trancado nesse quarto, se preocupando, mais inseguro se sentirá. E, além disso, estamos com pressa. É impossível deixar o Shapirov como está, com o cérebro deteriorando e, a cada momento que passa, perdendo os pensamentos.

A viagem será amanhã de manhã.

— Amanhã de manhã? — Morrison repetiu, com a garganta completamente seca, Olhou para seu relógio de pulso, sem saber bem por quê.

— Temos poucas horas, mas não precisa se preocupar. A preocupação com o cronograma é nossa. Amanhã de manhã a nave vai entrar num corpo humano. E você estará dentro dela.

Sem qualquer aviso, Sophia deu-lhe um tapa no rosto:

— Seus olhos começavam a virar para cima. Você sentia vontade de desmaiar?

Ele esfregou o rosto, sentindo uma dor forte no local e fazendo uma careta involuntária:

— Não sentia vontade de coisa alguma — resmungou. — Podia até ter desmaiado, mas contra a vontade. Você não podia dar uma notícia dessas de maneira um pouco mais sutil?

— Você se deixou ser apanhado de surpresa. Já aceitou ser miniaturizado, e a nossa pressa é mais do que evidente. Venha comigo.

Ainda esfregando o rosto e fervendo de raiva e humilhação, Morrison consentiu em acompanhá-la.

ESTAVAM DE VOLTA à área de miniaturização. Outra vez ele observou as pessoas atarefadas, concentradas no que faziam e sem prestar nenhuma atenção naqueles que estavam ao lado delas. Sophia caminhava entre elas com aquele ar aristocrático que se adquire naturalmente através da deferência alheia. Ela deve ser uma das cabeças do projeto, pensou Morrison, massageando o rosto ainda dolorido, para esconder as marcas de dedos. Percebeu que todos abriam caminho para ela, inclinando ligeiramente a cabeça, numa espécie de cumprimento. Quanto a ele, ninguém parecia enxergá-lo. Continuaram atravessando salas e mais salas, reinando em todas o mesmo ambiente tenso, a mesma energia contida. Sophia explicou, com uma ponta de orgulho:

— A maior parte da produção de uma das nossas usinas espaciais de energia solar é reservada para Malenkigrad.

De repente, quase de surpresa, Morrison percebeu que tinham chegado a seu destino. A sala não era muito grande, nem também o objeto à sua frente. A primeira impressão que lhe causou foi a de que se tratava de uma escultura artística: pouco maior que um automóvel comum, de formato aerodinâmico, e totalmente transparente.

Estendeu o braço, instintivamente, e pôs a mão sobre a superfície.

Sentiu-a lisa e úmida mas, examinando seus dedos, em seguida, percebeu que eles continuavam completamente secos. Tocou a nave outra vez, deslizando por ela a mão espalmada: parecia um pouco pegajosa, mas os dedos e a palma continuavam secos, sem qualquer mancha de gordura. Aproximou o rosto e exalou o hálito, como quem limpa as lentes dos óculos. Formou-se uma pequena mancha de condensação, que desapareceu quase imediatamente.

— É plástico — confidenciou Sofia —, mas desconheço qual a composição química. Se conhecesse, também provavelmente não poderia lhe dizer, porque deve ser confidencial. Mas, seja lá o que for, é mais forte e mais resistente que o aço, e muito mais leve.

— Peso por peso, pode até ser — respondeu Morrison, com toda sua atenção voltada para aquele objeto, pois a curiosidade científica dominava, por instantes, sua ansiedade —, mas este plástico não pode ser tão resistente quanto uma chapa de aço da mesma espessura.

Volume por volume, o aço é mais forte.

— Mas não importa; no lugar onde vamos, não há diferença de pressão interna e externa, nem meteoros, nem mesmo poeira cósmica.

Não precisamos de proteção contra essas coisas. Ao nosso redor haverá apenas a maciez da estrutura celular. O plástico tem a vantagem de ser leve. Nós dois poderíamos levantar a nave sozinhos, se quiséssemos. É isto que é importante. É claro que necessitamos economizar massa. Cada quilo a mais significa um acréscimo considerável de energia eletromagnética na miniaturização e a geração de mais calor na reversão.

— Quantas pessoas cabem aí dentro?

— Seis. O projeto é muito compactado, mas cabem seis e seremos apenas cinco. E você se surpreenderá com a quantidade de instrumentos.

Claro que gostaríamos de poder contar com muitos outros.

O projeto original... Mas o que se há de fazer? A eterna pressão para reduzir custos, mesmo alguns que não poderiam ser reduzidos, é uma constante nesse mundo injusto.

Morrison sentiu o medo de volta:

— Esta pressão para redução de custos... Até que ponto ela vai?

Tudo que está aí funciona mesmo?

— Garanto que funciona.

O rosto dela estava como que iluminado, sem aquele ar melancólico, pensou Morrison. E, ao mesmo tempo que sentiu a certeza de que a transformação

seria apenas temporária, percebeu claramente que Sophia era uma mulher bonita.

— Tudo foi exaustivamente testado; inicialmente, componente por componente e, a seguir, o conjunto completo. É claro que risco zero, naturalmente, não existe, mas esta nave apresenta um risco razoavelmente próximo de zero. E virtualmente sem peças metálicas.

Com microchips, fibras óticas e juntas Manvilsky, temos todos os instrumentos de que precisamos pesando, ao todo, menos de cinco quilos. Por isso a nave consegue ser tão pequena. Uma viagem ao microcosmos, afinal de contas, não deve levar mais que algumas horas. Não precisaremos de instalações para dormir, nem de equipamentos de reciclagem de dejetos e nada muito complicado para o suprimento de alimentação e ar. Só de dispositivos simples para eliminação de nossas excreções.

— Quem vai ser o piloto?

— Arkady.

— Arkady Dezhnev?

— Você ficou surpreso?

— Não. Imagino que ele tenha todas as qualificações necessárias...

— Todas. Ele é um gênio em desenho industrial. Não o julgue pela aparência. Ou melhor... você acha que algum de nós seria capaz de agu?ent.-lo, com suas manias e seu senso de humor grosseiro, se ele não fosse um gênio em alguma coisa? Foi ele quem projetou a nave e todos os equipamentos, tudo! Não há nada aqui que não seja obra dele. Além de ter inventado uma boa dúzia de maneiras completamente novas de compactação para redução da massa. Você não tem nada parecido nos Estados Unidos.

Morrison respondeu rápido, mal-humorado outra vez:

— Não tenho a menor idéia sobre o que os Estados Unidos têm ou deixam de ter em matéria de equipamentos não convencionais.

— Tenho certeza de que não possuem nada parecido com isso. O Dezhnev é um sujeito extraordinário, por mais que goste de fazer palhaçadas e bancar o

ignorantão. É descendente de Semyon Ivanov Dezhnev. Você sabe quem foi ele, não sabe?

Morrison fez que não com a cabeça. A voz de Sophia tornou-se gelada:

— Não sabe?! O famoso explorador que, na época de Pedro, o Grande, chegou ao último centímetro do Leste da Sibéria e descobriu que havia um braço de mar que a separava da América do Norte.

E isso foi décadas antes de Vitus Bering, um dinamarquês a serviço da Rússia, descobrir o Estreito de Bering. E você nunca ouviu falar dele! Isso é uma característica de americanos: se a descoberta não foi feita por algum ocidental, vocês simplesmente a ignoram.

— Pare de inventar ofensas que não existem, Sophia! Nunca estudei a vida de nenhum explorador. Deve ter havido dezenas de grandes exploradores americanos de que também nunca ouvi falar.

E nem você. — Apontou o indicador próximo ao rosto dela e se lembrou de novo da ardência no rosto. — Vocês se apegam a coisinhas insignificantes para poderem alimentar o ódio aos Estados Unidos.

Deviam ter vergonha disto!

— Dezhnev não foi uma coisinha insignificante! Foi um grande explorador!

— Não duvido. Fico muito feliz e sinceramente agradecido pelas informações que me dá a respeito de Dezhnev e de sua grande obra.

Mas isto não é hora para ficarmos cultivando esta rivalidade boba.

Que coisa mais infantil!

Sophia baixou os olhos. Quando os ergueu de novo, fixou-os em um dos lados do seu rosto. Morrison perguntou-se, preocupado, se ainda havia aí uma marca visível. Ela disse em voz baixa:

— Desculpe por ter lhe dado aquele tapa, Albert. Não precisava ter batido com tanta força, mas não queria que você desmaiasse. Na hora só pensei se teria paciência para cuidar de um americano desmaiado.

Minha raiva foi injustificada.

— Está bem. Acredito que sua intenção era boa mas também preferiria que você não tivesse batido com tanta força. Enfim aceito suas desculpas.

— Então, entremos na nave.

Morrison teve que sorrir. De alguma forma, sentia-se melhor, na companhia dela, do que com Dezhnev ou Konev ou mesmo com Natália. Uma mulher jovem e bonita sempre consegue fazer um homem esquecer seus problemas.

— Você não tem medo de que eu sabote alguma coisa?

— Não. Não tenho, não. Acho que você respeita o suficiente um instrumento de exploração científica para não querer prejudicá-lo em nada. E tem mais, Albert, e isto é seriíssimo: as leis soviéticas contra qualquer tipo de sabotagem são terrivelmente severas. O manuseio errado de qualquer instrumento, mesmo que por acidente, dispara um sistema de alarme e, em questão de segundos, este local se enche de guardas. As leis daqui também punem com severidade um guarda que maltrate um sabotador mas, às vezes, eles ficam tão indignados que chegam a se exceder. Por favor, não mexa em nada.

Nem pense nisso!

Enquanto falava, ela colocou a mão sobre a nave e, aparentemente, acionou algum circuito, pois, embora Morrison não conseguisse nem imaginar como aquilo funcionava, uma porta se abriu: um retângulo com os cantos arredondados. Parecia composto por duas camadas de plástico e devia funcionar também como entrada pressurizada, à prova de passagem de ar, pensou ele. Sophia entrou primeiro pelo pequeno vão, dobrando o corpo, e estendeu-lhe a mão:

— Cuidado, Albert!

Ele, além de dobrar o corpo, foi obrigado a entrar de lado. Lá dentro, descobriu logo, quando bateu de leve com a cabeça no teto, que a altura da nave não lhe permitia ficar de pé. Dobrou o corpo mais ainda e olhou assustado para cima.

— Não se preocupe com a altura — disse Sophia. — Vamos trabalhar sentados quase o tempo inteiro.

— Acho que quem sofre de claustrofobia não se sente bem aqui.

— Você sofre de claustrofobia?

— Não.

— Ainda bem! — Sophia pareceu aliviada. — Falei que somos obrigados a economizar espaço, não falei?

Morrison olhou em volta. Havia três pares de cadeiras, em fila.

Sentou-se na mais próxima:

— Também não é das mais espaçosas.

— Não — concordou ela. — Não foram projetadas para nenhum halterofilista.

— É claro que esta nave foi construída bem antes de Shapirov entrar em coma.

— Claro! Há muito tempo que vínhamos planejando a introdução de pessoal miniaturizado em tecidos vivos. Seria necessário realizarmos significativas descobertas em biologia. Começaríamos, naturalmente, com animais e o primeiro objetivo era o sistema circulatório. Ninguém imaginava que a primeira microviagem acabaria sendo não só num corpo humano, mas no corpo do próprio Shapirov!

Ele continuou examinando o interior da nave. Parecia pobre, despojado.

Não era fácil, contudo, localizar coisas transparentes contra um fundo também transparente, além do fato de os instrumentos serem, na verdade, miniaturas. Claro que miniaturizados por métodos convencionais mas, ainda assim, muito menores que o normal.

— Vamos ser cinco, não é? — Morrison quis confirmar. — Você, eu, Natália, Dezhnev e Konev.

— Certo.

— E o que cada um vai fazer?

— Arkady vai pilotar. Ele é o especialista, naturalmente. Foi ele quem concebeu, com cérebro e mãos, esta nave. A cadeira da frente, à esquerda, é dele. O outro se sentará ao lado dele, com um mapa completo e detalhado do padrão neurocirculatório do cérebro de Shapirov. Este será o navegador. Ficarei atrás do Arkady, encarregada de controlar o padrão eletromagnético do exterior da nave.

— Padrão eletromagnético? Para que isso?

— Albert, meu caro... Você reconhece os objetos pela luz que se reflete neles. Um cachorro os identifica pelo cheiro. Uma molécula identifica os objetos pelo padrão eletromagnético de seu exterior.

Para podermos viajar entre moléculas, na forma de um corpo miniaturizado, devemos apresentar um determinado padrão eletro magnético para sermos bem recebidos e não recebermos tratamento de inimigos.

— Parece meio complicado.

— E é. Mas, por acaso, passei a vida inteira estudando isto. Natália vai atrás de mim. Ela será a comandante. Todas as decisões ficarão por conta dela.

— Que decisões?

— Qualquer uma que se faça necessária. Não sabemos, por antecipação, obviamente. Nem ela. E você se sentará à minha direita.

Morrison levantou-se e esgueirou-se pelo corredor estreito, até alcançar a cadeira atrás daquela onde sentara inicialmente. Até ali estivera no lugar destinado a Konev, agora ocupava seu próprio lugar.

O coração disparou de novo quando pensou que, na manhã seguinte, se sentaria naquele mesmo lugar para ser miniaturizado.

Resmungou:

— Quer dizer que, até hoje, só uma pessoa, Yuri Konev, sofreu o fenômeno da miniaturização e conseguiu voltar ao normal sem sofrer qualquer dano?

— Foi.

— E ele não se queixou de nenhum incômodo? Enjôo, tonteira, confusão mental?

— Nada, nada, nada.

— Será que isso se deve ao seu estoicismo? Será que, para ele, reclamar de incômodos assim não estaria abaixo das tradições heróicas da ciência soviética?

— Deixe de bobagens. Nenhum de nós tem nada a ver com o heroísmo da ciência soviética, muito menos ele. Somos seres humanos e cientistas. Para dizer

a verdade, se um de nós se sentisse incomodado, teria a obrigação de relatar todos os pormenores, para permitir pequenos ajustes que facilitassem as experiências futuras.

Esconder qualquer detalhe seria anticientífico, antiético e perigoso.

Você também é um cientista... Não consegue entender isto?

— Mas pode haver diferenças individuais. Com Yuri Konev não aconteceu nada. Com Shapirov...

— O que aconteceu não teve nada a ver com diferenças individuais — impacientou-se Sofia.

— Como você pode ter certeza?

— Responda você mesmo, Albert. Você acha que seríamos capazes de fazer a miniaturização da nave sem um último, definitivo teste, com e sem pessoas a bordo? É claro que essa nave foi miniaturizada ontem à noite, sem a tripulação. Não chegamos ao limite, mas miniaturizamos o suficiente para termos certeza de que está tudo bem com o processo.

Morrison deu um salto da cadeira, arriscando outra cabeçada no teto:

— Nesse caso, Sophia, quero sair já daqui, antes que vocês resolvam testá-la com gente dentro!

— Mas já é tarde demais, Albert!

— O quê?!

— Olhe para a sala, lá fora, através do casco da nave. Você não olhou para fora uma só vez, desde que entramos aqui. Aliás, acho até que foi bom para você. Mas olhe agora. O casco é transparente e já completamos o teste. Olhe, por favor.

Olhou, finalmente, e sentiu os joelhos perderem a força. Afundou na cadeira e perguntou, sabendo de antemão que estava dizendo uma enorme bobagem:

— O casco pode funcionar como lente de aumento?

— Não. É claro que não. Lá fora está tudo como era antes. A nave, eu e você é que estamos reduzidos à metade de nossas dimensões lineares.

PARA COMBATER a tonteira, Morrison colocou a cabeça entre os joelhos e respirou profundamente. Quando ergueu novamente o corpo, deu com os olhos de Sophia, que o examinava atentamente.

Ela estava de pé, no corredor, com o corpo ligeiramente inclinado sobre o encosto de uma das cadeiras, para não esbarrar com a cabeça no teto.

— Dessa vez você podia ter desmaiado que eu nada teria feito.

Estamos sendo desminiaturizados, agora, e vai demorar muito mais que os três ou quatro minutos que levou a miniaturização.

Vai levar mais ou menos uma hora. Você teria tempo de sobra para se recuperar.

— O que vocês fizeram comigo não foi uma coisa decente, Sophia.

— Pelo contrário! Foi um ato de bondade e compreensão. Você teria entrado na nave com toda aquela calma se soubesse que seria miniaturizado? Teria examinado todos os detalhes com tanta tranqu?ilidade?

Ou será que teria desenvolvido uma série de sintomas psicossomáticos?

Morrison não respondeu e ela continuou:

— Você sentiu alguma coisa? Pelo menos percebeu que estava sendo miniaturizado?

— Não. — Morrison sacudiu a cabeça, sentindo-se envergonha do: — Você também nunca tinha passado por isso, não é?

— Não. Até hoje só Konev e Shapirov tinham sido submetidos ao processo.

— Você não teve medo?

— Não nego que fiquei um pouco inquieta. Sabemos, pelas nossas experiências com viagens espaciais, que existe o que você chama de “diferenças individuais”, que aparecem quando nos submetemos a condições inusitadas. Há astronautas que sofrem enjôos à gravidade zero. Outros nada sentem. Não podia prever como ia me sentir. Você ficou enjoado?

— Só depois de saber que tinha sido miniaturizado, mas acho que isso é natural. Quem planejou tudo isto?

— Natália.

— Claro, claro... Para que fui perguntar?

— Mas havia boas razões. Ela achou que não se podia correr o risco de você passar mal, uma vez começada a viagem de verdade.

Como é que iríamos controlar a situação se você ficasse histérico durante a miniaturização?

— Acho que mereço o juízo que vocês fazem de mim — resmungou Morrison, evitando o olhar da moça. — É claro também que você foi escalada para me acompanhar para que eu me distraísse e não prestasse atenção ao que estava acontecendo em volta.

— Não, fui eu quem pedi para vir. Era Natália quem vinha, mas achei que, com ela, você poderia desconfiar de alguma coisa.

— Enquanto que, com você, eu relaxaria e ficaria à vontade.

— Ficaria distraído, pelo menos, como você mesmo disse. Eu ainda sou jovem o bastante para “distrair” qualquer homem. — Acrescentou, em tom amargo: — Quase todos os homens.

Morrison fez uma pausa e falou, franzindo a testa:

— Você disse que eu poderia desconfiar de alguma coisa.

— Se a Natália tivesse vindo.

— E por que não com você? Tudo que vejo agora é que os objetos fora da nave parecem bem maiores do que antes. Como posso ter certeza de que vocês não fizeram algum truque de ilusionismo comigo para que, me convencendo de que a miniaturização é inofensiva, eu amanhã de manhã embarque direitinho?

— Que idéia ridícula, Albert! Mas está bem. Constatamos que tanto você quanto eu perdemos metade de nossas dimensões lineares, em todas as direções. A força de nossos músculos é diretamente proporcional ao quadrado das dimensões do corte transversal de cada um deles. Cada músculo nosso está reduzido à metade da largura e à metade da altura, ou seja, a área do corte transversal é igual a meio vezes meio, que é igual a um quarto. A potência, portanto, é um quarto da original. Certo? Você está entendendo?

— Claro. — irritou-se Morrison. — Isso é elementar!

— Mas nossos corpos estão reduzidos à metade da altura, da largura e da espessura. O volume total está igual a meio vezes meio vezes meio. Um oitavo. E é claro que a massa e o peso acompanham a mesma proporção. Se for verdade que estamos miniaturizados...

— Sophia, isso deixou de ser novidade na época de Galileu. É a relação entre quadrados e cubos.

— Eu sei, mas você ainda não parou para pensar. Se eu tentasse levantar você agora, estaria na verdade levantando um oitavo de seu peso normal com um quarto da força normal dos meus músculos. O que quer dizer que eu estaria duas vezes mais forte do que o normal. Se estivéssemos mesmo miniaturizados...

E, sem maiores cerimônias, ela enfiou as mãos nas axilas dele e, com um gemido de esforço, tirou-o da cadeira e o manteve no ar, respirando pesadamente. Finalmente, deixou-o cair de volta:

— Não foi fácil — continuou, meio sem fôlego — mas consegui.

E, como você deve estar pensando que já participei da equipe olímpica soviética, ou algo do gênero, agora é sua vez. — Sentou-se e levantou os dois braços à altura dos ombros. — Vamos. Venha me levantar!

Morrison esgueirou-se de novo pelo corredor. Torceu o corpo e conseguiu ficar de frente para ela mas o teto baixo o forçava a se curvar, numa posição incômoda. Hesitou um pouco.

— Vamos, Albert — comandou ela. — Ponha as mãos debaixo dos meus braços. Eu uso desodorante todo dia. Não se preocupe se esbarrar nos meus seios. Você não será o primeiro. Vamos! Sou mais leve e você é mais forte. Já que o levantei, não deve ser difícil para você me levantar.

E realmente não foi. Não conseguiu usar toda a sua força, por causa da posição em que se encontrava, mas aplicou automaticamente a força que anos e anos de experiência o fizeram julgar necessária a um peso como o dela. Assustou-se quando a viu subir, como se nada pesasse. Mesmo estando preparado para aquilo, quase a deixou cair.

— O que você acha? — Sofia quis saber. — É tudo ilusionismo ou estamos mesmo miniaturizados?

— Estamos miniaturizados — concordou. — Mas como foi que você fez? Não vi você mexer em nada, em nenhum controle.

— Eu não fiz nada. Tudo foi feito lá fora. A nave tem controles para processar a miniaturização daqui de dentro mas eu não seria maluca de mexer neles. Isso faz parte do trabalho da Natália.

— Quer dizer que a reversão está sendo controlada também lá de fora?

— Certo.

— Ou seja, se alguém lá fora fizer alguma bobagem, algum errinho, em nossos cérebros pode acontecer o que aconteceu no de Shapirov, ou até pior...

— É muito pouco provável, Albert. — Ela esticou as pernas sobre o braço da cadeira, na direção do corredor. — E pensar nisso não faz diferença. Por que não relaxa e fecha os olhos um pouco?

— Mas pode acontecer — insistiu ele.

— Claro que pode. Praticamente qualquer coisa pode acontecer sempre. Daqui a um minuto, um meteoro de três metros de largura pode cair lá fora, atravessar toda a crosta da montanha, estilhaçar a nave, inclusive a gente, além de arrebentar toda a Gruta, em alguns segundos. Contudo, não há probabilidade nenhuma que isso aconteça.

Morrison cruzou os braços atrás da cabeça, fechou os olhos e tentou imaginar a sensação que sentiria caso a nave começasse a esquentar quando as proteínas do cérebro estivessem deteriorando.

MORRISON LEVOU mais de meia hora para se convencer de que os objetos que podia ver, fora da nave, estavam encolhendo de volta ao tamanho normal.

— Estou pensando num paradoxo.

— O que foi? — Sophia respondeu bocejando, pois havia seguido, ela própria, seu conselho sobre a necessidade de relaxar.

— À medida que diminuíamos, os objetos fora da nave pareciam aumentar. O comprimento das ondas de luz lá fora não devia ter a aparência de que também estava aumentando? Não devíamos ter visto o mundo lá fora ficar

avermelhado, já que não deve haver ondas ultravioletas suficientes para aumentar e tomar o lugar das ondas mais curtas, visíveis?

— Se estivéssemos vendo as ondas lá de fora, seria assim mesmo como você disse. Mas você só viu as ondas de luz depois que elas entraram na nave e chegaram até sua retina. E, entrando na nave, elas também entram no campo de miniaturização e seu comprimento é também reduzido. O resultado é que vemos as imagens, daqui de dentro, do mesmo jeito que lá fora.

— Mas para o comprimento das ondas encolher, elas teriam de absorver energia.

— Se a constante de Planck continuasse do mesmo tamanho. Mas não é o que acontece. A constante de Planck também encolhe. Isto é a própria essência da miniaturização. Quando o comprimento da onda é reduzido, a relação com a constante permanece inalterada e não há troca de energia. Mais ou menos a mesma coisa acontece com os átomos. Eles também encolhem mas as relações entre eles e as relações interiores das partículas subatômicas que os compõem continuam iguais, para nós aqui dentro, ao que seriam lá fora.

— Mas a gravidade mudá, fica mais fraca aqui dentro, — As interações a que eu me referi são cobertas pela teoria quântica.

Dependem da constante de Planck. Mas a gravidade... — Sofia sacudiu os ombros. — Apesar de mais de dois séculos de esforços, o homem nunca conseguiu quantizar a gravidade. Para dizer a verdade, acho que a mudança da gravidade durante a miniaturização indica que esta não pode ser quantizada. Acho que a gravidade é de natureza fundamentalmente não-quântica.

— Não acredito nisso. Dois séculos de insucesso podem indicar apenas que ainda não nos aprofundamos suficientemente neste problema.

A teoria da supercorda quase nos permitiu chegar finalmente ao campo unificado. — Morrison percebeu que discutir lhe dava uma sensação de alívio, pois sabia que, enquanto conseguisse pensar e argumentar com clareza, possuía a certeza de que seu cérebro não estava superaquecendo.

— Quase não adianta nada. De qualquer forma, acho que Shapirov concordava com você. Ele pensava que, se conseguíssemos relacionar a constante de Planck à velocidade da luz, conseguiríamos não só o resultado prático da miniaturização e da desminiaturização com consumo quase nulo de energia, como

também o resultado teórico de estabelecer a relação entre a teoria quântica e a relatividade.

Então, sim, chegaríamos finalmente a uma teoria satisfatória do campo unificado. E ele costumava dizer que ela seria provavelmente muito mais simples do que imaginamos.

— Pode ser... — Morrison não encontrou outra resposta.

— Shapirov costumava nos dizer — continuou Sophia, animando-se com o termo — que num processo de ultraminiaturização o efeito da gravidade chegaria tão próximo do zero que poderia ser desprezado e a velocidade da luz seria tão imensa que poderia ser considerada infinita. Com a massa virtualmente igual a zero, a inércia também seria virtualmente zero e qualquer objeto, como esta nave, por exemplo, poderia ser acelerado a qualquer velocidade com uma energia virtualmente zero. Teríamos, então, do ponto de vista prático, a anti-gravidade e a velocidade maior que a da luz. A propulsão química, dizia ele, nos deu o sistema solar; a propulsão iônica nos permitiu alcançar as estrelas mais próximas; a miniaturização relativística poderia nos dar todo o universo.

— É um sonho bonito...

— Então você entendeu exatamente o que queremos, não é?

Morrison concordou com a cabeça:

— Mas... tudo isso só é possível se conseguirmos ler a mente de Shapirov. E se existir mesmo alguma coisa nela, se tudo não passar de mero sonho.

— Você não acha que vale a pena arriscar?

— Estou quase chegando à conclusão que sim. — Ele baixou a voz: — Você é terrivelmente convincente, Sophia. Por que Natália não usou argumentos assim, em lugar de me tratar da maneira que me tratou?

— Natália é a Natália. É uma pessoa extremamente prática, não tem nada de sonhadora. É assim que ela faz as coisas funcionarem.

Morrison ficou observando a moça, que se sentara agora na cadeira à sua esquerda e olhava um ponto indefinido à sua frente, com uma expressão realmente sonhadora. Mas não sonhava, como Shapirov, com a conquista do universo, pensou. Seus sonhos pareciam muito mais terrestres.

— Você já disse que nada tenho a ver com seus problemas, Sophia.

Contudo, me contaram a respeito de Yuri...

— Arkady! Tinha que ser ele! — Seus olhos incandesciam de raiva. — Ele é um... um... Com todo o seu gênio, toda a sua formação acadêmica, continua um camponês. Só consigo vê-lo em pensamento como um camponês barbudo, com uma garrafa de vodca.

— Acho que ele se preocupa com você, à maneira dele, mesmo que não saiba expressar esse sentimento de forma muito romântica.

Mas não é só ele.

Sophia lançou-lhe um olhar furioso, contendo as palavras. Ele a provocou um pouco mais, delicadamente.

— Por que você não fala sobre os seus problemas? Pode ajudar e eu, como não pertenço ao grupo, sou a escolha lógica. Garanto-lhe que serei discreto.

A expressão da moça transformou-se em algo parecido com gratidão.

Mas, quando sua voz saiu, era como se cuspisse o nome:

— Yuri! Podem estar todos preocupados, menos Yuri. Ele não tem sentimentos!

— Ele deve ter se apaixonado por você no passado.

— Apaixonado? Não acredito. Ele tem um... uma... — Gaguejou e abriu os braços, como se estivesse procurando com as mãos trêmulas a palavra certa. — Ele tem uma ambição! — Não era exatamente esta a palavra que queria, mas se contentou com ela.

— Nenhum de nós tem poder absoluto sobre suas emoções e afeições, Sophia. Se ele encontrou outra mulher...

— Não há nenhuma outra mulher. Nenhuma! Ele inventou esta história como pretexto. Quando ele me amava, se é que amava mesmo, no passado, era como se fosse só pela metade, porque eu estava convenientemente por perto, porque satisfazia alguma vaga necessidade física, porque estava envolvida também no projeto e ele não precisava perder tempo comigo. Contanto que eu não

atrapalhasse o projeto, tudo bem... Ele me dedicava as horas livres, sem se envolver muito.

— O trabalho na vida de um homem...

— Não! O trabalho não precisa ser tudo na vida de um homem!

Eu já disse que ele tem uma ambição. Quer ser o novo Newton, o novo Einstein! Quer fazer descobertas tão importantes, tão fundamentais que, para a geração futura, nada reste a descobrir. Ele acabará trabalhando com as especulações do Shapirov até transformálas em fatos científicos inquestionáveis! Yuri Konev acabará se identificando com toda a codificação das leis do universo e todos os outros lhe serão acessórios.

— Mas será que esta não pode ser uma admirável ambição para um cientista?

— Não se isto o fizer sacrificar todos os outros aspectos da vida, todas as outras pessoas, se sacrificar a própria filha! Eu não sou importante. Posso ser rejeitada, abandonada. Sou adulta, sei cuidar de mim. Mas uma criança! Um bebê! Privá-la de um pai, recusá-la, rejeitá-la! A pobrezinha iria tomar tempo dele, atrapalhá-lo em seu trabalho, distrair sua atenção... E ele se recusa a aceitar que é o pai dela.

— Uma análise genética.

— Para quê? Levá-lo ao tribunal, impor-lhe uma decisão judicial?

Pense bem o que significa a negativa dele. A criança não nasceu por imaculada concepção. Alguém é o seu pai. Ele insinua...

Insinua, não! Afirma que sou promíscua. Não hesita em dizer que sou incapaz de apontar o pai de minha filha, entre tantos possíveis.

Para que lutar para fazer com que uma pessoa tão embrutecida assuma legalmente a paternidade, contra a vontade? Não! Um dia ele me procurará e admitirá a verdade e pedirá desculpas pelo que fez. Aí, então, talvez eu consinta que veja, de vez em quando, a menina.

— E, mesmo assim, desconfio que você ainda está apaixonada por ele.

— Se estou, o problema é meu, não de minha filha — disse ela, com fel na voz.

— Por esta razão também você teve de ser persuadida a fazer parte da equipe de miniaturização?

— E também para trabalhar com ele na mesma equipe... Foi, sim. Mas me disseram que sou insubstituível, que a ciência deve ser posta acima de todos os sentimentos pessoais, acima da raiva, do ódio... E, além disso...

— Sim?

— Além disso, se abandono o projeto, perco meu status de cientista na União Soviética. Perco privilégios e mordomias, o que apesar de não significar grande coisa para mim, pode ser muito importante para minha filhinha.

— O Yuri também teve de ser persuadido?

— Ele? Claro que não. O projeto é tudo para ele, tudo! Ele não olha para mim, não me vê. E se por acaso ele morrer durante a experiência... — Espalmou as mãos, antes que Morrison pudesse abrir a boca: — Veja bem: não tenho a menor expectativa de que venha a acontecer. É uma bobagem romântica que inventei para me torturar. Acho que é puro masoquismo. Mas, se ele tiver que morrer, morre sem sequer perceber que estou morrendo ao seu lado!

Morrison surpreendeu-se ao perceber que estava tremendo:

— Não fale dessas coisas. E o que acontecerá a sua filha se... A Natália fez alguma provisão?

— Não foi preciso. Sei o que acontecerá. Ela será criada pelo governo, como órfã de uma cientista soviética transformada em mártir.

Pode ser até melhor para ela. — Sophia fez uma pausa. — As coisas lá fora já estão parecendo do tamanho normal. Vamos poder sair daqui logo, logo. Você passará quase todo o dia de hoje em exames médicos e psicológicos, Albert. Eu também. É uma chatice mas não há como fugir. Como você está se sentindo?

— Acho que estaria melhor se você não tivesse começado a falar de morte. — Morrison falou com toda a honestidade, sem perceber.

— Escute, Sophia. Amanhã, quando estivermos no corpo de Shapirov, até que ponto seremos miniaturizados?

— Quem decide isso é a Natália. No mínimo, às dimensões de uma célula, é claro. Talvez até ao tamanho de uma molécula.

— Alguém já vivenciou isso antes?

— Que eu saiba, não.

— Coelhos? Objetos inanimados?

Sofia sacudiu a cabeça e repetiu:

— Não, que eu saiba.

— E quem pode saber se isso é possível? Ou, caso seja, há possibilidade de sobreviver?

— A teoria. Teoricamente é possível, e sobreviveremos. Até aqui, todos os testes, todas as experiências corroboraram a teoria.

— Mas há sempre um limite! Não seria melhor testar inicialmente a ultraminiaturização em um pedaço de plástico, um coelho, um...

— Claro que seria. Mas poderia levar meses, anos, até convencermos o Comitê Central de Coordenação a autorizar o gasto de energia.

Não temos tempo para isso. Temos que entrar no Shapirov o mais rápido possível.

— Realizaremos algo sem precedentes. Exploraremos o desconhecido sem nenhum teste. Só com as incertezas de uma teoria.

— Exatamente. Vamos embora. Olhe só a lâmpada piscando, dando o sinal. Temos que sair daqui e ficar à disposição dos médicos.

Para Morrison a boa notícia de que acabara de ser desminiaturiado sem qualquer prejuízo não chegou a ser consolo. A experiência daquele dia não garantia nada sobre a experiência do dia seguinte.

Sentiu-se aterrorizado, outra vez.

CAPÍTULO 8

PREPARATIVOS

A parte mais difícil é sempre o começo. São os chamados preparativos.

Dezhnev (pai)

AO ANOITECER, depois de um longo e irritante exame médico, juntou-se aos quatro soviéticos para jantar. A Última Ceia, pensou Morrison, sem achar graça nenhuma. Estava irritado e, ao sentar, explodiu:

— Ninguém me falou sobre os resultados dos exames! Você também foi examinada, Sophia?

— Fui.

— E os resultados?

— Também não me disseram nada, Albert. Como o serviço é gratuito, eles devem pensar que não nos devem nenhuma satisfação.

— Não faz mal — replicou Dezhnev, com a alegria habitual.

Como costumava dizer o meu pai: “As más notícias têm asas de águia, as boas têm as pernas de uma preguiça”... Se ninguém disse nada é porque não há nada de errado com vocês.

— Boas ou más, as notícias teriam que ser dadas a mim — disse Natália. — Só a mim. Sou eu que decide quem vai ou não fazer parte da expedição.

— E quais foram as notícias a meu respeito? — Morrison quis saber.

— Nada de errado com você. Dentro de doze horas a aventura começará e você virá conosco.

— Não há nada de errado mesmo?

— Nada de importante. A única coisa, segundo um dos médicos, é o fato de você ser dotado de “um mau gênio tipicamente americano”.

— Hum! Uma das manifestações tipicamente americanas de liberdade é poder demonstrar mau humor quando somos examinados por algum médico dotado de uma falta de respeito humano tipicamente soviética.

Apesar disto, a preocupação com a saúde, tanto física quanto mental, deu lugar, inevitavelmente, à preocupação quanto à iminente miniaturização. Passou o restante da refeição em silêncio, comendo devagar e sem muito apetite.

YURI KONEV foi o primeiro a deixar a mesa. De pé, atrás da cadeira, com uma expressão compenetrada no rosto jovem, falou:

— Natália, preciso levar Albert ao meu escritório, Preciso discutir e planejar com ele a tarefa de amanhã.

— Lembre-se, por favor, de que todos precisamos dormir cedo.

Não quero que se entusiasmem e percam a noção da hora. Quer que o Arkady vá com você?

— Não preciso dele — replicou Konev, com orgulho.

— De qualquer forma, os dois guardas ficarão de lado de fora, junto à porta. Se precisar de alguma coisa, é só chamar.

— Tenho certeza de que também não precisarei deles, Natália!

— Voltou-se para Morrison, impaciente: — Vamos, Albert, me acompanhe.

O americano, que acompanhara sem interesse o diálogo, também se levantou:

— É longe? Já estou cansado de ir e vir de um lado para outro aqui dentro. — Percebia que estava sendo indelicado mas não se importou.

— Sempre achei que a rotina de um professor universitário é andar de um lugar para outro dentro do campus. — Konev pareceu se importar menos ainda.

Saíram da sala e percorreram o corredor em silêncio. Morrison, a partir de certo ponto, começou a ouvir os passos dos guardas e, instintivamente, olhou para trás. Konev continuava a andar olhando para a frente. Morrison tornou a se impacientar:

— Ainda falta muito?

— Que pergunta boba, Albert! Não tenho nenhuma intenção de ir além de minha sala. Quando chegarmos, chegamos. Se ainda caminhamos é porque não chegamos.

— Vocês deviam arranjar alguns carrinhos de golfe ou algo do tipo para vencer todas essas distâncias.

— Qualquer coisa que ajude a atrofiar os músculos? Deixe disso.

Você não é tão velho a ponto de não poder andar e nem tão jovem a ponto de ser carregado.

Morrison pensou que, no lugar de Sophia, soltaria foguetes para comemorar a recusa daquele sujeito em assumir a paternidade da filha.

Chegaram, finalmente, ao lugar que ele pensou ser o escritório porque, em frente à porta, Konev gritou “abra” e ela deslizou silenciosamente, O soviético entrou primeiro.

— O que acontece se alguém imitar a sua voz? É fácil imitar sua voz.

— O aparelho examina meu rosto, também. É necessária a combinação do rosto com a voz.

— E se você pegar um resfriado?

— Uma vez peguei uma gripe muito forte e passei três dias sem conseguir entrar, tendo sido obrigado a abri-la mecanicamente. Se me acidentar e o meu rosto ficar inchado ou deformado, também terei problemas. Mas esse é o preço que pago pela segurança.

— Mas será que há pessoas aqui tão curiosas, para se precisar de tudo isto?

— Gente é sempre gente. Para que expor mesmo as melhores pessoas a tentações desnecessárias? Há coisas únicas aqui dentro, que só podem ser vistas por outros se eu decidir isso. Isto, por exemplo.

— Apontou para um enorme volume, sustentado por uma armação feita obviamente sob medida para ele.

Morrison notou que a mão de Konev era muito bem tratada e que recebera os cuidados de uma manicure. Podia ser que ele negligenciasse outros aspectos

para melhor se dedicar ao trabalho, mas a aparência pessoal ele não negligenciava, pensou.

— O que é isto?

— Isto é o acadêmico Shapirov. Ou, pelo menos, sua essência. — Folheou o livro ao acaso: páginas e páginas cheias de símbolos dispostos como que em diagramas. — Tenho uma cópia microfilmada, é claro, mas há algumas vantagens nesta versão impressa. — Enquanto falava, ia dando palmadinhas carinhosas no volume.

— Continuo não entendendo.

— É a estrutura básica do cérebro de Shapirov, transcrita numa simbologia que eu mesmo inventei. Com o software adequado, é capaz de reproduzir na tela do computador um mapa tridimensional detalhadíssimo do cérebro dele.

— Se você está falando sério, isso é fantástico!

— Estou falando sério. Gastei toda a minha vida profissional nesse trabalho: transcrever a estrutura cerebral em símbolos e de- codificá-los, reproduzindo a estrutura. Inventei e desenvolvi a ciência da cerebrografia.

— E o Shapirov foi o seu objeto de estudo?

— Por uma sorte inacreditável, foi. Ou talvez não tenha sido apenas sorte, tenha sido inevitável. Todos possuímos nossas pequenas vaidades e Shapirov achava que seu cérebro merecia ser registrado e preservado em todos os seus detalhes. Quando começamos a trabalhar nesse campo, sob a direção dele, achávamos que um dia seria possível explorar in loco cérebros de animais. E ele insistiu em ter o próprio cérebro analisado por cerebrografia.

Morrison começou a se entusiasmar:

— Você consegue reproduzir as teorias dele a partir do mapa?

— Claro que não. Os símbolos foram obtidos numa cerebrografia feita há três anos. Ele ainda não havia desenvolvido suas idéias mais recentes e, de qualquer forma, o que tenho aqui é só a estrutura física, não os pensamentos, infelizmente. Mas isso será valiosíssimo amanhã, na viagem.

— Com certeza! Nunca ouvi falar nisso antes.

— Não me surpreende. Já publiquei alguns artigos, mas somente na revista de circulação interna aqui da Gruta. E os artigos continuam altamente confidenciais. Ninguém de fora, mesmo na União Soviética, sabe algo sobre isso.

— Discordo dessa política. Em outro lugar alguém acabará chegando ao que você desenvolveu e, se publicar primeiro, a ele será conferido todo o mérito.

Konev balançou a cabeça:

— Ao primeiro sinal de que alguém está se encaminhando nessa direção, meus primeiros trabalhos serão publicados. Isso bastará para garantir a minha primazia. Mas isto não vem ao caso, agora. O que interessa é termos em mãos um mapa do cérebro de Shapirov, para nos guiar. Isso é um achado incrível. Ao fazê-lo jamais acreditamos que um dia ele seria usado para tal propósito. — Dirigiu-se até um computador e, com gestos rápidos, que traduziam sua grande desenvoltura, nele inseriu cinco discos grandes. — Cada um desses discos poderia conter todas as informações da Biblioteca Central de Moscou e, ainda, sobraria espaço. E tudo isto está dedicado ao cérebro de Shapirov.

— Você está querendo me convencer .— perguntou Morrison, indignado — de que conseguiu transferir todas estas informações, todo o cérebro dele, para este livro aqui?

— Não, não — Konev deu uma olhada para o livro. — Comparado ao total codificado, este livro não passa de um panfletinho. Mas ele contém o arcabouço básico, por assim dizer, da estrutura neurônica de Shapirov e eu o usei como guia para um programa que aprofundou o detalhamento do mapa. Levou meses para o nosso computador mais avançado realizar esse trabalho. E, mesmos assim, .Albert, só conseguimos chegar até o nível celular. Se fôssemos mapear o cérebro ao nível molecular, registrando todas as combinações e permutações, todos os pensamentos concebíveis de um cérebro humano, e de um homem como ele, toda a criatividade, realizada e potencial... acho que seria preciso um computador do tamanho do universo, trabalhando mais tempo que a idade do universo. Mas, para a nossa tarefa, acho que o que tenho é suficiente.

— Você pode me mostrar, Yuri? — Morrison estava de novo fascinado.

Konev encarou a máquina, que já estava ligada, e acionou algumas teclas. Na tela apareceu um cérebro humano, visto de lado.

— Posso fazer o corte que você quiser. — Acionou outros controles e a imagem do cérebro começou a “descascar” como se estivessem sendo retiradas fatias ultramicroscópicas, à razão de milhares por segundo. — A esta velocidade levaria uma hora e quinze minutos para cobrir a totalidade, mas posso parar em qualquer ponto escolhido. Também posso aumentar a velocidade, com fatias mais grossas, ou cortar logo de uma vez no ponto que quiser.

— À medida que ia falando, ia também demonstrando. — E posso mudar o enquadramento, girar a imagem ao redor de um eixo...

Posso aproximar até o limite de uma célula, olhe, devagar ou de uma vez só.

O cérebro na tela pareceu explodir, a partir de um ponto central, em todas as direções, quando Konev apertou uma tecla.

Morrison piscou várias vezes e teve que afastar o olhar. Konev continuou:

— Agora já está no nível celular. Os objetos pequenos que você está vendo são os neurônios. Se eu continuar a expandir, surgirão os axônios e os dendritos. Se quisermos, é possível acompanhar um axônio isolado, atravessar a sinapse e passar para o dendrito de outro neurônio e assim por diante, numa viagem por computador através de um cérebro tridimensional. Essa máquina possui um dispositivo para hologramas e, quando eu digo tridimensional, estou falando literalmente.

— Então, para que a miniaturização? Para que enviar naves ao interior do cérebro?

O rosto de Konev encheu-se de desprezo:

— Esta é uma pergunta burra, Albert. Acredito que ela se deva ao seu medo de ser miniaturizado. Você procura alguma desculpa para fugir da experiência. O que está na tela à sua frente é um mapa tridimensional do cérebro. Mas é só tridimensional. É o flagrante de um momento que já passou. Na verdade, o que estamos vendo é um material estático, morto. O que queremos ver é a atividade dos neurônios em vida, mudando a cada instante. Queremos uma visão quadridimensional dos potenciais elétricos, aumentando e diminuindo, das microcorrentes que viajam entre as células e as fibras celulares, e queremos a interpretação de tudo isso em pensamentos. Essa tarefa é sua, Albert. O Arkady

Dezhnev vai manipular a nave pelas rotas que eu escolher e você vai nos dar os pensamentos.

— E que critério você escolheu para determinar as rotas?

— O critério dos artigos que você escreveu. Escolhi as regiões que você apontou como representativas da cadeia neurônica do pensamento criativo e, a partir do meu livro, com a reprodução codificada do cérebro de Shapirov, calculei os centros em que se podem encontrar passagens mais ou menos diretas para vários pontos da cadeia. Depois, localizei-os melhor, com maior precisão, com o auxílio do computador. É para um ou mais desses centros que vamos amanhã.

Morrison sacudiu a cabeça:

— Sinto muito, mas não posso garantir que seremos capazes de identificar pensamentos, mesmo que encontremos os centros onde eles acontecem. É como chegar a um lugar onde se podem ouvir vozes, mas sem se conhecer a língua que estas vozes falam. Assim continuaremos sem entender o que dizem.

— Não podemos ter certeza. A variação dos potenciais elétricos no cérebro dele pode ser semelhante à dos nossos e pode ser que entendamos seus pensamentos sem sabermos como. De qualquer forma só saberemos quando tentarmos.

— Neste caso, espero que você esteja preparado para uma decepção.

— Nunca! — Konev exclamou com total seriedade. — Quero ser a primeira pessoa a revelar os segredos do cérebro humano. Vou solucionar completamente o mais remoto mistério fisiológico da humanidade, talvez de todo o universo, se é verdade que somos o mecanismo pensante mais avançado que existe. Portanto, trabalharemos juntos, você e eu, amanhã. Quero que esteja preparado, que me ajude, estudando cuidadosamente as ondas cerebrais que encontrarmos.

Quero que interprete os pensamentos do Shapirov e, muito principalmente, seus pensamentos sobre a relação entre a teoria quântica e a relatividade, para que viagens como a que faremos amanhã se possam tornar rotina e possamos começar a estudar de verdade o cérebro. — Fez uma pausa e olhou intensamente para Morrison. — E então?

— Então o quê?

— Você não está impressionado?

— Claro que estou. Mas pergunto uma coisa: quando assisti à miniaturização da coelha, havia um silvo alto durante o processo, e na reversão havia uma espécie de trovão. Hoje, quando vocês me submeteram ao processo, não houve nada disso, senão eu perceberia o que estava acontecendo.

— Ah! — Konev levantou o dedo indicador. — Os ruídos só são audíveis quando se está no espaço real. No espaço miniaturizado, não. Fui o primeiro a descobrir isto, ao ser miniaturizado, e relatei o fenômeno depois. Ainda não sabemos por que o campo de miniaturização parece interromper as ondas sonoras, enquanto as de luz o atravessam normalmente, mas esperamos aprender novos aspectos do processo à medida que formos progredindo.

— Só espero que a gente não descubra os aspectos fatais. Você não está com nenhum medo, Yuri?

— Estou com medo de não conseguir completar meu trabalho, caso eu morra ou me recuse a enfrentar a miniaturização. Interromper o trabalho em função da morte é uma possibilidade remota.

Mas, se eu me recusar a ser miniaturizado, passa a ser uma certeza. Por isso, prefiro um milhão de vezes arriscar a primeira do que a segunda.

— E você não se incomoda com o fato de Sophia correr os mesmos riscos?

— O quê? — Konev franziu as sobrancelhas.

— Caso você não se lembre mais do primeiro nome dela, estou me referindo à doutora Kaliinin.

— Ela faz parte do grupo e participará da experiência, eu sei disso.

— E você não se importa?

— Por que é que deveria me importar?

— Por que, afinal, ela acha que você a traiu.

Konev ficou vermelho e seu rosto adquiriu uma expressão sombria:

— Será que a maluquice dela chegou ao ponto de fazer confidências a um estranho? Se ela não fosse tão necessária ao projeto...

— Desculpe, mas ela não me pareceu incoerente. — Nem Morrison mesmo sabia por que estava insistindo. Talvez se sentisse diminuído por temer tanto uma tarefa que o outro desejava tão ardentemente.

Assim poderia diminuí-lo também. — Você nunca foi... amigo dela?

— Amigo!? — O rosto encheu-se de desprezo. — O que é a amizade?

Quando cheguei, ela já estava aqui. Havia chegado um mês antes. Trabalhamos juntos, como calouros, aprendendo juntos as mesmas coisas. Claro que aconteceu isso que você chama de amizade, a necessidade física de intimidades. E daí? Éramos jovens e inseguros. Foi só uma fase, que passou logo.

— Mas deixou um saldo: uma criança.

— Não tive nada a ver com isso!

— Ela diz que...

— Não tenho dúvida de que ela me responsabiliza, mas não vai funcionar.

— Você já pensou numa análise genética?

— Não! Imagino que a criança tenha tudo de que precisa e, mesmo que uma análise genética indicasse a possibilidade de ser minha filha, eu me recusaria a fazer qualquer esforço para me envolver emocionalmente com ela. O que aquela mulher tem a ganhar?

— Você é sempre frio assim?

— Frio? O que você acha que eu fiz? Acredita que corrompi uma jovem virgem inocente? Todas as iniciativas foram dela. Quando lhe contou essa história triste, ela disse, por acaso, que já havia engravidado antes, que já havia feito um aborto anos antes de me conhecer?

Não sei quem foi o primeiro pai, como não sei quem é pai da criança. Possivelmente nem ela sabe.

— Você está sendo cruel.

— Não estou, não! Ela é que está sendo cruel consigo mesma.

Eu tenho uma amante, eu tenho um amor: é este projeto! É o cérebro humano, ao nível abstrato, seu estudo, sua análise, tudo a que podemos chegar!

Aquela mulher foi, na melhor das hipóteses, uma distração. Na pior, uma tentativa de destruição. Essa conversinha que estamos tendo é contra a minha vontade e, sem dúvida, é idéia dela...

— Não é, não! — Morrison interrompeu.

— Nem sempre se percebe quando se está sendo manipulado. Essa discussão pode me custar uma noite de sono e amanhã, quando eu precisar ficar totalmente alerta, poderei estar sonado! É isso que você quer?

— Não. É claro que não.

— Mas é o que ela quer! Você não faz nem idéia de quantas maneiras diferentes ela usou para interferir no meu trabalho. Também você não sabe quantas vezes ela já conseguiu. Não olho para ela, não falo com ela, mas ela não me deixa sossegado. Para ela, todas as injustiças que ela imagina que eu tenha cometido ainda estão frescas em sua memória tanto quanto no dia que a deixei. Você está certo: me incomoda o fato de essa mulher estar na mesma nave que eu. Expus meus protestos a Natália, mas ela respondeu que nós dois somos indispensáveis. Satisfeito, agora?

— Desculpe. Não pensei que ficaria tão perturbado.

— O que você pensou? Que fôssemos trocar idéias, como dois amigos? Depois de você me acusar de traições e sujeiras?

Morrison não respondeu. Abaixou um pouco a cabeça, enquanto o outro descarregava a raiva. Das cinco pessoas que se encontrariam na nave, pensou, três começariam a trabalhar com o sentimento de serem vítimas de injustiças terríveis. Perguntou a si próprio se, conhecendo-os melhor, Natália e Dezhnev também não se revelariam emocionalmente perturbados. Konev falou de repente, com grosseria na voz:

— É melhor você ir embora. Eu o trouxe aqui com a perspectiva de eliminar o seu medo, injetando-lhe uma dose de entusiasmo pelo projeto. É evidente que não consegui. Você está mais interessado em intrigas mal-intencionadas. Vá embora. Os guardas aí fora o levarão aos aposentos que reservamos. Você precisa dormir.

Morrison suspirou. Dormir?

MAS, APESAR DE TUDO, Morrison dormiu bem em sua terceira noite na União Soviética.

Ao sair da sala de Konev, encontrara Dezhnev esperando, junto aos guardas. O rosto largo era um sorriso só e dava a impressão de que iria abanar as orelhas de alegria a qualquer momento. Depois do encontro com a personalidade sombria e intensa que deixara na sala, o americano não pôde deixar de se alegrar ao ver Dezhnev, que falava de vários assuntos ao mesmo tempo mas não mencionava a experiência do dia seguinte. Ele o convidou insistentemente para um trago:

— Não é vodca, não! Nada de álcool. É leite adoçado e aromatizado, que roubei do comissariado. Acho que aqueles burocratas dão isso aos animais. Para eles é mais fácil achar um substituto para um ser humano que para um animal. É a maldição da superpopulação.

Como costumava dizer o meu pai: “Para se fazer um ser humano, basta um momento de prazer; para se conseguir um cavalo é preciso um monte de dinheiro”. Mas beba. É ótimo para o estômago.

Morrison abriu a lata e despejou a bebida no copo que Dezhnev lhe dera. O gosto era bom. Agradeceu quase com alegria. Quando chegaram ao quarto, o soviético recomendou:

— O importante agora é dormir. Durma bem. Deixe que lhe mostro onde ficam as coisas. — Andou de um lado para outro, parecendo uma galinha grande e desajeitada arrumando o ninho. — Boa noite e durma bem! — E foi embora, esbanjando vitalidade e alegria.

O americano obedeceu quase imediatamente. Assim que se ajeitou na posição favorita, de bruços e com o joelho esquerdo fora do colchão, começou a adormecer. Não dormira bem as duas noites anteriores, claro, mas de repente percebeu que devia haver algum sedativo no copo em que esvaziara a lata dada por Dezhnev. A última coisa que conseguiu pensar foi que deviam ter dado aquilo para Konev.

Acordou sem conseguir lembrar de nenhum sonho. Dezhnev o estava sacudindo, com a mesma exuberância da noite passada, totalmente acordado e animado, parecendo tão limpo e arrumado quanto lhe permitia sua aparência de urso.

— Chegou a hora, camarada americano! Acorde! Vá tomar um banho e fazer a barba. O banheiro tem toalhas limpas, pente, desodorante, lenços de papel, sabonetes. Sei porque fui eu quem trouxe tudo isso. Tem até um barbeador elétrico novinho. E, ainda por cima, outro uniforme de algodão, com reforço na altura das virilhas, para você não se sentir tão exposto. Aqueles burocratas desgraçados têm uma porção deles, mas é preciso saber pedir; mostrando o tamanho dos bíceps e sua disposição para usá-los. — Flexionou os braços, com uma careta de ferocidade.

Morrison bocejou e sentou na cama. Levou um momento para se situar e absorver o fato de que era quinta-feira, o dia da miniaturização.

Meia hora depois, saiu do banheiro devidamente lavado, seco, perfumado, barbeado e penteado. Começou a vestir o uniforme grosseiro e Dezhnev quis saber:

— Eliminou direitinho, meu caro? Nenhuma prisão de ventre?

— A eliminação foi perfeitamente satisfatória, obrigado.

— Ótimo! Claro que não perguntei por curiosidade. Não tenho o menor fascínio por excrementos. É que as acomodações da nave não são ideais para essas coisas. Melhor esvaziar antes de embarcar.

Eu mesmo não confiei muito na natureza. Tomei um laxantezinho.

— Quanto tempo vamos ficar miniaturizados?

—. Não deve ser muito tempo. Uma hora, talvez, se dermos sorte.

Com muito azar, umas doze horas.

— Escute — disse Morrison —, meus intestinos são bemcomportados, mas não vou agu?entar doze horas sem urinar.

— E quem é que agu?enta? — Dezhnev retrucou jovialmente. — Cada cadeira da nave está equipada para tais eventualidades. Há uma depressão, debaixo de uma tampa escamoteável. Uma privada embutida, por assim dizer. Fui eu mesmo que a projetei. Mas dá um trabalho danado e, se você for sensível a essas coisas, é meio embaraçoso.

Um dia, quando o processo de miniaturização sem energia já se tiver tornado realidade, projetaremos verdadeiros transatlânticos, com conforto digno dos czares de antigamente.

— Bom, torçamos para que a expedição não demore muito. — Morrison surpreendeu-se por alguns instantes, ao notar que suas preocupações tinham deixado de abranger o medo de morrer ou de perder a razão e tinham se concentrado nas dificuldades de manipular a latrina improvisada e de manter o máximo de discrição possível.

Pensou nas grandes viagens exploratórias do passado e imaginou que devia ter ocorrido uma grande quantidade de grosserias e indelicadezas, que a História não registrara.

Aprontou-se finalmente, e Dezhnev, num uniforme igual ao seu, com o mesmo detalhe luxuoso nas virilhas, só que um pouco maior, trovejou:

— Vamos ao café da manhã! Comida boa, alto teor de calorias e pouco volume, porque não haverá refeições a bordo. Teremos água, é claro, e suco de frutas, mas nenhuma bebida de verdade. A doce Natália quase me matou quando sugeri que talvez fôssemos precisar de um pouco de vodca. Acabou me bombardeando com uma bateria de comentários desnecessários a respeito de vícios e bebedeiras. Albert, Albert! Como eu sou discriminado, quantas injustiças!

A refeição foi farta, realmente, mas não muito satisfatória: gelatina, mingau, fatias grossas de pão branco, manteiga, geléia de laranja, sucos de frutas e uma variedade de pílulas. A conversa ao redor da mesa estava razoavelmente animada e se referia, principalmente, ao torneio de xadrez da Gruta. Ninguém mencionou a nave ou a miniaturização. Talvez achassem que dava azar, pensou Morrison.

De qualquer forma, não reclamou. Chegou até a mencionar as próprias aventuras com o tabuleiro, onde seu único destaque sempre fora a incapacidade de derrotar os adversários.

De repente, cedo demais para o gosto dele, a mesa estava sendo retirada e estavam se dirigindo à nave.

ESTAVAM ANDANDO em fila indiana, com pequenos intervalos entre eles. Dezhnev ia à frente; a seguir Sophia, Natália, Morrison e finalmente Konev. Morrison logo entendeu a razão daquilo: estavam sendo observados

individualmente. Ao longo das paredes do corredor, homens e mulheres, obviamente ligados ao projeto, olhavam para eles com admiração. Pelo menos eles sabiam o que está acontecendo, pensou, mesmo que "lá fora", na União Soviética ou no resto do mundo, ninguém soubesse de nada.

Dezhnev lançava acenos entusiasmados para ambos os lados, à maneira de algum governante popular e amado pelos súditos, e a pequena multidão respondia com igual entusiasmo, acenando de volta e gritando seu nome. Os outros também iam sendo saudados.

Era óbvio que os trabalhadores do projeto os conheciam bem. As duas mulheres agradeciam com modéstia e Konev, como era de se esperar — Morrison verificou isso olhando para trás — ia andando em silêncio, olhos fixos à frente e sem dar a menor atenção à manifestação.

De repente, Morrison foi surpreendido por um grito alto e claro, em inglês:

— Hurrah! The American!

Voltou-se para a direção de onde vieram as palavras e acenou automaticamente.

No mesmo instante, todos os trabalhadores começaram a gritar ao mesmo tempo, até que os "hurras ao americano"

dominaram todos os outros sons. Sentiu, de repente, que não estava conseguindo manter a expressão resignada e carrancuda com que chegou até ali. Nunca fora alvo de manifestações de consagração popular e adorou de imediato aquela primeira experiência. Começou a acenar para todos os lados, com um enorme sorriso rasgado no rosto. Percebeu a expressão, ao mesmo tempo solene e divertida, de Natália, e viu que Dezhnev apontava para ele, sugerindo ostensivamente que o americano deveria receber as saudações, mas nada disso o perturbou.

Chegaram finalmente ao fim do corredor e entraram no salão em que estava Shapirov, em estado de coma. Morrison percebeu que a nave já tinha sido trazida para ali. Olhou em volta, examinando o restante do salão, e tomou um susto:

— Ei! Aquilo ali é uma equipe de televisão!

Sophia estava a seu lado. Que seios lindos, pensou ele. Estavam protegidos, mas não ocultos, pelo uniforme e ele entendeu por que Konev havia dito que ela o distraía do trabalho. Foi ela quem respondeu:

— Tudo bem. Nós vamos aparecer na televisão. Toda experiência importante é cuidadosamente registrada e há sempre repórteres e cinegrafistas presentes, para que o registro seja bem profissional.

Ontem mesmo, quando fomos miniaturizados, havia uma câmera funcionando mas tivemos que escondê-la de você.

— Mas se o projeto é secreto...

— Não vai ser secreto para sempre. Um dia, quando chegarmos ao sucesso total, os detalhes do caminho que percorremos até ele serão mostrados ao nosso povo e ao resto do mundo. Ou até mesmo antes, se descobrirmos que alguma outra nação está fazendo progressos no mesmo campo.

Morrison sacudiu a cabeça:

— Esta preocupação obsessiva com a prioridade não me agrada.

O sucesso chegaria muito mais cedo se outros cérebros, outros recursos se juntassem aos de vocês.

— Você gostaria de dividir o crédito com outros se fosse na sua especialidade? É fácil cumprimentar com o chapéu dos outros.

Ele não respondeu. Não havia necessidade. Natália, enquanto isto, estava falando com um homem, que ele imaginou ser um repórter pela atenção com que a ouvia. Aproximou-se dos dois e passou a ouvi-la também, com atenção concentrada:

— Este é o cientista americano Albert Jonas Morrison — continuou ela —, um professor de neurofísica, que é, como todos sabem, a especialidade do acadêmico Konev. O doutor Morrison está conosco na qualidade de observador americano e também de assistente do acadêmico Konev.

— Quer dizer que a nave levará cinco pessoas?

— Certo. E nunca mais se conseguirá reunir cinco pessoas como estas, ou reproduzir um evento como este, mesmo que a miniaturização dure um milhão de anos. O acadêmico Konev foi o primeiro ser humano submetido ao processo.

A doutora Sophia Kaliinin foi a primeira mulher, o doutor Morrison, o primeiro cidadão americano.

Os dois, além disto, foram os primeiros pacientes de uma miniaturização múltipla e os primeiros que se submeteram ao processo dentro da nave. Quanto à viagem de hoje, ela vai representar a primeira miniaturização de cinco seres humanos e a primeira ocasião em que uma nave tripulada e miniaturizada será inserida num ser humano vivo. A inserção será, como é sabido, no corpo do acadêmico Shapirov, o segundo homem a ser miniaturizado e a primeira vítima de um acidente no processo.

Dezhnev, que tinha se aproximado sem ser percebido, sussurrou ao ouvido de Morrison:

— Está vendo, Albert? Você já é uma nota indelével no rodapé da História. Até aqui você se julgava um fracasso, mas não é nada disso. Ninguém pode lhe roubar a glória de ter sido o primeiro americano miniaturizado. Mesmo que o seu povo também descubra o processo e alguém seja miniaturizado lá, este alguém vai, no processo e alguém seja miniaturizado lá, este alguém vai, no máximo, conseguir ser o segundo americano miniaturizado.

Morrison não tinha pensado naquilo. Avaliou o que o outro lhe dissera, viu que era verdade. A glória recém-descoberta e permanente o agradou. Mas... tudo aquilo seria verdade se os soviéticos algum dia viessem a publicar a declaração de Natália, sem distorcêla ou editá-la. E, de qualquer forma, não estava satisfeito:

— Não era desta forma que gostaria de entrar para a História.

— Faça um bom trabalho nesta viagem de agora e você acabará sendo lembrado por muito mais que isto. Mas, de qualquer jeito, como costumava dizer meu pai: “Sempre é bom sentar à cabeceira da mesa, mesmo que só haja um outro conviva e a comida seja só uma sopa de repolho”.

Dezhnev afastou-se e Sophia puxou a manga de Morrison para chamar sua atenção.

— Sim, Sophía?

— Você esteve com ele, ontem à noite, não foi?

— Ele me mostrou um mapa do cérebro de Shapirov.

Maravilhoso!

— Ele falou de mim?

Morrison hesitou:

— Por que haveria de falar?

— Porque você é curioso e tenta fugir dos seus demônios particulares. Você deve ter perguntado.

Morrison fez uma careta, ao se ouvir descrito daquela forma por ela, mas acabou dizendo que sim:

— Ele se defendeu.

— Como?

— Mencionou uma gravidez anterior sua e... um aborto. Não acredito muito nesta história, a não ser que você mesma a confirme.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas:

— Ele descreveu as... circunstâncias?

— Não. E nem eu quis saber.

— Ele podia pelo menos ter contado. Fui estuprada quando tinha dezessete anos. Meus pais tomaram as providências legais para evitar a... consequ?.ncia indesejável.

— Compreendo. Pode ser que o Yuri prefira não acreditar nisso.

— Ele pode preferir acreditar que eu fui quem tomei alguma iniciativa mas o estuprador ainda está na cadeia e o processo está à disposição de quem quiser ver. As leis soviéticas são duras com este tipo de criminoso desde que as provas sejam totalmente irrefutáveis.

Reconheço não ser difícil a uma mulher fazer uma acusação falsa de estupro, mas não foi o caso, e o Yuri sabe muito bem. Como ele foi covarde lhe contando o caso pela metade!

— Mas esta não é hora de pensar nisso, Sophia, por mais que eu compreenda ser uma coisa difícil de esquecer. Temos um trabalho complicado pela

frente, dentro da nave, e cada um de nós precisará usar toda a sua concentração e todo o seu talento. Garanto a você, no entanto, que estou do seu lado, contra ele Ela fez que sim com a cabeça:

— Sou grata a você pela bondade e compreensão. Mas não se preocupe comigo. Trabalharei com muito empenho.

Natália elevou a voz:

— Neste momento, entraremos na nave, na ordem em que eu chamar: Dezhnev, Konev, Kaliinin, Morrison. E, finalmente, eu mesma. — Colocou-se em posição, atrás dele, e perguntou baixinho:

— Como você está se sentindo, Albert?

— Horrível. Que outra resposta você esperava?

— Nenhuma outra. Mas, mesmo assim, espero que faça sua parte como se não estivesse se sentindo mal. Está bem?

— Tentarei — respondeu, com a garganta seca. Em seguida, logo após Sophia, entrou na nave, pela segunda vez.

UM POR UM, foram se acomodando em seus lugares, na ordem que Sophia descrevera na véspera. Dezhnev na primeira fila, à esquerda, com Konev a seu lado. Atrás deles, Sophia e Morrison. Na última fila, sozinha à esquerda, Natália. Morrison piscou os olhos algumas vezes e assoou o nariz num lenço de papel que encontrara no bolso do uniforme. E se precisasse de mais lenços, pensou, como faria? Irritou-se com a trivialidade mas percebeu que, se tinha que se preocupar, era melhor que não fosse com bobagens como aquela. Sentiu que a testa estava úmida. Seria por causa da exigu?idade do espaço? Eram cinco a respirar, num ambiente confinadíssimo.

A umidade tornaria-se incômoda? Haveria ventilação suficiente?

Começou a pensar, de repente, nos cosmonautas do século passado. Seus movimentos haviam sido ainda mais restritos. Deviam ter se sentido muito desconfortáveis, mas pelo menos dirigiramse para um espaço mais ou menos conhecido e compreendido, enquanto que ele, naquele instante, se dirigia para um microcosmo totalmente virgem de qualquer exploração.

Apesar de tudo, sentia-se menos aterrorizado. Já estivera na nave antes, já fora miniaturizado e devolvido ao tamanho original. Não sofrera nenhuma lesão. Não sentira nenhuma dor. Olhou em volta, tentando adivinhar as reações dos outros. O rosto de Sofia, a seu lado, era inexpressivo. Belo mas inexpressivo. Talvez devesse ficar impressionado com o fato de a moça não demonstrar medo ou ansiedade, mas também podia ser que "estivesse tentando fugir de seus demônios particulares", usando as mesmas palavras que há pouco ela mesma usara.

Dezhnev olhava para trás, talvez tentando avaliar, como ele, as reações alheias, ainda que por razões diferentes das suas. Morrison examinava os companheiros tentando tomar emprestada alguma coragem.

O soviético Konev talvez apenas calculasse as chances de sucesso para a equipe. Olhava fixamente para frente e tudo que Morrison podia ver era sua nuca. Natália, no banco de trás, ocupava-se em ajeitar o uniforme de algodão.

— Amigos — disse Dezhnev. — Companheiros de viagem! Antes da partida, cada um tem de checar seu equipamento. Se alguém resolver me dizer, durante a viagem, que algo não está funcionando direito, não esperem que eu morra de rir. Como costumava dizer o meu pai: "O bom trapezista não espera até o meio do salto mortal para verificar se cortou as unhas". A minha parte, agora, é checar os controles da nave. Tenho certeza de que tudo está em ordem, uma vez que os projetei e supervisionei sua construção.

Quanto à você, meu amigo Yuri, as suas cérebro-não-sei-o quê... o seu mapa, como qualquer pessoa normal o chamaria, foi transcrito ponto por ponto para o software do computador à sua frente. Faça o favor de verificar se sabe usar os controles da tela e se o mapa está correto. Sophia, minha pombinha, não entendo muito bem o que você faz aqui. Sei apenas que trabalha com eletromagnetismo. Veja, por favor, se seus equipamentos estão funcionando direitinho. Natália!

— Elevou um pouco a voz. — Tudo certo aí atrás?

— Tudo perfeito, Arkady. Ajude o Albert, por favor. Quem mais precisa de ajuda é ele.

— Claro, claro. Deixei-o por último para poder lhe dedicar toda a minha atenção. Você sabe operar este painel à sua frente, Albert?

— É lógico que não! Como iria saber?

— Aprenderá em um minuto. Este botão abre e aquele fecha. Abra, Albert! Ah, viu? Funciona, sem fazer qualquer ruído. Agora feche.

Perfeito! E o que você viu quando a portinhola deslizou?

— Um computador.

— Perfeito de novo! Mas me faça um favor: verifique se ele é um equivalente exato daquele que você está acostumado a usar. Seu software está na gavetinha da esquerda. Dê uma boa examinada, certifique-se da compatibilidade, veja se está tudo certo. Terei que confiar na sua palavra de que está tudo funcionando bem. Por favor, se tiver qualquer dúvida, qualquer suspeita, qualquer desconfiança de que há algo errado, teremos que atrasar a partida até que você se dê por satisfeito.

— Arkady! Por favor, pare de fazer dramas! Não temos tempo — interrompeu Natália.

Dezhnev ignorou-a completamente:

— Agora, se você inventar ou simular algum defeito, Albert, o Yuri descobre na mesma hora. Garanto que descobre. E nem ele nem eu nem as outras pessoas vamos ficar muito satisfeitos. Por tanto, se você pensou em encontrar algum defeito inexistente, para atrasar ou até mesmo cancelar a partida, pare já de pensar em bobagens.

Morrison sentiu seu rosto ficar vermelho e torceu para que os outros interpretassem o rubor como raiva ou amor-próprio ferido, e não como vergonha por ter sido apanhado em flagrante de alguma tentativa desonesta. Inclinou o corpo para se aproximar do computador e pensou, mais uma vez, nos resultados que as últimas modificações que fizera no programa pareciam ter trazido:

sentimentos. Não conseguia analisar ou entender bem o que acontecia, mas tivera várias vezes a impressão de que seus próprios centros de pensamento estavam sendo estimulados diretamente pelas ondas cerebrais que estava analisando. Não havia publicado nada daquilo mas comentara com uns poucos colegas, e a história havia se espalhado. A acreditar em Konev, fora por essa razão que Shapirov chamara seu programa de “relé”. Bom. E agora, como poderia testar se aquilo estava funcionando bem? As poucas sensações que havia experimentado, no passado, tinham ocorrido sem nenhum aviso, de maneira totalmente

imprevisível. Podiam, até mesmo, ser apenas o resultado da vontade de sentir, de experimentar alguma coisa. Não fora assim que aconteceu com Percival Lowell, que enxergara canais em Marte? Na confusão em que estava, percebeu de repente que não lhe ocorrera, nem por um instante, sabotar a viagem simulando algum defeito no programa. Por menos disposto que estivesse a se arriscar naquela aventura, não poderia agir dessa forma com seu programa Outra vez, sem aviso prévio, o pânico tomou conta dele. E se o programa tivesse sofrido algum dano na viagem e naqueles dias de permanência forçada na União Soviética? Como iria conseguir convencer os outros de que era verdade, de que não estava fingindo?

Mas tudo parecia funcionar perfeitamente. Pelo menos, nas condições dos testes que fez, sem nenhum contato real com um crânio e um cérebro de verdade, tudo parecia estar em ordem.

— Colocamos baterias novas. Baterias americanas — disse Dezhnev, sem tirar os olhos do que Morrison estava fazendo.

— Parece que tudo funciona bem.

— Ótimo! Todos satisfeitos com seus equipamentos, então? Agora só falta vocês levantarem um pouco seus respectivos traseiros e checarem as tampinhas escamoteáveis. Tudo certinho? Acreditem em mim. Se alguma não estiver funcionando direito, todos nós corremos o risco de sofrer horrores.

Morrison olhou disfarçadamente para Sophia e viu que ela erguia o corpo. Quando a moça fez correr a tampa, uma pequena cortininha ergueu-se, entre as duas cadeiras. Experimentou fazer a mesma coisa e outra vez a cortininha apareceu.

— Isto foi desenhado para aceitar dejetos sólidos, também — continuou Dezhnev —, desde que não haja nenhum exagero. Torçamos para que ninguém precise testar. Se acontecer o pior, no entanto, vocês verão que há um rolinho de papel debaixo de cada assento, fácil de encontrar. À medida que a miniaturização for avançando, tudo perderá massa e, portanto, os dejetos tenderão a flutuar. Para evitar acidentes assim, há um jato de ar voltado para baixo, que é acionado automaticamente quando se desliza a tampinha.

Ninguém se assuste com o ventinho. Bom... fora isto, cada cadeira tem, na base, do lado externo, um compartimento e nele há um litro de água. Ë só para beber! Se alguém se sentir sujo, suado ou mal cheiroso, paciência!... É proibido

se lavar, até o fim da viagem. E, claro, não há comida a bordo. Se perdermos uns quilinhos, tanto melhor!

A voz de Natália soou seca:

— Se você perder uns sete ou oito quilinhos, Arkady, tanto melhor!

Economizamos energia na miniaturização.

— Já pensei nisso muitas vezes, Natasha — respondeu Dezhnev, com voz neutra. — Muito bem. Testarei os controles da nave e, se tudo estiver bem, como eu tenho certeza de que está, estaremos prontos.

Para Morrison, os momentos seguintes pareceram cheios de tensão silenciosa, exceto pelo assobio baixinho de Dezhnev, inclinado sobre os instrumentos. Finalmente, o piloto ergueu o corpo, secou a testa com a manga do uniforme e anunciou:

— Senhoras camaradas, senhor camarada americano e senhor camarada, está tudo certo. Nossa viagem fantástica vai começar. — Fixou um fone ao ouvido esquerdo, ajustou um minúsculo microfone frente à boca e fez contato: — Condições operacionais cem por cento aqui dentro. E vocês aí fora? — E, depois de ouvir uma resposta curta: — Muito bom. Então, desejem-nos boa sorte, camaradas aí de fora.

Nada pareceu acontecer. Morrison olhou para Sophia, que apesar de continuar imóvel acusou ter percebido o seu olhar, porque murmurou:

— É, Albert. Já começou. Estamos sendo miniaturizados.

Morrison sentiu o próprio pulso martelando nos ouvidos. Pela primeira vez, estava sendo miniaturizado conscientemente.

CAPÍTULO 9

A ARTÉRIA

Se a corrente o esta levando na direção desejada, não discuta com ela.

Dezhnev (pai)

OS OLHOS de Morrison fixaram-se no computador à sua frente, municiado por ele com seu programa. O programa: o único objeto da nave que pertencia a um passado distante. Passado? Havia menos de cem horas que estivera cochilando na conferência, tentando pensar em algum jeito de salvar a carreira na universidade. Mas cem anos subjetivos pareciam haver passado durante aquelas cem horas reais e agora ele mal conseguia se lembrar da universidade e da frustração da vida que nela levava nos últimos tempos. Antes daquelas horas, daria qualquer coisa para quebrar a monotonia dos esforços inúteis para manter o emprego. Agora, seria capaz de dar muito, muito mais para voltar para ela, para acordar e, de repente, descobrir que as cem horas — ou anos — não haviam sido mais que um sonho.

Olhou para fora, através do casco transparente da nave, com os olhos semicerrados, como se estivesse com medo do que veria.

Estava com medo. Não queria ver nada maior que o normal, para não perder as esperanças de que o processo de miniaturização não funcionasse ou de que a coisa toda tivesse sido apenas ilusão. Mas um homem entrou em seu campo de visão. Alto, muito alto; parecia ter mais de dois metros, mas talvez aquela fosse sua altura normal.

Em seguida apareceram outros. Não podiam ser tão altos, todos eles. Afundou na cadeira e desviou o olhar. Já vira o bastante para saber que a miniaturização estava sendo inexoravelmente efetuada.

O silêncio no interior da nave era opressivo, intolerável. Ele sentiu que precisava ouvir uma voz qualquer, mesmo que fosse a sua. Sophia, a seu lado, era a escolha mais fácil e talvez a melhor.

Entre a jovialidade canhestra de Dezhnev, a concentração unidimensional de Natália e a intensidade obscura de Konev, acabou escolhendo o sofrimento congelado da moça:

— Como entraremos no corpo de Shapirov, Sophia?

Ela pareceu não ter ouvido, por alguns momentos. Quando respondeu, mal moveu os lábios pálidos para sussurrar:

— Injeção. — Em seguida, tentando ser sociável, com um enorme esforço, acrescentou voltando-se para ele: — Quando estivermos no tamanho certo, seremos colocados numa agulha hipodérmica e injetados na carótida esquerda do acadêmico Shapirov.

— Seremos sacudidos como dados no copinho de um jogador! — Morrison alarmou-se.

— Não. Será uma operação complexa, mas as soluções para todos os problemas já foram planejadas.

— Como você sabe? Isso nunca foi feito antes. Nunca com uma nave, nunca com uma agulha hipodérmica, nunca num corpo humano!

— Ë verdade. Mas problemas assim, se bem que não tão complexos, foram estudados, e as ações, planejadas há muito tempo. E nos últimos dias participamos de longos e abrangentes seminários sobre esta missão. Você não imaginou que o discurso de Arkady, toda aquela história sobre papel higiênico e tudo mais, fosse novidade para nós, pensou? Ouvimos tudo aquilo várias vezes. Ele fez aquilo por sua causa, porque você não participou dos seminários, e por si próprio. Ele estende o seu momento de glória.

— Então me explique o que vai acontecer.

— Explicarei à medida que as coisas forem ocorrendo. Por enquanto, nada faremos enquanto não chegarmos a um centímetro, mais ou menos. Mais uns vinte minutos, mas, daí em diante, as coisas andarão mais depressa. Quanto menores estivermos, mas rápida vai sendo a miniaturização. Você sentiu alguma coisa, até agora?

Morrison achou melhor omitir a aceleração das batidas cardíacas e a falta de fôlego e respondeu:

— Nada. — Achou, contudo, ser otimista demais a resposta e acrescentou:

— Por enquanto, pelo menos.

— Bom. — E Sophia fechou os olhos, para indicar que estava cansada da conversa.

Ele gostou da idéia e fechou também os seus.

Talvez tivesse realmente dormido ou tentado se proteger em um estado de semiconsciência, fugindo à realidade. De um jeito ou de outro, foi despertado por um pequeno tranco, que lhe pareceu ser o momento seguinte. Abriu os olhos, assustado, e descobriu que estava pouco mais de um centímetro acima do assento. Teve a estranha sensação de que estava flutuando. Natália havia se mudado para a cadeira imediatamente atrás da sua e colocara as duas mãos nos seus ombros, pressionando-o para baixo com delicadeza:

— Aperte o cinto de segurança, Albert. Ensine-lhe, Sophia.

Desculpe, Albert, devíamos ter ensaiado toda a viagem antes da partida, mas não tínhamos muito tempo e você estava ficando nervoso. Preferimos não piorar o seu estado com uma avalanche de informações.

Mas, para sua surpresa, Morrison não se sentia mal. Gostara da sensação de flutuar, Sophia tocou alguma coisa na beira do assento, entre os joelhos, e o cinto que a prendia à cadeira desapareceu num compartimento embutido no descanso para o braço esquerdo.

Morrison ficou intrigado: o cinto não estava ali quando ele fechara os olhos. Ela se voltou para ele, e seu corpo se afastou também do assento.

— Isto aqui, à sua esquerda, é o ejetor do cinto. — Ela própria apertou o ejetor, um pequeno círculo mais escuro que o braço da cadeira, e uma pequena rede flexível de plástico transparente saiu do compartimento, com um assobio suave, passou por cima de seu corpo e se encaixou no outro lado da cadeira. Ele sentiu-se atado ao assento por uma espécie de renda elástica. — Se você quiser desatar, é só destravar ali, entre seus joelhos. — Inclinou-se sobre ele, para indicar o local exato, e Morrison gostou da pressão do corpo dela sobre seu. Sophia pareceu não notar e, tarefa realizada, forçou o corpo de volta a seu lugar e reacionou o cinto.

Ele olhou em volta e esticou-se até o limite permitido pelo cinto para olhar por cima do ombro de Konev Os cINtos estavam devidamente atados as suas cadeiras — Já estamos miniaturizados a um ponto em que nosso peso é minúsculo, não é?

— Você está pesando uns vinte e cinco miligramas — disse Natália.

— Pode considerar-se sem nenhum peso. E, além disto, a nave está sendo levantada.

Morrison lançou um olhar acusador para Sophia e esta deu de ombros:

— Eu disse que explicaria as coisas à medida que fossem acontecendo.

Vi que você estava dormindo e achei melhor não perturbar.

Foi o toque do grampo que o acordou e o tirou da cadeira.

— Grampo? — Olhou para fora. Já tinha percebido uma sombra dos dois lados da nave. Normalmente as paredes são opacas e ele não dera nenhuma atenção àquilo. Agora se lembrou, de repente, que o casco era transparente, dando-se conta de que não conseguia ver através dos lados.

— Há um grampo — continuou Sofia — para nos segurar e evitar que sejamos sacudidos sem necessidade. Parece enorme mas na verdade é delicadíssimo e muito bem acolchoado. E estamos sendo depositados num pequeno reservatório de solução salina.

Também estamos sendo estabilizados por uma corrente de ar de baixo para cima, aspirada por um tubinho com tela na ponta. Com o grampo e o ar aspirado, estamos sendo mantidos em posição em três direções.

Morrison tornou a olhar para fora. Através dos locais do casco que não estavam em contato com o grampo ou com a ponta do tubo também não conseguiu ver nada, a não ser clarões e sombras ocasionais.

Concluiu que tudo fora da nave era enorme demais para ser visto com seus olhos minúsculos. Se os fótons que entravam na nave não fossem também miniaturizados, ao entrarem no campo, pareceriam longas ondas de rádio e ele se sentiria completamente cego.

Sentiu uma sacudidela na nave quando o grampo foi solto mas não conseguiu ver a retirada. Em um instante o via como sombra mas, no instante

seguinte, não o via mais. O movimento, na escala em que estava, fora rápido demais para os olhos. Em seguida, sentiu que o corpo se distanciava outra vez do assento e era contido pelo cinto e compreendeu que a nave estava sendo impelida para baixo.

Começou a ter a sensação de que estava num barco, lentamente atravessando as ondas de um mar.

Dezhnev apontou para uma linha escura horizontal, que se movia para cima e para baixo ao redor do casco, e comentou satisfeito:

— Isso é a superfície da água. Pensei que a sensação fosse ser mais desagradável. Parece que o pessoal aqui trabalha com engenheiros quase tão bons quanto eu.

— Na verdade — disse Natália —, os engenheiros têm pouco a ver com isto. Estamos sendo sustentados pela tensão superficial. Só acontecerá isso enquanto estivermos na superfície de algum fluido.

Não nos afetará mais quando entrarmos no corpo de Shapirov.

— Mas... e esse movimento ondulatório, Natasha? Esse sobe-edesce não está afetando nada?

Ela estava observando os instrumentos, principalmente uma pequena telinha onde uma linha luminosa horizontal parecia correr permanentemente, sem jamais se deslocar do centro. Morrison, torcendo e estirando o corpo até sentir dor nas costas, conseguiu observar o instrumento por alguns instantes.

— Está tudo tão firme quanto a sua mão, Arkady, antes de você começar a beber.

— Está tão bom assim? — A risada de Dezhnev pareceu encher a nave.

Ele pareceu aliviado, pensou Morrison, cheio de preocupação. Ele temia que fosse afetado pela ondulação? A seguir, perguntou a ninguém em particular:

— O que acontecerá agora?

Konev falou pela primeira vez desde o início da miniaturização:

— Será que teremos de explicar-lhe tudo?

— Ë claro! — Morrison respondeu, irritado. — Vocês receberam todas as explicações antes. Por que não posso recebê-las também?

— O Albert está com toda razão, Yuri — disse Natália, em voz baixa. — Tenha paciência e não se irrite. Você precisará dele logo, logo, e eu espero que ele não seja grosseiro como você está sendo.

— Konev apenas deu de ombros, sem responder. A seguir Natália dirigiu-se a Morrison: — Vamos ser colocados numa seringa hipodérmica, Albert. Tudo por controle remoto.

Como se alguém estivesse esperando por aquelas palavras, uma sombra vinda de trás os envolveu completamente. Só ficou visível um círculo luminoso à frente deles, que, logo em seguida, desapareceu também.

— Colocaram a agulha — explicou ela, com toda a calma. — Agora teremos que esperar um pouco.

O interior da nave, que tinha escurecido, encheu-se de repente de uma luz branca, mais suave e agradável que a anterior.

— De agora em diante, até o fim da viagem., não teremos mais luz externa. Teremos que depender da nossa própria iluminação — explicou novamente Natália.

Morrison, intrigado, começou a procurar a fonte da luminosidade, mas não achou. Pareceu-lhe que a luz vinha do próprio casco transparente.

Sophia adivinhou o que ele estava pensando:

— Eletroluminescência, Albert.

— Mas qual é a fonte de energia?

— Temos três geradores a microfusão — respondeu, com orgulho.

Os melhores do mundo. Do mundo!

Ele não respondeu. Chegou a pensar em falar dos geradores a microfusão americanos modernos, como os que equipavam as mais recentes naves espaciais. Mas... para quê? Um dia o mundo se livraria dos fervores nacionalistas, mas esse momento ainda não chegara.

Desde que os fervores não se expressassem em violências ou ameaças, dava para conviver com eles.

— Um dia — disse Dezhnev, quase deitando o corpo na cadeira, como se estivesse falando para o teto iluminado e transparente do casco — o que nós faremos é expandir uma seringa hipodérmica, colocá-la em volta da nave e depois miniaturizar tudo junto. Assim não vamos perder mais tempo com essas manobrinhas microscópicas.

— Ei! Vocês conseguem fazer o contrário também? Como se chama? Gigantização? Maximização?

— Não se chama nada — disse Konev secamente —, porque não existe.

— Quem sabe, um dia...

— Não. Nunca. É fisicamente impossível. Já se gasta um absurdo de energia para a miniaturização. E o processo contrário demandaria uma energia maior que o infinito.

— Mesmo se se relacionasse com a relatividade?

— Mesmo assim.

Dezhnev fez um ruído desagradável com os lábios:

— Pode ser uma impossibilidade física para você. Um dia veremos...

Konev manteve-se em silêncio indignado.

— O que estamos esperando? — Morrison quis saber.

— Os últimos preparativos no Shapirov — respondeu Natália. — Depois, o levantamento da agulha e a inserção na carótida.

A nave sacudiu um pouco e se moveu para a frente. Morrison preocupou-se:

— Já?

— Ainda não. Estão eliminando as bolhas de ar da seringa. Não se preocupe, Albert. Na hora, saberemos.

— Como?

— Eles nos dirão. Arkady está em contato com eles. Não é difícil.

Os fótons das ondas de rádio se miniaturizam de lá para cá e desminiaturizam quando cruzam a fronteira no sentido inverso. A energia envolvida é muito pouca, menor ainda que no caso da luz.

Dezhnev interrompeu:

— Está na hora do deslocamento até a base da agulha.

— Então vamos lá — respondeu Natália. — Será o teste de nossa força motriz em condições de miniaturização.

Ouviu-se um ruído grave, que se elevou um pouco e, depois se transformou numa espécie de murmúrio. Morrison virou a cabeça toda para trás, tentando ver a popa da nave, apesar da restrição do cinto de segurança. Conseguiu ver a água atrás deles sendo agitada, como que por uma hélice. Sem qualquer ponto de referência externa, era impossível avaliar a velocidade, mas lhe pareceu que prosseguiam muito devagar.

— A que velocidade estamos?

— Baixa, muito baixa. Mas não precisamos mais que isto. Para que desperdiçarmos energia aumentando a velocidade? Nos movemos entre moléculas de tamanho normal. Afinal de contas, para nosso tamanho, a viscosidade é altíssima.

— Mas com motores a microfusão.

— Temos muitas outras demandas de energia, além da propulsão.

— Estou tentando imaginar quanto tempo vamos levar para chegarmos aos pontos-chaves do cérebro.

— Também não sei — disse Natália, um tanto triste. — Mas a corrente arterial nos deixará o mais perto possível.

Dezhnev gritou:

— Chegamos! Estão vendo?

Bem em frente, iluminado pelo farol dianteiro da nave, podia se ver um círculo. Morrison não teve nenhuma dificuldade para identificar a base da

agulha. Na outra extremidade daquela agulha, pensou, estariam na corrente sangu?.nea de Pyotor Shapirov. Estariam dentro de um corpo humano.

—A NAVE é grande demais para passar, Natália! — Morrison gritou, sentindo uma estranha mistura de emoções, das quais a mais forte era a esperança de que a experiência houvesse fracassado.

Deviam ter chegado ao limite da miniaturização e, ainda assim, estavam grandes demais. Teriam que ser revertidos ao tamanho normal e desistir. Mas, ao mesmo tempo, surpreendeu-se sentindo uma ponta de decepção. Já que haviam chegado até ali, não valeria a pena continuarem, entrarem no corpo e observarem o interior de uma célula nervosa? Normalmente, ele, que não tinha espírito aventureiro, teria se horrorizado com a idéia de continuar. Na verdade, estava horrorizado. Mas, já que fora miniaturizado até aquele ponto, já que sobrevivera ao susto, talvez estivesse quase desejando continuar.

Apesar da confusão de sentimentos, entretanto, o realismo acabou predominando. Aquela gente, com certeza, não seria idiota ao ponto de planejar uma nave incapaz de atravessar a agulha hipodérmica.

Eram inteligentes demais para que se pudesse pensar em tamanha estupidez.

— Eu sei — respondeu Natália, com indiferença, como se tivesse lendo os pensamentos dele. — Ainda estamos grandes demais mas vamos passar. Este é um dos meus trabalhos aqui.

— Seu trabalho?

— É claro. Fomos reduzidos até aqui pelo equipamento central de miniaturização. De agora em diante, sou eu quem faço os ajustes mais sofisticados.

Sophia completou:

— Esta é uma das razões para economizarmos os motores a microfusão o máximo possível.

Morrison olhou várias vezes, de um para outro:

— Vocês têm energia suficiente a bordo para mais miniaturização?

Vocês deram a entender que a quantidade de energia necessária era...

— Albert — interrompeu Natália —, se a gravidade fosse quântica, a quantidade de energia necessária para reduzir qualquer massa à metade seria sempre a mesma. Reduzir à metade um camundongo demandaria tanta energia quanto reduzir um elefante à metade. Mas a interação gravitacional não é quântica e, em consequ?.ncia, a perda de massa também não o é. Isto quer dizer que a energia consumida pela perda de massa diminui com a própria perda. Não é exatamente proporcional mas segue certa proporcionalidade relativa.

Estamos com uma massa tão pequena que precisamos de muito menos energia para continuarmos a miniaturização.

— Mas, como vocês nunca miniaturizaram nada do tamanho desta nave, nem a uma massa tão pequena, vocês podem estar extrapolando dados obtidos numa escala completamente diferente! — Indignou-se. Não estavam dando aula para crianças, pensou. Afinal, ele também era um cientista.

— Certo. Estamos confiando em nossas extrapolações, confiando que não seremos surpreendidos por nenhum fato novo. Contudo, vivemos num universo que nos surpreende e, de vez em quando, nos apresenta incertezas. Para isto não há remédio.

— Mas, se alguma coisa der errado, nós podemos morrer!

— E você não sabia disso? — Natália retrucou, com toda calma.

— Estaria você com medo da viagem só pelo prazer de ter medo?

Mas não estamos sozinhos nisto. Se alguma coisa não der certo e se a energia acumulada pela miniaturização for liberada de repente, não seremos apenas destruídos. A Gruta toda será danificada. Garanto-lhe que muita gente lá fora, com tamanho normal, está prendendo a respiração, ansiosas por saber se conseguirão sobreviver se houver uma explosão. Preste bem atenção, Albert: nem mesmo as pessoas que não se submeteram aos perigos da miniaturização estão completamente seguras.

Dezhnev virou-se para trás com um enorme sorriso. Morrison percebeu que um dos seus molares superiores havia recebido uma jaqueta, que destoava do amarelado dos outros dentes.

— Concentre-se na idéia de que, se alguma coisa sair errada, você nunca ficará sabendo. Como costumava dizer o meu pai: “Já que vamos todos morrer, o melhor que podemos esperar é uma morte súbita”.

— Júlio César disse a mesma coisa — resmungou Morrison.

— Eu sei. Mas nós não teremos tempo nem para dizer Até tu, Brutus?

— Ninguém morrerá — rosnou Konev. — É bobagem falar disso.

As equações estão corretas.

— Ah! — Dezhnev replicou. — Houve uma época de superstições em que as pessoas confiavam na proteção de Deus. Graças às Equações, agora podemos confiar nas Equações!

— Não achei graça nenhuma — disse Konev.

— Mas não fiz nenhuma graça, Yuri. Informam lá fora que podemos continuar, Natasha.

— Então não há mais motivos para especulações — disse ela.

— Lá vamos nós!

Morrison agarrou com força o braço da cadeira, preparando-se, mas nada sentiu. À frente da nave, no entanto, o círculo iluminado começou a se expandir e foi recuando cada vez mais, até se tornar impossível de ver.

— Estamos nos movendo? — perguntou de forma automática sem pensar e sabendo obviamente a resposta.

— Estamos — respondeu Sophia. — E sem energia nenhuma.

Não estamos lutando contra as moléculas, mas aproveitando a corrente, dentro da agulha, enquanto o êmbolo está sendo empurrado lá de fora, lentamente.

Morrison começou a contar mentalmente. Descobriu ser um jeito mais eficiente de manter o cérebro ocupado do que acompanhar o movimento do ponteiro dos segundos do relógio. Quando chegou a cem, perguntou:

— Quanto tempo vai demorar?

— O quê?

— Quando vamos entrar na corrente sangu?.nea?

— Daqui a um pouquinho — disse Dezhnev. — Eles caminham lentamente para que não ocorram problemas no caso de se encontrar alguma microturbulência. Como costumava dizer o meu pai:

"Pode demorar mais, mas é sempre melhor descer a ladeira devagar do que pular do alto do morro".

— Ainda estamos sendo miniaturizados? — Morrison quis saber, depois de um resmungo.

— Não — respondeu Natália. — Estamos em escala celular e já é mais que o suficiente, por enquanto.

Morrison surpreendeu-se ao descobrir que estava tremendo. Tanta coisa estava acontecendo, havia tantas coisas novas em que pensar que, de certa maneira, não sobrara tempo para sentir terror. Percebeu que não estava aterrorizado, ou pelo menos não muito, mas continuava a tremer, por alguma razão. Esforçou-se para relaxar.

Tentou afundar o corpo na cadeira mas para isso era preciso mais que a força de vontade; era necessária também a gravidade, que estava praticamente a zero. Fechou os olhos e se forçou a respirar devagar.

Tentou até cantarolar baixinho a melodia do coral da Nona Sinfonia de Beethoven. Finalmente, foi forçado a admitir para os outros:

— Desculpem, mas parece que eu estou tremendo.

Dezhnev deu uma risadinha:

— Ah! Imaginava quem seria o primeiro a falar isso!

— Não é você, Albert — disse Natália. — Todos estamos tremendo um pouco. É a nave.

— Alguma coisa errada? — Morrison assustou-se imediatamente.

— Não. É em função do tamanho. Do tamanho em que nos encontramos dá para sentirmos o efeito do movimento browniano.

Você sabe o que é, não sabe?

Foi uma pergunta puramente retórica. Ela certamente sabia que qualquer estudante secundário de física conhecia o fenômeno, e mais ainda Morrison.

Mas este se surpreendeu revisando mentalmente, ainda que sem palavras, o conceito: qualquer objeto em suspensão num líquido é bombardeado de todas as direções pelos átomos ou moléculas do líquido. O bombardeio é aleatório, desordenado, mas a desordem é tão pequena, em comparação ao total, que passa despercebida e seus efeitos não podem nem ser medidos.

Quando se trata de objetos ainda menores, no entanto, a desordem aumenta, com um número cada vez menor de partículas colidindo com eles a cada momento. A nave já tinha sido reduzida o bastante para reagir ao excesso de pequenas colisões, vindas de todos os lados aleatoriamente. Em consequ?.ncia, movia-se da mesma maneira:

uma tremedeira aleatória.

— Está bem. Eu devia ter me lembrado disso. Vai piorar se ficarmos menores ainda, não vai?

— Não — respondeu Natália. — Na verdade, não. Vão entrar em cena outros efeitos que acabarão nos proporcionando mais equilíbrio.

— Não consigo imaginar quais sejam.

— Mas vão aparecer, do mesmo jeito.

— Tenha fé nas Equações! — Dezhnev exclamou com um falso tom religioso. — As Equações sabem tudo.

— É capaz de causar enjôo — disse Morrison.

— Com certeza — foi a vez de Natália concordar. — Mas para isso há tratamentos químicos. Recebemos as mesmas dosagens dos mesmos remédios que os cosmonautas costumam receber contra o enjôo espacial.

— Eu não! — Morrison indignou-se outra vez. — Não só não recebi nenhum tratamento como sequer fui avisado!

— Nós evitamos falar sobre os possíveis desconfortos e perigos para o seu próprio bem, Albert. Mas você recebeu tratamento, sim, do mesmo jeito. Você recebeu sua dose junto com o café da manhã de hoje. Como você está se sentindo?

Na verdade ele começara a sentir uma ponta de enjôo, mas, depois do que ela dissera, não sentiu mais nada. Incrível, pensou, a tirania que nossa mente exerce sobre o corpo.

— Acho que estou bem — disse, em voz baixa.

— Ótimo — retrucou Natália —, porque acabamos de entrar na corrente sangu?.nea do acadêmico Shapirov.

MORRISON OLHOU para fora, através do casco transparente da nave.

Sangue? Devia ser vermelho, então, não é? Apertou os olhos, esforçou-se mas não conseguiu ver nada, mesmo com a luz brilhante da nave. Era como se estivesse num barquinho a remo, deslizando em um lago tranqu?ilo numa noite nublada e sem luar. Tentou analisar a situação. Em valores absolutos, as ondas de luz dentro da nave tinham o comprimento de raios gama ou, talvez, fossem até menores, mas não passavam do resultado da miniaturização das ondas luminosas normais, visíveis, do ponto de vista das retinas e dos lóbulos visuais igualmente miniaturizados da tripulação.

Funcionavam como raios luminosos, com todas as suas propriedades características.

Do lado de fora, pouco além do casco, onde terminava o campo de miniaturização, os fótons em miniatura transformavam-se de novo em fótons normais, do tamanho adequado às ondas luminosas normais, e os que eram refletidos de volta para a nave, ao atravessarem a fronteira do campo, eram outra vez miniaturizados.

Os outros talvez já estivessem acostumados a uma situação tão paradoxal quanto aquela, mas a tentativa de compreender os efeitos de fazer parte de uma bolha miniaturizada dentro de um mar de normalidade deixou Morrison meio zonzo. Seria possível enxergar a linha divisória entre o que estava miniaturizado e o que continuava normal? Haveria algum sinal de descontinuidade? Deixou o pensamento seguir livremente ao longo desta idéia e acabou pedindo ajuda a Sophia, que estava debruçada sobre seus instrumentos:

— Sophia, quando a nossa luz sai do campo de miniaturização e se expande, deve liberar energia, calor; quando é refletida de volta para a nave, deve absorver energia para ser miniaturizada de novo.

E esta energia é roubada de nós. Estou raciocinando certo?

— Perfeitamente, Albert. — A moça não se deu ao trabalho de erguer os olhos. — Nossa luz é o resultado de um gasto de energia, pequeno mas permanente. Mas nossos geradores dão conta disto.

Não é um gasto significativo.

— E estamos mesmo na corrente sangu?.nea?

— Não tenha a menor dúvida. Estamos. Natália daqui a pouco vai reduzir a luz, para que a gente possa enxergar lá fora um pouco melhor.

Como se tivesse ouvido, Natalia diminuiu a intensidade da luz — Pronto! Podemos descansar os olhos um pouco, agora.

Os objetos fora da nave tornaram-se imediatamente um pouco mais visíveis. Morrison não conseguiu distinguir muita coisa, mas conseguiu perceber que estavam imersos em uma solução heterogênea, cheia de objetos flutuantes; mais ou menos como ele imaginava que o sangue devia ser. Forçou o cinto de segurança em todas as direções, inquieto, tentando olhar para todos os lados:

— Se estamos na corrente sangu?.nea, a temperatura deve estar em trinta e sete graus centígrados.

— Nossa temperatura é controlada e constante — respondeu Sophia.

— Vamos nos sentir em perfeito conforto. Francamente, Albert...

Todas estas coisas foram planejadas!

— Acredito — retrucou Morrison, um tanto ofendido. — Mas eu não fui informado sobre os planos, fui? Como vocês condicionam a temperatura sem contarmos com um tanque de resfriamento ou algo do gênero?

— Não temos nenhum tanque aqui mas o espaço sideral continua existindo, não é? Os motores a microfusão liberam uma chuva de partículas subatômicas, que em condições de miniaturização têm massa virtualmente igual a zero. Elas se deslocam a uma velocidade virtualmente igual à da luz, atravessam a matéria tão facilmente como se fossem neutrinos e carregam energia consigo. Em menos de um segundo alcançam o espaço sideral. O resultado é a transferência de calor, da nave para o espaço; assim é possível que nós permaneçamos nesta temperatura agradável. Entendeu?

— Entendi. — Pareceu-lhe muito engenhoso, mas talvez não passasse de algo óbvio para quem estivesse acostumado a raciocinar em termos de miniaturização. Notou, de repente, que os controles da nave, sob as mãos de Dezhnev, eram luminosos. Voltouse para a esquerda e viu que os instrumentos manipulados por Sophia também o eram. Fez força para erguer o corpo e conseguiu vislumbrar parte da tela do computador de Konev. O que viu lhe pareceu um mapa do sistema circulatório, à altura do pescoço humano.

Um instante antes de ceder à pressão elástica do cinto de segurança, visualizou um pequeno ponto vermelho na tela. Deduziu que devia ser um marcador da posição da nave e, assim, calculou que eles se encontravam na parte interna da carótida esquerda.

Ficou um pouco sem fôlego com o esforço e teve de descansar. A luz de seu próprio computador incomodava seus olhos a ponto de necessitar cobri-los com a mão para poder enxergar o lado de fora.

À distância, percebeu algo que parecia uma parede, uma espécie de barreira, aproximando-se e tornando a se afastar, em movimentos ritmados. Contou esses movimentos durante alguns segundos, com a ajuda do relógio de pulso, e constatou que estava vendo a pulsação da parede arterial. Voltou-se para Sophia e falou:

— É óbvio que a passagem do tempo não se altera com a miniaturização.

Pelo menos, o pulso do Shapirov está como devia, apesar de eu vê-lo com olhos miniaturizados e marcar o ritmo com um relógio miniaturizado.

Foi Konev quem respondeu:

— O tempo aparentemente não é quântico; ou, pelo menos, não é afetado pelo campo de miniaturização, o que deve vir a dar no mesmo. É conveniente para nós. Se tivéssemos que levar em consideração um tempo variável, a coisa toda talvez ficasse terrivelmente complicada.

Morrison não respondeu mas concordou. Começou a pensar em outras coisas. Se estavam numa artéria, à mercê da corrente sangu?.nea, impelidos pelas distantes contrações e distensões do coração — e como devia estar distante aquele coração, na escala a que estavam reduzidos! — deveriam estar se deslocando aos trancos, ao ritmo cardíaco. E ele deveria estar sentindo os trancos.

Fechou os olhos e tentou ficar completamente imóvel. Só não conseguiu, naturalmente, controlar o tremor causado pelo movimento browniano.

Conseguiu sentir. Um minúsculo, mas ainda assim sensível, tranco para trás e, em seguida, um impulso para a frente, quando a pulsação perdia a força. Mas porque eram os trancos tão suaves? Por que não estava sendo jogado para frente e para trás, em movimentos bruscos e enjoativos? A resposta veio com a lembrança da massa que havia perdido. O que restara de seu corpo era tão minúsculo que a inércia era igualmente minúscula. E a viscosidade do fluido exercia o efeito de uma imensa almofada. Os trancos mal podiam ser percebidos, em meio ao tremor do movimento browniano. E, lenta e delicadamente, começou a relaxar. Qualquer coisa dentro dele afrouxou. O ambiente miniaturizado era inesperadamente acolhedor.

Olhou outra vez para fora, através do casco transparente. Tentou focalizar os olhos no que havia entre a nave e a parede da artéria.

Viu o que lhe pareceu ser uma série de bolhas fora de foco. Não, não eram bolhas; eram volumes, na maioria, ainda que mal delineados.

Alguns movimentavam-se ao redor dos próprios eixos e iam mudando o formato aparente. Não podiam ser esferas, portanto. Eram discos, claro! Compreendeu de repente e ficou envergonhado.

Como podia ter demorado tanto a identificá-los, sabendo que estava numa artéria? Mas, ao mesmo tempo, descobriu também a resposta:

não conseguira ainda se convencer totalmente de que estava numa artéria. Era muito mais fácil imaginar que estivesse num submarino, no meio do oceano. Esperava, inconscientemente, claro, ver as coisas que se espera ver no fundo do mar. Qualquer coisa que não se encaixe naquele padrão o intrigava e parecia estranha. Por isso, vira e não reconhecera os eritrócitos ou hemácias, os glóbulos vermelhos do sangue.

Não pareciam vermelhos, naturalmente, mas ligeiramente amarelados.

Cada um deles absorvia um pouco de ondas luminosas curtas e aquela coloração era o resultado. Em quantidades imensas, no entanto, em milhões, bilhões, as ondas de luz sofreriam tanta absorção que os corpúsculos pareceriam vermelhos, pelo menos no caso do sangue arterial. Depois que as células

retirassem o oxigênio que eles carregavam, os glóbulos adquiririam uma coloração azulada; vistos em grandes quantidades, pareceriam azuis, quase arroxeados.

Morrison continuou observando os eritrócitos, com interesse. Agora que os reconhecera, conseguia vê-los com muito mais nitidez. Eram discos bicôncavos, os dois lados tinham depressões no centro.

Pareciam enormes para quem, como ele, sabia que eram normalmente microscópicos: uns sete mícrons e meio de diâmetro e pouco mais de dois de espessura. Ali, naquela situação, pareciam do tamanho de sua própria mão. Havia muitos deles em seu campo de visão e pareciam ter a tendência de se juntarem, como que formando círculos de círculos, mas que também não eram estáticos. Alguns corpúsculos de repente fugiam das rodas, enquanto outros vinham se juntar a elas.

Por mais que se movessem, sempre ficavam alguns à vista, e todos eles pareciam acompanhar o movimento da nave.

— Pelo que estou entendendo, estamos sendo só levados pela corrente, não ?

— Certo — respondeu Sophia. — Assim economizamos energia.

Mas Morrison também notou que o movimento dos corpúsculos não estava totalmente sincronizado com o da nave. Um deles começou a se aproximar lentamente, impelido talvez por alguma microturbulência ou pelo movimento browniano, até que se achatou sobre o casco de plástico por um instante e se afastou de novo, como que repelido.

— Você viu, Sophia?

— O corpúsculo vermelho tentando nos abraçar? Vi, sim.

— E por que ele não sofreu o processo de miniaturização? Não entrou no campo?

— Não. Bateu no campo e voltou. O campo abrange um volume ligeiramente maior que qualquer objeto miniaturizado, como a nossa nave, em todas as direções. Há uma ligeira repulsão entre a matéria normal e a miniaturizada. Quanto maior a miniaturização, maior a repulsão. É por isso que objetos realmente minúsculos, como átomos ou partículas subatômicas miniaturizados,

atravessam matéria sem interagir com ela. É isto, também, que faz da miniaturização um estado metaestável.

— Como?

— A não ser nos confins do espaço cósmico, qualquer objeto miniaturizado estará sempre cercado de matéria normal. Se não houvesse alguma coisa capaz de evitar que a matéria entrasse no campo, ela também seria miniaturizada ao infinito, absorvendo energia do objeto. A troca de energia seria significativa e logo o objeto estaria entrando em desminiaturização. Na verdade, o processo todo seria impossível, uma vez que a energia gasta no objeto a miniaturizar vazaria instantaneamente. Estaríamos, para todos os efeitos, tentando miniaturizar o universo inteiro ao mesmo tempo. Mas é claro que, no tamanho em que estamos, a repulsão não é muito forte. Se aparecer um glóbulo vermelho no nosso caminho, com bastante impulso, vai colidir conosco e a superfície dele sofrerá um pouco de miniaturização.

Morrison tornou a olhar em volta, no exato momento em que fiapos e fragmentos do que havia obviamente sido um eritrócito passavam a seu lado.

— É isso que acontece quando um deles nos aborda com força demais?

Sophia debruçou-se sobre ele, tentando ver o que era, e sacudiu a cabeça:

— Acho que não, Albert. Os glóbulos vermelhos têm uma vida limitada, uns cento e vinte dias, mais ou menos. Os coitadinhos envelhecem e morrem. Neste volume de sangue que podemos ver daqui, várias dúzias são destruídas a cada minuto que passa. Restos de corpúsculos como os que você viu devem ser uma cena comum.

Porque, se tivéssemos que usar os motores atropelando eritrócitos, mesmo que fossem alguns milhões, não faria nenhuma diferença.

— E as plaquetas?

— Que têm elas?

— Acredito estar vendo uma. — Apontou para fora. — Tem forma de lentilha e metade do tamanho dos glóbulos vermelhos.

— Ah! — Sophia concordou, depois de uma pausa. — Estou vendo. É uma plaqueta, sim. Deve haver uma para cada vinte glóbulos vermelhos.

Certo, pensou Morrison. Se aquilo fosse um carrossel de parque de diversões, onde ganha prêmio quem arranca o anel dourado pendente entre os vinte e poucos anéis comuns, a plaqueta seria o anel premiado, os eritrócitos seriam os outros.

— Eu acho, Sophia, que as plaquetas são mais frágeis que os glóbulos vermelhos e, quando desfeitas, elas iniciam a formação de coágulos. Se destruirmos algumas podemos dar início a um coágulo na artéria. O Shapirov pode sofrer outro derrame, e, se acontecer, vai morrer na certa.

Foi Natália, que, prestando atenção à conversa, respondeu:

— Em primeiro lugar, as plaquetas não são tão frágeis assim. São capazes de colidir conosco e continuar sem maiores prejuízos. O perigo de outro derrame está na parede arterial. A velocidade das plaquetas é muito maior em relação às paredes que em relação a nós. E a superfície da parede pode estar coberta de colesterol e de todo o tipo de placas de lipídios, ou seja, muito mais áspera e irregular que nosso casco liso e plástico. E é nela que os coágulos podem se formar, não aqui. Mas mesmo isso não é um perigo muito grande. Podemos quebrar algumas plaquetas, até mesmo algumas centenas, e mesmo assim isso não será o suficiente para iniciar a formação de um coágulo. Só uma quantidade muitíssimo maior criaria problemas.

Morrison ficou observando as plaquetas que passavam, de vez em quando, entre os glóbulos vermelhos. Queria ver o que aconteceria se uma delas esbarrasse na nave. Infelizmente nenhuma lhe fez este favor, pois todas passavam a distância. De repente notou que elas eram do tamanho de sua mão. Como podia ser, se eram da metade do tamanho dos glóbulos, e estes também tinham o tamanho de sua mão? Procurou um eritrócito e constatou que ele era duas vezes maior. Falou alto, preocupado:

— As coisas lá fora estão aumentando!

— É óbvio que estamos miniaturizando — respondeu Konev, aparentemente irritado com a incapacidade do americano para tirar as conclusões corretas dos fatos que observava.

— É, Albert — disse Natália. — A artéria vai ficando mais apertada e temos que acompanhá-la.

— Já pensou se estivermos gordos demais e ficarmos entalados?

— Dezhnev perguntou, alegre. Em seguida outro pensamento lhe ocorreu: — Sabe de uma coisa, Natasha? Nunca estive tão magro, em toda a minha vida!

— Você continua gordo como sempre, Arkady — respondeu ela, impiedosa —, só que na escala da constante de Planck.

Morrison não estava disposto a ouvir gracinhas:

— Até onde vamos miniaturizar, Natália?

— Até o nível molecular.

E o medo dele voltou, mais uma vez.

SENTIU-SE UM TOLO por não ter percebido logo que ainda estavam sendo miniaturizados e, ao mesmo tempo, cheio de ressentimento por Konev, pela resposta que lhe dera. Aquela gente estava acostumada a conviver com a miniaturização e a raciocinar sobre ela havia anos. Ele era um simples novato, que ainda estava, com relutância, tentando enfiar no cérebro conceitos totalmente novos. Será que não compreendiam sua dificuldade? Ficou observando os glóbulos vermelhos, mal-humorado. Já haviam crescido consideravelmente.

Estavam maiores que seu tronco e os contornos menos nítidos.

Pareciam estremecer, como se fossem sacos plásticos cheios de xarope grosso. Repetiu baixinho, olhando para Sophia:

— Nível molecular?

A moça voltou-se para ele e logo virou o rosto:

— É.

— Não sei por quê, uma vez que já estamos minúsculos, mas a idéia me assusta um pouco. Molécula de que tamanho, você acha?

— Não sei. Isto é com a Natália.. Talvez do tamanho de algum vírus...

— Mas isto nunca foi tentado antes!

— Estamos em território virgem — concordou Sophia.

Depois de alguns momentos ele tornou a perguntar, com voz hesitante:

— Você não está com medo?

Ela o fuzilou com o olhar, mas respondeu ainda em voz muito baixa:

— É claro que estou com medo! O que você acha que sou? Não é sensato deixar de ter medo quando se tem motivos racionais para tê-lo. Fiquei com medo quando fui estuprada. Fiquei com medo quando engravidei e fui abandonada... Estive com medo metade da minha vida, como todo mundo. É por isso que as pessoas bebem tanto: para aplacar o medo que sentem. — Falava entre os dentes cerrados, cada vez mais irritada: — O que você quer? Que eu fique com pena de você porque está com medo?

— Não — disse Morrison, encabulado.

— Não há nada de errado em sentir medo, desde que não se deixe agir por ele, desde que não se fique paralisado, ou histérico, ou se deixe de... —, Interrompeu e sussurrou, com voz extremamente amarga: — Já fiquei histérica muitas vezes. — Olhou sem querer para as costas de Konev, ereto e imóvel com sempre. — Mas agora estou aqui para fazer a minha parte, mesmo que morra de medo.

Ninguém vai poder dizer que estou com medo pelos meus atos. E é melhor que faça o mesmo, senhor americano!

Ele engoliu em seco:

— É claro. Você tem razão. — Mas a voz não conseguiu convencer nem a si próprio. Olhou para trás e para a frente. Não adiantava nada sussurrar num ambiente tão confinado. Qualquer sussurro era tão audível quanto a voz normal. Natália, atrás de Sofia, ocupada com seus aparelhos de miniaturização ostentava um sorrisinho. Se era de aprovação ou de desprezo, ele não conseguiu de cifrar.

Dezhnev virou a cabeça para trás e disse em voz alta:

— Está estreitando cada vez mais, Natasha. Será que você não devia acelerar a miniaturização?

— Farei o que achar necessário, Arkady.

Ao voltar a cabeça para a frente, Dezhnev encontrou o olhar de Morrison e piscou, sorrindo:

— Não acredite na Sophiazinha. — Sua voz era uma imitação de sussurro. — Ela não está com medo. Nunca esteve. Mas não quer que você se sinta mal sozinho, A nossa Sophia tem um coração de ouro, tão dourado quanto...

— Cale a boca, Arkady! Seu pai nunca lhe falou sobre a bobagem que você faz batendo a colher suja da sua língua na chaleira vazia de sua cabeça?

O rapaz revirou os olhos:

— Ah, que maldade! Na verdade, ele dizia que nenhuma faca pode ser tão afiada quanto a língua de uma mulher. Mas, falando sério, Albert, ficar do tamanho molecular não é nada demais. Espere até a gente aprender a associar a relatividade à teoria quântica e, então, com uma energiazinha de nada, a gente vai se reduzir a dimensões subatômicas. Aí, sim, você vai ver...

— Vou ver o quê?

— Vai ver a aceleração instantânea. A gente vai simplesmente decolar e... — Largou os controles e fez um gesto largo com as mãos, representando um vôo; ao mesmo tempo deu um assobio agudo.

— Mãos nos controles, Arkady — disse Natália calmamente.

— Claro, Natasha querida. Foi só um momento de entusiasmo compreensível. — Voltou-se outra vez para Morrison: — Vamos chegar instantaneamente quase à velocidade da luz, só que a velocidade da luz será muito maior nessas condições. Vamos atravessar a galáxia em dez minutos, chegar a Andrômeda em três horas, ao quasar mais próximo em dois anos. E, se isto não for o bastante, podemos diminuir ainda mais. Vamos ter velocidade maior que a da luz, antigravidade, vamos ter tudo! A União Soviética vai mostrar tudo isso ao mundo!

— E como você vai dirigir, Arkady? — Morrison quis saber.

— O quê?

— E como você vai pilotar a nave? No momento em que a nave estiver no tamanho certo, ou melhor, sem tamanho e sem massa, ela vai ser radiada para fora da Terra a centenas de anos-luz por segundo; se houvesse trilhões de naves, seriam radiadas em todas as direções, em simetria esférica. Como a luz do Sol. Mas, sendo uma nave só, ela sairá apenas numa direção, só que absolutamente imprevisível.

— Isto será problema dos nossos brilhantes teóricos, como o Yuri...

Konev até então não demonstrara nenhum interesse na conversa, mas ao ouvi-lo fez um ruído semelhante a uma risada.

— Não me parece muito sensato desenvolver a propulsão e só depois pensar na forma de dirigir — continuou Morrison. — Seu pai nunca disse nada a respeito de não começar a construir uma casa pelo telhado?

— Até podia ter dito... Mas o que ele costumava mesmo dizer era: "Se você achar uma chave de ouro, não a jogue fora só porque não achou a fechadura; só o ouro já é uma coisa muito boa".

— Chega de ditados, meus amigos — interrompeu Natália de seu lugar atrás de Morrison. — Onde estamos, Yuri? Estamos progredindo?

— Para mim, estamos. Mas gostaria que o americano desse também sua opinião.

— Como eu posso opinar, se estou todo amarrado?

— Desamarre-se — retrucou Konev. — Se você flutuar um pouco, tudo bem. Pelo menos não flutuará para muito longe.

Morrison esqueceu-se do lugar onde ficava a trava e começou a tentar soltar o cinto de segurança. Sophia rapidamente tocou o contato entre os joelhos dele e o cinto recolheu-se ao braço da cadeira.

— Obrigado, Sophia.

— Você acaba aprendendo — disse, ela, com indiferença.

— Levante o corpo para ver por cima do meu ombro — disse Konev.

Morrison obedeceu e, como era previsível, fez força demais contra o encosto da cadeira à frente e, como sua inércia era quase insignificante, subiu como um foguete até bater com a cabeça no teto da nave. Se isso tivesse acontecido em circunstâncias normais, num ambiente não miniaturizado, com a velocidade com que se deslocou ele teria sentido aquela dor característica de uma forte concussão.

Mas a própria ausência de massa e inércia que causara aquela rápida subida fez com que ele quisesse de volta quase imediatamente, sem nenhuma sensação de dor e quase nenhuma depressão. Parar era tão fácil quanto disparar.

Konev fez um muxoxo:

— Devagar! Levante a mão de lado, gire-a devagar, baixe-a suavemente contra o encosto. Entendeu?

— OK. — Seguiu a sugestão do outro e conseguiu erguer o corpo lentamente. Quando ia passando do ponto, segurou o ombro de Konev e parou.

— Isso! Agora dê uma olhada na cerebrografia. Está vendo onde estamos?

Viu-se frente a uma cadeia complicadíssima, perfeitamente tridimensional.

Parecia uma árvore absurdamente copada, de galhos sinuosos e retorcidos. Num dos galhos maiores havia um ponto vermelho, que avançava numa velocidade baixa mas constante.

— Você consegue ampliar isto um pouco, para eu me situar melhor?

Konev fez outro gesto de impaciência mas fechou um pouco a imagem:

— Melhorou?

— Melhorou. Estamos à beira do cérebro. — Conseguiu reconhecer as circunvoluções e fissuras. — Onde você pretende ir?

A imagem tornou a se aproximar.

— Viraremos aqui, para o interior da substância cinzenta, os neurônios.

Pretendo chegar, por esta rota... — Começou a disparar os nomes das várias regiões rapidamente em russo, enquanto Morrison esforçava-se para traduzir mentalmente. — Quero chegar a esta região aqui, porque ela, se entendi direito os artigos que você andou escrevendo, é um núcleo crucial de cadeias neurônicas.

— Não há dois cérebros iguais — disse Morrison. — Nada posso garantir sobre um cérebro que nunca examinei antes. Mas, mesmo assim, acho essa região que você escolheu promissora.

— Bom. E, se chegarmos a este ponto, você será capaz de dizer se estamos numa encruzilhada de várias cadeias ou, caso contrário, para que lado fica a encruzilhada?

— Posso tentar — disse Morrison, com cautela. — Mas lembrese de que não dei nenhuma garantia sobre minha capacidade para fazer isso. Nada prometi. Não sou voluntário.

— Nós sabemos, Albert — disse Natália. — Queremos que faça apenas o que puder.

— De qualquer maneira — retrucou Konev —, esse será o local de nossa primeira tentativa, e não demoraremos a chegar, embora a corrente esteja mais lenta. Afinal de contas, com nosso tamanho é possível adentrarmos em um vaso capilar. Aperte o cinto de novo, Albert. Se precisar de você, eu chamo!

Ele conseguiu disparar o cinto de segurança sozinho e se orgulhou desta pequena façanha. Tamanho quase capilar, pensou, olhando para fora da nave. A parede ainda estava a uma distância segura, mas sua aparência se modificara. Antes, as paredes apenas pulsavam; não era possível ver os detalhes. Agora, ao contrário, Morrison não conseguia perceber a pulsação, mas parecia enxergar uma superfície ladrilhada. Compreendeu que os "ladrilhos" eram as células que constituíam a fina parede. Mas não era fácil vê-las, porque os glóbulos vermelhos ficavam na frente a toda hora. Pareciam sacos quase vazios e que, agora, estavam praticamente do tamanho da nave. De vez em quando algum deles passava muito perto e, no ponto de contato, havia uma retração elástica e mais nada; o esbarrão não parecia causar qualquer dano.

Numa destas vezes, uma pequena mancha ficou para trás. Talvez o contato tivesse sido um pouco mais prolongado e uma pequena camada de moléculas miniaturizada se tivesse formado. Mas logo a mancha sumiu, dissolvida no fluido que tudo envolvia.

Com as plaquetas, contudo, era diferente. Eram de natureza muito mais frágil que os glóbulos. Uma delas colidiu de frente com a nave, ou talvez tivesse sido atropelada por ela depois de esbarrar em algum eritrócito e se atrasar. De um jeito ou de outro, a proa a penetrou profundamente, perfurando a superfície num rasgo enorme. O conteúdo derramou-se devagar, misturando-se ao plasma e formando uns poucos cordões alongados, que se iam enrolando uns nos outros

à medida que ficavam para trás. Morrison torceu-se na cadeira, tentando ver se algum coágulo se formara. Não viu nada.

O que viu, logo em seguida, foi um nevoeiro leitoso bem à frente, pulsando e ondulando e parecendo preencher todo o espaço do vaso sangu?.neo. Em seu interior, grânulos mais escuros movimentavamse de um lado para outro. Parecia um monstro perigoso e Morrison soltou sem querer um grito aterrorizado.

CAPÍTULO 10

O CAPILAR

Se você quiser saber se a água está fervendo, não a experimente com a mão.

Dezhnev (pai)

DEZHNEV virou a cabeça para trás, assustado por ele:

— É só uma célula branca, Albert; um leucócito. Não se preocupe.

Morrison engoliu em seco, irritado:

— Sei que é uma célula branca. Só que me pegou de surpresa.

Nunca pensei que fosse tão grande.

— Não é nada — completou o outro. — Um monte de miolo de pão. E está do tamanho certo. Nós é que estamos muito pequenos.

E, mesmo que fosse do tamanho de Moscou... E daí? Ela está flutuando, acompanhando a corrente, do mesmo jeito que nós.

— Para dizer a verdade — disse Sophia —, ela nem sabe que estamos aqui. Quer dizer, nem sabe que somos diferentes dos outros.

Deve pensar que somos um glóbulo vermelho.

Konev parecia estar se dirigindo ao plástico à sua frente quando falou, de um jeito distraído:

— As células brancas não pensam.

O rosto de Sophia ficou vermelho e sua expressão cheia de ressentimento, mas a voz continuou suave:

— Quando eu disse "pensa", Albert, estava usando uma figura de linguagem. O que quis dizer foi que ela se comporta conosco do mesmo jeito que se comportaria em relação a um glóbulo vermelho.

Morrison olhou de novo para a enorme célula adiante da nave e concluiu que, inofensiva ou não, sua aparência não era das melhores.

Olhou em seguida para Sophia e apreciou o contraste agradável.

Perguntou a si próprio por que a moça não mandava extirpar a verruguinha no canto inferior esquerdo dos lábios e imaginou que devia ter sido de propósito, para tornar mais marcante um rostinho que, sem a verruga, seria bonito demais para se levar a sério. Este pensamento trivial ajudou-o a se recuperar do susto causado pela aparição do leucócito e ele avaliou as palavras da moça:

— Será que ela acha que somos um glóbulo vermelho porque estamos do tamanho de um?

— Isto ajuda um pouco — respondeu Sophia — mas não é a razão principal. Você identifica um glóbulo vermelho quando o vê.

Uma célula branca o identifica pela sensação do padrão eletromagnético característico da superfície dele. As células brancas são treinadas... Outra figura de linguagem! São adaptadas, digamos, para ignorar este padrão.

— Mas como nós temos um padrão igual...? Ah, sei! Foi você quem tratou disso, não foi?

— Foi. — Sophia deu um sorrisinho simpático de satisfação. — É a minha especialidade.

— É isso aí, Albert — completou Dezhnev. — A nossa Sophiazinha conhece essas coisas, e tudo de cabeça. — Deu um tapa na própria testa. — Ela sabe de memória os padrões eletromagnéticos de todas as células, de todas as bactérias, de todos os vírus, de todas as moléculas de proteínas e de todos os...

— Não é bem assim — interrompeu ela. — Mas o que esqueço meu computador me dá. Trago comigo um dispositivo que usa a energia dos geradores a microfusão para distribuir cargas positivas das negativas no caso da nave do jeito que eu quiser, no padrão que eu escolher. A nave se encontra com o padrão mais parecido com o de um glóbulo vermelho que eu sou capaz de reproduzir e é por isso que a célula branca reage... ou melhor, não reage do jeito que eu quero.

— Quando você fez isso, Sophia? — Morrison interessou-se.

— Quando fomos reduzidos ao tamanho de um objeto capaz de despertar o interesse de uma célula branca e do sistema imunológico em geral. Não queremos um bando de anticorpos atrás de nós, queremos?

Morrison lembrou-se de outra coisa:

— Por falar em nosso tamanho, por que o movimento browniano não ficou pior? Achei que o bombardeio ia piorar à medida que fôssemos diminuindo ainda mais.

Foi Natália quem respondeu:

— Iria mesmo, se fôssemos naturalmente deste tamanho. Mas, como estamos só miniaturizados, há razões teóricas para que ele não nos aborreça. Não é nada muito importante.

O americano pensou um pouco e deu de ombros. Eles jamais iriam revelar qualquer coisa que julgassem importante para a compreensão do processo de miniaturização. Mas o que importava? A verdade era que o movimento browniano não piorara. Ou ficara mais suave ou ele já se acostumara. Não havia de que reclamar.

Como dissera Natália, não era importante. Tornou a voltar a atenção para Sophia:

— Há quanto tempo você está trabalhando nisto?

— Desde a faculdade. E, mesmo antes do acidente com Shapirov, nós sabíamos que um dia uma viagem pela corrente sangu?.nea se faria necessária. Planejamos algo mais ou menos assim durante muito tempo e logo ficou claro que estes meus conhecimentos seriam úteis.

— Vocês podiam planejar uma viagem automatizada, sem tripulação.

— Pode ser que um dia venhamos a fazer isso — disse Natália —, mas por enquanto não. Não somos capazes ainda de produzir autômatos equivalentes à versatilidade e ao engenho do cérebro humano — É verdade — concordou Sophia. — Um reprodutor automático de padrões eletromagnéticos seria capaz de copiar o padrão de um glóbulo vermelho apenas para encontrar o trajeto de menor resistência, mas faria pouco mais do que isso. Seria uma despesa inútil e, talvez, até fosse de todo impossível tentar embutir num aparelho automático a capacidade de mudar o padrão em resposta a todos os tipos de condições

improváveis. Eu, por outro lado, sou capaz de qualquer coisa. Mudo o padrão se encontrarmos alguma emergência disparatada, avalio coisas em que ninguém havia pensado ou até ajo por intuição, ou por capricho. Por exemplo: agora mesmo posso copiar o padrão de uma entameba coliforme e a célula branca nos ataca imediatamente.

— Tenho certeza que sim — disse Morrison. — Mas não faça isso, por favor.

— Não se preocupe. Não farei.

Mas a voz de Natália elevou-se, numa excitação rara para ela:

— Pelo contrário, Sophia! Faça!

— Natália...

— É sério, Sophia! Nunca testamos seu equipamento em condições reais, no campo! Vamos tentar.

— Isso é perda de tempo, Natália — protestou Konev. — Vamos logo ao objetivo.

— Não alcançaremos nosso objetivo se não conseguirmos penetrar numa célula — insistiu Natália. — Temos uma oportunidade bem à mão para sabermos se Sophia consegue controlar mesmo o comportamento de uma célula.

— Eu topo — exclamou Dezhnev, alegremente. — Até aqui nada aconteceu nessa viagem.

— Viagem boa para mim é assim — retrucou Morrison.

— Como costumava dizer o meu pai: “Desejar paz e tranqu?ilidade acima de todas as coisas é esperar pela morte”.

— Vamos, Sophia — disse Natália com firmeza. — Estamos perdendo tempo.

A moça hesitou um breve momento, talvez o tempo necessário para se lembrar de que a outra era a comandante da nave. Logo começou a manipular os controles e a imagem no vídeo de seu computador foi mudando radicalmente. Morrison, apesar de apreensivo, não pôde deixar de admirar a rapidez com que ela agia.

Quando levantou o olhar para a célula branca, ele não notou nenhuma diferença. Mas logo em seguida uma espécie de tremedeira sacudiu o monstro e Dezhnev sussurrou:

— Ah! Ela já farejou a presa!

O extremo inferior do leucócito pareceu inchar e se expandir em torno deles. Ao mesmo tempo o centro recuou, como se estivesse armando um bote. Morrison pensou em uma boca monstruosa, pronta para uma refeição.

— Funcionou, Natália — disse Konev. — A criatura aí em frente está se preparando para nos absorver.

— Está mesmo. Está bem, Sophia. Volte para o padrão de glóbulo vermelho.

As mãos de Sophia agitaram-se de novo nos controles e a imagem da tela voltou ao que era antes. Pelo menos, foi o que Morrison achou, de memória. Só que desta vez a célula branca não mudou de comportamento. A extremidade de baixo continuou a procurar abraçar a nave, que prosseguiu em seu curso em direção à profunda cavidade central.

MORRISON APAVOROU-SE. A nave inteira foi envolvida por uma coisa que parecia um nevoeiro áspero, granulado, em cujo centro um objeto amorfo, um pouco mais denso que o restante, agitava-se e também a ia envolvendo. Ele calculou que era o núcleo da célula branca. Konev exclamou com raiva:

— Parece que, uma vez disparada a ação de envolvimento da presa, o resto é automático. Nada mais vai fazer a célula parar. E agora, Natália?

— Confesso que não esperava por isso. A culpa é minha.

— Que diferença faz? — Dezhnev perguntou, franzindo a testa.

— Não faz mal. O que essa bolha pode fazer? Esmagar a nave ela não vai. Não é nenhuma sucuri.

Foi Konev quem respondeu:

— Tentará nos digerir. Estamos dentro de um lisossomo, um vacúolo digestivo, e as enzimas estão vindo de todos os lados.

— Deixe que venham — retrucou Dezhnev. — Boa sorte para elas!

O casco da nave não é digestível para nenhum componente do leucócito. Depois de algum esforço ela nos rejeitara como resíduo indigesto.

— Como ela vai saber? — Sophia perguntou.

— Saber o quê?

— Que somos um resíduo indigesto. Ela foi posta em ação por causa de nossa imitação do padrão eletromagnético de uma bactéria.

— Que você já desmanchou.

— Sei, mas disseram que, uma vez estimulada a ação, a célula tem que ir até o fim do ciclo. Não é um mecanismo racional. É inteiramente automático. — Sophia olhou para os outros com ar preocupado. — Acho que ela vai continuar tentando nos digerir até receber o estímulo certo para reverter o mecanismo de absorção e nos ejetar.

— Mas já estamos de novo com o padrão de glóbulo vermelho — disse Natália. Você não acha que isto deveria estimular a rejeição?

Ela não come glóbulos vermelhos.

— Acho que agora já é tarde — Sophia falou de forma hesitante, talvez nervosa por ter que se opor a Natália. — O padrão evita que o glóbulo seja envolvido mas, quando ele é envolvido, por qualquer razão, parece que não é o suficiente para disparar a ejeção. Afinal, aqui estamos nós. Não estamos sendo ejetados.

Todos olharam inquietos através do casco. Estavam aprisionados no interior da célula nebulosa.

— Acredito — continuou Sophia — que deve haver algum padrão característico do resíduo não digestível da bactéria. Só ele deve disparar a ejeção.

— Neste caso — disse Dezhnev —, dê-lhe o padrão que ela quer, Sophiazinha.

— Daria, com prazer, se você conseguisse dizer qual é. Não sei.

Não posso ficar tentando padrões aleatórios. O número de combinações possíveis é astronômico.

— Para falar a verdade — disse Konev —, não sei se alguém pode garantir que a célula branca ejete qualquer coisa. Pode ser que os resíduos se transformem em parte do citoplasma e fiquem ali até que a célula chegue ao pâncreas, para a síntese.

Natália pareceu irritada, o que Morrison atribuiu à consciência de ter sido a responsável por se encontrarem naquela situação.

— Não adianta nada ficar especulando. Alguém tem alguma sugestão construtiva?

— Posso ligar os motores e atravessar a célula à força — disse Dezhnev.

— Não! — Natália irritou-se ainda mais. — Você sabe em que direção está a proa? Podemos estar girando lentamente dentro do vacúolo ou ele próprio pode estar se movendo através do citoplasma.

Se atravessarmos, poderemos danificar a parede do vaso sangu?.neo ou até mesmo o próprio cérebro.

Foi Konev quem respondeu:

— Por falar nisto, as células brancas são capazes de atravessar a parede do capilar por movimento amebóide, passando entre as células que a compõem. Como a rota que escolhemos nos colocou numa arteríola que se estreitou até o tamanho de um capilar, não podemos sequer ter certeza de que ainda estamos na corrente sangu?.nea.

— Podemos! — Morrison respondeu depressa. — A célula branca pode se encolher toda para passar entre as células mas não pode encolher a nave. Se ela tivesse se encolhido para passar, teria sido forçada a nos deixar de fora. Teria sido até bom, só que ela não fez isso.

— Por que não pensei nisto antes? — Dezhnev exclamou. — Aumente o nosso tamanho, Natasha, e arrebente a célula. Vamos lhe dar uma bruta indigestão, como ela nunca teve.

Natália fez que não e falou suavemente:

— E arrebentaremos o vaso, também. Ele não deve ser muito maior que a célula, na altura em que estamos.

— Se o Arkady entrasse em contato com a Gruta, talvez alguém pudesse ter alguma idéia — sugeriu Sophia.

Ficaram todos em silêncio por alguns momentos. Finalmente, Natália falou, com a voz estrangulada:

— Não. Ainda não. Fizemos uma bobagem. Eu fiz uma bobagem.

Vocês sabem tão bem quanto eu ser melhor para todos não pedirmos ajuda.

— Não podemos esperar a vida toda — impacientou-se Konev.

— A verdade é que nem sei mais aonde estamos. Não podemos ficar à mercê do caminho que a célula percorrer na corrente sangu?.nea, sem saber pelo menos a velocidade. Se nos perdermos de vez, talvez demoremos muito para nos localizarmos e talvez tenhamos que pedir ajuda à Gruta. E aí, como explicaremos por que nos perdemos?

— Que tal o ar-condicionado? — Morrison perguntou.

Houve outro instante de silêncio, outra vez rompido por Natália:

— O que você quer dizer, Albert?

— Bom... Nós estamos mandando partículas subatômicas miniaturizadas para o espaço, se entendi direito o que a Sophia explicou.

E elas levam o calor da nave. É assim que mantemos essa temperatura agradável, mesmo dentro da corrente sangu?.nea a trinta e sete graus. E a temperatura baixa deve ser um aspecto para o qual a célula branca não deve estar preparada. Se aumentarmos o condicionador de ar e baixarmos ainda mais a temperatura, podemos chegar a um ponto talvez incômodo demais para a célula e pode ser que ela nos ejete.

Natália pensou, pensou e acabou dizendo, com voz neutra:

— É... Pode ser que funcione.

— Não gaste fosfato — disse Dezhnev. — Já pus o condicionador no ponto máximo. Vamos ver se acontece alguma coisa, além de todos nós apanharmos um resfriado.

Morrison observou o nevoeiro lá fora. Tinha consciência de estar tão tenso quanto os outros. Nem tinha razão para se torturar com as consequências de uma decisão infeliz nem estava tão preocupado quanto os demais com o destino de Shapirov. Mas, mesmo assim...

Tentou analisar suas emoções e lhe ocorreu que, como chegara ali, numa pequena arteríola cerebral, miniaturizada, sentiu uma enorme vontade, de repente, de testar suas teorias. Será que de tudo por que passara, até então, só restaria a frustração e ele passaria o resto da vida olhando para as pontas quase encostadas do polegar e do indicador e repetindo: "Só faltou um pouquinho". Será que só a isso chegaria? Muito bem. Parece que ele passou do estado emocional de repulsa desesperada ao projeto para o de desejar veemente seu sucesso.

A voz de Dezhnev interrompeu seu pensamento:

— Acho que a bichinha não está gostando.

Morrison de repente percebeu que estava com um frio terrível e, entre arrepios, lembrou-se de que o uniforme de algodão que estava usando não oferecia nenhuma proteção contra aquele inverno repentino.

E achou que a célula branca talvez estivesse "pensando" a mesma coisa, porque a névoa começou a rarear e apareceu um pequeno espaço aberto. Logo em seguida a nave estava livre e o leucócito não passava de uma bola de nevoeiro, atrás e longe dela, flutuando ou talvez fugindo, com movimentos de ameba, da experiência desagradável.

— É. Lá se vai ela — disse Natália, como se estivesse um tanto surpresa.

Dezhnev ergueu os braços:

— Um brinde ao nosso herói americano. Se a gente tivesse um pouquinho de vodca!... Que sugestão excelente!

— Foi mesmo uma boa idéia — Sophia concordou e sorriu para Morrison.

— Tão boa quanto foi ruim a minha — disse Natália. — Mas, pelo menos, sabemos de que a sua técnica é capaz, Sophia, desde que não exagere. E você, Arkady, reduza esse ar-condicionado antes que a gente pegue uma pneumonia. Está vendo, Albert, como foi útil trazermos você?

— Pode até ser — disse Konev secamente —, mas, enquanto isto, acho que o glóbulo branco nos levou para um passeio extra.

Não estamos mais no lugar em que estávamos. Não sei bem aonde estamos.

NATÁLIA CERROU os lábios e teve um pouco de dificuldade para perguntar:

— Como podemos estar perdidos? Só ficamos dentro da célula alguns minutos! Ela não nos levou para o fígado, levou?

Konev parecia tão perturbado quanto ela:

— Não, doutora, não estamos no fígado. — Enfatizou o título acadêmico.

— Mas desconfio que a célula, com a nave dentro, possa ter entrado num capilar, de forma que perdemos o rumo da arteríola que estávamos acompanhando com todo o cuidado.

— Em que capilar ela entrou? — Natália quis saber.

— Isto eu não sei. Há uma dúzia em que podemos ter entrado, e eu não consigo identificar qual deles.

— A sua marquinha vermelha... — sugeriu Morrison.

— Meu marcador vermelho funciona sob comando. Se eu souber onde estamos e a que velocidade andamos, ele se move conosco, sob meu comando.

— Você quer dizer — replicou Morrison, incrédulo — que ele só marca nossa posição se antes você souber a posição? É isto?

— Não é um marcador mágico — disse Konev, com gelo na voz.

— Serve para marcar o lugar em que nos encontramos e impedir que eu me perca na confusão do emaranhado tridimensional da corrente sangu?.nea e das cadeias neurônicas. Mas tem que ser guiado por mim. Ainda não está automatizado. Numa emergência, podemos ser localizados lá de fora, mas isso demora muito.

Estava na hora certa para alguém fazer uma pergunta idiota. A oportunidade coube a Dezhnev:

— Por que o glóbulo branco resolveu entrar no capilar?

Konev ficou vermelho e falou tão rápido que Morrison mal conseguiu entender seu russo:

— Como vou saber? Você acha que tenho intimidade com os processos mentais das células brancas?

— Chega! — Morrison comandou. — Não viemos aqui para brigar.

— Notou que Natália lhe lançou um olhar furtivo e interpretou sua expressão como agradecida. — Na verdade, a solução é simples.

Estamos num capilar, não estamos? A corrente aqui é lentíssima.

Então, qual é o problema se usarmos os seus famosos motores a microfusão? Ligue-os, dê marcha à ré e vamos recuando. Não demoraremos para chegar de novo na junção do capilar com a arteríola.

Aí continuaremos por ela até o capilar certo. Só perderemos um pouquinho de tempo e de energia.

Quatro olhares solenes encontraram-se nele. Até Konev, que, nas raras vezes em que falava, mantinha à cabeça imóvel, olhando para a frente, desta vez virou o corpo para encará-lo com uma ex pressão concentrada e raivosa.

— Por que está todo mundo olhando para mim? É a coisa mais natural do mundo. Se você está dirigindo seu carro numa estrada e entra por engano num atalho estreito, o que você faz? Engrena uma ré e volta pelo mesmo caminho.

Natália sacudiu a cabeça:

— Sinto muito, Albert. Não temos marcha a ré.

— Como?!

— Não temos ré. Só podemos ir para a frente.

— Mas como pode?! Não tem ré?

— Não.

Morrison olhou bem para cada um dos soviéticos, antes de explodir:

— Que coisa mais idiota, absurda, incompetente! Só mesmo na...

— interrompeu-se no meio da frase.

— Pode completar seu pensamento — disse Natália. — Você ia dizer que uma coisa dessas só pode acontecer na União Soviética, não é?

Ele engoliu em seco e resmungou:

— Ia, mesmo! Pode não ser muito delicado para com você, mas eu estou com raiva. E o pior é que provavelmente é verdade.

— E você acha que nós não estamos também com raiva, Albert?

— A expressão dela era tranqu?ila. — Você sabe há quanto tempo estamos trabalhando com esta nave? Anos! Muitos anos! Desde que a miniaturização deu os primeiros indícios de ser viável, começamos a pensar em penetrarmos numa corrente sangu?.nea para poder explorar por dentro o corpo de um mamífero vivo, ou mesmo de um ser humano vivo. Mas, quanto mais planejávamos e fazíamos projetos, mais despesas iam aparecendo e mais teimosos os burocratas de Moscou iam ficando. Não posso nem culpá-los. Tinham que encaixar as despesas do projeto num orçamento que incluía outras despesas em áreas muito mais simples, muito menos problemáticas. E o resultado é que o projeto da nave tornou-se cada vez menos sofisticado.

Corta isto, corta aquilo... Você se lembra da época em que vocês, americanos, estavam construindo os primeiros ônibus espaciais?

Lembra a diferença entre os planos e os resultados? De qualquer jeito, acabamos ficando com uma nave sem propulsão, só para viagens de observação. A idéia era entrar na corrente sangu?.nea e deixar que a nave fosse carregada em qualquer direção. Quando concluíssemos a missão, teríamos que desminiaturizar lentamente.

Claro que isso mataria a cobaia, mas seria só um animal qualquer.

Mesmo assim, alguns de nós nos horrorizamos. Era só para isso que a nave serviria. Nada mais que isso. Nunca poderíamos imaginar que a nave acabaria sendo usada para penetrar num corpo humano, para alcançar um ponto específico do cérebro, para sair de novo sem matar o paciente. Ninguém pensou que chegaríamos a esta situação.

O resultado de tudo isto foi uma nave totalmente inadequada para o trabalho que estamos fazendo.

A raiva e o desprezo sumiram do rosto de Morrison, dando lugar a um interesse preocupado:

— E o que vocês fizeram?

— Trabalhamos o mais rápido que pudemos. Desenvolvemos os geradores a microfusão e algumas outras coisas, pressionados o tempo todo pela iminência da morte de Shapirov, e assustados também, o tempo inteiro, com a possibilidade de cometermos algum erro fatal. Bom... acho que não fizemos nenhuma bobagem fatal mas, mesmo assim, acabamos ficando com geradores a microfusão que só devem ser usados para propulsão em último caso, O objetivo original deles era suprir energia para iluminação, ar-condicionado e outras poucas coisas com baixo consumo de energia. É claro que não tivemos tempo para muitos aperfeiçoamentos e aí... não temos marcha a ré.

— Será que ninguém pensou na possibilidade de ela vir a ser necessária?

— Custaria mais dinheiro, Albert, e nossa verba já estava no fim.

Tínhamos que competir com a exploração espacial, que já era uma realidade, com as necessidades concretas da agricultura, do comércio, da indústria, da segurança pública... com centenas de outros setores do governo, todos atrás dos rublos do orçamento. É claro que nossas verbas nunca foram suficientes.

Dezhnev suspirou:

— É isso aí. Como costumava dizer o meu bom pai: “Só os idiotas consultam cartomantes; quem mais pode ter pressa para ouvir más notícias?”

— Seu pai não disse nenhuma novidade, Arkady, pelo menos desta vez. Desculpem a pergunta, mas... não podemos virar a nave ao contrário?

— Ainda bem que você pediu desculpas — replicou Dezhnev. — Para início de conversa, o capilar é estreito demais. Não há espaço para virar.

Morrison sacudiu a cabeça, impaciente:

— Não é preciso permanecermos no tamanho em que estamos.

Vamos diminuir um pouco, miniaturizar. Vamos encolher mais, de qualquer jeito, para entrarmos numa célula. Vamos diminuir logo e fazer a volta.

— Em segundo lugar — continuou Dezhnev —, manobrar é tão impossível quanto recuar, já que não temos marcha a ré. Só podemos ir para a frente.

— Incrível! — Morrison resmungou. Acrescentou em seguida, em voz alta: — Como vocês aceitaram entrar nessa aventura com uma nave assim?

Foi Konev quem respondeu:

— Não tivemos escolha. E ninguém esperava que fôssemos fazer brincadeirinhas com um glóbulo branco.

— Se a expedição fracassar, eu assumo total responsabilidade — disse Natália, com rosto e voz de aço.

— Não adianta nada a gente culpar um ao outro, Natália — retrucou Sophia. — O que interessa é que não temos escolha. Temos que seguir em frente. Vamos ligar os motores, miniaturizar, se for preciso, e entrar na primeira célula que nos parecer adequada.

— A primeira célula? — Konev repetiu, olhando para a frente, com fúria contida. — Qualquer célula? E que adiantará?

— Pode ser que achemos qualquer coisa útil em qualquer célula, Natália — respondeu Sophia.

Natália olhou para Konev, esperando uma resposta. Quando viu que ele não daria nenhuma, perguntou:

— Alguma objeção, Yuri?

— Não. É claro que não tenho nenhuma objeção. — Não mexeu um músculo mas, ainda assim, suas costas pareceram transmitir raiva e frustração. — São só uns dez bilhões de neurônios no cérebro e há gente sugerindo que vamos para qualquer lado e escolhamos um aleatoriamente. É tão fácil quanto dirigir um carro, em um ponto qualquer de qualquer estrada de qualquer país da Terra, parar a primeira pessoa que passa pelo acostamento e torcer que seja um parente nosso. É até mais fácil. O número de habitantes do planeta é um pouco maior que a metade do número de neurônios do cérebro.

— A analogia é falaciosa — disse Sophia, voltando o rosto estudadamente para Natália. — Estamos às cegas de qualquer maneira.

Queremos encontrar os pensamentos de Pyotor Shapirov. Se encontrarmos algum sinal deles, tudo que temos a fazer é seguir na direção de onde eles parecem vir.

— Se for possível — Morrison sacudiu a cabeça. — Se os seus motores, que só andam para a frente, por acaso estiverem apontando na direção certa. Se estiverem virados para o lado onde os pensamentos estiverem mais fracos, o que faremos?

— Exatamente — completou Konev. — Planejei uma rota que nos conduziria diretamente a um importante entroncamento da cadeia neurônica que, de acordo com as pesquisas de Albert, está intimamente relacionada com o pensamento abstrato. A corrente sangu?.nea nos levaria até lá, mesmo que fosse por caminhos tortuosos.

E agora — Levantou os braços, como se esperasse uma resposta do próprio universo.

— Seja como for — disse Natália, com esforço —, não vejo outra saída. Temos que fazer o que a Sophia sugere. Se não der certo, teremos que sair do corpo e tentar outra vez, amanhã ou depois.

— Espere aí, Natália! — Morrison exclamou. — Pode ser que haja um outro jeito. Será que um de nós não pode sair da nave e mergulhar na corrente?

MESMO ENQUANTO FALAVA, ele adivinhou que a resposta seria negativa.

A nave, que chegara a lhe parecer uma maravilha tecnológica há pouco tempo atrás, estava agora reduzida em seu conceito a um calhambeque da pior espécie, do qual não podia esperar grande coisa, O melhor a fazer, na prática, era seguir a sugestão de Sophia:

tentar a primeira célula que parecesse jeitosa. Mas, se não desse certo, o resultado seria aquele que Natália acabara de dizer. Sair do corpo de Shapirov e tentar de novo, noutro dia qualquer. Morrison achou que não conseguiria. Não seria fisicamente capaz de enfrentar tudo aquilo outra vez. Qualquer coisa para evitar que desistissem, por mais maluca que fosse, poderia valer a pena:

— É possível sair da nave, Natália? — Ela o encarou sem expressão.

Os outros pareciam ainda mais apáticos. — Escute, será que você não está entendendo? Se vocês tivessem que coletar amostras, como fariam? Esta coisa tem braços, redes, alguma pá mecânica?

Ou será que alguém teria que sair e brincar de homem-rã?

Natália finalmente pareceu sair do torpor em que caíra. Franziu as sobrancelhas espessas, com um jeito meio vago:

— Possível é... O manual prevê um traje de mergulho, para missões de reconhecimento. Deve estar atrás da última fila de cadeiras. Bem aqui atrás! — Soltou o cinto e flutuou um pouco, até se estabilizar em posição horizontal, com as peças do uniforme inchando para todos os lados. — Está aqui, Albert! Espero que tenha sido testado, quer dizer, espero que não tenha algum defeito grosseiro.

Vazamento, ou qualquer coisa assim. Francamente, não sei se alguém testou essa coisa alguma vez em condições reais.

— Em condições reais é claro que não — disse Morrison. — Pelo que entendi, esta é a primeira vez que a nave, ou qualquer outra coisa com que vocês andaram mexendo, entra na corrente sangu?.nea.

— Deve ter sido testado em água morna, com a viscosidade adaptada para simular sangue. A culpa é minha, de novo. Devia ter verificado antes. Mas é claro que nunca se pensou em sair da nave. Eu nem me lembrava mais da existência disso.

— Você sabe pelo menos se esta coisa tem algum reservatório de oxigênio?

— É claro que tem — retrucou Natália, um pouco irritada. — E tem baterias para produzir um pouco de luz própria, também. Não comece a pensar que somos uns incompetentes, Albert! — Deu de ombros, desanimada: — Está bem. Acho que já lhe demos o direito... Eu, pelo menos, já dei...

— Isto tem nadadeiras?

— Tem. De pé e de mão. Projetadas para a viscosidade certa.

— Então acho que dá para sairmos daqui.

— Qual é o seu plano, Albert? Sophia quis saber.

— Se a gente miniaturizar um pouco mais, de forma que a nave possa virar sem arranhar as paredes do capilar... Se alguém sair...

desde que a nave tenha uma escotilha pressurizada, à prova d'água.

Com este traje de mergulho, não será difícil virar a nave ao contrário.

Feito isto, é só entrar de novo com a proa na direção certa, ligar os motores e navegar contra a corrente até a junção do capilar com a arteríola. E logo depois estaremos de novo no lugar onde a encrenca começou.

— É uma solução meio extremada — disse Natália, pensativa —, mas nossa situação também é um pouco inusitada. Você já fez caça submarina, Albert?

— Só um pouquinho. Por isso tive essa idéia.

— Nenhum de nós tem qualquer experiência de mergulho, por isso ninguém teve essa idéia. Vamos lá, Albert, solte o cinto e experimente esta roupa.

— Eu?!

— É claro. A idéia foi sua e só você é que tem experiência.

— Mas não na corrente sangu?.nea!

— É claro. Na corrente sangu?.nea ninguém tem. Mas na água, pelo menos, só você tem.

— Não! — Morrison começou a gritar. — Isto é problema de vocês, de vocês quatro! Já descobri o jeito de fugirmos do glóbulo branco e acabei de inventar um jeito de sairmos dessa encrenca em que nos encontramos. Chega! Agora é com vocês. Vocês que se arranjem!

— Albert — disse Natália com voz suave — estamos todos no mesmo barco. Aqui não há soviéticos nem americanos, somos apenas seres humanos, tentando sobreviver e realizar uma tarefa grandiosa.

Quem tem de fazer o quê... é uma questão de quem sabe fazer melhor. Só isso.

Ele procurou o olhar de Sophia. A moça lhe sorria, e isso ele interpretou como sinal de admiração.

Resmungou um pouco, consciente de que estava deixando-se influenciar por uma necessidade infantil de reconhecimento. Compreendeu que não havia outra saída senão concordar com a maluquice que ele próprio sugerira.

NATÁLIA ENTREGOU-LHE o traje de mergulho, tão transparente quanto a própria nave. Com o capacete do lado de fora, a roupa estava dobrada várias vezes e, ao desdobrá-la, Morrison teve a sensação desagradável de que estava olhando para uma caricatura do corpo humano, desenhada por uma criança. Esfregou o tecido entre os dedos e perguntou:

— De que isto é feito? De saco de lixo?

— Não, Albert — disse Natália. — Apesar de ser fino, é extremamente resistente e quimicamente inerte. Não grudará em nada e deve ser totalmente à prova de vazamentos.

— Deve ser?

— É. Ele é à prova de vazamentos — disse Dezhnev. — Lembrome vagamente de um teste que fizeram com esta roupa.

— Vagamente?

— Também me sinto meio culpado por não ter checado este uniforme pessoalmente, uma vez que é um dos equipamentos da nave.

Mas eu também me esqueci. Nunca pensei...

Morrison conseguiu pôr fel na voz:

— Seu pai com certeza deve ter dito alguma vez que o sentimento de culpa é um preço barato a pagar pela incompetência, Arkady.

— Não sou incompetente, Albert! — Dezhnev perdeu o bom humor.

— Vamos deixar as brigas para o fim da missão? — Natália tentou aplacar ao ânimos. — Não precisa preocupar-se, Albert. Mesmo que haja alguma falha microscópica no escafandro, as moléculas do plasma, lá fora, são muito maiores... Em circunstâncias normais, um buraco qualquer deixaria entrar moléculas normais, mas um buraco miniaturizado seria pequeno demais para essas moléculas gigantescas.

— Faz sentido — resmungou Morrison, consolando-se com a idéia.

— É claro! Colocaremos um cilindro de oxigênio aqui. — Natália disse isso apontando para o local. — É pequeno mas você não demorará muito lá fora. Aqui está o cartucho de absorção para o dióxido de carbono e aqui, nesta bolsa, a bateria para a luz. Pronto!

Você estará bem equipado.

— Mas, por via das dúvidas — disse Konev, sem qualquer emoção —, é melhor andar bem rápido. Faz calor lá fora. Trinta e sete graus centígrados. Duvido que isto aí tenha alguma proteção térmica.

— Nenhuma refrigeração? — Morrison quis saber de Natália.

Ela sacudiu os ombros:

— Não é fácil resfriar um objeto num meio isotérmico. Todo este corpo em que estamos, para nós tão grande como uma cadeia de montanhas, está numa temperatura constante de trinta e sete graus.

A nave pode ser refrigerada pelos geradores a microfusão. O escafandro...

Não há como aplicar algum mecanismo semelhante. Mas você ficará pouco tempo lá fora, Albert. Mesmo assim, é melhor tirar este uniforme.

— É só uma camada de algodão fino — disse ele, demonstrando não ter gostado da idéia.

— Se você começar a transpirar, ele ficará ensopado e você terá que ficar com ele no corpo quando voltar para a nave. Não trouxemos outra muda de roupa conosco.

— Bom... Se você insiste... — Tirou as sandálias e começou a se esforçar para despir a calça, o que, descobria, era muito mais difícil do que parecia, naquele estado de ausência quase absoluta de peso.

Percebendo a dificuldade, Natália pediu:

— Arkady, por favor, ajude-o.

Dezhnev deslocou-se, também com dificuldade, por cima do encosto da cadeira e chegou até Morrison, que estava embolado contra o casco da nave. Aos poucos, conseguiu despir e vestir de novo o americano, embora os dois juntos fossem ainda mais desajeitados.

Tudo que fazemos ou utilizamos, pensou Morrison, leva em conta a gravidade, mesmo que de maneira inconsciente. E o soviético falava enquanto ambos concentraram-se no esforço que faziam:

— Esse escafandro é confeccionado com o mesmo material da nave.

É confidencial, claro, embora desconfio de que vocês tenham alguma coisa igualzinha lá em sua terra. Igualmente confidencial, claro!

— Levantou os sobrancelhas, como que esperando uma resposta.

— Como vou saber?

Conseguiu enfiar uma perna no plástico fino que deslizou suavemente pela pele nua, sem grudar como ele havia esperado. Teve a sensação de um toque frio e úmido, mesmo sabendo que, na verdade, o tecido não era nem uma coisa nem outra. Nunca tocara nada parecido com aquilo e não saberia descrever a sensação, se alguém lhe pedisse para fazê-lo.

— Quando você fechar, sentirá como se não existisse nenhuma abertura. Sentirá como se estivesse em um casulo.

— E como vou abrir, depois?

— A eletrostática será neutralizada quando você voltar para a nave.

Fechado, a parte de fora tem uma pequena carga negativa, correspondente a uma carga positiva da superfície interior. Se você encostar em qualquer ponto do casco, do lado de fora, que esteja com carga positiva, vai ser agarrado. Mas, com uma força pequena, que você pode soltar sem muito esforço.

— E aqueles motores, lá na popa?

— Não se preocupe. Estão à potência mínima, só o suficiente para nos suprir de ar condicionado e iluminação. Se alguma partícula liberada sair em sua direção, atravessará o seu corpo e você sequer notará. O tanque de oxigênio e o cartucho de absorção funcionam automaticamente. Pode respirar normalmente, sem nenhum cuidado especial. Nem bolhas você soltará.

— Devemos agradecer aos céus por alguns avanços tecnológicos...

Dezhnev franziu a testa e falou sério:

— Todo mundo sabe que os trajes espaciais soviéticos são os melhores do mundo. Logo atrás vêm os japoneses.

— Só que isso não é um traje espacial.

— Os princípios são os mesmos. — Dezhnev fez menção de fechar o capacete.

— Espere aí — disse Morrison. — E o rádio?

O soviético demorou um pouco para responder:

— E para que você iria querer um rádio?

— Para me comunicar, é claro.

— É tudo transparente. Você continuará nos vendo e nós também continuaremos vendo você. É só fazer sinais.

Morrison suspirou:

— Em outras palavras: não há rádio nenhum.

— Sinto muito, Albert — interveio Natália. — Ë um escafandro muito primário, só para tarefas muito simples.

— Acredito que qualquer coisa que se faça deve-se fazê-la bemfeita — resmungou ele, com azedume.

— Os burocratas são diferentes — replicou Dezhnev. — Eles acham que, quando se faz qualquer coisa, deve-se fazê-la barata.

A irritação e o mau humor têm uma vantagem, pensou Morrison:

tendem a ocupar o lugar do medo.

— Como vocês pretendem me fazer sair daqui?

— O casco é duplo bem aí onde você está.

Ele virou-se bruscamente para ver e, naturalmente, começou a flutuar para longe. Parecia-lhe impossível lembrar, por mais do que alguns poucos segundos, que estava praticamente sem peso. Dezhnev conseguiu segurá-lo com algum esforço. Deviam parecer dois palhaços para os outros, pensou Morrison.

Finalmente, conseguiu identificar a escotilha dupla do casco e teve a impressão de que era um pouco menos transparente. Mas não pôde ter certeza.

— Fique firme agora, Albert — comandou Dezhnev. — Como costumava dizer o meu pai: "Só quando aprende a ficar firme é que uma criança começa a virar gente".

— Acho que seu pai não pensou na gravidade zero quando fez essa afirmação.

O outro ignorou totalmente sua resposta:

— A escotilha pressurizada é igual àquelas que usamos nas colônias lunares. A parte interior se desloca, abraça o seu corpo e se fecha hermeticamente. Quase todo o ar é sugado, o que lhe dará uma sensação meio esquisita. Contudo, não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar o ar. Aí, então, a parte externa se abre e pronto, você já está lá fora. Ë fácil. Deixe que eu ajeito este capacete.

— Espere aí! E como eu faço para voltar?

— A mesma coisa! Só que ao contrário.

Agora que estava completamente envolvido pelo escafandro, Morrison sentiu-se perturbado pela claustrofobia e os arrepios do medo começaram a superar a raiva. Dezhnev começou a empurrá-lo contra a escotilha, auxiliado por Konev, que também se livrara do cinto e se virara na cadeira. As duas mulheres continuavam calmamente sentadas, observando tudo. Morrison teve a impressão de que elas não estavam prestando nenhuma atenção ao seu corpo nu e ele sentiu-se um pouco desapontado. Seria, pelo menos, uma espécie de interesse humano. Mas obteve a certeza de que a única coisa que as interessava era o funcionamento da escotilha e do escafandro, além, é claro, do tempo que ele conseguiria sobreviver do lado de fora.

Teve vontade de gritar e mandar que parassem com tudo aquilo, mas acabou ficando quieto.

Sentiu um movimento escorregadio às suas costas e, logo em seguida, percebeu que era a escotilha que começava a se mover. Era uma sensação mais ou menos parecida com aquela provocada pelo cinto de segurança transparente envolvendo a cintura, Só que agora se tratava do corpo todo, dos pés à cabeça. As camadas de plástico pareciam apertar seu corpo, à medida que o ar ia sendo

aspirado. O tecido do escafandro parecia ser puxado para fora, contra o vácuo do exterior.

A camada externa de plástico da escotilha fechou-se atrás dele.

Um impulso leve deslocou seu corpo e ele sentiu-se solto na corrente de plasma, dentro do capilar. Encontrava-se sozinho, fora da nave.

CAPÍTULO 11

O OBJETIVO

A viagem, por si só, pode ser a melhor parte da empreitada, mas só se você conseguir chegar até seu destino.

Dezhnev (pai)

MORRISON SENTIU calor imediatamente e perdeu o fôlego. Como dissera Konev, a temperatura era de trinta e sete graus, como a de um dia quentíssimo de verão, sem que houvesse sombra ou brisa para refrescar. Olhou em volta, tentando se orientar. Ficou claro que Natália miniaturizara ainda mais a nave enquanto ele estivera lutando para se enfiar no escafandro. A parede ladrilhada do capilar estava bem mais longe. Ele só conseguia ver um pequeno pedaço dela, porque havia um imenso objeto nebuloso atrapalhando a visão:

um glóbulo vermelho, era claro. Uma plaqueta também passou entre o eritrócito e a parede, deslizando bem devagar.

Tanto os objetos quanto a nave e ele próprio estavam navegando com a corrente muito lenta do interior do capilar, pelo que ele pôde deduzir quando escolheu alguns "ladrilhos" como referência.

Morrison tornou a se perguntar por que sentia tão pouco o movimento browniano. Continuava tendo a sensação de tremor, ainda que pouco intensa, e podia ver que os objetos à sua volta também pareciam tremer. Até o desenho das células da parede parecia se alterar um pouco, de um forma estranha. Mas não tinha tempo para especulações e análises. Tinha que cumprir a missão e voltar para a nave.

Estava a mais ou menos um metro dela. Um "metro subjetivo", pensou. Quantos mícrons teria, de quantos milionésimos de metro seria a distância real? Não se deu ao trabalho de tentar calcular.

Começou a manobrar com as nadadeiras para voltar à superfície da nave. O plasma era muito mais viscoso que a água do mar e a sensação era desagradável.

O calor, naturalmente, continuava. Não diminuiria enquanto o corpo dentro do qual se encontrava estivesse vivo. Sua testa já estava coberta de suor. Tinha que trabalhar rápido. Esticou o braço para tocar o ponto pelo qual deixava a nave, mas não conseguiu. Era quase como se a mão estivesse apertando uma almofada elástica de ar comprimido, mas ele não via nada entre ela e o casco, a não ser o próprio fluido.

Compreendeu logo o que estava acontecendo. A superfície externa do escafandro tinha carga elétrica negativa e a porção do casco que tentara tocar, também. Estava sendo repelido. Mas aquilo não deveria causar problema: era só achar algum pedaço do casco com carga contrária. Tateou até sentir o plástico mas isso não adiantou muito. A sensação era a mesma que tocar uma superfície incrivelmente escorregadia.

De repente, com um “clique” quase audível, a mão esquerda grudou no casco. Encontrara um ponto com carga positiva. Tentou soltá-la com um pequeno esforço e, logo em seguida, com toda a força do braço. Era como se a mão estivesse soldada à superfície. Começou a tatear com a direita, procurando um ponto de apoio para livrar a esquerda. “Clique”, outra vez. Apoiou o peso do corpo na direita e puxou a esquerda com toda a força. Nada aconteceu. Estava preso ao casco, crucificado nele.

O suor rolava fortemente pelo rosto e depositava-se sob as axilas.

Começou a gritar, inutilmente, e a agitar as pernas. Os da nave acompanhavam com os olhos todos os seus movimentos, mas como gesticular sem usar as mãos? O glóbulo vermelho que o vinha acompanhando o tempo todo aproximou-se e apertou seu corpo contra a nave. Seu tronco, no entanto, não ficou grudado. Tocara, por sorte, uma área sem carga positiva. Sophia estava observando-o fixamente, tentando dizer-lhe alguma coisa, mas Morrison não sabia ler os movimentos de seus lábios, pelo menos em russo. Notou que ela mexia num controle do computador e o braço esquerdo soltouse.

A moça devia ter reduzido a intensidade da carga. Balançou a cabeça para ela, torcendo para que entendesse seu gesto de agradecimento.

Tudo o que tinha a fazer agora era caminhar com os braços, saltando de carga em carga positiva, até a popa da nave.

Foi-se movimentando aos poucos, com dificuldade, e descobriu que, mais que a força da interação eletromagnética, o que atrapalhava agora era a pressão macia do glóbulo vermelho.

— Sai! Vai embora! — gritou em vão. O corpúsculo desempenhava um papel completamente passivo. Não era afetado por gritos.

Empurrou-o com força, usando os dois pés e uma das mãos. A superfície elástica e fina do glóbulo, de início, recuou e afundou, mas a resistência foi aumentando à medida que seus membros foram avançando.

Morrison viu que aquilo não adiantava. Cansado, deixou o corpo ser empurrado de volta contra a nave.

Tentou recuperar o fôlego, o que não foi fácil, quente e ensopado de suor como estava. Começou a tentar imaginar o que o poria fora de combate primeiro: a desidratação ou a febre, que fatalmente viria, se continuasse incapaz de se livrar do calor produzido pelo próprio corpo e, ainda por cima, extenuando-se daquele jeito na luta para afastar o glóbulo vermelho.

Levantou o braço o máximo que conseguiu e o baixou com toda a força num golpe, voltando a borda da nadadeira manual contra a película do glóbulo, que se rompeu como um balão de borracha. A tensão superficial foi alargando cada vez mais o corte e o conteúdo começou a vazar: uma nuvem fina de grânulos. O corpúsculo foi esvaziando e encolhendo.

Morrison sentiu-se culpado. Teve a sensação de que matara uma criatura inofensiva. Consolou-se com o pensamento de que havia trilhões daqueles no sistema circulatório e que seu tempo de vida, de qualquer maneira, não passava de uns quatro meses. Agora já podia se deslocar até a popa. Não havia condensação no plástico do escafandro. Nem poderia haver: tudo estava à mesma temperatura e o tecido fora desenvolvido de forma a não aderir a nada. O que poderia se condensar provavelmente estava rolando de um lado para outro, com seus movimentos, e se acumulando nas dobras do escafandro.

Chegou à popa, ao ponto em que as linhas aerodinâmicas da nave eram rompidas pelas saídas dos três motores a microfusão. Estava o mais longe possível do centro de gravidade. Confiou na sorte e esperou que os outros quatro tivessem a mesma idéia e se reunissem o mais perto possível da proa. Lamentou não lhes ter recomendado aquilo antes. O que tinha a fazer agora era encontrar áreas com cargas positivas para apoiar as mãos e empurrar com força.

Sentiu-se um pouco tonto. A causa seria física ou emocional?

Não fazia diferença. O efeito era o mesmo. Respirou profundamente, sentindo os olhos ardendo com as gotículas de suor que escorriam sobre eles. Não podia fazer nada quanto a elas. Teve outro acesso de fúria contra os idiotas que haviam projetado aquele traje de mergulho. Entre aquilo e nada, pouca diferença havia.

Conseguiu firmar as mãos no casco e começou a bater as nadadeiras dos pés. Daria certo? A massa que tinha que movimentar era de alguns microgramas, apenas, mas de que energia dispunha? Uns poucos microergs? Sabia que a relação entre quadrados e cubos lhe dava uma vantagem enorme mas, mesmo assim, qual seria a eficiência de seu empurrão?

A nave moveu-se. Era fácil constatar o movimento, usando os "ladrilhos" da parede do capilar como referência. Seus pés já podiam tocar a parede, o que significava uma rotação de noventa graus.

O eixo principal da nave estava perpendicular à corrente. Firmou os pés na parede e empurrou de novo, com um exagero de força. Se rompesse o capilar, as consequ?.ncias poderiam ser terríveis, mas sabia que não dispunha de muito tempo, e não estava suficientemente lúcido para pensar a longo prazo. Felizmente, seus pés soltaram-se das células da parede, como se tivesse chutado uma cama elástica, e a nave girou um pouco mais. Em seguida, encalhou.

Morrison procurou entender o que estava acontecendo, apertando os olhos com esforço para ver melhor. Estava perdendo a respiração no calor úmido e abafado do escafandro. Era, com certeza, outro glóbulo vermelho. Só podia ser. Dentro do capilar, o trânsito engarrafava-se como os carros na avenida principal de alguma cidade grande. Desta vez não hesitou. Baixou logo a nadadeira da mão direita, repetindo o golpe anterior, e causou um enorme talho. E não perdeu tempo, como antes, lamentando a execução de uma vítima inocente. Tornou a bater os pés e a nave retomou a rotação.

Torceu para que estivesse na direção certa. E se tivesse invertido sua posição durante o selvagem ataque ao eritrócito, deslocando a nave de volta à situação anterior? Deixou sem resposta a pergunta.

Já estava quase sem condições de raciocinar.

A nave agora estava paralela a eixo do capilar, Completamente sem fôlego, ele tentou observar os “ladrilhos” da parede. Se parecessem se deslocar na direção da popa, a proa estaria apontada de maneira correta, contra a corrente, voltada para a junção do capilar com a arteríola. Achou que tudo estava certo. Não, não conseguia achar mais nada. Certo ou errado, tinha que retornar para a nave. Não estava disposto a dar a vida em troca de êxito.

Mas onde estava a escotilha? Tateou cegamente a superfície do casco, sentindo aqui e ali as áreas de carga positiva e deslocando o corpo aos trancos.

Conseguiu entrever quatro figuras no- interior da nave, fazendo gestos que não foi capaz de interpretar. Os vultos começaram a sair de foco. Alguém. apontou para cima. E onde era para cima? Encontrava-se sem força para mover o corpo. O último pensamento foi o de que, para cima ou para baixo, não fazia muita diferença para quem não tinha massa nem peso. Deu um impulso para cima, sem entender bem por quê, e a escuridão o envolveu completamente.

A PRIMEIRA coisa que sentiu foi frio: uma onda de frio e, em seguida, um toque também frio no corpo. Só então percebeu a luz. Havia um rosto próximo ao seu mas ele demorou a identificá-lo. De início, apenas uma combinação de zonas escuras e iluminadas. Aos poucos foi tomando forma, a forma do rosto de Sophia Kaliinin.

— Você está me reconhecendo?

Morrison fez que sim com a cabeça, devagar e desajeitado.

— Diga o meu nome.

— Sophia.

— E quem está aqui ao lado?

Virou os olhos, com dificuldade para focalizá-los:

— Natália.

— Como você está?

— Dor de cabeça. — A própria voz parecia vir de longe.

— Vai passar já.

Ele fechou os olhos e entregou-se à sensação deliciosa de nada ter que fazer, nada sentir. Em seguida sentiu frio no baixo-ventre e abriu os olhos de novo. Percebeu que lhe tiravam o escafandro e o deixavam nu. Sentiu um par de mãos forçar seus ombros para baixo e ouviu uma voz que lhe pareceu familiar:

— Tudo bem. Não se preocupe. Não podemos lhe dar um banho.

Não há água suficiente para isso. Mas vamos esfregá-lo com uma toalha molhada. Você precisa refrescar um pouco... e ser limpo, também.

— Vergonha... — balbuciou, tropeçando nas sílabas da palavra.

— Bobagem. Agora vamos enxugá-lo. Um pouquinho de desodorante...

pronto! Vamos vesti-lo com o uniforme de novo.

Morrison tentou relaxar. Só voltou a falar quando sentiu o contato do algodão grosseiro contra a pele:

— Consegui virar a nave?

— Conseguiu. — Sophia sacudiu vigorosamente a cabeça. — E lutou como um leão com dois glóbulos vermelhos. Você agiu como um herói.

— Me ajude a levantar. — Firmou os antebraços na cadeira, fez um esforço e, naturalmente, subiu como um balão. Alguém o puxou de volta para baixo. — Esqueci de novo. Alguém amarre o meu cinto, por favor. Me deixem descansar um pouco.

Depois de alguns minutos, melhor da tonteira, conseguiu dizer:

— Aquele escafandro é uma porcaria. Para mergulhar na corrente sangu?.nea de um animal de sangue quente, vocês terão que inventar alguma coisa refrigerada.

— A gente sabe disso — respondeu Dezhnev, já de volta a seu lugar. — O próximo será refrigerado.

— O próximo... — A voz saiu amarga e ressentida.

— Bom, pelo menos você conseguiu fazer tudo que era preciso e foi o escafandro que permitiu.

— Mas eu sei quanto custou. — A frase saiu em inglês, como se o seu domínio do russo não fosse suficiente para expressar um sentimento.

— Entendi — retrucou Konev. — Morei nos Estados Unidos, sabe?

Se ajudá-lo a se sentir melhor, posso lhe ensinar a frase todinha em russo.

— Obrigado. Fica melhor em inglês, mesmo. — Passou a língua pelos lábios secos: — O que cairia bem agora seria um pouco de água. Estou com sede.

— É claro — disse Sophia, encostando uma garrafa em sua boca.

— Sugue devagarzinho. Não escorre, praticamente sem massa como está. — Devagar. Devagar! Não é para se afogar!

Morrison afastou a cabeça do gargalo.

— Temos bastante água?

— O suficiente para você repor o que perdeu.

Bebeu mais e deu um suspiro:

— Obrigado. Já estou melhor. — Fez uma pequena pausa. — Tive uma idéia, um pensamento, quando estava lá fora, no capilar. Foi só um lampejo. Não estava lúcido o suficiente para entender meus próprios pensamentos. E nem agora estou completamente lúcido ainda.

Esperem aí. Deixem-me pensar um pouco.

Ficaram todos em silêncio. Depois de algum tempo, Morrison suspirou, limpou a garganta e falou:

— Estou lembrando.

Natália também suspirou:

— Ótimo. Então sua memória está bem.

— É claro que está! O que vocês estão pensando?

— Que a perda da memória pode ser um dos primeiros indícios de um cérebro danificado — respondeu Konev, friamente.

Morrison cerrou os lábios, com raiva. Em seguida perguntou, sentindo um frio no estômago:

— Vocês acharam que eu poderia ter o cérebro danificado?

— É sempre possível — disse Konev. — Como foi no caso de Shapirov...

— Tudo bem. Não aconteceu nada. Qual idéia você teve lá fora?

Você se lembra... — Sophia nem perguntou nem afirmou, tentando encorajá-lo, mas sem muita convicção.

— Lembro, sim. Estamos navegando contra a corrente, não estamos?

— Estamos — respondeu Dezhnev. — Usando motores, gastando energia.

— Quando chegarmos à arteríola, ainda estaremos contra a corrente e não poderemos virar. Entraremos na direção oposta à que queremos. Alguém terá que ir lá fora de novo, virar a nave. Não vou! Vocês entenderam? Não vou!

Sophia pôs o braço sobre os ombros dele:

— Calma, Albert. Está bem. Você não irá.

— Ninguém vai, amigo Albert — completou alegremente Dezhnev.

— Olhe para a frente. Estamos chegando à arteríola.

Obedeceu e sentiu uma pontada na cabeça. Provavelmente fez uma careta, pois Sophia espalmou a mão fria em sua testa, perguntando:

— Melhorou da dor de cabeça?

— Melhorei. — Afastou a mão da moça, impaciente. Continuou olhando fixamente para a proa, aliviado ao constatar que sua visão voltara ao normal. O túnel cilíndrico à frente estava se alargando e, mais adiante, através de uma abertura elíptica, conseguiu ver uma parede, com os "ladrilhos" muito menos nítidos. — O capilar vai dar na arteríola como um galho pequeno de árvore num galho maior, num ângulo agudo. Quando passarmos pela abertura, estaremos três quartos na direção errada. Bateremos de leve na parede oposta e ficaremos exatamente contra a corrente.

— Como costumava dizer o meu velho pai: "Imaginação pela metade é pior do que nenhuma imaginação". Fique olhando, Albertinho.

Olhe só, esperarei até chegar quase à abertura e aí reduzirei os motores, para vencer a corrente bem devagar. Agora a proa está saindo do capilar. Mais um pouquinho... Um pouquinho mais...

Agora o fluxo principal de sangue na arteríola nos apanhou pela proa e vai nos virando. Um pouquinho mais de motor... O fluxo continua empurrando... Pronto! Estamos na direção certa, a favor da corrente, e já cortei os motores. — Voltou-se com um sorriso de triunfo: — Manobrazinha bem-feita, hein?

— Muito boa — respondeu Natália —, mas isso não teria sido possível se o Albert não tivesse feito o que fez.

— É verdade! Sugiro que lhe concedamos todo o crédito e mais a Ordem de Lênin. Se ele aceitar, é claro.

Morrison sentiu um alívio imenso. Não fora preciso sair de novo, afinal. Agradeceu a Dezhnev o elogio e voltou-se para Sophia, um tanto encabulado:

— Sabe de uma coisa, Sophia? Ainda tenho sede.

A moça passou-lhe imediatamente a garrafa, mas ele hesitou:

— Será que não bebi mais que minha ração?

— Claro que bebeu, Albert, mas, em seu caso, "mais que a ração"

ainda está dentro da ração. Beba à vontade. Água é muito fácil de reciclar. Além disso, ganhamos uma pequena reserva extra, pois, quando você entrou na nave, não se encaixou bem no vão da escotilha de pressão. Um de seus cotovelos ficou do lado de fora. Tivemos que forçar a camada interna e puxá-lo, o que provocou a entrada de um pouquinho de plasma. Não foi grande coisa, devido à viscosidade, mas foi miniaturizado e já está sendo reciclado.

— Depois de miniaturizado deve ter ficado do tamanho de uma gota...

— Ficou mesmo — sorriu Sophia —, mas uma gota não deixa de ser uma reserva extra. E como foi você quem aumentou nossa reserva, sua ração passa a ser maior que a dos outros. Justiça é justiça Morrison riu e sugou a água com avidez, espremendo a garrafa flexível à maneira dos cosmonautas. Começou a sentir-se melhor, de volta à normalidade. Ou, talvez, melhor ainda: sentiu aquela espécie de exaltação que só sentem as pessoas que escapam de uma situação insuportável. Tentou concentrar-se, voltar mais à realidade.

Ainda estava dentro da nave e ainda se encontrava do tamanho de uma bactéria, mais ou menos. Continuava na corrente sangu?.nea de um homem em coma. Suas chances em continuar vivo nas próximas horas ainda eram incertas. E, contudo, mesmo enquanto pensava em tudo isso, não conseguiu deixar de sentir que o fato de estar livre daquele calor intolerável, de estar junto aos outros, de estar sendo tratado e consolado por uma mulher bonita era uma bênção.

— Tenho que agradecer não só ao Arkady, mas a todos vocês, por me puxarem para dentro e cuidarem de mim.

— Não se dê ao trabalho — replicou Konev, com indiferença. — Precisamos de você e de seu programa de computação. Se o tivéssemos deixado lá fora, nosso projeto estaria fadado ao fracasso, mesmo que achássemos a célula certa.

— Pode até ser verdade, Yuri — atalhou Natália, indignada. — Mas, durante todo o tempo em que ficamos puxando o Albert, não pensei nenhuma vez nisso. Pensei em salvar a vida dele. Não acredito que você seja tão frio a ponto de não sentir ansiedade pela vida de um ser humano que se arriscava para nos ajudar!

— É claro. — Konev resmungou. — A lógica não costuma ser apreciada.

Lógica era exatamente o que Morrison precisava. Desde que haviam mencionado a possibilidade de danos em seu cérebro, ele estivera se testando, raciocinando, procurando deduções lógicas. Voltou-se para Dezhnev:

— Arkady, quando os motores a microfusão funcionam, você converte hidrogênio miniaturizado em hélio miniaturizado. Um pouco deste hélio escapa, junto com o vapor miniaturizado ou outra substância qualquer que você use para obter o empuxo.

— Certo — disse o outro, um tanto assustado. — E, sendo assim, o que acontece?

— E os átomos e partículas miniaturizados simplesmente atravessam o corpo do Shapirov, a Gruta, a montanha, a atmosfera e acabam no espaço cósmico, segundo vocês me explicaram.

— Certo de novo. E daí?

— Eles não permanecem miniaturizados para sempre. Com certeza não estamos iniciando um processo em que o universo todo vá, aos poucos, se encher

de partículas miniaturizadas, à medida que a humanidade desenvolva e use cada vez mais a miniaturização, não é?

— Se estivéssemos fazendo isso nenhum mal provocaríamos.

Nem a atividade humana, como um todo, durante bilhões e bilhões de anos seria capaz de acrescentar uma quantidade significativa de partículas miniaturizadas ao universo. Mas nem é isso que acontece.

A miniaturização é metaestável, o que significa haver sempre a possibilidade de uma ou outra partícula voltar sozinha à condição estável de verdade, ou seja, ao seu tamanho original.

Com o canto do olho, Morrison viu que Natália ergueu a mão, aconselhando Dezhnev a parar. Mas o rapaz, uma vez entusiasmado com algum assunto, dificilmente parava. Portanto, no mesmo fôlego continuou:

— É claro que não há como prever a reversão de uma partícula qualquer, mas aposto que quase todas estarão bem mais distantes que a Lua, quando acontecer. E as poucas que... Sempre haverá umas poucas, bem poucas, que revertem logo. Estas o corpo de Shapirov absorve sem maior problema. — E, então, ao perceber o gesto, já transformado em ordem peremptória, de Natália, emendou:

— Mas estou aborrecendo você com esta história. Em seu leito de morte, meu pai nos disse: "Posso ter cansado vocês com meus provérbios, mas agora vocês sabem que não ouvirão mais nenhum deles e, portanto, sofrerão menos com a minha morte".

Coitado, o velho teria ficado surpreso, e acho que desapontado até, se soubesse a falta que os filhos sentiram dele... Mas acredito que não repetirei a experiência com vocês, meus companheiros de viagem.

— Ótimo — retrucou Konev. — Então, por favor, cale a boca, especialmente agora que estamos chegando ao capilar que escolhi.

Albert, espie a cerebrografia por cima de meu ombro e diga se concorda com a escolha.

Sophia dirigiu-se ostensivamente a Natália:

— O Albert não tem condições de examinar cerebrografias.

— Posso tentar — Morrison falou enquanto procurava o ejetor do cinto.

— Não! — Natália negou com voz de comando. — O Yuri que assuma a responsabilidade da escolha.

— Então assumo. — Konev pareceu contrariado. — Arkady, você consegue chegar mais perto da parede direita e entrar na corrente que vai para o capilar?

— Vim apostando corrida com uns glóbulos vermelhos e, nesse momento, estou emparelhado com um que está vindo direto na mesma direção. Ou ele nos empurrará ou a pequena corrente secundária que o está empurrando nos desviará também. Ah! Viu só? Já está acontecendo, como das outras vezes em que precisamos mudar de fluxo. Não perco uma, quando se faz preciso aproveitar as correntes naturais! — Um sorriso enorme alargou seu rosto feliz. — Façam o favor de aplaudir e dizer: "Muito bem, Arkady!"

Morrison obedeceu de boa vontade:

— Muito bem, Arkady!

A nave penetrou no capilar.

MORRISON MELHORAVA bastante para ficar irritado com a inatividade.

Do lado de fora, as paredes do capilar apresentavam "ladrilhos"

nitidamente definidos e que pareciam bem próximos de todos os lados. O cenário parecia-se muito com o do capilar anterior, onde ele tivera que inverter a braço o sentido da nave.

— Quero ver a cerebrografia. — Ejetou o cinto. Foi o primeiro gesto deliberado que fez, desde a volta ao interior da nave. Olhou para Sophia com uma expressão de desafio e a moça pareceu perturbada.

Deixou o corpo flutuar, controlando os movimentos com pequenos ajustes aqui e ali, para baixo e para cima, até conseguir enxergar a tela, por cima do ombro de Konev. — Como você sabe que esse é o capilar certo, Yuri?

— Cálculo e observação. Olhe aqui. Aumentando a aproximação da cerebrografia, dá para ver que foi por esta arteríola aqui que saímos da carótida. Pegamos esta ramificação, depois esta aqui... É só contar as saídas para os capilares à direita. Foi aqui — apontou um ponto da tela — que tivemos o problema com a célula branca. Pelo tempo que a coisa durou, só podemos ter atingido este

capilar. Quando começamos o caminho de volta, observei o estreitamento e o comparei com a cerebrografia. O desenho das ramificações lá fora é praticamente igual ao da tela. Com isso, tenho certeza de estarmos no caminho certo. O capilar em que estamos agora é este aqui.

A mão esquerda de Morrison escorregou do revestimento liso do encosto da cadeira de Konev e seus esforços para compensar o movimento acabaram deixando-o de cabeça para baixo, apoiado nos dedos da mão direita, numa posição ridícula. Enquanto esforçava-se para voltar à posição normal, pensou que uma das muitas modificações a serem feitas nos próximos modelos daquela nave seria introduzir alças nas cadeiras e em outros pontos estratégicos. Meio sem fôlego, perguntou:

— Para onde vai este capilar?

— Direto para um dos centros que você descreveu como uma das possíveis encruzilhadas das cadeias de pensamento criativo.

Espere que aproximarei o foco da cerebrografia um pouco mais.

Aqui!

Morrison fez que sim com a cabeça:

— Mas lembre-se, por favor, que eu sugeri a localização destes pontos no cérebro humano por aproximação, a partir de meus estudos de cérebros de animais. Se estava certo, este deve ser o nódulo cético superior externo.

— De acordo com seus escritos, deve haver oito nódulos destes, quatro de cada lado. Este aí é o maior e mais complexo do lado esquerdo.

É o que nos oferece maiores chances de encontrar a informação que estamos procurando. Certo?

— Acho que sim — Morrison respondeu cuidadoso. — Mas, por favor, lembre-se de que minhas deduções não foram aceitas pela comunidade científica.

— E agora você mesmo está ficando em dúvida, Albert?

— A cautela é uma posição respeitável, do ponto de vista científico, Yuri. Minhas deduções sobre os nódulos céticos fazem sentido à luz das minhas

observações, mas nunca pude testá-las em condições reais. Eu não quero que alguém venha a me acusar, no futuro, de os ter induzido a um erro.

Dezhnev fez uma careta:

— Nódulos céticos! Não é de admirar que seus conterrâneos tenham ficado céticos com relação às suas idéias, Albert! Meu pai costumava dizer: “As pessoas estão sempre prontas para rir de você.

Não lhes dê mais razões ainda, fazendo caretas”. Por que você não batizou estas coisas de “nódulos de pensamento”, em russo de gente? Ficaria muito mais crível.

— Ou de “nódulos de pensamento” em inglês comum… — retrucou Morrison com paciência. — Mas a linguagem científica tem de ser internacional e a gente tem de recorrer ao grego e ao latim, sempre que for possível. A palavra grega que designa “pensamento”

é skeptis. Tanto em russo quanto em inglês, derivou em “cético”, que possui também o sentido de “descrente, aquele que duvida de tudo”. Mas isso é porque o ato de duvidar abrange o ato de pensar.

Vocês todos concordam, com certeza, que a melhor maneira de aceitar os dogmas idiotas que a ortodoxia social tenta nos impingir é parar de pensar…

Um silêncio incômodo caiu sobre os tripulantes da nave. Morrison fez uma pausa mal-intencionada — achou que os outros mereciam aquele pequeno castigo — antes de completar:

— Como sabem todos os povos da Terra, é claro…

Dezhnev mais uma vez, quebrou o gelo e o mal-estar:

— Nesse caso, vamos ver até que ponto temos de ser céticos a respeito de seu nódulo cético.

— Espero — retrucou Konev, com um trejeito de impaciência — que você não esteja achando tudo isto uma brincadeira, seu palhaço!

É só através deste nódulo que podemos chegar aos pensamentos de Shapirov; se não conseguirmos, toda a missão será um fracasso!

— Cada um faça a sua parte. Eu os conduzo até lá, com minha perfeita pilotagem. E, lá, você, Konev, se arranje para captar os pensamentos. Ou o Albert, se você não for capaz. Pois, se você dispensar aos pensamentos do Shapirov o mesmo tratamento que dispenso a esta nave, não terá do que reclamar. Como costumava dizer o meu pai.

— Acho que seu pai está muito bem onde está. Não o desenterre de novo!

— Yuri! — Natália quase gritou. — Que estupidez! Peça desculpas!

— Tudo bem, Natália — disse Dezhnev. — Meu pai costumava dizer: "Só fique ofendido quando o outro sujeito se acalmar e repetir o insulto que disse de cabeça quente". Não sei se sou capaz de seguir este conselho todas as vezes, mas, em homenagem ao meu pai, ignorarei a boçalidade do Yuri. — Falou isso e debruçou-se sobre os controles, de cara fechada.

Morrison não prestou muita atenção. O fato de Konev ter sido grosseiro demonstrava, era óbvio, que ele estava extremamente tenso.

Ele próprio estava muito mais preocupado com os sinais que Natália fizera pouco antes, quando Dezhnev começara a falar sem pensar. Tentou relaxar na cadeira, forçando o corpo para baixo com os braços, e voltou a cabeça para trás:

— Natália, posso fazer uma pergunta?

— Claro, Albert.

— As partículas miniaturizadas que se liberam e saem para o universo normal...

— Sim?

— Mais cedo ou mais tarde, elas revertem ao tamanho normal?

Natália hesitou:

— Certo. Foi isso que o Arkady lhe disse.

— E quando isso acontece?

— É imprevisível. — Ela deu de ombros. — Como a desintegração radiativa de um átomo.

— Como você sabe?

— Eu sei.

— Quero saber que experiências vocês fizeram. Até hoje, nada tinha sido miniaturizado tanto quanto fomos. E é claro que vocês nunca tiveram a oportunidade de observar diretamente como acontece com as partículas reduzidas a este ponto a que fomos reduzidos.

— Tivemos a oportunidade de observar experiências anteriores de miniaturização. Conseguimos determinar as leis que regem o comportamento de objetos miniaturizados. A partir daí, extrapolamos.

— A extrapolação não se adequa a qualquer situação, quando os fenômenos envolvidos nunca foram observados.

— É verdade.

— Você comparou a desminiaturização espontânea à desintegração radiativa. Existe meia-vida na desminiaturização? Mesmo sem poder prever quando uma partícula miniaturizada qualquer vai se desminiaturizar, é possível prever quando a metade de uma grande quantidade delas reverterá ao tamanho normal?

— Conhecemos alguns valores de meias-vidas e achamos que eles resultam de manifestações cinéticas, da mesma forma que as meias-vidas radiativas.

— É possível generalizar o comportamento de uma determinada partícula para outras?

Natália mordeu os lábios e, por alguns instantes, pareceu imersa nos próprios pensamentos. Finalmente respondeu:

— Tudo parece indicar que a meia-vida de um objeto miniaturizado varia em proporção inversa à intensidade da miniaturização e à sua massa normal.

— Ou seja, quanto mais formos miniaturizados, menor será o tempo em que provavelmente ficaremos estáveis. Quanto menor eu estiver, menos tempo tendo a permanecer miniaturizado.

— Certo — Natália falou com dureza.

Morrison a encarou com ar grave:

— Tenho que admirar sua integridade, Natália. Você não é muito pródiga em informações espontâneas, contudo não as omite, não me desinforma.

— Sou um ser humano e, como todo mundo, digo minhas mentiras de vez em quando, por necessidade emocional ou defeitos de personalidade. Mas também sou uma cientista e não distorceria fatos científicos, a não ser que alguma razão fortíssima me obrigasse a isso.

— Então ocorre dessa forma: até essa nave, embora tenha massa muito maior que a de um núcleo de hélio, tem sua meia-vida.

— Meia-vida muito longa — disse ela rapidamente.

— Mas o fato de termos sido tão intensamente miniaturizados diminui esta longa meia-vida.

— É verdade. Mas, ainda assim, ela é longa.

— E cada um dos componentes da nave? As moléculas da água que bebemos, do ar que respiramos, os átomos de nossos próprios corpos? Eles podem ter, devem ter meia-vida muito mais.

— Não! — Natália interrompeu, parecendo aliviada por poder discordar de alguma coisa. — Há um overlap no campo de miniaturização, quando se trata de partículas próximas entre si o suficiente, e em repouso, ou praticamente em repouso, em relação umas às outras.

Um objeto como esta nave, com tudo que ela contém, é tratado como uma só partícula, ainda que grande, e tem a meia-vida correspondente.

Nisto a miniaturização difere da radiatividade.

— Ah! Mas quando eu estava lá fora, sem contato com a nave, será que não virei uma partícula isolada, de massa bem menor que a dela, e com meia-vida proporcionalmente menor?

— Não tenho certeza se a distância a que você chegou foi suficiente para que seu corpo fosse tratado como uma outra partícula.

Pode ser que tenha sido, nos momentos em que você se afastou.

— E então minha meia-vida ficou menor, muito menor...

— Ë possível, Albert. Mas foi uma questão de minutos!

— Bom. E qual é a meia-vida da nave, no estágio de miniaturização em que estamos?

— Não podemos falar da meia-vida de um só objeto.

— Porque meias-vidas são projeções estatísticas. A desminiaturização de uma partícula pode ocorrer a qualquer momento, mesmo em um prazo muito curto e mesmo que a meia-vida de um número grande de partículas semelhantes seja muito maior.

— Ë extremamente improvável que a desminiaturização espontânea ocorra em prazo curto quando a meia-vida estatística é longa.

— Mas não é impossível, é?

— Não. Impossível não é.

— Quer dizer que podemos desminiaturizar em cinco minutos, ou em um minuto, ou da próxima vez que eu respirar.

— Teoricamente, sim.

— Vocês todos sabiam disso? — Procurou o olhar dos outros três. — É claro que sabiam! Por que ninguém me disse nada?

Foi a própria Natália quem respondeu:

— Nós somos voluntários, Albert. Estamos trabalhando pela ciência e por nossa nação. Sabemos de todos os perigos e os aceitamos.

Você foi forçado a vir, não tem as mesmas motivações. Pensamos que, se conhecesse todos os perigos, você podia se recusar a embarcar, fossem quais fossem os argumentos, e, se fosse trazido à força, podia ficar inutilizado pelo... pelo...

— Pelo medo, você ia dizer! Tenho o direito ficar com medo.

Não me falta razão!

Sophia intrometeu-se, num tom de voz um pouco elevado:

— Chega de falar do medo de Albert, Natália! Foi ele quem saiu da nave com um escafandro inadequado. Foi ele quem virou a nave, arriscando sua própria vida. Onde estava o medo dele, naquela hora?

Se sentiu medo, conseguiu dominá-lo, pois não impediu que ele fizesse o que havia de ser feito.

— E o engraçado — disse Dezhnev — é que, há algum tempo, foi você quem disse, com toda convicção, serem os americanos covardes!

— Estava totalmente errada, Cometi uma injustiça e peço perdão ao Albert.

Neste exato momento o olhar de Morrison encontrou o de Konev.

O soviético torcia-se todo na cadeira para encará-lo, cheio de ódio.

Morrison nunca se orgulhara de ser um bom intérprete de expressões faciais, mas conseguiu identificar, de imediato, o problema de Konev. O homem estava com ciúme; fora acometido de uma furiosa e impressionante crise de ciúme.

A NAVE CONTINUAVA lentamente seu deslocamento pelo capilar, rumo ao objetivo escolhido por Konev: o nódulo cético. A corrente era lenta demais para impulsioná-la. Os motores estavam ligados, como Morrison deduziu por duas razões: o movimento era mais constante que antes, quando apenas flutuavam, e o já surpreendentemente pequeno movimento browniano havia diminuído ainda mais. Além disso, iam ultrapassando uma sucessão de glóbulos vermelhos. A maioria deles era delicadamente conduzida para o lado e ficava para trás, entre a nave e a parede. Um ou outro era apanhado de frente e empurrado pela proa, até rebentar. Os destroços flutuavam ao longo da nave e esta não parecia guardar qualquer sinal do encontro. Como havia pelo menos cinco milhões de corpúsculos em cada centímetro cúbico de sangue, não importava quantos deles fossem destruídos, e Morrison já se habituara a esta carnificina.

Começou a concentrar o pensamento nos glóbulos vermelhos, para não pensar na possibilidade da desminiaturização espontânea. Sabia que as chances de explodir, de um momento para outro, eram remotas. E, mesmo que acontecesse, nada sentiria. A morte por superaquecimento cerebral seria tão rápida que jamais ficaria sabendo o que acontecera. Pouco tempo antes ele estivera exposto a um superaquecimento muito mais lento na corrente sangu?.nea.

Lá chegara a sentir a morte. Depois daquilo, a morte súbita não chegava a causar pavor. Mas, por via das dúvidas, preferiu pensar em outras coisas.

O olhar de Konev, por exemplo! O que estaria remoendo, fervendo dentro dele? Abandonara Sophia, aparentemente, com fria crueldade. Será que não acreditava mesmo que. a menina fosse sua filha? As pessoas não precisam de

razões concretas para chegar a uma conclusão emocional, e a suspeita de que podem estar erradas só reforça a conclusão, tornando-as ainda mais defensivas.

Que coisa mais patológica! Lembrava-se do personagem Leonte do Conto do Inverno. Shakespeare conhecia muito bem estas questões. Konev continuaria evitando e odiando a moça pelo mal que ele lhe fizera. Contribuiria para que ela se atirasse aos braços de outro homem e, depois, a odiaria também por isso, agravando o ódio com o ciúme.

E ela? Teria consciência do ciúme dele? Será que o estimulava?

Flertaria deliberadamente com ele. Morrison, para torturar o soviético?

Acariciava o americano ternamente com a toalha molhada...

Defendia-o em todas as altercações... E Konev, claro, sempre presente...

Morrison cerrou os dentes. Não gostava de bancar a bola de tênis, sendo atirado de um lado a outro sempre com o objetivo de atacar, de causar frustração. Não tinha nada a ver com aquilo, afinal de contas! E não devia tomar partido. Sophia Kaliinin era uma mulher atraente, com seu sofrimento silencioso. Yuri Konev, um homem mal-humorado e desagradável, sempre parecendo consumir-se em sua própria raiva. Ele, Morrison, não conseguia deixar de gostar de Sophia nem de detestar Konev.

Notou que Natália o estava observando, com uma expressão carregada, e se perguntou se ela estaria interpretando de forma errada seu silêncio pensativo. Talvez achasse que ele se preocupava demais com possibilidade da morte, pensamento que afastara corajosamente de si. Teve a certeza quando ela o chamou, de repente:

— Albert! Nenhum de nós é irresponsável. Tenho marido e filho.

Pretendo voltar viva para eles e fazer tudo para que nós todos voltemos vivos. Quero que você entenda isto.

— Tenho certeza de que suas intenções são as melhores. Mas o que você pode fazer contra a possibilidade de desminiaturização espontânea, imprevisível e, uma vez iniciada, impossível de ser interrompida?

— Espontânea e imprevisível, sim. Mas quem falou ser impossível interrompê-la?

— Você seria capaz de interrompê-la?

— Posso tentar. Cada um aqui tem suas tarefas, O Arkady pilota a nave. O Yuri faz a navegação. A Sophia cuida dos padrões eletromagnéticos.

Você estuda as ondas cerebrais. E eu... eu fico aqui tomando decisões, ainda que seja forçada a admitir que a mais importante que tomei até agora foi errada. Também fico observando o tempo todo o fluxo de calor.

— Fluxo de calor?

— É. Antes de ocorrer a desminiaturização há uma pequena variação na geração de calor, com um padrão bem característico. O fator de desestabilização é esta emissão. É ela que rompe o delicado equilíbrio do processo e, depois de algum tempo, dispara a desminiaturização.

Quando isso acontecer, se eu for rápida o suficiente, é só intensificar o campo, de tal forma que reabsorvo o calor e restabeleço a metaestabilidade.

Morrison hesitou um pouco:

— E isso já foi feito alguma vez? Em condições de campo, digo.

Ou é só teoria?

— Já foi feito. Em intensidades de miniaturização muito menores, é claro, mas, de qualquer forma, fui treinada e meus reflexos estão ótimos. Acredito que, se for preciso, reagirei à altura.

— Foi a desminiaturização espontânea que pôs o Shapirov em coma, Natália?

Desta vez foi ela que hesitou, antes de dar a resposta:

— Não temos certeza se houve, de fato, um esbarrão contra as leis da natureza, um erro humano, ou mesmo as duas coisas. Pode ter ocorrido uma fuga, um pouco mais súbita que a normal, do ponto de equilíbrio metaestável, apenas. Não tenho capacidade, nesse momento, de analisar muito detalhadamente, porque você não domina os fundamentos físicos e matemáticos da miniaturização.

E, mesmo se fosse fácil transmiti-los, eu não teria permissão para fazê-lo.

— Entendo. Informações confidenciais.

— Claro.

— Natasha — exclamou Dezhnev —, chegamos ao nódulo cético.

Ou, pelo menos, o Yuri afirma que chegamos.

— Então pare a nave — comandou ela.

PARAR A NAVE levou algum tempo. Morrison notou, um pouco surpreso, que Dezhnev não parecia se ocupar do processo: continuava atento a seus instrumentos, mas não fez nenhum esforço ou movimento para mexer nos controles. Sophia, no entanto, estava ocupadíssima, inclinada sobre o console, os cabelos caindo sobre a fronte sem atrapalharem a visão, o olhar intenso e concentrado, com seus pequenos e delicados dedos acariciando as teclas do computador.

Os padrões gráficos na tela não faziam o menor sentido para ele, naturalmente.

— Arkady! — Sophia exclamou. — Um pouco mais à frente.

A nave não sofria quase nenhum efeito do movimento fraco do interior do capilar. Dezhnev acelerou o motor. Morrison sentiu o corpo, quase isento de massa, mover-se ligeiramente para trás, pois a inércia era insuficiente para fazer sentir um tranco. O glóbulo vermelho mais próximo, entre a nave e a outra parede do capilar, pareceu deslizar um pouco para trás.

— Pare! Pare! — Sophia gritou. — Chega!

— Não posso parar — respondeu Dezhnev. — Só posso cortar os motores, e isto já fiz.

— Tudo bem. Agora consegui. — Sophia acrescentou, inevitavelmente:

Acho que consegui. — E logo em seguida: — Consegui, sim.

Morrison sentiu o corpo inclinar-se ligeiramente para a frente e viu alguns glóbulos vermelhos e uma plaqueta movimentarem-se preguiçosamente no mesmo sentido. Ao mesmo tempo, sentiu que o movimento browniano cessou de vez. O tremor era tão tênue que já se acostumara a ele e passara a ignorá-lo completamente, mas agora percebeu de imediato quando ele terminou. Sentiu a mesma sensação que se sente quando um ruído surdo e constante, pouco intenso, é interrompido de repente. Assustou-se um pouco.

Foi como se o coração tivesse parado, apesar de estar consciente de que apenas era uma ilusão.

— O que houve com o movimento browniano, Sophia?

— Estamos colados à parede do capilar.

Compreendeu e concordou com a cabeça. Com a nave fazendo parte, por assim dizer, da parede, o bombardeio molecular que produzia o movimento perdia efeito. Os impactos passavam a atuar sobre toda uma área relativamente inerte da parede, em lugar da minúscula nave, do tamanho de uma plaqueta, e o tremor desaparecia.

— Como você nos colou?

— Como de hábito, as cargas elétricas: A parede do capilar é composta em parte de proteína e em parte de fosfolipídios. Há cargas positivas e negativas agrupadas aqui e ali. É só encostar um padrão de intensidade adequada e comandar o padrão complementar no casco da nave: negativo contra positivo, e vice-versa. O único problema foi que fiz isso com a nave se deslocando com a corrente.

O jeito foi detectar o padrão um pouco à frente e gerar o nosso, complementar, no momento da passagem. Errei três vezes e, em seguida, passamos por uma superfície sem nenhum padrão adequado.

Pedi, então, ao Arkady para dar um pouco de propulsão, para encontrar uma área mais conveniente. E... consegui.

— Se a nave possuísse marcha a ré não haveria problema, não é?

— Realmente. A próxima terá, mas, por enquanto, esta é a única que temos.

— É isso — disse Dezhnev. — Como costumava dizer o meu pai:

“A gente acaba morrendo de fome hoje, enquanto espera o banquete de amanhã”.

— Por outro lado — replicou Sophia —, se tivéssemos um motor capaz de fazer tudo o que quiséssemos, ficaríamos sempre tentados a usá-lo em toda a sua potência e isto poderia provocar danos em Shapirov. Seria muito caro também. Contando com este apenas, usamos só um campo elétrico, que gasta bem menos

energia, e ocorre um único problema: o de se ter um pouco mais de trabalho. Mas estou aqui para isso mesmo.

Morrison teve certeza de não ser ele o alvo das palavras da moça.

— Você é sempre tão conformada assim, Sophia?

Ela arregalou um pouco os olhos, distendeu as narinas mas, quase imediatamente, recuperou o autocontrole e sorriu:

— Não. Ninguém consegue ser sempre a mesma coisa. Mas eu faço o que posso.

— Chega de conversa, Sophia — comandou Natália, impaciente.

— Arkady, você está em contato com a Gruta, é claro. Por que a demora?

Dezhnev ergueu o braço e esforçou-se para torcê-lo, exibindo para Natália a mão espalmada:

— Paciência, capitão! Eles querem que a gente fique exatamente onde está por duas razões. Primeiro: porque estou transmitindo na mesma frequ?.ncia em três direções diferentes e eles tentam focalizar cada uma das transmissões para constatar se a nossa posição, segundo os seus cálculos, confere com a que o Yuri forneceu por cálculo e observação.

— E quanto tempo isso demora?

— Quem sabe? No mínimo alguns minutos. Minhas ondas não são muito intensas e a localização tem de ser absolutamente precisa.

Talvez eles tenham que repetir as medições várias vezes, para atingirem a média e determinarem a margem de erro. É necessária muita precisão, nesses cálculos, porque, como costumava dizer o meu pai: “Quase é a mesma coisa que errado”.

— Está bem, Arkady, embora isso dependa da natureza do problema.

E a segunda razão?

— Estão sendo feitos alguns exames no Pyotor Shapirov. Seu pulso está um pouco irregular.

Konev voltou-se para ele, com a boca entreaberta e o rosto tão tenso que pareceu ter emagrecido:

— O que é isso? Por acaso, eles estão dizendo que fomos nós que fizemos isso?

— Não — respondeu Dezhnev. — Não faça dramas. Ninguém disse nada. O que podemos fazer aqui de importante para Shapirov?

Somos só mais um glóbulo vermelho na corrente sangu?.nea dele, só mais um entre bilhões.

— Então, o que está errado?

— Como vou saber? — Dezhnev estava visivelmente irritado. — Não sou médico, apenas manobro esta nave. Não sou nada mais que um par de mãos nos controles.

— A vida do acadêmico Shapirov — disse Sophia, com voz triste — está por um fio. É incrível que suas condições tenham permanecido estáveis já por tanto tempo.

— Tem razão — concordou Natália.

Konev explodiu:

— Mas devem continuar estáveis! Ele não pode falhar agora! Ainda não fizemos nosso trabalho!

— Vamos fazê-lo, Yuri — disse calmamente Natália. — Um pulso irregular não é algo tão terrível assim, mesmo para quem está em coma.

Konev deu um murro no braço da cadeira:

— Não vou perder mais tempo! Vamos começar, Albert.

Morrison fez um ar de espanto:

— E o que nós podemos fazer aqui, na corrente sangu?.nea?

— Podemos sentir algum efeito neural, do lado de fora da célula nervosa.

— De jeito nenhum! Por que os neurônios teriam axônios e dendritos para canalizarem os impulsos, se estes se espalhassem para todos os lados que

pudessem? As locomotivas se movem nos trilhos, nossa voz no telefone é transmitida por fios, os impulsos neurais são...

— Não discuta, Albert! Não aceitaremos o fracasso por causa de racionalizações brilhantes! Vamos verificar. Veja se consegue detectar ondas cerebrais e analisá-las corretamente.

— Tentarei. Mas pare de me dar ordens desse jeito!

— Desculpe — retrucou Konev, sem nenhuma sinceridade. — Quero ver como você faz. — Ejetou o cinto e virou o corpo para trás, abraçando ao contrário o encosto da cadeira. — Da próxima vez teremos que conseguir mais espaço.

— Um transatlântico — disse Dezhnev —, mas só da próxima vez.

— A primeira coisa a fazer — falou Morrison — é descobrir se conseguimos detectar alguma coisa, qualquer que seja. O problema é que estamos cercados de campos eletromagnéticos. Os músculos são pródigos nisto e praticamente qualquer célula pode ser a origem de...

— Dê tudo isso por sabido — interrompeu Konev.

— Só estou comentando enquanto preparo meu equipamento para dar os passos preliminares. O campo neural tem várias características próprias e, ajustando o computador para desprezar campos de características diferentes, vou captar apenas o que sair dos neurônios.

Descarto todas os microcampos, assim, olhe, e elimino os campos musculares deste jeito.

— De que forma?

— Está tudo nos meus artigos.

— Mas não vi o que você fez.

Sem dizer nada Morrison repetiu devagar toda a operação.

— Ah! — Konev exclamou.

— Agora, estaríamos prontos para detectar apenas ondas neurais, se houvesse alguma por perto, o que não é o caso.

— Você tem certeza? — Os punhos de Konev estavam fechados como se prontos para lutar.

— Olhe para a tela. Só uma linha horizontal, mais nada.

— Ela está tremendo.

— Interferência. Pode ser até do campo elétrico da própria nave, que é muito complexo e diferente de qualquer campo do corpo humano.

Nunca, até hoje, precisei ajustar o computador para filtrar um campo artificial.

— Bom, então temos que ir em frente. Arkady, diga-lhes que não podemos esperar mais.

— Só se a Natasha mandar, Yuri. O comandante é ela, você esqueceu?

— Obrigada, Arkady — disse Natália, com voz de gelo. — Pelo menos você não esqueceu. Desprezemos o lapso de Konev, ele se deve ao excesso de zelo, à ansiedade em atingir seus objetivos.

Tenho ordens para ficarmos aqui até que apareça a luz verde da Gruta. Se a missão fracassar porque algo de errado aconteceu a Shapirov, não quero que alguém venha dizer que a causa foi a nossa desobediência.

— E se alguma desgraça ocorrer porque obedecemos às ordens?

Isso também pode acontecer! — A voz de Konev beirava a histeria.

— Se acontecer, a culpa será de quem tiver dado as ordens — retrucou Natália.

— Não sentirei nenhum prazer em atribuir culpas, a mim ou a qualquer outro. O que interessa são os resultados.

— Concordaria com você — disse ela — se estivéssemos perseguindo algum sofisticado objetivo teórico. Mas, se espera continuar trabalhando neste projeto depois de acontecer alguma catástrofe, você descobrirá, fatalmente, que achar os culpados será a coisa mais importante.

Konev, em sua ansiedade apaixonada, chegou a gaguejar um pouco:

— Então peça-lhes para nos deixarem ir adiante logo e então nós... nós...

— Nós o que?

— Nós entramos numa célula. Temos que entrar!

CAPÍTULO 12

ENTRE AS CÉLULAS

Na vida, ao contrário do xadrez, o jogo continua depois do xeque-mate.

Dezhnev (pai)

UM PESADO silêncio caiu sobre os ocupantes da nave. Apenas Konev continuou inquieto, remexendo-se na cadeira e incapaz de manter as mãos sossegadas. Morrison teve pena dele. Chegar perto do objetivo, fazer tudo segundo o planejado, apesar das dificuldades, imaginar-se a um passo do êxito e de repente sentir o medo de este lhe der arrancado das mãos...

Ele conhecia bem aquele sentimento. Experimentara-o muito no passado, quando ainda não fora dobrado e vencido por tantas frustrações.

Ainda guardava na memória as recordações do começo da carreira: experiências promissoras, que o enchiam de esperança mas que, por alguma razão, nunca chegavam a ser conclusivas; os colegas que sorriam, aprovavam, mas nunca se convenciam de todo. Inclinou-se para a frente, aproximando-se do soviético:

— Olhe, Yuri, observe os glóbulos vermelhos. Eles desfilam, um após outro, numa cadência regular. Significa que o coração está batendo, e batendo de maneira normal. Enquanto estes corpúsculos se comportarem desse jeito, estamos seguros.

— E há a temperatura do sangue, também — completou Dezhnev.

— Eu a estou monitorando o tempo todo. Se o Shapirov for embora, ela vai ter de baixar, devagar mas constantemente. Na verdade, ela está no limite de cima da faixa de normalidade.

Konev resmungou algo incompreensível, aparentemente desprezando o consolo oferecido. Mas Morrison notou que ele ficou bem mais quieto.

O americano recostou-se na cadeira e fechou os olhos. Tentou descobrir se estava com fome e acabou concluindo que não. Tentou também avaliar as

condições da bexiga: também ali não havia problemas, mas isso não o animou muito. Sempre é possível adiar uma refeição por muito tempo, mas a necessidade de urinar não é tão flexível. Distraiu-se com o pensamento e só percebeu que Sophia tinha dito alguma coisa depois que ela terminou a frase. Voltou-se para ela:

— Desculpe. Você falou comigo?

— Eu é que peço desculpas por interromper seus pensamentos — disse ela, baixinho.

— Eles não valiam grande coisa, Sophia. Desculpe, outra vez, por não estar prestando atenção.

— Eu perguntei o que é que você faz na sua análise das ondas cerebrais.

Quero dizer, o que é que você faz diferente dos outros? O que foi que tornou necessária a sua... — Interrompeu-se, sem saber como continuar.

— Por que foi que decidiram me sequ?estrar, não é?

— Ficou zangado comigo?

— Não. Tenho certeza de que você não teve nada a ver com a...

operação.

— Claro que não. Nem saiba de nada. Para dizer a verdade, foi por isso que fiz a pergunta. Não conheço nada do seu campo. Só sei que existem as ondas eletroneurais e que a eletroencefalografia se tornou um estudo muito complexo e importante.

— Se é assim, creio que não vou conseguir explicar o que é que faz meu trabalho diferente dos outros.

— É segredo, não é? Eu achei que devia ser.

— Não. Não há nada de secreto. — Morrison franziu a testa. — Não há segredos na ciência; não deveria haver, pelo menos. O problema são as disputas pelas prioridades, que às vezes levam os cientistas a ser cautelosos com o que dizem. É claro que também incorro nisso de vez em quando. Mas não é o caso agora. Não posso explicar porque você não tem base para compreender.

Sofia cerrou os lábios, como que se concentrando:

— Você não consegue explicar nem um pouquinho?

— Posso tentar, se você aceitar alguns postulados simples. Não dá para explicar todo o campo teórico, O que chamamos de ondas cerebrais é todo um conglomerado de várias espécies de atividades neurônicas; todos os tipos de percepções sensoriais, estímulos musculares e glandulares, reflexos somáticos, coordenação e assim por diante. Em meio a todas essas atividades há as ondas controladoras do pensamento criativo e construtivo, ou dele resultantes. Isolar essas ondas céticas, como eu as chamo, de todas as outras é um enorme problema. O corpo o faz sem a menor dificuldade, mas nós, pobres cientistas, mal sabemos como começar.

— Até aqui está fácil de entender — disse Sophia, com um sorriso satisfeito.

Ela é extraordinariamente bonita, pensou Morrison, quando consegue se livrar da melancolia. Continuou:

— Ainda não cheguei à parte difícil.

— Então continue, por favor.

— Há cerca de vinte anos, deduziu-se a existência do que parecia ser um componente aleatório dessas ondas, que ninguém conseguia identificar, pois os instrumentos até então usados não tinham condições de registrar o que hoje chamamos de "centelha". É uma oscilação muito rápida, de amplitude e intensidade irregulares. Isso Sophia sorriu de novo:

Sofia sorriu de novo:

— Imagino que há vinte anos você devia ser muito novinho para uma descoberta dessas.

— Eu estava na faculdade, e o que estava descobrindo era que as moças bonitas não eram tão difíceis de abordar, uma descoberta muito importante, diga-se de passagem. Na verdade, acho que todos tem de redescobrir esse fato de vez em quando. Mas isso é outra história. Várias pessoas começaram a especular que a centelha podia representar o processo do pensamento, porém ninguém a conseguia isolar. Às vezes aparecia, outras não; às vezes era possível detectá-la, mas nem sempre. A opinião geral era que tudo não passava de um efeito nos instrumentos, delicados demais para o objeto de estudo — o que se captava seria, essencialmente, interferência. Não acreditei nisso. Com o tempo, desenvolvi um

programa de computador capaz de isolar a centelha e demonstrar que ela estava sempre presente no cérebro. O que me trouxe um pouco de crédito, de reconhecimento, embora poucos tenham conseguido reproduzir minhas experiências. Usei animais para experiências que julguei perigosas demais para seres humanos, e fui usando os resultados para aprimorar meu programa de análise. Mas quanto mais acuradas se tornavam as análises, e mais significativos os resultados, menos gente conseguia reproduzi-las e mais gente insistia em dizer que eu estava na direção errada, baseado apenas em experiências feitas com animais. E isolar a centelha ainda estava longe de provar que ela representava o pensamento abstrato. Consegui amplificá-la, intensificá-la. Continuei a modificar meu programa, melhorá-lo cada vez mais, e me convenci de que estava certo, de que estava estudando o pensamento, as próprias ondas céticas. Mesmo assim, ninguém consegue reproduzir os pontos cruciais de meu trabalho.

Cheguei até a deixar várias pessoas utilizarem meu programa e meu computador, este mesmo programa que está aqui agora e um computador idêntico a este. Nada. Ninguém conseguiu.

Sophia ouvia concentrada, com uma expressão grave no rosto:

— Você tem idéia da razão? Por que ninguém consegue reproduzir?

— A explicação mais fácil é que há alguma coisa errada comigo.

Devo ser uma aberração. Talvez seja maluco. Desconfio que muitos colegas acreditam nisso.

— Você acha que é maluco?

— Não, Sophia. Não acho, não. Mas até eu tenho minhas dúvidas, às vezes. Veja... após ter isolado e amplificado as ondas céticas, não é absurdo pensar que o próprio cérebro possa se transformar num instrumento de recepção. As ondas podem transferir os pensamentos do cérebro que você está estudando diretamente para o seu. O cérebro certamente seria um receptor extremamente delicado e, mais ainda, extremamente individualizado, Ou seja, se desenvolvi meu programa a tal ponto que ele conseguiu me fazer sentir pensamentos alheios, é possível que eu o tenha desenvolvido para funcionar de acordo com meu próprio cérebro. E quanto mais sintonizado com meu cérebro ele ficar, menor será seu efeito sobre os cérebros de outras pessoas. É como uma pintura. Quanto mais parecido comigo ficar um retrato pintado, menos parecido com qualquer outra

pessoa ele será. Quanto mais sensatos e consistentes os resultados de meu programa, para mim, menos eles o serão para os outros.

— Você chegou mesmo a sentir pensamentos dos pacientes das experiências?

— Não tenho certeza. Houve ocasiões em que achei que senti, mas como saber se não foi só a minha imaginação? Uma coisa é certa: ninguém mais, com meu programa ou com qualquer outro, sentiu nada. Usei meus conhecimentos sobre a centelha para localizar os nódulos céticos em cérebros de chimpanzés para, a partir daí, localizá-los em cérebros humanos, mas isso também não foi aceito.

Minhas tentativas são geralmente atribuídas a excesso de entusiasmo de cientista de uma idéia só, de uma só teoria improvável. E mesmo introduzindo eletrodos diretamente em nódulos céticos, de animais, é claro, não consegui nenhuma prova conclusiva.

— Deve ser muito difícil com animais... Você publicou alguma coisa sobre essas suas... sensações?

Morrison sacudiu a cabeça:

— Não tive coragem. Ninguém aceitaria uma coisa tão subjetiva.

Mencionei-as, de passagem, para algumas pessoas, o que foi, aliás, uma estupidez. Os boatos se alastraram e só serviram para que meus colegas se convencessem ainda mais de que eu sou, digamos... instável. Foi só no domingo passado que a Natália me contou que o Shapirov me levava a sério. Mas ele também, pelo menos em meu país, é considerado “instável”.

— Mas ele não é! -— Sofia exclamou com firmeza. — Ou não era, pelo menos.

— Para mim é muito bom acreditar nisso, é óbvio.

Da cadeira à frente de Morrison, Konev interrompeu de repente, sem olhar para trás:

— Foram as suas sensações de pensamentos que impressionaram Shapirov. Eu sei! Era comigo que ele as discutia. Ele disse várias vezes que esse seu programa é um relé, e que ele gostaria de experimentá-lo. Se você pudesse ter

entrado num neurônio, num neurônio-chave de um nódulo cético, as coisas teriam sido diferentes.

Você teria sentido os pensamentos de forma clara, sem qualquer dúvida. Era isso que Shapirov achava, e é o que eu também acho.

Ele acreditava mesmo que você tivesse, sem sombra de dúvida, captado pensamentos, mesmo de fora, só com o programa; e que tivesse preferido não divulgar tal coisa. Foi isso o que aconteceu?

Como eles se preocupam com a confidencialidade das coisas!

Enquanto formulava para si próprio o pensamento, Morrison olhou para o rosto de Sophia. A moça tinha os lábios entreabertos, as sobrancelhas franzidas, e levou o indicador até perto dos lábios, como se quisesse recomendar-lhe silêncio mas lhe faltasse coragem para tanto. Sua expressão era intensa, carregada.

Foi então que Dezhnev gritou alegremente:

— Chega de conversa fiada, crianças. A Gruta acaba de nos localizar!

Percebeu, para enorme espanto dos coleguinhas lá de fora, que estamos exatamente onde dissemos que estávamos!

Konev atirou os braços para cima e exclamou, com a voz de um menino:

— No ponto onde eu disse que estávamos!

— Nossas responsabilidades são coletivas — disse Dezhnev. — Digamos: onde dissemos que estávamos.

— Não — interveio Natália. — Mandei que Konev tomasse a decisão por sua conta e risco. O mérito é todo dele.

Konev não demonstrou nenhuma gratidão:

— Você não demonstraria tanta vontade de dividir responsabilidade, Arkady Vissarionovich — usou o sobrenome do meio, o que há muito já saíra de moda na União Soviética, para enfatizar as raízes camponesas de Dezhnev —, se por acaso estivéssemos no capilar errado.

O sorriso do rapaz esfriou e, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, o vozeirão de contralto de Natália os interrompeu:

— E o Shapirov? Como está ele?

— Tudo bem — respondeu Dezhnev. — Deram-lhe uma injeção qualquer e estabilizaram o batimento cardíaco.

— Podemos prosseguir, então? — Konev quis saber.

— Podemos — disse Natália.

— Neste caso... Para fora da corrente sangu?.nea, finalmente!

NATÁLIA E SOPHIA estavam debruçadas sobre seus instrumentos.

Morrison as observou por alguns momentos, sem ter qualquer idéia sobre o que faziam. Voltou-se para Dezhnev, que relaxara totalmente o corpo em sua cadeira, ao contrário de Konev, completamente tenso. Perguntou:

— E agora, Arkady? Como vamos fazer? Não podemos abrir caminho à força para passarmos do vaso para o cérebro.

— Vamos passar suavemente quando estivermos do tamanho certo.

Estamos miniaturizando de novo. Olhe só lá para fora.

Morrison, assustado, obedeceu. Percebeu que, sempre que o exterior começara a parecer estável, parava de prestar atenção nele. A velocidade da corrente tinha aumentado. Ou melhor, a nave encolhera de novo, de forma que os sobejos passavam por ela mais rapidamente.

A mente, não conseguindo absorver o fato de que o tamanho da nave era mutável, interpretara a diferença como resultado de uma velocidade maior.

Um glóbulo vermelho passou por eles com os mesmos movimentos que ele observara na carótida, e, apesar da velocidade aparentemente maior, demorou muito a passar, como uma baleia que nadasse ao lado de um barco a remo. Tinha um aspecto um tanto fantasmagórico, quase transparente e suas bordas tremiam com o movimento browniano parecendo fora de foco. Sua cor era um cinza borrado, o que lhe dava a aparência de uma nuvem de tempestade num céu escuro. Àquela altura, já tinha perdido a maior parte do oxigênio, avidamente absorvido pelas células do cérebro, que, sem qualquer movimento ou sinal de vida, consomem um quarto de todo o oxigênio transportado pelo sangue para os órgãos do corpo. Por mais imóvel e inerte que parecesse, o cérebro com suas percepções, respostas e pensamentos, tudo coordenado por um mecanismo tão

complexo que computador algum jamais conseguira reproduzir, cobrava um preço alto em oxigênio.

Para compensar o fato de que os glóbulos vermelhos e as plaquetas pareciam mais raros, sem contar as poucas células brancas, monstruosidades grandes demais para a visão humana, o plasma apresentava-se cada vez menos líquido. Algum tempo antes já haviam começado a surgir grãos na corrente; esses grãos, passando pela nave com velocidade cada vez maior, tornavam-se também maiores a cada momento. Morrison sabia que eram moléculas de proteínas.

Observando-as com atenção, apesar dos movimentos permanentes que pareciam tirá-las de foco, julgou ver os grupamentos helicoidais de seus átomos. Algumas delas tinham como que uma floresta em miniatura em volta: moléculas de lipídios.

Morrison voltou a ter a sensação de movimento. Não mais o tremor do movimento browniano, mas uma série de trancos irregulares, que aumentavam cada vez mais. Virou o rosto para a parede do capilar onde estavam colados. Os "ladrilhos" tinham desaparecido, ou um apenas tinha aumentado tanto que passara a ser o único visível.

Dentro da célula, o enorme núcleo aumentava cada vez mais. A nave sofreu um tranco e ele percebeu que uma parte do casco se soltara da parede. Outro tranco, e ela voltou a se fixar.

— O que é que está acontecendo?

A pergunta foi feita a Sophia, mas a moça estava concentrada demais e apenas sacudiu a cabeça com impaciência. Foi Dezhnev quem respondeu:

— A Sophia está tentando neutralizar as cargas elétricas, em vários pontos do casco, para ir soltando a nave, aqui e ali, sem que a tensão danifique a parede. Mas ao mesmo tempo ela tem que achar novos pontos de fixação para que a gente não se solte de todo. Não é fácil miniaturizar e permanecer colado à parede ao mesmo tempo.

— Até que ponto vamos miniaturizar? — Morrison alarmou-se outra vez. Mas a pergunta foi abafada pela ordem gritada de Sophia:

— Arkady, um pouco para a frente! Devagar! Só um pouquinho!

— Está bem, Sophia, mas grite assim que quiser que eu pare. — Voltou-se para Morrison: — Meu pai costumava dizer: “A distância entre insuficiente e excessivo às vezes é a largura de um fio de cabelo”.

— Mais, mais! — Sophia continuou. — Chega! Vamos tentar de novo.

A nave pareceu parar um instante e se esforçar, mas de repente deslizou para a frente. Morrison sentiu no corpo um pequeno impulso para trás.

— Bom! — Sophia exclamou. — Um pouco menos agora, Bom!

Tinham chegado ao fim da célula. Adiante havia outra e ainda outra e muitas mais. Células finíssimas, parecendo películas, dispostas de tal forma que a nave parecia presa por seu padrão de cargas positivas e negativas à parede interna de um túnel.

O espaço entre as células era preenchido por cordas e cabos que se estendiam do interior de cada uma para o de suas vizinhas. Nem todas as cordas estavam inteiras; havia muitas seccionadas, como tocos de árvores abatidas numa floresta. Morrison achou que deveria haver caminho naquela floresta, mas não conseguia ver direito na posição em que estava. Tornou a perguntar:

— Até que ponto vamos miniaturizar, Arkady?

— Até o tamanho de uma pequena molécula orgânica.

— E qual é a probabilidade de desminiaturização espontânea, num tamanho assim?

— É boa. Bastante apreciável. Muito maior que a que tínhamos quando estávamos do tamanho de um glóbulo vermelho, ou mesmo de uma plaqueta.

— Não há razão para ficar preocupado — disse Natália. — Eu garanto.

— Perfeitamente — concordou Dezhnev, erguendo a mão direita com o dedo médio trançado sobre o indicador, sinal que Morrison pôde ver, mas não Natália, que estava mais atrás.

O gesto aparentemente universalizara-se, O americano, acostumado a ele desde criança, conhecia seu significado muito bem, e sentiu o estômago gelado. Dezhnev continuava olhando para a frente, mas pareceu adivinhar a careta feita por Morrison, pois acrescentou:

— Não se preocupe, rapaz! É melhor ficar preocupado com uma coisa de cada vez, e o problema agora é sair do vaso sangu?.neo. Sophia, meu amor...

— Sim?

— Reduza o campo na popa. Quando eu der mais motor, tente achar outro mais adiante.

— Está bem, Arkady. Seu pai nunca lhe disse que é bobagem ensinar um padre a rezar missa?

— Para dizer a verdade, disse, sim. Então está bem. Reze, meu padrezinho, vá rezando sua missa.

Morrison perguntou-se se os dois estavam fingindo alegria, ante a possibilidade da morte súbita, apenas para lhe transmitir coragem.

Ou apenas riam do seu medo? Preferiu a primeira hipótese. Quando um gesto tanto pode se interpretado como ofensa quanto como demonstração de amizade, é melhor ficar com a interpretação mais favorável, pensou. E pensou também, logo em seguida, que o pai de Dezhnev com certeza teria concordado, o que o fez sentir-se muito melhor.

A popa da nave parecia estar solta, afastada da parede alguns centímetros.

Corrigiu mentalmente: picômetros, provavelmente, na escala normal. Passou a observar com mais atenção, examinando as fileiras irregulares de moléculas proteínicas e lipídicas que constituíam a parede.

O que é que estamos fazendo?, perguntou a si próprio. Estamos simplesmente ignorando tudo isso, uma oportunidade fantástica de estudar os tecidos com precisão muito maior que a proporcionada pelo melhor dos microscópios eletrônicos, e estudá-los vivos! Vernão só as posições, mas os movimentos e mudanças da própria vida. Viemos da carótida até o interior da parede de um capilar sem que ninguém examinasse nada com espírito científico de verdade.

Viemos como passageiros de um metrô, sem mostrarmos interesse maior que o de passageiros em relação aos túneis subterrâneos! E tudo para estudarmos oscilações que podem, ou não, ser produzidas por pensamentos...

A nave continuava em movimento, lentíssima, como se estivesse tateando à procura do caminho. De certa forma, era mesmo o que estava fazendo, entre os impulsos dos motores de Dezhnev e as variações de carga de Sophia.

— Estamos chegando à junção, Sophiazinha — disse Dezhnev, com a voz inesperadamente estrangulada. — Veja se a proa está firme, que eu vou dar um impulso de um metro, mais ou menos.

— Pelo aspecto e pelo comportamento das cargas — respondeu a moça —, acho que vamos entrar numa concentração de arginina antes da junção. Ou seja: uma região de carga positiva forte. É a maior facilidade!

— Cuidado com o excesso de confiança, Sophia! — Natália respondeu.

— Continue concentrada. Se você perder a junção e a nave se soltar, vamos perder muito tempo.

— Certo, Natália. Mas, com todo o respeito, não vejo motivo para você me lembrar disso.

— Sophia! — Dezhnev exclamou. — Faça exatamente o que eu disser. Deixe só a proa presa à parede, mas prenda firme! Solte todo o resto.

— Feito — respondeu ela, em voz baixa.

Morrison percebeu que estava prendendo a respiração. A popa estava totalmente solta, com a nave presa pela proa. A corrente a colheu por trás, empurrando-a para uma posição perpendicular à parede, que, puxada para fora, assumiu a forma de um seio. Morrison gritou:

— Cuidado! Vamos acabar arrancando um pedaço da parede!

— Quieto, todo mundo! — Dezhnev trovejou. Acrescentou logo a seguir, em voz normal: — Sophia, eu vou acelerar os motores aos poucos, bem devagar. Fique pronta para desligar todas as cargas. A nave tem de ficar completamente neutra, mas só quando eu mandar.

Sophia olhou rapidamente para Natália, que concordou:

— Faça exatamente o que ele disser, Sophia. Nisso quem manda é o Arkady.

Morrison imaginou ter sentido que a nave estava se movendo para a frente. A parede do capilar continuou esticando-se mais e mais.

Sophia exclamou assustada:

— Arkady, assim ou a parede arrebenta ou o campo se rompe!

— Um momentinho, querida, só um momentinho. Agora!

A parede recuou de uma só vez e a nave saltou para a frente.

O corpo de Morrison foi projetado suavemente para trás. A proa penetrou na substancia que preenchia o vão entre duas células da parede do capilar, como a argamassa entre dois tijolos.

PELA PRIMEIRA VEZ, Morrison teve consciência do esforço desenvolvido pelos motores a microfusão. A nave projetava-se vibrando, para dentro da junção, com uma dificuldade que parecia crescer cada vez mais. Não se podia ver nada à frente. A espessura da parede, por mais minúscula que fosse em termos reais, era muito maior que o comprimento da nave.

Logo a nave ficou totalmente encoberta pela parede e Dezhnev, a testa coberta por gotas de suor, voltou-se para Natália:

— Estamos gastando energia muito mais depressa do que devíamos.

— Então pare a nave e vamos pensar um pouco — disse ela.

— Se eu fizer isso, a elasticidade natural do tecido pode nos arremessar para fora da junção, de volta à corrente sangu?.nea.

— Diminua a potência, então. Fique só com o bastante para nos manter no mesmo lugar.

A vibração desapareceu.

— A pressão que a junção exerce sobre a nave é bem considerável.

— O bastante para nos amassar, Arkady?

— Agora não. Mas quem é que pode dizer o que vai acontecer mais tarde, se continuar aumentando?

— Isso é ridículo! — Morrison explodiu. — Alguém já não disse que estamos do tamanho de uma molécula orgânica pequena?

— De uma molécula de glicose — disse Natália —, que tem vinte e quatro átomos.

— Obrigado. — A voz de Morrison parecia feita de gelo. — Eu sei quantos átomos há numa molécula de glicose. O que interessa é que moléculas assim vivem atravessando as paredes dos capilares por difusão. Difusão! É assim que o corpo funciona! Por que não está acontecendo conosco?

Natália franziu a testa:

— É uma questão estatística. Existem, constantemente, vinte e quatro sextilhões de moléculas de glicose na corrente sangu?.nea.

Seus movimentos são aleatórios; algumas acabam passando, seja através uma junção como essa, seja através da própria célula da parede do capilar. A percentagem das que passam, a qualquer dado momento, é muito pequena, mas o bastante para manter os tecidos funcionando. E pode acontecer de uma molécula ficar um mês inteiro na corrente sanguínea sem que ocorra a difusão. Não podemos ficar um mês esperando pela sorte, podemos?

— Isso não é argumento que se apresente, Natália — Morrison estava cada vez menos paciente. — Por que não podemos fazer intencionalmente o que a molécula de verdade faz por acaso? Principalmente agora, que já estamos dentro da junção. Por que temos que ficar presos aqui?

— Ele tem razão — disse Konev. — Não é provável que a difusão seja uma passagem passiva. Tem de haver alguma interação entre o objeto difundido e a barreira que ele atravessa. Nós é que não sabemos direito que interação é essa, principalmente aqui, entre o sangue e o cérebro.

— Mas é aqui que nós estamos — Dezhnev retrucou. — O especialista em cérebro é você. Será que você não consegue dar uma olhada em volta e descobrir como é que a difusão funciona?

— Não. Não sei. Mas as moléculas de glicose são capazes de atravessar esta barreira com facilidade, isto eu sei. Tem de ser assim, porque elas são a única fonte de energia do cérebro. O problema é que a nave apenas se parece com uma molécula de glicose, não é uma.

— Você está tendo alguma idéia, Yuri? — Natália quis saber. — Ou está só nos dando uma aula?

— Estou tendo uma idéia, sim. Para entrar aqui, tivemos que desligar todas as cargas da nave. Mas devemos continuar sem nenhuma carga? Por que não reproduzir o padrão de uma molécula de glicose?

Se conseguirmos, seremos glicose, para todos os efeitos, para o organismo do Shapirov. Sugiro que você dê a ordem, Natália!

Mas Sophia não esperou:

— Já fiz, Natália.

Morrison notou que ambos só se dirigiam a Natália. Cada um dos dois continuava a fingir que o outro não existia.

— E a pressão começou a cair imediatamente — disse Dezhnev.

— A junção reconhece seus amigos! Quando aparece um deles, ela dá passagem com toda a cortesia. A mãe de meu falecido pai, que sua memória permaneça sempre entre nós!, já teria gritado que isso é magia negra e se escondido debaixo da cama!

— Arkady — comandou Natália —, dê mais motor. Vamos atravessar logo, antes que a junção perceba que debaixo do padrão de glicose existe uma outra coisa.

— Certo, Natália!

— Ponto para você, Yuri — disse Morrison. — Sugestão acertadíssima.

Agora me parece que eu poderia ter tido a mesma idéia, mas a verdade é que não tive.

Konev respondeu de má vontade, como se um elogio fosse algo que era incapaz de tolerar:

— Não foi nada. O cérebro se alimenta de glicose e por isso ficamos do tamanho da molécula de glicose. Mais cedo ou mais tarde, teríamos de simular o padrão da glicose. Quando você perguntou por que não estava ocorrendo a difusão, percebi o que faltava.

— Membros da expedição — exclamou Dezhnev —, acabamos de sair da junção! Acabamos de sair da corrente sangu?.nea! Estamos no cérebro.

É VERDADE, pensou Morrison, estamos no cérebro, mas não numa célula do cérebro. Tinham apenas passado do vão intercelular da parede do capilar para outro vão intercelular, onde ficavam as estruturas que davam apoio aos neurônios e permitiam suas interrelações.

Removidas aquelas estruturas, as células se transformariam numa massa amorfa, atraídas pela gravidade, incapazes de desempenhar qualquer função.

Estavam outra vez numa floresta, constituída de grossos troncos e galhos sinuosos de colágeno, a proteína conectiva que, na quase totalidade dos organismos animais, desempenha a mesma função da celulose nas plantas, se bem que a um custo mais alto, por ser uma proteína e não um carboidrato, mas, em compensação, com muito mais flexibilidade. Aos olhos ultraminiaturizados, as fibrilas colágenas, absolutamente invisíveis ao olho normal sem o auxílio de um microscópio eletrônico, semelhavam troncos de árvores, inclinados em todas as direções, num mundo em que a gravidade quase não tinha importância.

Os galhos pareciam ir se afinando cada vez mais. Morrison sabia que o colágeno se apresentava em variedades sutilmente diferentes.

Se pudesse ter uma visão mais ampla, ou melhor, de um ponto de vista menos miniaturizado, detectaria a estrutura e a ordem. De onde estava, apenas via o que parecia o caos, e uma porção pequena dele. A vista era, em qualquer direção, bloqueada pelo emaranhado de fibras.

Morrison sentiu que a nave se movimentava lentamente. Todos olhavam para fora, fascinados. Ou não haviam esperado por aquele cenário, como ele próprio, sempre ocupado demais com as propriedades elétricas do cérebro para se deter em sua microanatomia, ou, então, estavam tomados pelo encantamento.

— Alguém sabe como encontrar o caminho para um neurônio? — perguntou, sem se dirigir a ninguém em particular.

Dezhnev foi o primeiro a responder:

— A nave só consegue andar para a frente. Vamos continuar até encontrar uma célula.

— Mas como vamos conseguir ir em frente através desta selva?

Sem dirigir a nave, como vamos nos desviar dos obstáculos?

— Não vamos propriamente desviar. — Dezhnev coçou o queixo, pensativo. — Vamos contorná-los. Quando a neve esbarrar num objeto qualquer, o atrito do lado do contato vai ser maior do que do outro, e nosso trajeto vai se alterar de forma a contorná-lo. Mais ou menos como um cometa em relação ao Sol. — Deu um sorrisinho.

— Os cosmonautas fazem isso quando usam só a atração gravitacional para contornar um satélite ou um planeta. Nós vamos contornar essas coisas aí.

— Essas coisas aí são fibras colágenas — resmungou Konev.

— Algumas são muito grossas — disse Morrison. — Você não vai conseguir contornar todas. Se bater de frente em uma delas, o que é que você vai fazer, se só pode ir em frente? Essa nave foi projetada para a corrente sangu?.nea. Fora dela, estamos impotentes.

— Arkady — disse Natália —, você tem três motores a microfusão, cada um com sua propulsão. Eles estão dispostos nos vértices de um triângulo equ?il.tero. Você não pode acionar só um deles?

— Não. Os três funcionam juntos.

— Eu sei, Arkady. Eu sei que eles foram montados assim. Mas foi você quem projetou a nave e você conhece os detalhes dela melhor que qualquer outra pessoa. Você não é capaz de fazer alguma modificação para poder acioná-los separadamente?

Dezhnev tomou um fôlego profundo:

— Todo mundo me repetia, milhões de vezes, que eu tinha de reduzir custos, tomar cuidado com as verbas do orçamento, fazer tudo para não irritar os burocratas.

— Mas, apesar de tudo isso, o que é que você pode fazer?

— Espere aí. Deixe-me pensar um pouco. Vai ser preciso improvisar um monte de coisas. Tenho de inventar interruptores, preciso de fios... E quem sabe se vai funcionar? E, se funcionar, por quanto tempo? E se ficarmos em situação ainda pior? Mas você tem razão.

Se eu conseguir acelerar cada motor isoladamente, vamos poder mudar de direção...

— Você vai poder dirigir, alternando os motores?

— Vou tentar, Natália.

Morrison tornou a perder a paciência:

— Por que foi que vocês não pensaram nisso quando estávamos no capilar errado? Podiam ter me poupado daquela experienciazinha de quase morrer tentando virar a nave a braço!

— Se você não tivesse dado, tão prontamente, a idéia de virar a braço — disse Dezhnev —, a gente acabaria fazendo o que vamos fazer agora. Só que não seria uma boa idéia naquele momento.

— Por que não?

— Porque estávamos na corrente sangu?.nea. O formato da nave foi cuidadosamente planejado, visando ao máximo de equilíbrio. O casco foi projetado para permitir a passagem do fluxo sem nenhuma turbulência, impossibilitando a nave de virar contra a corrente. Demoraria muito mais que o jeito que você fez e gastaria muito, muito mais energia. E temos que lembrar também da estreiteza do capilar.

Aqui não há corrente e, do tamanho que estamos, o que não falta é espaço para manobra.

— Chega, Arkady — disse Natália. — Vamos trabalhar?

Dezhnev obedeceu e começou a remexer uma caixa de ferramentas.

Retirou uma placa do painel e examinou as ligações dos controles, o tempo todo resmungando qualquer coisa incompreensível.

Konev, com as mãos cruzadas atrás da nuca, falou sem se voltar:

— Albert, conte para nós como são aquelas sensações que você teve.

— Sensações?

— Você estava falando delas no momento em que a Gruta nos informou que estávamos no capilar certo. As sensações que você teve quando estava tentando analisar ondas de pensamentos.

— Ah! — No mesmo instante o olhar de Morrison encontrou o de Sophia. A moça fez que não com a cabeça, de modo quase imperceptível, e, de maneira igualmente dissimulada, passou o indicador sobre os lábios cerrados. — Não há nada para contar. Foram sensações vagas, que não consigo descrever de forma objetiva. Pode muito bem ter sido só minha imaginação. Todas as pessoas a quem tentei explicar ficaram convencidas de que não passou disso.

— E você nunca publicou nada?

— Nunca. Já foi mau o bastante ter mencionado isso de passagem, em alguns congressos e convenções. Se você e o Shapirov ouviram alguma coisa a respeito disso, foi certamente só por via oral.

Publicar teria significado chegar mais perto do suicídio científico que qual quer outra coisa.

— Que pena!

Morrison tornou a olhar para Sophia e ela, sem nada dizer, inclinou a cabeça para a frente alguns centímetros. Sabiam ambos que ela não podia dizer qualquer coisa sem que toda a tripulação ouvisse.

Morrison olhou em volta: Dezhnev continuava resmungando, absorto em seu trabalho; Konev continuava de olhar fixo à frente, perdido em seus pensamentos tortuosos; Natália estava atenta à tela de seu computador, fazendo anotações num bloco. Ele não se deu ao trabalho de tentar descobrir que notas ela estava tomando. Conseguia ler inglês de cabeça para baixo, mas sua intimidade com o idioma russo não chegava àquele ponto. Só Sophia o olhava.

Mordeu os lábios e ajustou seu computador para processamento de texto. A máquina não tinha adaptador para os caracteres cirílicos e ele teve que digitar a pergunta com os equivalentes fonéticos do alfabeto romano:

O QUE É QUE ESTÁ ERRADO?

Sofia hesitou, provavelmente estranhando a grafia diferente, mas logo digitou, no alfabeto cirílico de seu computador: NÃO CONFIE NELE. NÃO DIGA NADA. Apagou a mensagem da tela quase imediatamente.

Morrison digitou: “POR QUÊ?”

A resposta veio logo: NÃO POR MAL. PELO CRÉDITO, PELA PRIORIDADE, É CAPAZ DE QUALQUER COISA, QUALQUER COISA. De novo as palavras desapareceram e ela virou o rosto, disfarçando.

O americano ficou olhando para ela, pensativo. Aquilo seria apenas o desejo vingança de uma mulher traída? Não fazia diferença fosse como fosse, porque ele não tinha a menor intenção de fornecer qualquer informação que já não fosse conhecida, verbalmente ou por escrito. Também não era “por mal”, mas ele próprio, no que dizia respeito a “crédito, prioridade”, embora longe de ser “capaz de qualquer coisa, qualquer coisa”, também estava disposto a medir esforços. Não tinha o que fazer naquele instante. Ou melhor, havia uma coisa que, apesar de não ter nenhuma relação com a discussão ou com a viagem, incomodava-o bastante.

— Natália!

— Sim, Albert. Não tirou os olhos da tela nem parou de tamborilar no braço da cadeira, pensativa e concentrada.

— Detesto falar de coisa tão grosseira, mas... — baixou ainda mais a voz. — Preciso urinar.

A soviética levantou a cabeça. Seus lábios tremeram um pouco mas conseguiu evitar o sorriso:

— O que é que tem, Albert? Fique à vontade.

Morrison sentiu-se como um garotinho levantando o dedo para pedir permissão à professora. Sabia que não era razoável, mas.

— É que eu não queria ser o primeiro.

Natália franziu a testa, quase assumindo o papel da professora:

— Isso é bobagem. E, além disso, você não vai ser o primeiro. Eu própria já resolvi meu problema. — Deu de ombros. — A necessidade aumenta com a tensão, já o percebi muitas vezes.

Ele sabia que era verdade. Sussurrou o mais baixo que pôde:

— Para você, aí atrás, é fácil. — Indicou Sofia com um movimento de cabeça.

— E daí? Você não vai querer que eu consiga uma cortina, vai?

Quer que eu cubra os olhos com as mãos? — Sophia olhou para ela, espantada. — Tenho certeza de que ela vai ignorar, tanto por um sentimento de decência quanto porque daqui a pouco ela própria vai querer que você a ignore.

Morrison ficou completamente encabulado, porque tornou-se óbvio que Sophia já tinha entendido, e ela o estava encarando:

— Vá em frente, Albert. Você já esteve nu em meu colo. Que excesso de pudor é esse, agora?

Ele sorriu sem graça e fez com a cabeça um pequeno gesto de agradecimento.

Tentou se lembrar do funcionamento da tampinha escamoteável do assento. Quando conseguiu, produziu um baixo mas inconfundível "clique". Como eram irritantes os soviéticos!

Sempre a falta de cuidado com os detalhes. Seria tão fácil eliminar o ruído... Conseguiu também fazer funcionar a abertura eletrostática correspondente à braguilha, preocupando-se já com um jeito de fechá-la discretamente, depois. Sentiu a corrente de ar de que Dezhnev havia falado. Um frio desagradável na pele nua e exposta.

Suspirou, finalmente, com enorme alívio. Conseguiu fechar a braguilha sem dificuldade e descansou o corpo, ofegando. Percebeu que prendera a respiração o tempo todo.

— Tome — disse Natália secamente Ficou alguns segundos olhando-a, até entender que ela lhe oferecia uma toalhinha em embalagem selada. Abriu-a e descobriu que estava úmida e perfumada. Esfregou as mãos, pensando que os soviéticos estavam finalmente começando a compreender alguns pequenos gestos de elegância. Ou de decadência, dependendo do ponto de vista.

A voz de Dezhnev soou como um trovão depois de tantos sussurros:

— Pronto!

— O que é que está pronto? — Morrison perguntou com raiva, supondo que o outro estivesse se referindo ao que ele próprio acabara de fazer.

— O funcionamento isolado dos motores — respondeu Dezhnev, espalmando as mãos e apontando os controles. — Agora já posso acelerar qualquer um sozinho, ou dois, ou os três juntos. Funcionam direitinho... eu acho.

— Escolha, Arkady — Natália retrucou mal-humorada. — Funcionam ou você acha?

— Os dois. Eu acho que funcionam perfeitamente. O único problema é que nem sempre eu acho certo. Como costumava dizer o meu...

— Eu acho melhor experimentar — Konev interrompeu o pai do rapaz, intencionalmente, ao que tudo indicava.

— É claro — concordou Dezhnev. — Nem era preciso sugerir isso. Mas, como costumava dizer o meu pai — ergueu a voz, decidido a não ser interrompido outra vez — "a única certeza que se pode ter a respeito de sugestões desnecessárias é que sempre vai aparecer alguém para fazer uma". E outra coisa que vocês têm que saber é...

Como ele não continuou, Natália impacientou-se de novo:

— O que é que nós temos que saber?

— Várias coisas, Natasha. A primeira é que dirigir a nave vai consumir um bocado de energia. Fiz o que pude, mas ela não foi projetada para isso. E outra coisa é... Não posso mais me comunicar com a Gruta.

— Não pode mais se comunicar? — Sophia repetiu, em voz muito alta, surpresa ou indignada.

Quanto à voz de Natália, não houve dúvida. Estava certamente indignada:

— Que negócio é esse? Como é que você não pode se comunicar?

— Calma, Natasha. Você não queria que eu isolasse os motores sem usar fios, não é? Nem o melhor engenheiro do mundo consegue fabricar fios ou chips de silício a partir do nada. Tinha que desmanchar alguma coisa, e a única coisa desmanchável, a não ser que eu pusesse a nave fora de combate, era o sistema de comunicações.

Quando avisei ao pessoal lá da Gruta, ouvi insultos e reclamações, mas como é que eles podiam me deter? O resultado é que agora eu acho que posso dirigir a nave e tenho certeza de que não posso me comunicar.

A NAVE começou a se deslocar, com seus tripulantes agora em silêncio absoluto, O cenário modificara-se completamente. Na corrente sanguínea, estavam sempre cercados de objetos, alguns flutuando à frente, outros ficando para trás, dependendo de seus formatos e das sub-correntes. Era possível sentir o movimento — às vezes apenas marcas nas paredes da nave, que pareciam deslizar para trás: placas gordurosas nas artérias, "ladrilhos" nos capilares. Agora, observou Morrison, no espaço intercelular o que se via era estase. Nenhum movimento, nenhuma sensação de vida.

Os emaranhados de fibrilas colágenas pareciam uma floresta préhistórica composta só de troncos sem folhas, sem cores, sem som ou movimento.

Mas no instante em que a nave se movimentou através do viscoso fluido intercelular, tudo pareceu começar a escorrer para trás. A proa dirigiu-se para um encontro de fibras em forma de "V" e, enquanto o atravessavam, Morrison teve a nítida impressão de notar uma espiral solta subindo ao redor de cada fibra; a da fibra mais fina era ainda mais visível. Bem em frente havia uma fibra muito grossa, como uma daquelas árvores que parecem rainhas da floresta.

— Você vai ter que desviar, Arkady — disse Konev. — Chegou a hora de testar o que você fez.

— Está certo. Mas vou ter que me contorcer um pouco. Os novos controles não ficaram exatamente ao alcance dos dedos. Até para a improvisação existe um limite. — Abaixou o corpo, tateando alguma coisa à altura da barriga da perna. — Tomara que eu não tenha que fazer isso muitas vezes. É meio incômodo para um homem forte como eu.

— Você quer dizer para um homem gordo como você — resmungou Konev, de maneira desagradável. — Você está ficando muito relaxado, Arkady. Devia fazer uma dieta, uns exercícios...

Dezhnev ergueu o corpo:

— Está bem. Eu vou largar isso aqui e vou agora mesmo para casa, para começar a emagrecer. É hora de lições de moral, Yuri?

— Também não é hora de perder o controle emocional, Arkady — repreendeu Natália. — Faça o favor de dirigir a nave.

O rapaz tornou a torcer o corpo, com um gemido. A nave começou a descrever um arco suave para a direita. A impressão dos tripulantes era que a fibra colágena mais grossa se deslocava para a esquerda junto com todo o resto.

— Vai bater — disse Konev. — Abra mais a curva.

— Não posso. Cada motor tem seu limite. Mais que isso não dá.

— Bom, então vamos bater. — A voz de Konev traía sua ansiedade.

— Então vamos bater! — Natália exclamou com raiva. — Não entre em pânico por bobagens, Yuri. A nave é feita de plástico duro e resistente. A fibra certamente é macia.

Enquanto ela falava, a proa passou muito próxima ao tronco de fibra, quase batendo. Para quem estava do lado esquerdo, ficou evidente que o meio do casco, muito mais grosso que a proa afilada, iria esbarrar. Foi o que aconteceu, bem na direção da cadeira de Sophia.

O ruído da colisão não passou de uma espécie de suspiro. Natália acertara: a fibra era macia, o que a fez apenas retrair-se um pouco com o impacto e logo em seguida voltar à posição normal empurrando a nave. Além disso, o espesso fluido intercelular funcionou como amortecedor e lubrificante. A nave prosseguiu, com a proa apontando um pouco à esquerda. Foi Dezhnev quem falou:

— Cortei o motor um pouquinho antes da batida. Essa curvinha à esquerda que estamos fazendo é resultado só do atrito.

— É — replicou Konev. — Mas... e se você quisesse ir para a direita?

— Eu usaria o motor. Ou então eu inverteria a situação com antecedência, forçando a colisão à esquerda da fibra e, assim, virando a proa para a direita. De qualquer maneira o principal é usar os motores o mínimo possível e as fibras, o máximo. Para começar, tenho que economizar energia. Em segundo lugar, o consumo rápido de energia aumenta as chances de desminiaturização espontânea.

— O quê?! — Morrison gritou. — É verdade, Natália?

— Não é um efeito muito importante, Albert, mas é verdade. As chances aumentam um pouco. Eu diria que a necessidade de economizar é uma razão mais forte para usar pouco os motores.

Morrison não conseguiu controlar a raiva:

— Que coisa mais ridícula! Não... criminosa! Será que vocês não vêem? Uma nave que não serve para o trabalho e, ainda por cima, qualquer tentativa de melhorá-la só piora as coisas!

Natália sacudiu a cabeça:

— Albert, por favor... Você sabe que não temos escolha.

— E, além disso — completou Dezhnev, sorridente —, se conseguirmos fazer o trabalho com essa nave, pense só: vai ser uma façanha muito mais notável. Vamos ser heróis, heróis de verdade! Ganharemos a Ordem de Lênin, todos nós. Não tenho dúvidas. E, se não der certo, vamos ter o consolo de culpar a nave pelo fracasso.

— Certo. Heróis soviéticos, vocês todos, dê ou não dê certo. E eu?

— Não nos esqueceremos de você, Albert, se tudo correr bem — respondeu Natália. — A Ordem de Lênin já foi dada a muitos estrangeiros, inclusive americanos. Mesmo que você não a queira, por alguma razão qualquer, o sucesso de suas teorias vai ser plenamente estabelecido. Pode ser que você receba o Prêmio Nobel antes de qualquer um de nós.

— Na situação em que estamos, é melhor esperar que a galinha bote o ovo — disse Morrison. — Muito obrigado, mas não vou ainda me ocupar com a redação do discurso de agradecimento para a entrega do Nobel.

— Para dizer a verdade — disse Sophia —, nem tenho muita certeza de que vamos chegar a algum neurônio.

— Por quê? — Dezhnev quis saber. — Temos propulsão e direção, saímos do capilar, estamos no cérebro. Por aí há neurônios, bilhões deles.

— Mas onde? Não estou vendo nenhum. Só vejo fibras colágenas.

— Quanto você acha que existe deste fluido intercelular, Sophia?

— Dezhnev perguntou.

— Se estivéssemos do tamanho normal, uma espessura microscópica.

Só que estamos do tamanho de uma molécula de glicose.

Na escala, podemos estar a um quilômetro do neurônio mais próximo.

— Bom... Então vamos navegar um quilômetro. Pode demorar um pouco, mas vamos chegar lá.

— Seria verdade se pudéssemos ir em linha reta, mas estamos no meio de uma selva. Temos que virar para lá e para cá, desviar das fibras... Podemos andar cinqu?enta quilômetros e acabar voltando ao mesmo lugar. Estamos no meio de um labirinto. Só por pura sorte é que vamos encontrar um neurônio.

— O Yuri tem um mapa — retrucou Dezhnev, um pouco desanimado.

— A cerebro-não-sei-o-quê...

Konev abanou a cabeça, de cenho franzido:

— Minha cerebrografia mostra a cadeia circulatória do cérebro e a posição das células, mas não posso ampliar até nos localizar no fluido intercelular. Não é possível um detalhamento a esse ponto. É tão impossível saber onde estamos quanto registrar nossa presença numa cerebrografia.

Morrison olhou em volta através do casco. Em todas as direções só viu fibras colágenas, sobrepondo-se umas às outras e cercando completamente a nave. Para qualquer lado que voltasse o olhar, não conseguia enxergar muito longe, Nada, a não ser fibras, fibras e mais fibras.

Nenhuma célula! Nenhum neurônio!

CAPÍTULO 13

A CÉLULA

Nunca vi uma cerca de arame farpado com a inscrição:

"Seja bem-vindo, estranho".

Dezhnev (pai)

NATÁLIA FALOU com voz que aparentava calma, apesar das escuras sobrancelhas franzidas e das narinas dilatadas:

— Arkady, siga em frente, o mais reto que puder. Faça o mínimo de curvas e, se for possível, alterne para a direita e para a esquerda.

Para baixo e para cima também, já que nosso trajeto é tridimensional.

— Vai ficar um pouco confuso, Natasha.

— Sim, mas é possível que a gente não se perca. Podemos não fazer uma trajetória perfeitamente reta, mas talvez consigamos evitar ir em círculos, espirais ou hélices. Mais cedo ou mais tarde encontraremos uma célula.

— Talvez se você desminiaturizasse a nave um pouquinho...

— Não.

— Espere, Natasha. Pense um pouco: se aumentarmos um pouco, vai haver um espaço menor a percorrer. Quanto maiores estivermos, menor a distância entre o vaso sangu?.neo e os neurônios. — Dezhnev ilustrou o argumento com gestos eloqu?entes. — Entendeu?

— Entendi. Mas, quanto maior a nave, mais difícil a passagem entre as fibras. Os neurônios estão bem protegidos. O cérebro é o único órgão totalmente envolvido por ossos e os próprios neurônios, as células mais irregulares de todo o corpo, são muito bem embalados em substâncias intercelulares. Olhe só em volta; só conseguimos atravessar o colagênio porque estamos do tamanho de uma molécula de glicose; caso contrário correríamos o risco de danificar drasticamente o cérebro.

Neste ponto Konev repetiu o gesto habitual de girar o corpo na cadeira, olhando para cima para não cruzar seu olhar com o de Sophia, e encarou Natália:

— Acho que não é preciso navegar às cegas desse jeito completamente aleatório.

— Não, Yuri? E o que é que podemos fazer?

— Os neurônios com certeza podem se denunciar. Cada um é atravessado por impulsos nervosos periodicamente, a intervalos muito curtos. Podemos detectar esses impulsos.

— Eles têm isolamento — protestou Morrison.

— Os axônios têm. O corpo da célula não.

— Mas é no axônio que o impulso é mais forte.

— Não! É nas sinapses! E elas não são isoladas. Devem estar soltando centelhas o tempo todo e você deve ser capaz de detectá-las.

— Nós não conseguimos nada no capilar.

— Porque estávamos do lado errado da parede. Escute aqui, Albert, para que discutir? Estou lhe pedindo para detectar ondas cerebrais.

Foi por isso que você veio, não foi?

— Eu vim porque fui sequ?estrado! — Morrison gritou, furioso.

Natália inclinou o corpo para a frente:

— Albert, a verdade é que você está aqui conosco, seja qual for a razão, e a sugestão dele é razoável. E, Yuri... será que é preciso ser sempre tão grosseiro?

Morrison surpreendeu-se ao constatar que estava tremendo de raiva e, por alguns instantes, não conseguiu entender o sentimento.

A sugestão de Konev era na verdade razoável. De repente compreendeu que o que queriam dele era que submetesse toda a sua teoria a um teste que não deixaria margem a dúvidas. Estava à beira de alguma célula cerebral aumentada, em relação a si próprio, às dimensões de uma montanha. Da próxima vez iriam lhe pedir para fazer o teste dentro, literalmente dentro da célula.

E, se não desse certo, que desculpa teria para contrabalançar o fato de que toda a sua obra estava errada, sempre estivera errada?

A raiva, com certeza, era devida ao fato de sentir-se encurralado e não às maneiras de Konev. Estava consciente, mesmo sem olhar, da expressão ansiosa de Natália, à espera de uma resposta, e do olhar incandescente de Konev.

— Se eu conseguir detectar sinais, eles virão de todas as direções ao mesmo tempo. A não ser pela parede do capilar que atravessamos, estamos cercados por incontáveis neurônios.

— Mas alguns estão mais perto do que outros — retrucou Konev.

— E um ou dois devem estar mais próximos que todos os outros.

Você não pode detectar a direção dos sinais mais fortes? É só seguirmos nessa direção.

— Meu aparelho receptor não está equipado para determinar direções.

— Ah! Quer dizer que os americanos também usam equipamentos desenhados para um só objetivo, sem se preocuparem com as possibilidades de emergência? Não são só os soviéticos ignorantes que...

— Yuri! Natália repreendeu com severidade.

Ele engoliu em seco:

— Suponho que você vá me acusar de ter sido grosseiro outra vez. Neste caso, Natália, mande você que ele descubra algum jeito de determinar a direção de onde vêm os sinais mais fortes.

— Tente, Albert, por favor — pediu ela. — Se você não conseguir, vamos ter que andar às cegas nesta floresta de fibras colágenas e torcer para acharmos alguma coisa antes que seja tarde demais.

— Estivemos andando às cegas enquanto vocês discutiam — disse Dezhnev jovialmente — e até agora não encontrei nada.

Ainda com raiva, Morrison ligou o computador e o ajustou para recepção de ondas cerebrais. Aparecerem algumas figuras brilhantes na tela, mas apenas interferências, se bem que muito mais intensas do que as que recebera no capilar.

Até então, sempre usara eletrodos destinados ao microposicionamento no interior de um nervo. Como usá-los agora? Não tinha propriamente um nervo onde posicioná-los. Estava dentro do próprio cérebro e o posicionamento era, para dizer o mínimo, anômalo.

No entanto, se ele esticasse ao máximo os fios do par de eletrodos no ar, separados como as duas hastes de uma antena interna de televisão, talvez a coisa funcionasse. Reduzidos como estavam, as hastes eram minúsculas em relação à escala normal e provavelmente não serviriam para nada, mas... valia a pena tentar. Esforçou-se e conseguiu esticá-las até que adquiriram a forma de antenas de insetos, a que deviam o próprio nome. Sintonizou a recepção, procurando com toda a concentração. De repente, a desordem de sinais no vídeo deu lugar a ondas estreitas e profundas. Foi apenas um instante, mas, antes que elas desaparecessem, soltou um grito involuntário.

— O que foi? — Natália quis saber, assustada, — Peguei. alguma coisa. Apenas um lampejo, e já desapareceu de novo.

— Continue tentando!

Morrison levantou a cabeça:

— Escutem, vocês todos. Fiquem quietos. Este é um trabalho difícil e quanto mais concentrado eu estiver, melhor. Compreenderam?

Nenhum barulho, nenhuma interrupção.

— O que foi que você captou? — Konev perguntou.

— O quê?

— O lampejo. Você disse que foi só um lampejo. Mas o que foi?

— Não sei. Não sei o que foi que captei. — Voltou a cabeça para trás, por cima do ombro esquerdo. — Natália, eu não posso dar ordens aqui, mas você pode. Não quero ser perturbado por ninguém, principalmente pelo Yuri.

— Vamos todos ficar quietos — disse ela. — Pode continuar com seu trabalho, Você, Yuri, fique calado.

Morrison assustou-se ao sentir um leve toque na mão esquerda.

Sophia o estava encarando, os olhos brilhantes e um pequeno sorriso.

Formou as palavras com os lábios, sem emitir nenhum som:

— Não ligue para ele! Mostre! Mostre a ele!

Os olhos brilhavam tanto que Morrison não conseguiu evitar um sorriso de agradecimento Ela podia estar sendo motivada apenas pelo desejo de vingança contra o homem que a abandonara, mas o brilho da confiança em seus olhos era agradável de ver. Há quanto tempo não via orgulho por ele e confiança em sua capacidade nos olhos de uma mulher? Quantos anos atrás Brenda o olhara daquele jeito pela última vez? A pena de si próprio o dominou e ele teve que esperar alguns momentos para recuperar o autocontrole.

Voltou ao instrumento, tentando esquecer sua vida, esquecer o restante do mundo, pensar apenas no computador, nas minúsculas oscilações do campo eletromagnético causadas pela interação de íons de sódio e potássio através da membrana neurônica. A tela tornou a se encher de pontos luminosos e se estabilizou num padrão nítido de picos e vales. Com cuidado, manipulando as teclas com carinho, Morrison ampliou um pouco a imagem. As ondulações alargaram-se, as extremidades horizontais saíram do vídeo. Quando só uma elevação e uma depressão ficaram enquadrados, ele notou que ao longo da linha luminosa principal havia como que uma outra ondulação, quase imperceptível.

As imagens estão sendo gravadas, pensou, com medo de se concentrar intensamente demais, com. medo de fazer ou pensar qualquer coisa que interferisse com a linha e a ondulação luminosas. A ligeira ondulação, a onda cética, como ele a chamava, aproximavase e tornava a se afastar do foco, sem nunca chegar a uma definição completa. Morrison não se surpreendeu. Era possível que estivesse captando os campos de várias células, nenhuma delas igual a qualquer outra. Tinha também de levar em conta o efeito isolante do casco na nave, as eternas sacudidelas do movimento browniano.

Até mesmo as cargas dos átomos que circundavam o campo de miniaturização podiam estar interferindo. O único motivo de espanto era o fato de. que conseguira captar algumas ondas, fossem quais fossem.

Levou as mãos, com cuidado, até as hastes da antena. Escorregou os dedos primeiro por uma delas, em seguida os da outra mão sobre a haste oposta. Depois os dois ao mesmo tempo, na mesma direção, e logo em sentidos opostos. Torceu um pouco cada haste, em várias direções. Às vezes as ondas céticas definiam-se melhor no vídeo, mas ele não conseguiu descobrir qual o

movimento que causava a melhora. Mas houve um instante em que as minúsculas ondas se tornaram muito mais definidas. Um pouco mais de inclinação na antena, ou um pouco menos, e elas saíam de foco. Havia uma posição precisa em que ficavam mais nítidas. Tentou evitar que as mãos tremessem.

— Arkady!

— Sim, meu mago americano!

— Um pouco para a esquerda e para cima. Não quero falar muito.

— Há umas fibras no caminho. Vou ter que desviar.

— Desvie devagar. Se você for depressa demais, eu perco o foco.

Sentiu-se fortemente tentado a procurar Sophia com os olhos, mas sabia que bastaria a visão daquele rosto bonito para romper a concentração e fazê-lo perder a imagem da tela. Só pensar naquilo já fora suficiente para fazer a onda tremer e ameaçar fugir.

Dezhnev manobrava a nave, fazendo-a descrever um arco bem aberto, que era tudo que os motores, mesmo atuando isoladamente, lhe permitiam. Morrison ia ajustando as hastes da antena com as mãos, tentando compensar a variação angular. Vez por outra sussurrava um comando:

— Para cima, à direita. Para baixo. Um pouco para a esquerda.

— De repente falou alto, quase sem fôlego: — Direto para a frente!

Calculou que ficaria cada vez mais fácil, à medida que fosse se aproximando, mas não podia relaxar um só momento, até enxergar o próprio neurônio. E, no meio daquela selva de fibras colágenas, sabia que só conseguiria enxergá-lo quando o estivesse quase atropelando.

Concentrar a mente numa só idéia daquele jeito era quase como retesar um só músculo e mantê-lo retesado permanentemente. Tinha que encontrar alguma outra coisa para pensar, algo que diminuísse a tensão sem permitir que o músculo, ou melhor, a mente relaxasse.

Começou a pensar em Brenda e nas duas filhas, porque já estava tão acostumado a pensar nelas que a imagem era como uma fotografia esmaecida, incapaz de causar uma emoção mais forte. Era fácil desviar a atenção da velha foto e tornar a concentrá-la nas ondas céticas.

De repente, sem qualquer aviso e com uma intensidade avassaladora, outra imagem tomou conta de sua mente: Sophia Kaliinin. Só que uma imagem radiante, bem mais jovem, mais bela e mais feliz, como nunca a vira naqueles poucos dias de convivência. E, junto com a imagem, teve um sentimento fortíssimo de amor, frustração e ciúme que o deixou fraco e zonzo. Sabia que sua consciência nada tinha a ver com aquilo, mas quem podia conhecer os pensamentos e emoções subconscientes que se ocultavam em suas próprias células cerebrais? Sophia? Será que a moça estaria ocupando uma parte tão importante de sua mente? Assim, tão rapidamente? Ou será que deveria culpar as tensões anormais daquela viagem fantástica rumo ao cérebro por aquelas reações também fantásticas?

Só então percebeu que a imagem escapara completamente do vídeo.

Ia gritar para que Dezhnev cortasse os motores, para ter tem pode voltar a se concentrar e sintonizar as ondas, quando o próprio Dezhnev gritou:

— Olha aí o neurônio, Albert Parabéns! Você parece um perdigueiro.

Natália, com o olhar fixo na nuca de Konev, completou:

— Parabéns ao Yuri, também, pela idéia de convencer o Albert a tentar.

As costas de Konev pareceram relaxar. Dezhnev quis saber:

— E agora? Como é que se entra?

MORRISON ESTAVA com o olhar fixo à frente, fascinado. Podia ver uma parede áspera estendendo-se para cima e para baixo, para a direita e para a esquerda, até fora do alcance dos faróis da nave. Havia como que frisos na parede e, ao olhar mais atento, estes frisos também revelavam saliências. O efeito geral era o de um tabuleiro de xadrez, só que cada casa tinha o centro elevado, projetado para a frente. Dessas elevações saíam extensões ásperas, projetadas para fora como pequenas cordas grossas, ramificadas. A parede parecia mal conservada, esfarrapada.

Esforçou-se para se conscientizar do próprio tamanho, miniaturizado como estava, tentando absorver mentalmente o fato de que cada protuberância era a extremidade de uma molécula, um fosfolipídio, e que tudo aquilo não passava da membrana da célula. Assustou-se ao pensar na escala, percebendo, pela primeira vez, o que significava, exatamente, tripular uma nave do tamanho de

uma molécula de glicose. A célula era imensa, parecia ter quilômetros de extensão.

Konev também estivera absorto na contemplação da membrana celular, mas libertou-se do encanto antes de Morrison:

— Não tenho certeza de que isso seja uma célula cerebral. Quero dizer, não sei se é um neurônio.

— O que mais pode ser? — Dezhnev perguntou. — Estamos no cérebro e isso aí é uma célula.

O outro não fez qualquer esforço para disfarçar a má vontade ao responder:

— Há outras espécies de células no cérebro. O neurônio é a principal.

É a razão de ser da mente. Há dez bilhões deles no cérebro humano. Mas há um número dez vezes maior de células da neuroglia, que servem para compor a estrutura e outras funções subsidiárias.

São muito menores que os neurônios. Estatisticamente, há dez chances contra uma de que isso aí seja a glia, o tecido intersticial.

As ondas de pensamento estão nos neurônios.

— Não podemos nos guiar por estatísticas, Yuri — respondeu Natália. — Você é capaz de dizer com certeza se estamos frente à glia ou a um neurônio?

— Não. A olho, não. Do tamanho que estamos, só consigo ver uma pequena área de uma membrana celular. Nestas condições, todas as células parecem iguais. Vamos ter que aumentar para ver melhor, Natália. Acho que podemos aumentar agora, não podemos?

Afinal, já saímos do que vocês chamaram de floresta de fibras colágenas.

— Se for preciso, podemos desminiaturizar — disse ela. — Mas é mais arriscado e demorado do que diminuir de tamanho. Aumentar significa gerar calor e tem de ser feito devagar. Há alguma alternativa?

— Podemos tentar o instrumento do Albert de novo — Konev resmungou. — Albert, você consegue dizer se as ondas céticas estão vindo bem de nossa frente ou obliquamente?

Morrison hesitou. Um instante antes de seu vídeo perder a imagem no momento em que Dezhnev avistara a célula, tivera aquela visão de Sophia, o que não desejava repetir. Sentira-se encabulado, deprimido demais. Se a mente sufocava e ocultava algumas imagens, com certeza era melhor deixar que ela as sufocasse e ocultasse.

Respondeu, sem convicção — Não sei.

— Então, tente — disse Konev.

O americano sentiu, sem olhar, que havia quatro pares de olhos cravados nele. Sentiu um arrepio, e tornou a ligar o computador.

Estudou-o por alguns momentos e respondeu:

— Estou pegando as ondas, Yuri, mas bem mais fracas do que no caminho até aqui.

— Elas ficam mais intensas em alguma outra direção?

— Um pouco mais para cima, sim. Um pouco mais fortes. Mas tenho que avisar outra vez que meu instrumento é precaríssimo para determinar direções.

— Sei. Como essa nave que você tanto criticou. Natália, aconteceu o seguinte: detectamos um neurônio bem à frente, acima da glia.

Quando viu a glia, o Arkady instintivamente dirigiu para cá. Agora as ondas de pensamento do neurônio estão sendo mascaradas por essa monstruosidade aí em frente.

— Nesse caso, temos de passar por cima dela para chegarmos ao neurônio.

— Se é assim, insisto que temos de desminiaturizar. Do tamanho que estamos, a distância a percorrer corresponde a uns cem ou cento e cinqu?enta quilômetros. Se aumentarmos umas dez vezes, até o tamanho e a massa de uma molécula pequena de proteína, digamos, só teremos que navegar uns dez ou quinze quilômetros.

Sophia interrompeu-o, com voz distante, como se o que dizia nada tivesse a ver com o que ele dissera:

— Para entrar no neurônio vamos ter de ficar do tamanho que estamos, Natália.

Depois de uma pausa, para realçar o fato de que não estava respondendo às palavras da moça, Konev acrescentou:

— Ë claro que, chegando ao neurônio, podemos miniaturizar de novo.

Natália suspirou e pareceu mergulhar nos próprios pensamentos.

Konev continuou, com uma gentileza que pareceu estranha:

— Natália, não podemos ficar sempre do mesmo tamanho. Mais cedo ou mais tarde vamos ter que mudar.

— Detesto a idéia de desminiaturizar sem necessidade — disse ela.

— Mas desta vez é necessário, Natália! Não podemos perder horas passeando por sobre a membrana de uma célula. E desminiaturizar na proporção de um para dez, na nossa escala, significa um gasto muito pequeno de energia.

Morrison intrometeu-se na discussão:

— Será que o problema é que dar início à desminiaturização pode disparar um processo irreversível e explosivo?

— Sua intuição está certa de novo, Albert — respondeu Natália.

— Mesmo sem saber nada da teoria da miniaturização, você parece que adivinha. Uma vez iniciado o processo de desminiaturização, é melhor deixá-lo ir adiante. A interrupção envolve certo risco.

— E ficar durante horas do tamanho que estamos também envolve!

— Konev exclamou.

— Também é verdade — concordou ela.

— Que tal votarmos? — Dezhnev sugeriu. — Nada como um plebiscito popular.

Natália fuzilou-o com o olhar:

— Não, Arkady! A responsabilidade é minha. Eu vou desminiaturizar.

— Em seguida, renunciando à atitude majestosa, acrescentou:

— É claro que vocês podem me desejar boa sorte.

— Por que não? — Dezhnev riu. — É a mesma coisa que desejar boa sorte a todos nós.

Ela debruçou-se sobre o console e Morrison, depois de pouco tempo, desistiu de tentar acompanhar seus movimentos. Não conseguia ver direito e, se visse, não seria capaz de compreender. E, ainda por cima, tinha que admitir pura e simplesmente que a posição lhe dava dor no pescoço. Voltou-se para a frente e deu com o olhar de Konev, ele próprio todo torcido em sua cadeira:

— As ondas céticas.

— O que é que têm elas?

— Quando estávamos na floresta de fibras, vindo para cá.

— Sei. E daí?

— Quando você as detectou... Você captou alguma... imagem?

Morrison pensou na dolorosa imagem de Sophia. Não restara nada daquilo em sua mente, apenas a memória. Mesmo com esforço, não era capaz de reproduzir o que sentira. Fosse o que fosse, o que habitava seu subconsciente só parecia capaz de emergir sob o estímulo intenso de ondas céticas concentradas. E, fosse como fosse, ele não revelaria para Konev ou para qualquer outra pessoa. Procurou ganhar tempo:

— Por que é que eu iria captar imagens?

— Porque você já fez isso analisando ondas céticas em intensidades normais.

— Você está pressupondo que a análise, durante a miniaturização, resulta em intensidades maiores ou tem poderes maiores para a produção de imagens?

— É uma suposição razoável. Mas você captou alguma coisa ou não? Não quero saber de teorias! Estou fazendo uma pergunta objetiva.

Você captou imagens ou não?

— Não — disse Morrison, abafando um suspiro.

Konev, apesar da posição retorcida em que estava, continuou a encará-lo. Morrison sentiu-se um pouco inquieto e bastante irritado.

O soviético disse baixinho:

— Eu captei...

— Você?! — Morrison arregalou os olhos, apanhado completamente de surpresa. Acrescentou, cauteloso: — E o que foi que você sentiu?

— Não foi muito. Achei que você talvez tivesse sentido com mais clareza. Era você que estava manuseando o detector, e ele deve estar muito mais afinado com seu cérebro que com o meu.

— O que foi que você sentiu? Você é capaz de descrever?

— Foi um lampejo. Num momento estava na minha consciência, no momento seguinte não estava mais... Eu tive a sensação de visualizar três figuras humanas, uma adulta e duas pequenas.

— E o que é que você acha que isso quer dizer?

— Bom... O Shapirov era louco pela filha e pelas duas netas, filhinhas delo... Acho que, mesmo em coma, ele deve estar pensando nelas, ou se lembrando delas, ou sob a ilusão de que as está vendo.

Quem sabe o que pode passar pela mente de uma pessoa em coma?

— Você conhece a moça e as meninas? Conseguiu identificá-las?

— Foi como se eu estivesse vendo através de um vidro semiopaco, com má iluminação. Mal consegui sentir os três vultos. — Parecia desapontado. — Minha esperança era de que você tivesse sentido com mais clareza.

Morrison continuou pensando intensamente enquanto respondeu:

— Não vi nem senti nada disso.

— É claro que, quando estivermos dentro do neurônio, as coisas vão ficar mais claras. De qualquer jeito, não viemos atrás de imagens.

O que queremos é captar palavras.

— Nunca ouvi uma só palavra — disse o americano, sacudindo a cabeça.

— É claro, você só trabalhou com animais. Eles não usam palavras.

— É verdade. Mas uma vez cheguei a fazer alguns testes com uma pessoa, embora nunca tenha publicado nada a respeito. Não captei nem palavras nem imagens. — Konev não respondeu e ele continuou: — Sabe de uma coisa? Nestas circunstâncias, acho natural que a mente do Shapirov esteja cheia de lembranças da família, se é que sua interpretação do que julgou ter visto está correta. Que probabilidade pode existir de que ele esteja pensando em especulações esotéricas sobre a matemática da miniaturização?

— Ele era um físico! Nem a família era tão importante quanto a física para ele. Se captarmos palavras em suas ondas céticas, elas estarão ligadas à física.

— Você acha?

— Tenho certeza!

Os dois calaram-se e por alguns instantes reinou silêncio no interior da nave. Foi Natália quem o quebrou:

— Desminiaturizei até o tamanho de uma molécula de proteína.

Já interrompi o processo.

Depois de um momento, Dezhnev perguntou, com um raro traço de ansiedade na voz rouca:

— E está tudo bem, Natasha?

— Só o fato de você estar perguntando já serve de resposta, Arkady.

A desminiaturização foi interrompida sem qualquer incidente.

— Sorria, mas o suor em sua testa era perfeitamente visível para os outros.

A SUPERFÍCIE da célula da neuroglia estendia-se até fora do alcance dos faróis da nave, e estava com a aparência bem diferente. As elevações e os frisos tinham se transformado numa textura fina. As cordas que saíam dentre as protuberâncias viraram linhas muito finas — com o movimento da nave era quase impossível vê-las.

Morrison estava atento, quase constantemente, a seu computador, vigiando as variações de intensidade das ondas céticas, mas, vez por outra, desviava o olhar para o cenário. Aqui e ali emergiam da superfície celular os típicos

dendritos, característicos até mesmo de uma simples célula subsidiária como aquela. Ramificavam-se como os galhos de uma árvore desfolhada, projetando-se para fora da membrana. Mesmo para a nova escala, com a nave dez vezes maior que antes, eles pareciam bastante grandes. Começavam como troncos grossos e iam afinando rapidamente; eram visivelmente flexíveis.

Isentos da rigidez das fibras cartilaginosas, agitavam-se na pequena esteira que o deslocamento da nave deixava no fluido intercelular.

Chegavam a se afastar quando a proa se aproximava e Dezhnev poucas vezes teve que fazer qualquer coisa para evitá-los — abriam passagem para a nave, por assim dizer.

As fibrilas colágenas eram poucas nas proximidades da célula e, graças ao tamanho aumentado da nave, muito mais finas e frágeis.

Houve um momento em que Dezhnev não viu ou não deu importância a uma delas, bem no caminho da nave. O casco colidiu na altura da cadeira de Morrison, que instintivamente se abaixou no momento do impacto, sem nenhuma necessidade. A nave não sofreu qualquer dano; foi a fibra que se curvou e acabou arrebentando.

Ele ainda teve tempo de, por alguns poucos segundos, acompanhar com olhos preocupados os destroços deixados para trás. Natália também viu o incidente e a reação do americano.

— Não há razão para se preocupar. Há trilhões de fibras como aquelas espalhadas pelo cérebro. Uma ou outra que se perca não vai fazer diferença. E, além disso, elas se recompõem, mesmo num cérebro tão danificado quanto este.

— Eu sei. Mas não posso deixar de pensar que estamos invadindo, sem nenhum direito, um mecanismo infinitamente delicado, sem nenhuma defesa contra a tecnologia.

— Entendo como você se sente, mas não há quase nada que tenha sido gerado por processos biológicos ou geológicos, neste mundo, que pareça ter levado em conta a possibilidade de interferência humana. A humanidade faz um mal enorme à Terra e à vida, às vezes até conscientemente. Bom... Eu estou com sede.

Você não está?

— Estou. Muito.

— Há um copo aí debaixo do braço da cadeira. — Distribuiu água entre todos. — Estamos com sobra. Se alguém quiser repetir, é só dizer.

Dezhnev fez uma careta para o copo, mantendo a outra mão nos controles. Cheirou o conteúdo, com outra careta:

— Como costumava dizer o meu pai: "Água pura é a melhor bebida que existe, desde que seja purificada pelo álcool".

— Está bem, Arkady — disse Natália. — Garanto que seu pai vivia purificando a água com frequ?.ncia mas, aqui nesta nave, com a responsabilidade de cuidar da direção, você vai beber é água impura mesmo.

— Todos nós temos de nos sacrificar de vez em quando. — Bebeu toda a água, com mais uma careta.

Talvez tenha sido a água. Sophia começou a se remexer na cadeira, uma das mãos ocupada entre as pernas. Morrison custou a entender mas, finalmente, virou o rosto para fora e começou a procurar fibras colágenas. Natália tornou a erguer a voz:

— Acho que deve estar na hora do almoço mas, infelizmente, vamos ter de passar sem ele. No entanto...

— No entanto, o quê? — Dezhnev quis saber. — Você trouxe uma panela de sopa de beterraba, bem quentinha, com creme de leite?

— Não. O que eu trouxe, apesar de rigorosamente proibido pelo regulamento, foi um pouquinho de chocolate em barras. Alto teor de calorias, isento de fibras.

Sophia acabara de se livrar de sua toalhinha úmida e estava abanando as mãos para secá-las. Objetou:

— Chocolate dá cárie.

— Mas não imediatamente. E você sempre pode bochechar com um pouquinho d'água para limpar o resíduo de açúcar dos dentes.

Alguém vai querer?

Quatro mãos ergueram-se e a de Sophia não foi a última. Morrison sentiu-se realmente alegre. Sempre gostara de chocolate; chupou seu tablete, em vez de mastigá-lo, para prolongar o prazer. O gosto trazia memórias da infância vivida perto de Muncie, a peque na cidade em cuja zona rural se criara. Quando terminou, ouviu a voz de Konev num sussurro:

— Você captou alguma coisa aqui, neste passeio sobre a célula da glia?

— Não — disse Morrison. E era verdade. — E você?

— Acho que sim. A palavra "pastagem" apareceu na minha mente.

Morríson não conseguiu evitar um resmungo e não deu qualquer outra resposta. Mergulhou nos próprios pensamentos.

— E então? — Konev insistiu.

— Há sempre uma palavra ou uma frase penetrando em nossa mente. Você ouve alguém dizer alguma coisa sem perceber conscientemente e, depois de algum tempo, acabará se lembrando sem saber por quê. Ou então associa coisas inconscientemente e, sem aviso algum, pensa numa frase. E há até alucinações auditivas.

— Mas a palavra apareceu quando eu estava concentrado, olhando para seu computador.

— Você deve estar doido de vontade de sentir alguma coisa, e seu subconsciente tenta satisfazer essa vontade. A mesma coisa acontece com os sonhos.

— Não. Isto foi de verdade.

— Como é que você sabe, Yuri? Eu não captei nem senti nada.

Você acha que alguém mais sentiu?

— Não. Ninguém mais estava prestando atenção ao seu computador.

E talvez nenhum dos outros tenha o cérebro parecido com o seu, operando "na mesma frequ?.ncia", por assim dizer.

— Acho que você está querendo adivinhar. E o que a palavra que você "pensou' quer dizer?

— “Pastagem”? Shapirov tinha uma casa de campo. Deve estar se lembrando dela.

— Pode até ser que ele esteja recordando a imagem e você tenha dado nome a ela.

Konev franziu a testa, fez uma pausa e perguntou, num tom claramente hostil:

— Por que é que você se opõe tanto à hipótese de que podemos captar uma mensagem?

Morrison deu-se ao luxo de responder com a mesma carga de hostilidade:

— Porque eu me queimei quando relatei esse tipo de percepção.

Já fui ridicularizado por muito tempo e aprendi a tomar cuidado.

Uma imagem de uma mulher e duas crianças não quer dizer nada.

Nem a palavra “pastagem”. Se você puser isso no papel, como é que vai provar que tudo não passa de fantasia? Escute, Yuri, qualquer coisa que você captar para ter qualquer sentido, tem de estar ligada, mesmo que vaga e indiretamente, à relação entre as teorias quântica e da relatividade. Isso pode ser posto no papel. Qualquer coisa menos que isso não vai ser convincente, as pessoas não vão acreditar. Só vai servir para nos machucar. Estou falando por experiência própria.

— E se você conseguir captar alguma coisa vital para o projeto?

Vai ficar em segredo?

— Para quê? Se eu sentir alguma coisa relacionada à miniaturização não vou conseguir entender, já que não tenho base teórica.

Guardar segredo não me ajudará em nada. Se dividi-la com vocês, o programa do computador continua sendo o meu, a teoria é a minha!

Quem vai ganhar a maior parte do crédito sou eu. Não vou guardar segredinhos, Yuri. Meus próprios interesses e minha honra de cientista impediriam que o fizesse. E você?

— É claro que eu vou relatando tudo o que sentir. Foi isso que eu acabei de fazer!

— Não quero saber de “pastagens”. Isso é bobagem. E se você captar alguma coisa muito importante e eu não? Será que você não vai pensar que é segredo de Estado, como a própria miniaturização?

Será que você vai me repassar o conhecimento e enfrentar a ira do Comitê Central?

Falaram o tempo todo em sussurros, as cabeças quase encostadas, mas o ouvido de Natália parecia ter captado as palavras-chave e ela perguntou com voz gelada:

— Falando de política, senhores?

— Estamos discutindo as possibilidades do instrumento do Albert, Natália. Ele acha que, se eu captar algo importante nas ondas céticas de Shapirov e ele não, eu talvez não lhe conte por considerar segredo de Estado.

— Pode muito bem ser mesmo — disse ela.

Konev respondeu com humildade:

— Precisamos da colaboração dele. O computador é igual ao dele, o programa é dele. Tenho certeza de que ele é capaz de manipulá-los para que não atinjam cem por cento de eficácia. Se ele não ficar perfeitamente convencido de nossa honestidade e nossa boa vontade, pode impedir que captemos algo. Estou me oferecendo para revelar tudo que sentir, desde que ele faça a mesma coisa.

— O Comitê pode não concordar, como o próprio Albert disse — replicou Natália.

— Problema deles. Não estou preocupado.

— Vou provar o amor que sinto por você, Yuri — disse Dezhnev, com uma risada —, fingindo que não ouvi.

Sophia dirigiu-se a Natália:

— Concordo que temos de ser honestos com o Albert, uma vez que temos que lhe pedir que seja honesto conosco. O equipamento é dele, ele é quem tem a prática no seu uso. É muito mais provável que ele descubra alguma coisa útil do que nós. Uma atitude de honestidade absoluta é muito mais vantajosa para nós que para ele.

Não é, Albert?

Morrison concordou com a cabeça:

— Era exatamente o que eu estava pensando. E o que eu ia dizer se vocês me parecessem dispostos a defender que, seria contra a política governamental me dizer a verdade.

— Bom, vamos ver o que acontece... — disse Natália, eliminando a tensão crescente.

Morrison mergulhou de novo em seus pensamentos, olhando fixamente para o vídeo do computador, mas sem concentrar a atenção nele. Dezhnev exclamou:

— Há outra célula à nossa frente, a um ou dois quilômetros. Parece maior ainda do que essa aí embaixo. É um neurônio, Yuri?

Konev despertou do que parecia ser uma reflexão profunda:

— Albert, o que diz sua máquina? É um neurônio?

Morrison já havia começado a pôr em ação o seu programa:

— Deve ser. Nunca vi ondas céticas tão nítidas.

— Ótimo — sorriu Dezhnev. — E agora?

SOPHIA OLHOU pensativa para a superfície da célula.

— Natália, vamos ter que voltar ao tamanho da molécula de glicose.

Arkady, leve-nos para o meio dos dendritos, para que possamos descer até a superfície.

Morrison também estava observando a membrana. Os dendritos eram muito mais complexos que os da glia. O mais próximo alongava-se, a partir dos "galhos" mais grossos, em uma infinidade de ramificações, cada vez menores, chegando a sair do alcance dos faróis da nave. Em meio aos ramos mais distantes, havia outros, pertencentes a outros dendritos. Ele achou que o efeito visual confuso se devia também ao movimento browniano mas, com certeza, não era apenas aquela a razão. O mais provável era que cada extremidade estivesse se misturando às extremidades de neurônios vizinhos, formando os delicados semicontatos, chamados sinapses. Se as pequenas oscilações dos dendritos se

intensificassem demais, os contatos se interromperiam e o cérebro não funcionaria direito.

Dezhnev conduziu a nave para perto da superfície da célula, esgueirando-se entre as ramificações do dendrito mais próximo. Morrison notou que o rapaz estava aprendendo rapidamente a controlar a direção pelo uso separado de cada motor. À medida que foram se aproximando, teve a impressão de que a superfície do neurônio se modificava. E tinha de ser assim porque, na verdade, estavam miniaturizando outra vez. As saliências da célula estavam aumentando e aos poucos iam revelando colinas de fosfolipídios. Os fios entre elas estavam se transformando em cordas. Receptores, pensou Morrison.

Cada corda tinha a função de captar uma molécula em particular que fosse útil ao neurônio. E, entre todas as moléculas, as de glicose eram as mais úteis.

A miniaturização era muito mais rápida que a reversão. Absorver energia era um processo simples, enquanto liberar a mesma energia, o que ocorria durante a desminiaturização, era perigoso. Morrison já estava bem consciente de algumas características do processo.

Sophia, com o cenho franzido, interrompeu seus pensamentos:

— Não sei quais são os receptores especializados em glicose.

Devem ser muitos. Passe por eles bem devagar, Dezhnev, bem devagar.

Se formos apanhados, não quero escapar. Nem romper o receptor.

— N é problema, Sophiazinha. É só cortar os motores que a nave pára de imediato. Não é nada fácil passar por estes átomos gigantescos que estão à nossa volta. O meio é muito viscoso. Vou dar um pouquinho de impulso, só o bastante para desviarmos das moléculas de água, e vamos passear bem no jardim dos receptores.

— No jardim das tulipas — Morrison disse a Konev.

— O quê? — O soviético pareceu tão surpreso quanto irritado.

— Foi só uma frase que apareceu de repente em minha mente.

Conheço uma velha canção que fala em “passear comigo no jardim das tulipas”. Em inglês é assim: ...

— Que bobagem você está dizendo?

— Estou tentando dizer que, toda vez que alguém fala em “passear no jardim”, eu automaticamente ouço a palavra “tulipas” na mente.

Se estiver trabalhando, concentrado no computador, e alguém disser “passear no jardim”, vou ouvir “tulipas” e não vai ser devido às ondas céticas que estiver estudando. Entende o que estou querendo dizer?

— Entendo que você está falando da boca para fora. Quero ficar sossegado.

Mas ele está abalado, pensou Morrison. Ele entendeu.

A nave ia se deslocando paralela à superfície do neurônio. Os receptores agitavam-se suavemente e Morrison percebeu que era impossível descobrir quais os vazios e quais os que já tinham captado algumas das moléculas que percorriam o fluido extracelular. Tentou concentrar a atenção nelas. Às vezes apareciam brilhos no fluido, que ele imaginou serem reflexos das luzes da nave nas moléculas, mas nunca chegava a ver com clareza. A própria superfície da célula não era propriamente nítida. O que ele conseguia era mais a impressão surrealista da membrana do que uma visão dela. Muito poucos fótons estavam sendo refletidos e um número ainda menor chegava às dimensões reduzidíssimas da nave.

Apesar de tudo, podia ver, graças aos brilhos, que o fluido estava cheio de objetos. Moléculas de água, com certeza. Entre estas, de vez em quando passavam coisas que pareciam minhocas, contorcendo-se, revirando-se, enrolando e tornando a desenrolar. A região em volta do casco, era claro, estava dentro do campo de miniaturização, e átomos e moléculas vizinhos diminuíam ao entrar nela, voltando ao tamanho normal na saída. O número desses átomos devia ser enorme, mas a troca de energia que resultava do processo como um todo parecia não ser significativa o bastante para alterar qualquer coisa, ou disparar a desminiaturização espontânea. Parecia não causar danos, pensou Morrison, e tratou logo de desviar o pensamento.

— Não estou pondo seu trabalho em dúvida, Sophia — disse Natália, de repente —, mas, por favor, verifique se estamos mesmo com o padrão eletromagnético de glicose.

— Garanto a você que estamos — respondeu a moça.

Como que para lhe dar razão, a nave pareceu mudar subitamente de direção. Os tripulantes tiveram a sensação de que todo o ambiente externo se deslocara rapidamente, de uma só vez. Em circunstâncias normais, uma guinada como aquela teria atirado todos eles contra a parede. Com a massa e a inércia virtualmente zeradas, no entanto, o resultado foi um leve estremecimento, pouco mais forte que o causado pelo movimento browniano.

— Acabamos de ser apanhados por um receptor de glicose.

— Ótimo — disse Dezhnev. — Já cortei os motores. O que é que se faz agora
— Nada — respondeu Sophia. — Vamos deixar que a célula faça o seu trabalho.

O receptor não chegou a tocar a nave, o que foi bom, pois, se tivesse se aproximado demais, teria entrado no campo de miniaturização e sua superfície teria encolhido. O que ocorreu foi um delicado equilíbrio de cargas elétricas, com as opostas se atraindo. Não chegou a acontecer a atração iônica completa; a situação em que estavam, menos intensa, lembrava mais a atração atômica do hidrogênio.

Era forte o bastante para prender a nave, mas também fraca o suficiente para permitir que ela se deslocasse um pouco. Era como se a nave estivesse presa por elásticos e não por grampos de material rígido.

A meia-cana que constituía o receptor era um pouco mais longa que a nave, e seu interior parecia irregular, como se envolvesse saliências e reentrâncias ao redor do casco. Morrison sabia que o plástico do exterior da nave era totalmente liso, mas sabia também que as "bolhas" eram na verdade campos elétricos, nos locais exatos em que ficariam as hidroxilas da estrutura de uma verdadeira molécula de glicose. Do lado envolvido pelo receptor, a visão de fora era quase impossível. Olhando na outra direção, no entanto, ele podia ver a superfície do neurônio parecendo não ter fim, passando do alcance dos faróis. Ela apresentava um leve movimento ondular. De vez em quando, entre os numerosos volumes que eram as moléculas de fosfolipídios, ele conseguia distinguir uma massa irregular. Calculou que era uma molécula de proteína, que atravessava a própria membrana celular. Era a esta molécula que os receptores estavam ligados, o que não o surpreendeu. Sabia que os receptores não passavam de peptídios, cadeias de aminoácidos. Faziam parte da estrutura da proteína e cada um deles, projetando-se para fora da célula, era constituído de diferentes aminoácidos, dispostos numa ordem especial, de tal forma que seu padrão elétrico era exatamente oposto ao da substância que ele era incumbido de captar.

Morrison, distraído com sua observação, de repente teve a impressão de que outros receptores estavam se movendo na direção da nave. Eram muitos e o número parecia estar aumentando ainda mais. Com suas moléculas de proteína, pareciam nadar entre os fosfolipídios, sobre a película de moléculas de colesterol que ele não podia ver, mas sabia que estava ali. Parecia que as outras moléculas se afastavam para lhes dar passagem.

— Alguma coisa está acontecendo — exclamou, sentindo a nave movimentar-se pelos minúsculos tremores que o pouquinho de inércia de sua massa, quase negligível, ainda era capaz de causar.

—A SUPERFÍCIE está nos envolvendo — disse Konev.

— Parece que está mesmo — concordou Dezhnev, ilustrando com uma das mãos fechando-se ao redor da outra.

— Exato. Ela vai invaginar, aprofundar cada vez mais a depressão em que nos colocou e estreitar a borda, até fechá-la por completo.

E então estaremos dentro da célula. — Konev parecia perfeitamente tranqu?ilo.

E Morrison também. Queriam entrar no neurônio, afinal, e o caminho certo era aquele. Os receptores continuaram a se aproximar, junto com algumas moléculas de verdade. A nave, molécula falsa, confundiu-se entre elas. A superfície fechou-se sobre eles, como a mão de Dezhnev havia demonstrado. E foi ele quem quis saber:

— E agora?

— Estamos dentro de uma vesícula de pinocitose, dentro da célula — respondeu Sophia. — A acidez vai aumentar e o receptor vai nos soltar. Ele e todos os outros vão voltar para a membrana.

— E nós? — Dezhnev não se deu por satisfeito.

— Como fomos tomados por uma molécula de glicose, graças ao padrão eletromagnético, a célula vai tentar nos metabolizar — quebrar-nos em pequenos fragmentos e nos digerir.

Enquanto Sophia explicava, o receptor de peptídio soltou-se deles.

— Será que é uma boa idéia deixar que ela nos metabolize? — Dezhnev insistiu,.

— Não vai acontecer — respondeu Morrison. — Seremos fixados a uma molécula adequada de enzima, que vai descobrir que nossa reação não será a esperada. Não nos associamos a um grupo fosfatado, e assim ela não vai saber o que fazer e provavelmente nos soltará.

Não somos uma molécula de glicose, afinal de contas.

— Mas será que, quando a enzima nos soltar, não aparecerá uma outra para tentar tudo de novo e depois outra, e outras mais?

— Pensando bem — disse Morrison, coçando o queixo e sentindo a barba, que já começara a crescer de novo tanto tempo já se passara desde a higiene matinal —, pode ser que nem a primeira molécula da enzima nos solte, se nos comportarmos do jeito que ela espera.

— Que beleza de situação! — Dezhnev exclamou com raiva, com o forte sotaque que sempre poluía seu russo quando se exaltava, e que Morrison sempre entendia com dificuldade. — Nossa melhor chance é que a enzima nos segure para sempre. A alternativa é sermos passados de molécula em molécula, como o bastão de uma corrida de revezamento. O meu pai costumava dizer: “Se você for tirado dos dentes de um lobo por um urso faminto, por que ficar agradecido?”

— Façam o favor de notar — interveio Sophia — que nenhuma enzima se aproximou de nós.

Era verdade, e Morrison já tinha notado:

— Por quê, Sophia?

— Por que eu fiz umas alteraçõezinhas no padrão. Tivemos que imitar uma molécula de glicose para podermos entrar na célula.

Uma vez aqui dentro, não há razão para mantermos a imitação. Na verdade, somos obrigados a imitar outra coisa qualquer.

Natália inclinou o corpo para a frente.

— Sophia, não há perigo de atrapalharmos o metabolismo se imitarmos o padrão de alguma outra molécula?

— Não, Natália. A glicose, como qualquer outro açúcar simples dentro do organismo, tem algumas configurações moleculares específicas.

Entramos disfarçados de molécula da chamada glicose-D. O que eu fiz foi apenas nos transformar na glicose-L, que é como a sua imagem invertida no espelho. Nenhuma enzima vai nos aborrecer, agora, assim como nenhum de nós colocaria o sapato direito no pé esquerdo, ou vice-versa. Como estamos, podemos nos movimentar com total liberdade.

A vesícula que se formara ao redor da nave quando esta penetrara a célula se rompeu e Morrison desistiu de tentar acompanhar o que estava acontecendo. Uma quantidade grande de fragmentos ao redor deles estava sendo envolvida por moléculas muito maiores de enzimas, que pareciam engoli-los e em seguida relaxar em sossego.

Aparentemente, cada vítima de um abraço enzimático logo se modificava, e seguia livre até receber outro abraço e recomeçar o processo.

Tudo parecia acontecer ao mesmo tempo, mas ele sabia que aquilo era só a parte anaeróbica do processo, de que nenhuma molécula de oxigênio participava. Mais tarde, as moléculas de glicose, com seus seis átomos de carbono, seriam quebradas e divididas em fragmentos com apenas três átomos de carbono cada.

Neste processo, seria produzido um pouco de energia e os fragmentos seriam levados às mitocôndrias, para a complementação, já com o uso do oxigênio. Um curioso processo, em que a molécula universalmente empregada para a transferência de energia, a adenosinatrifosfato, ou apenas ATP, como era normalmente chamada, era investida para dispará-lo e, ao final, era produzida ela própria, como resultado, e com grandes dividendos, em quantidades substancialmente maiores.

Morrison teve uma vontade grande de abandonar tudo e todos para se atirar dentro de alguma mitocôndria. Os detalhes do funcionamento daquelas pequenas usinas de energia das células, afinal, nunca tinham sido esclarecidos. Mas foi só por um instante; logo em seguida, repudiou com raiva a idéia. O que realmente importava eram as ondas céticas. Quase gritou que a prioridade era aquela, como que para disciplinar a mente curiosa demais, que já começava a ameaçar o projeto com ações dispersivas.

Konev pareceu ecoar suas idéias:

— Estamos dentro do neurônio, Albert, finalmente. Não vamos agir como turistas. Como andam as ondas céticas agora?

CAPÍTULO 14

O AXÔNIO

Quase sempre, o sujeito que oferece uma moeda pelo seus pensamentos está sendo generoso demais com você.

Dezhnev (pai)

MORRISON IRRITOU-SE outra vez com Konev. Aquele sujeito não sugeria ou pedia. Dava ordens. Demonstrou o ressentimento não respondendo. Continuou observando o interior do neurônio, embora não fosse capaz de identificar as coisas que via. Fibras, placas corrugadas, volumes de tamanho incerto e formato difuso. O pior é que pressentia uma espécie de estrutura básica, uma espécie de "esqueleto"

da célula, mantendo em ordem e posição os objetos maiores, os orgânulos, mas a nave estava indo depressa demais, como se atravessasse corredeiras de um riacho. A sensação de velocidade era muito maior do que o fora na corrente sangu?.nea, pois, embora alguns pequenos objetos acompanhassem a nave, outros, bem maiores, pareciam imóveis, ficando para trás rapidamente demais para que a vista pudesse acompanhar. Morrison acabou reclamando:

— Escute, Yuri, estamos indo depressa demais. Assim não tenho como captar direito as ondas céticas.

— Você ficou maluco? — Konev retrucou, com uma careta desagradável.

— Não estamos navegando. O que estamos é flutuando na corrente intracelular, para garantir que todas as moléculas, por menores que sejam, sirvam aos orgânulos da estrutura da célula. O movimento é lentíssimo na escala normal. Só parece rápido porque estamos miniaturizados. Será que eu vou ter que lhe dar aulas de fisiologia celular?

O americano mordeu os lábios. Konev estava certo, claro. Ele esquecera-se, mais uma vez, de levar em conta a distorção que a miniaturização provocava em seus sentidos. Resolveu tentar preservar a dignidade:

— Mesmo assim, talvez fosse melhor voltar ao padrão de glicose-D e deixar que alguma enzima nos apanhasse. Agarrados a ela, nossa velocidade relativa seria menor e ficaria mais fácil captar as ondas.

— Não é preciso reduzir a velocidade, O impulso nervoso se desloca a, no mínimo, dois metros por segundo, em termos reais; na nossa escala, sua velocidade relativa é umas setenta vezes a velocidade da luz. Em comparação, nossa velocidade, por maior que pareça, ridícula. Pode parecer que estamos num foguete mas, em relação ao impulso nervoso, estamos praticamente parados.

Morrison levantou os braços, desistindo da discussão, e ficou furioso com Konev. Às vezes, estar certo demais era irritante. Olhou de esguelha para Sophia, com medo de que a moça estivesse com uma expressão de desprezo. Ela sustentou o olhar com serenidade, sem sombra de sentimentos negativos. Na verdade, achou ele, a atitude dela pareceu sugerir que, de um selvagem como aquele, não se podia esperar nada de bom.

Natália manteve-se alheia à discussão. Olhando por cima do ombro esquerdo, Morrison a viu concentrada em seus instrumentos e se perguntou o que a mantinha tão ocupada, já que os motores estavam desligados e a nave ia apenas seguindo com a corrente.

Dezhnev era o único tripulante que, naquela situação, não tinha o que fazer, a não ser manter uma vigia não muito atenta sobre o que encontravam pela frente, para o caso de ocorrer alguma emergência.

Dirigiu-se ao americano:

— Vamos lá, Albert, estude as ondas céticas e nos dê algumas respostas para podermos ir embora. Sei que é muito emocionante estar dentro de uma célula, para quem gosta, mas eu já vi o bastante. O meu pai costumava dizer: “A melhor parte de qualquer viagem é sempre a chegada de volta à casa”.

— Arkady!

— Sim, Natasha?

— Você não gostaria de guardar algumas palavras para usar amanhã?

— Havia um sorrisinho em seus lábios.

— Certo, Natasha. Desconfio que você esteja sendo sarcástica, as tudo bem, vou ficar quieto. — E, apesar de dramatizar o simples ato e fechar a boca, começou de imediato a cantarolar uma canção melancólica.

Morrison espantou-se um pouco. Tinham passado menos de cinco oras na nave mas, para ele, era como se tivessem sido cinco dias, ou cinco anos. Mesmo assim, ao contrário de Dezhnev e apesar de seus terrores iniciais, estava longe de desejar sair do corpo de Shapirov.

Tinha cada vez mais vontade de explorar a célula e não conseguia pensar em mais nada. Sophia devia estar pensando a mesma coisa, pois disse em voz baixa e triste:

— Que pena! Somos as primeiras pessoas a entrar na mais complexa de todas as células vivas e não podemos fazer nada para estudá-la e investigá-la direito.

— Era exatamente isso que eu... — Morrison interrompeu-se, pareceu pensar melhor e deixou a frase pelo meio.

Konev agitou os braços, como estivesse querendo se livrar de uma nuvem de mosquitos:

— Não entendo isto! Estamos dentro da célula e viemos para cá com um objetivo específico. Albert, focalize as ondas céticas.

— Já estou focalizando — rosnou Morrison. — Aliás, já focalizei.

Olhe.

O outro tentou virar a cabeça e acabou ejetando o cinto para poder girar o corpo todo. Olhou interessado para o vídeo:

— Parecem mais nítidas.

— Estão mais nítidas. Estão mais intensas, mostrando as oscilações mais finas que eu jamais tinha visto. É preocupante: até que ponto elas vão ficar mais finas? Mais cedo ou mais tarde uma oscilação fina demais vai estar mostrando o movimento de um só elétron, e aí teremos de levar em conta o Princípio da Incerteza de Heisenberg.

— Esqueça. Estamos miniaturizados e a constante de Planck está nove ordens de grandeza menor, para nós, que em condições normais.

— Você não esqueça — exclamou Morrison, ansioso para apanhar o outro num erro — que as ondas são reduzidas na mesma proporção antes de chegarem até nós. Com relação ao Princípio da Incerteza, portanto, não faz diferença nenhuma.

Konev hesitou, mas só por um instante:

— Não faz mal. Estamos vendo uma coisa na tela e a imagem não está borrando. O que é isto?

— Isto é uma indicação de que minha teoria está certa. Era exatamente o que eu esperava ver, de dentro de uma célula, se minhas interpretações da atividade de uma onda cética estivessem corretas.

— Não é o que eu quero saber. Já partimos do pressuposto de que sua teoria era correta. Agora já não é mais um postulado, é um fato comprovado e dou-lhe os parabéns. Mas o que significa isto? O que é que as ondas céticas indicam que o Shapirov está pensando?

Morrison sacudiu a cabeça:

— Não tenho nenhum, absolutamente nenhum dado que correlacione as ondas a pensamentos específicos. Levaria anos e anos para chegar a uma correlação, se é que ela é possível.

— Mas talvez ondas céticas tão claras e intensa assim produzam algum efeito indutivo no seu cérebro. Você não está recebendo nenhuma de suas famosas “imagens”?

Morrison parou para pensar. Depois de alguns instantes, sacudiu a cabeça:

— Nenhuma.

Detrás dele, uma voz baixa entrou na discussão:

— Eu estou, Albert.

— Você, Natália?

— É. É estranho, mas estou, sim.

— O que é, Natália? — Konev cobrou.

Ela hesitou, tentou se concentrar.

— Curiosidade. Quer dizer, não é propriamente uma imagem de alguma coisa. É só uma impressão. Estou sentindo curiosidade.

— Natural — respondeu Morrison. — Não é preciso receber nenhuma impressão externa para sentir curiosidade nestas circunstâncias.

— Não, não! Conheço bem meus pensamentos e minhas sensações.

Isto está vindo de fora.

— Você está sentindo agora, neste exato momento?

— Estou. Aumenta e diminui, mas estou sentindo o tempo todo.

— Certo. E agora?

Ela espantou-se:

— Parou de repente! Você desligou a máquina?

— Só diminuí. Diga-me quando a sensação aumenta, diminui ou desaparece. — Voltou-se para Sophia, com a intenção de lhe pedir que não dissesse nada e não denunciasse, de qualquer forma, as alterações que ia fazer. Mas ela estava olhando fixamente para fora, evidentemente absorta na observação das maravilhas do interior do neurônio. Ele duvidou que, naquele momento, a moça fosse capaz de ouvir qualquer coisa ou de se interessar pelo que estava acontecendo.

Voltou-se de novo para trás: — Natália, feche os olhos e se concentre. Diga "sim" quando estiver sentindo e "não" quando desaparecer.

Trabalharam juntos por alguns instantes. Morrison quis saber de Konev:

— A máquina faz algum ruído quando liga ou desliga?

— Eu não consegui ouvir nada.

— Então não há a menor dúvida. Ela só sente quando a máquina está ligada.

Dezhnev que, ao contrário de Sophia, estava acompanhando atentamente toda a experiência, perguntou:

— Mas por quê? — Seus olhos estreitaram-se. — As ondas cerebrais continuam existindo, com a sua máquina ligada ou não. Ela devia estar sentindo a tal curiosidade o tempo todo.

— Não — respondeu Morrison. — Meu dispositivo filtra e elimina todos os componentes, a não ser as ondas céticas. Sem a máquina, o que ela recebe é uma confusão de sensações, reações, correlações, uma verdadeira miscelânea. Quando ligo a máquina ela recebe as ondas céticas, o que vem demonstrar mais uma vez a utilidade de minha teoria.

— Mas eu não recebo nada. — Dezhnev continuava de cenho franzido. — Isto não destrói a teoria?

Morrison deu de ombros:

— Os cérebros são mecanismos complicados. A Natália recebe, você não. Nem eu, aliás. Pode ser que esta onda cética em particular se encaixe em alguma coisa do cérebro dela e não dos nossos.

Não vou conseguir explicar tudo de uma vez só. Você captou alguma coisa, Konev?

— Não. — Parecia tão desconsolado quanto Dezhnev. — Mas tive umas impressões quando estávamos lá fora do neurônio.

Morrison acenou a cabeça mas não disse nada. Konev perguntou, de forma agressiva:

— Será que você não consegue receber mais nada, Natália, a não ser uma vaga curiosidade?

— Não, Yuri. Foi só o que senti. Mas você se lembra bem do Pyotor Shapirov. Ele era sempre curioso a respeito de tudo.

— Lembro, mas isso não ajuda em nada. Em que direção estamos indo, Albert?

— Na direção da corrente. É a única direção em que podemos ir.

— Não é isso! — Explodiu com raiva. — É uma piada? Você está querendo bancar o engraçado?

— Não. Você quis saber nossa direção. Que outra resposta eu posso dar? As direções da bússola não fazem sentido aqui dentro.

— Está certo. Desculpe. A corrente vai nessa direção aqui. No outro lado da célula vai no sentido contrário. É um movimento de circulação. Mas o impulso nervoso vai numa direção só, dos dendritos para o axônio. O que eu quero saber é se a direção aqui é a mesma do impulso.

— Faz diferença?

— Acho que faz. A sua máquina é capaz de dizer qual a direção do impulso?

— Certamente. Haveria uma ligeira inclinação na forma das ondas, se estivessem nos encontrando de frente ou pelas costas.

— E o que é que está acontecendo?

— Estamos indo no mesmo sentido do impulso.

— Ótimo! Demos muita sorte. Estamos indo para o axônio, portanto.

— Parece que sim.

Natália quis saber:

— Que vantagem temos com isso?

— Pense, Natália! — Konev exclamou. — As ondas céticas se deslocam pela superfície da célula. No ponto em que estamos, ela é larga e relativamente grande, o que significa que as ondas estão espalhadas, com pouca intensidade. À medida que nos aproximarmos do axônio, a célula se estreitará, O próprio axônio não passa de um longo tubo em comparação com a célula, e um tubo muito fino, ainda por cima. As ondas têm de se concentrar enormemente para passar por ele, ficando muito mais intensas. E o melhor: o axônio tem isolamento, uma camada grossa de mielina, de forma que a energia da onda não se perde do lado de fora. Fica fortemente presa dentro dele.

— Você acha, então, que vamos captar com mais eficiência no axônio?

— Muito mais! Se você sentiu curiosidade aqui, vai ser inundada por ela no axônio, e talvez consiga detectar o motivo da curiosidade de Shapirov.

— Pode ser alguma coisa totalmente banal — disse Morrison, pensativo. — E se ele estiver curioso para saber por que está deitado e imóvel?

— Não — rosnou Konev. — Ele não estaria interessado nisso. Eu o conheci bem. Você, não.

— Isso é verdade — concordou Morrison.

— Ele pensava no processo de miniaturização o tempo todo. Acho que até sonhava com ele. E no final, nas últimas semanas antes do... acidente, ele estava trabalhando, pensando e sonhando exclusivamente com a ligação entre a teoria quântica e a relatividade, sobre como tornar a miniaturização e a reversão estáveis e livres do consumo exagerado de energia.

— Mas, então, com certeza ele deve ter dado algumas pistas, alguns detalhes sobre suas idéias.

— Não. Ele tinha umas coisas infantis. Permitia que a gente soubesse o tema em que estava pensando, mas nunca deixava ninguém saber se estava progredindo ou, se fosse o caso, qual a direção que estava tomando. Adorava fazer surpresas e apresentar tudo prontinho para nós. Você se lembra, Natália, como ele ficava feliz quando fazia isso? Com a própria miniaturização ele fez assim. Quando conseguiu chegar à redação final do relatório...

— Quer dizer que ele publicou? Onde? — Morrison perguntou, sem demonstrar muito interesse.

Konev fez uma careta de desprezo:

— Você sabe muito bem que não. A circulação ficou restrita às pessoas necessárias. Você não vai encontrá-lo em lugar nenhum, — Yuri — repreendeu Natália —, não seja ofensivo sem necessidade.

Além de parte da tripulação, o Albert é nosso hóspede. Não o trate como a um espião.

— Está bem, Natália. Seja como for, se Shapirov está curioso, tão curioso que a Natália chegou a captar o sentimento, só pode ser a respeito da ligação quantum-relativjdade. Se conseguirmos algum detalhe, qualquer detalhe, vamos ter um ponto de partida para continuarmos o trabalho.

— E você está esperando achar esse detalhe no axônio?

— Tenho certeza! — Konev cerrou os punhos, como se estivesse pronto para entrar em luta corporal com os fatos.

Morrison virou o rosto. Ele não tinha certeza alguma. Na verdade, as coisas estavam parecendo cada vez mais se encaminhar numa direção completamente diferente, o que não era má idéia, afinal.

Disfarçou o melhor que pôde, mas ele próprio estava tão excitado quanto Konev.

OBJETOS POUCO NÍTIDOS iam sendo ultrapassados pela nave, de todos os lados. Ribossomos? Componentes do complexo de Golgi?

Fibrilas? Morrison não sabia responder. Do ponto de vista de uma molécula tão pequena quanto a que estavam simulando, nem mesmo o mais comum ou mais nítido dos objetos intracelulares parecia familiar, ou ao menos reconhecível. Estavam atravessando uma região de indefinições. Por mais que se esforçasse, ele não seria capaz de associar o meio ambiente ao meio com que estava familiarizado através do microscópio eletrônico. Ficou tentando imaginar onde, além do alcance dos faróis, estaria o volume imenso do núcleo e pensou na ironia que era estar a uma distância submicroscópica dele e jamais conseguir vêlo.

Tornou a se concentrar no que podia ver. Achou, mais uma vez, que deveria ser capaz de distinguir as moléculas de água, que correspondiam a noventa e oito por cento do total da célula, justamente porque eram as menores de todas. Mas não conseguiu ter certeza.

Por mais que forçasse a vista, tudo que podia ver eram os brilhos — fótons, talvez, colidindo com moléculas e voltando para os olhos.

Via um, no máximo dois, refletindo-se em cada molécula.

De repente, percebeu que Sophia aproximara o rosto do seu. Os cabelos da moça tocaram sua pele e ele sentiu, não pela primeira vez, a fragrância agradável .do xampu que ela usava.

— Terrível, Albert! Terrível!

O hálito estava um pouco carregado e ele virou o rosto, incapaz de controlar a reação. Ela percebeu, porque cobriu rapidamente a boca com uma das mãos e disse baixinho:

— Desculpe.

— O meu também não está com cheiro de rosas — disse ele. — Muita tensão, nada para comer... Um pouco d'água talvez ajude, Sophia.

Ela aquiesceu e, naturalmente, numa reação em cadeia, todos beberam um pouco. Sophia ofereceu um pequeno objeto branco.

— Quer uma bala de hortelã?

Morrison aceitou, sorrindo:

— O regulamento permite?

Sophia deu uma rápida olhada para Natália, que sacudiu os ombros.

Tirou outra bala do bolso e a pôs na boca. Repetiu:

— Isso é terrível, Albert!

— O quê?

— Como é que somos capazes de atravessar todo um neurônio sem examiná-lo direito?

— Temos uma missão a cumprir..

— Eu sei. Mas quantos anos se passarão até que alguém tenha uma oportunidade como esta? No futuro, quando souberem que esta nave e seus tripulantes se limitaram a uma corrida cega pela célula, sem que ao menos alguém olhasse direito para um lado ou para o outro, concluirão que somos um grupo de bárbaros ignorantes.

A cabeça da moça estava muito próxima à dele, para poder sussurrar como estava fazendo. Morrison percebeu que estava gostando muito daquilo. Teria ficado tão indiferente às ameaças constantes dá desminiaturização espontânea e da morte súbita que o simples fato de sentir os lábios e o rosto de uma mulher bonita próximos aos seus era capaz de lhe dar tanta alegria? Bem... por que não? Que, pelo menos, a proximidade o anestesiasse, que deixasse de pensar no perigo por alguns momentos.

Lembrou-se da nítida imagem que passara por sua mente havia tão pouco tempo, a imagem de uma jovem bonita, feliz, sorridente.

Não reconhecera a imagem como criação sua. Viera do nada, sem aviso, e se fora, Mas a memória ficara e, agora, apertava-lhe pungentemente o coração.

Sentiu o impulso de beijar de leve, carinhosa e delicadamente aquele rosto, mas conseguiu controlar-se. Se sua reação não fosse favorável, sentir-se-ia um perfeito idiota. Em vez do gesto, disse apenas:

— No futuro, quem souber de nossa missão vai compreender.

— Não sei, não. — Sophia fez uma pausa e lançou um olhar furtivo e quase amedrontado para Konev, que, como de hábito, estava com o corpo rígido e totalmente alheio ao que ela dizia ou fazia.

Voltou-se para o computador, ajustou-o para processamento de texto e digitou rapidamente em russo: “YURI É UM FANÁTICO CAPAZ DE SACRIFICAR QUALQUER COISA POR SUA MANIA. NÃO HÁ A MENOR POSSIBILIDADE DE LER PENSAMENTOS, MAS ELE CONSEGUE CONVENCER TODO MUNDO”. Apagou rapidamente a tela e acrescentou:

“SOMOS VÍTIMAS DELE”, tornando a apagar em seguida.

Quando diz “somos”, ela quer dizer “sou”, pensou Morrison com tristeza. Quando olhou para sua própria tela, pareceu-lhe que as ondas do pensamento estavam mais intensas, apesar de ele ter reduzido muito a luminosidade do vídeo. Olhou instintivamente para fora, como se fosse possível perceber a que distância estavam do axônio mas, naturalmente, não viu nada de novo. Apagou as ondas da tela, ajustou a máquina e digitou em russo com caracteres romanos: “ELE TAMBÉM É VÍTIMA DE SI PRÓPRIO”.

Sophia digitou imediatamente, com raiva: “NÃO. NÃO ACREDITO QUE ALQUÉM POSSA SER VÍTIMA DE SI MESMO”.

Morrison pensou com tristeza na ex-mulher, nas duas filhas, na própria incapacidade para convencer os outros de suas teorias ou para abandoná-las e digitou: ACHO QUE TODOS SÃO VÍTIMAS DE SI MESMOS, MUITO MAIS QUE VÍTIMAS DOS OUTROS. Voltou rapidamente a máquina para a captação das ondas céticas. Assustou se. As linhas tinham ficado muito mais nítidas, apesar de estar com a luminosidade do vídeo reduzida quase a zero. Abriu a boca para avisar aos outros, mas não teve tempo. Dezhnev falou antes:

— Yuri, a membrana está se curvando para dentro e nós estamos acompanhando.

A explicação era aquela, pensou Morrison. Estavam se aproximando do axônio e as ondas estavam se concentrando enormemente.

O instrumento, filtrando todo o resto, irradiaria a função cética das ondas para todo o interior da nave. E o que resultaria disso?

Konev parecia encantado:

— Vamos ver o que acontece agora. Albert, mantenha sua máquina na intensidade máxima.

— Espero — disse Natália — que, aconteça o que acontecer, tenhamos alguma resposta ou, pelo menos, um começo de resposta.

Já estou ficando cansada de esperar.

— Não é para menos — disse Dezhnev, — Como costumava dizer o meu pai: “Quanto mais se demora para descobrir uma coisa, menos clara ela vai ficando”.

Morrison teve a impressão de que cada músculo do corpo tenso de Konev parecia transmitir excitação e expectativa de vitória. Mas ele próprio não sentiu nenhuma expectativa semelhante.

OLHOU PARA FORA. Estavam agora no interior do axônio e continuavam navegando ao sabor da corrente intracelular. No mundo normal, o axônio era uma fibra extremamente fina mas, para a tripulação da nave ultraminiaturizada, parecia ter cem quilômetros de largura.

Seu comprimento era muito, muito maior que o da própria célula.

Atravessar aquela distância toda talvez equivalesse a algumas dezenas de viagens de ida e volta da Terra à Lua. E a velocidade relativa, niquela escala reduzidíssima, talvez não ficasse devendo muito à velocidade da luz.

A nave continuava seguindo com a corrente e no axônio havia muito menos orgânulos e macromoléculas que na parte principal da célula. Se havia fibras estruturais resistindo à corrente, imóveis junto à membrana celular, não eram vistas àquela velocidade. Mesmo que um número elevado de fótons fosse refletido por elas, o que não era o caso.

Morrison desistiu. Não havia nada interessante para ver lá fora. E, de qualquer forma, seu lugar era junto à tela. As ondas céticas estavam ainda mais intensas, tornando mais difícil discriminar a recepção de ondas não céticas. A intensidade era tamanha que já ameaçava saturar o mecanismo receptor. E o pior:

as ondas céticas, com suas vibrações bem definidas, já estavam começando a se transformar em picos irregulares. Por mais que expandisse a imagem, fechando o foco, era claro que cada vez mais detalhes escapavam.

Pensou que seria necessária uma primorosa reprodução, impressa a laser, para tornar possível uma análise através de microscópio.

Konev abandonara de vez o cinto e estava quase deitado sobre o encosto da cadeira para acompanhar também as imagens no vídeo:

— Nunca tinha visto nada parecido.

— Nem eu. E venho fazendo isto há vinte anos. Nada parecido com isto, antes.

— Quer dizer que eu estava certo a respeito do axônio?

— Estava, Yuri. Absolutamente certo. As ondas estão concentradas que é uma beleza.

— Eu me refiro ao significado — Isso eu não sei. — Morrison abriu os braços. — Como nunca vi isto antes, não saberia interpretar.

— Não é isso — Konev exclamou, impaciente. — Concentre-se na tela que eu vou me concentrar ao máximo na indução. São as nossas mentes que são os verdadeiros receptores, através de sua máquina. O que é que você está captando? Imagens? Palavras?

— Nada.

— Não é possível!

— Você está recebendo alguma coisa?

— A máquina é sua! Está afinada com você!

— Mas você já captou imagens antes, Yuri.

Dezhnev interrompeu:

— O meu pai costumava dizer: “Se você quer ouvir alguma coi;a, o primeiro passo é prestar atenção”.

— O pai dele está com a razão — disse Natália. — Não vamos captar coisa nenhuma se enchermos nossas mentes de discussões e gritos.

Konev respirou fundo e disse, com uma suavidade que não lhe parecia natural:

— Então está bem. Vamos nos concentrar.

Um silêncio forçado e tenso tomou conta da nave. Foi Sophia quem o quebrou:

— Não vai dar tempo.

— Para quê, Sophia? — Natália quis saber.

— Não sei. Foi a frase que eu captei: “Não vai dar tempo”.

— Você quer dizer — perguntou Morrison — que captou isso nas ondas céticas de Shapirov?

— Não sei. Será possível?

Natália respondeu:

— Um momento antes eu pensei a mesma coisa. Tive a idéia de que talvez fosse melhor estudar as ondas céticas na tela e esperar por mudanças súbitas. Talvez sejam as modificações no padrão, em vez do próprio padrão, que consigam produzir imagens. E em seguida pensei que a espera pode ser muito longa e que não haja tempo suficiente.

— Em outras palavras — disse Morrison —, você pensou: “Não vai dar tempo”.

— Foi — concordou Natália. — Mas fui eu mesma que pensei.

— Como é que você pode ter certeza?

— Eu sei o que estou pensando, Albert!

— Você normalmente também reconhece os próprios sonhos, mas, às vezes eles são provocados por estímulos externos. Vamos supor que você tenha captado “não vai dar tempo”. Como não está acostumada a receber pensamentos de fora, você pode ter desenvolvido rapidamente uma associação de idéias que justificasse o sentimento e fizesse a idéia parecer sua.

— Pode ser, Albert, mas como é que vamos saber?

— Não tenho certeza. A Sophia parece ter pensado a mesma coisa.

Será que estava também elaborando um raciocínio que resultou naturalmente na mesma frase?

— Não! Não foi assim — disse Sophia. — Eu estava tentando manter a mente vazia e a frase, de repente, apareceu.

— Eu não captei nada — disse Morrison. — E você, Yuri?

Konev sacudiu a cabeça, com uma careta, enfurecido pelo fracasso.

— Nada!

Morrison ficou um instante pensativo, antes de dizer:

— Seja como for, pode não ter nenhum significado. A Natália pode ter tido uma idéia qualquer, resultante de um raciocínio anterior, num encadeamento natural e sem nenhum sentido mais profundo.

Mesmo que o pensamento tenha sido gerado na mente de Shapirov, pode ser igualmente irrelevante.

— Pode ser, mas também pode não ser. — replicou Konev. — Toda a vida dele, toda a mente estava ocupada com os problemas da miniaturização. Ele não pode estar pensando em nenhuma outra coisa.

— Você diz isso a toda hora — respondeu Morrison —, o que na verdade é um romantismo bobo. Ninguém é capaz de só pensar numa coisa. Nem o Romeu mais apaixonado do mundo é capaz de pensar só na Julieta. Uma cólica, um barulho inesperado, qualquer interrupção e ele se esquece da amada.

— Seja como for, temos a obrigação de esperar que qualquer coisa que o Shapirov diga seja importante.

— Pode ser. Mas... e se ele estivesse pensando no desenvolvimento da teoria da miniaturização e chegasse à conclusão de que "não vai dar tempo"?

Konev sacudiu a cabeça, mas não parecia ter a intenção de discordar.

Talvez estivesse apenas tentando expulsar o pensamento negativo:

— E que tal se pensássemos assim: pode ter parecido ao Shapirov que a miniaturização capaz de envolver um aumento na velocidade da luz, proporcional à diminuição da constante de Planck, envolveria também uma redução instantânea, que durasse um tempo quase igual a zero. E, é claro, à medida que a velocidade da luz aumentasse enormemente, a velocidade de um objeto de massa zero, de massa quase igual a zero, aumentaria na mesma proporção. Ele pode ter pensado nisso e declarado com orgulho: “Consegui abolir o tempo.

O tempo não existe”. Ou “não há tempo”, o que é a mesma coisa que “não vai dar tempo” para quem ouvir só a frase isolada.

— Só com muito boa vontade, Yuri — disse Natália.

— É claro — retrucou ele —, mas por que não? Vale a pena pensar nisso. Temos que registrar todas as impressões que tivermos, por mais nebulosas, por menos sentido que pareçam fazer.

— É exatamente isso que eu pretendo fazer — declarou Natália.

— Então vamos ficar quietos de novo. Vamos ver se consegui mos captar mais alguma coisa.

Morrison concentrou-se intensamente, cerrando as sobrancelhas e apertando os olhos. Mas seus olhos não se fixaram na tela e, sim, em Konev. Pouco depois, o soviético suspirou e disse, num sussurro:

— Estou recebendo a mesma coisa uma porção de vezes: “n.u vezes c é igual a s sobre m”.

— Eu também — disse Morrison. — Só que acho que é: “m vezes c ao quadrado”.

— Não! — Konev exclamou, tenso. — Tente de novo.

O americano concentrou-se outra vez e, meio encabulado, concordou:

— É. Você tem razão. Também estou captando: “n.u vezes c é igual a s sobre m”. O que quer dizer isso?

— Quem é que pode saber, à primeira vista? Mas se está na mente dele tem que significar alguma coisa. Podemos presumir que n.u indique a frequ?.ncia de radiação, c a velocidade da luz e s sobre m a massa-padrão, ou seja, a massa em repouso em condições normais.

À luz do princípio de... — Interrompeu-se quando deu com o indicador de Natália, erguido como aviso. Continuou completamente sem jeito: — Mas isto não vai levar a lugar nenhum.

Morrison abriu um sorriso largo:

— Informações confidenciais, Yuri?

A voz de Dezhnev intrometeu-se, com um tom raro, para ele, de petulância:

— Como é que vocês vivem ouvindo essas coisas de tempo e massa-padrão e não sei o que mais e eu não ouço nada? Será que é porque eu não sou cientista?

— Duvido que uma coisa tenha a ver com a outra — disse Morrison. — Os cérebros são diferentes uns dos outros. Pode ser que, como o sangue, pertençam a tipos diferentes. Sangue é sempre sangue, mas você não pode fazer uma transfusão de uma pessoa para outra sem mais nem menos. O seu cérebro e o do Shapirov podem ser diferentes o bastante para que não seja possível a transferência.

— Mas só o meu?

— Não. Deve haver milhões de cérebros incapazes de captar qualquer coisa do Shapirov. Você notou que a Natália e a Sophia conseguem captar as mesmas coisas, que eu e Yuri não conseguimos, e vice-versa?

— Dois grupos: dois homens e duas mulheres. E eu, como é que eu fico?

Konev impacientou-se mais uma vez:

— Você está nos fazendo perder tempo, Arkady! Não vamos discutir por horas e horas cada coisinha insignificante que apanharmos, está bem? Temos que captar muito mais e não há muito tempo.

Se você se concentrar um pouco mais, pode até receber alguma coisa.

Silêncio outra vez. De vez em quando alguém relatava, em voz muito baixa, ter sentido alguma imagem ou uma ou outra palavra.

A única contribuição de Dezhnev foi:

— Eu estou sentindo fome. Mas acho que sou eu mesmo, não é nada de fora.

— Sem dúvida — replicou Natália, secamente. — Console-se com a idéia de que quando sairmos daqui você vai ter direito a repetir os pratos duas ou três vezes e não vai ter limites para a vodca.

O rapaz respondeu com um sorriso largo, quase sensual.

— Parece — disse Morrison — que não estamos conseguindo encontrar nada ligado à matemática, nem mesmo qualquer coisa fora do dia-a-dia. Repito: até mesmo o Shapirov deve dedicar a maior parte de seus pensamentos a trivialidades.

— Vamos continuar ouvindo, de qualquer jeito — grunhiu Konev.

— Até quando, Yuri?

— Até o fim do axônio. Até o fim!

— E aí? Você pretende ir até a sinapse ou voltar de lá?

— Vamos até o mais perto possível da sinapse. Assim vamos nos aproximar o máximo da próxima célula e lá, no ponto crucial da transferência, as ondas cét-icas devem ser mais fáceis de sentir do que em qualquer outro lugar.

— Está bem, Yuri — disse Dezhnev. — Só que o comandante não é você. Natasha, minha flor, é assim que você quer que eu faça?

— Por que não? O Yuri tem razão. A sinapse pode ser uma oportunidade única, sobre a qual não conhecemos nada.

— Só perguntei porque nossa reserva de energia já está pela metade.

Quanto tempo ainda vamos arriscar aqui dentro?

— Tempo bastante para chegarmos à sinapse, com certeza — respondeu Natália.

O silêncio caiu outra vez no interior da nave.

CONTINUAVAM SE MOVENDO por dentro da enorme extensão do axônio, e Konev, cada vez mais, passara a ditar ordens para os demais:

— Relatem qualquer coisa que sentirem. Não importa se pareça não fazer sentido, ou que seja uma frase, ou uma só palavra. Se for imagem descrevam-na.

Mesmo que achem que se trata de pensamento próprio mesmo que haja dúvida, o importante é relatar.

— Você vai sair daqui com um monte de conversa fiada — disse Dezhnev, parecendo ainda ressentido com sua incapacidade como receptor.

— É claro. Mas duas ou três pistas, que sejam, já valem o esforço.

E só depois que explorarmos tudo é que poderemos reconhecer as pistas úteis.

— Se eu sentir alguma coisa que não pareça minha, tenho que contar, também? — Dezhnev quis saber.

— Principalmente você! Se é verdade que você é tão insensível como parece, qualquer coisa que sentir pode ser particularmente importante. Agora chega de conversa, por favor. Podemos estar perdendo alguma coisa significativa a cada segundo.

O que se seguiu foi uma sessão de frases desconexas que, na opinião de Morrison, jamais viriam a fazer o menor sentido. A primeira surpresa aconteceu quando Sophia exclamou de repente:

— Prêmio Nobel!

Konev virou rápido a cabeça e quase disse algo, mas pareceu lembrar-se de quem havia falado e continuou em silêncio.

— Você também captou, Yuri? — Morrison perguntou, esforçando-se para não parecer zombeteiro.

— Quase ao mesmo tempo.

— Esta foi a primeira vez que um homem e uma mulher receberam a mesma coisa. Imagino que o Shapirov estivesse pensando no prêmio em função do desenvolvimento da teoria.

— Sem dúvida, mas o Nobel dele já está garantido pelo que já fez com a miniaturização.

— Só que é informação confidencial e, portanto, desconhecida.

— É. Mas é só conseguirmos aperfeiçoar o processo e vamos poder divulgar tudo.

— Espero que sim — respondeu Morrison, com ironia.

— Vocês, americanos, são tão cheios de segredos quanto nós!

— Está bem, Yuri, não vamos discutir. — Mas, dizendo isto, Morrison sorriu abertamente para ele, o que pareceu irritá-lo ainda mais.

Dezhnev gritou de repente; — Hawking.

Morrison foi apanhado de surpresas Aquilo ele não esperava.

— O que foi, Arkady? — Natália perguntou, parecendo contrariada.

— Só disse hawking — defendeu-se o rapaz. — Apareceu na minha mente, vindo do nada; vocês me mandaram contar tudo que aparecesse.

— É uma palavra em inglês — disse Natália. — Quer dizer “cuspindo”.

— Também pode ser “vendendo” — completou, alegre, Morrison.

— Meu inglês não dá para uma palavra assim. Achei que era o nome de alguém.

— E é mesmo — disse Konev, um tanto sem jeito. — Stephen Hawking. Foi um grande físico teórico inglês do século passado. Eu também estava pensando nele, mas achei que era pensamento meu mesmo.

— Bom, Arkady, muito bom! — disse Morrison. — Isso pode vir a ser útil.

O outro sorriu satisfeito:

— Quer dizer que eu não sou de todo inútil. Como costumava dizer o meu pai: “Embora sejam poucas, as palavras de um sábio sempre devem ser ouvidas com atenção”.

Depois de uns trinta minutos que pareceram intermináveis, Morrison falou com delicadeza:

— Será que estamos conseguindo alguma coisa com isto? Estou achando que a maioria das frases e imagens não quer dizer nada.

“Prêmio Nobel” permitiu concluir que o Shapirov sonha com ele, mas disso nós já sabíamos. “Hawking” indica que o trabalho do físico inglês talvez seja

importante para o desenvolvimento da miniaturização, mas não sabemos como nem por quê.

Não foi Konev quem saiu em defesa da missão, como ele esperava, mas sim Natália. O outro, talvez ainda preparando uma resposta, pareceu contente por deixar que a comandante assumisse a tarefa:

— Estamos diante de uma enorme charada, Albert. Shapirov está em coma, seu cérebro não está funcionando de maneira disciplinada, ordenada. A parte que ainda está intacta emite centelhas, por assim dizer, talvez de forma aleatória. Vamos coletar tudo o que pudermos, sem discriminações, e mais tarde tudo isso vai ser estudado por gente que tem um conhecimento mais profundo da miniaturização.

Pode ser que essa gente enxergue algum significado onde não vemos nenhum. E um fragmento de idéia, num canto qualquer, pode gerar a luz que ilumine todo o campo. O que estamos fazendo não só tem sentido como é a única coisa a fazer.

— Além disso, Albert — completou Konev —, ainda podemos tentar uma outra coisa. Estamos chegando a uma sinapse. O axônio vai terminar, se dividir em muitas fibras, e cada uma vai chegar muito próximo de um dendrito de um neurônio vizinho, sem chegar a encostar.

— Sei muito bem disso — disse Morrison, com impaciência.

— O impulso nervoso, com as ondas céticas, inclusive, vai ter que atravessar o minúsculo intervalo da sinapse e, quando isso acontecer, os pensamentos dominantes serão mais evidentes que os outros. Quer dizer, se nós também atravessarmos a sinapse vamos estar, pelo menos durante alguns instantes, em uma região onde será possível ouvir o que queremos com menos interferência de trivialidades.

— É mesmo? — Morrison perguntou com jeito arrogante. — Esse conceito de atenuação diferenciada é novidade para mim.

— Ele é resultado de muito trabalho de cientistas soviéticos.

— Ah!

Konev ficou furioso:

— O que é que você está querendo insinuar? Que nosso trabalho não vale nada?

— Não, não.

— É claro que está! Se é soviético, para você não presta!

— Só quis dizer que nunca li ou ouvi nada sobre o assunto — defendeu-se Morrison.

— O trabalho principal foi conduzido pela doutora Nastiaspenskaya.

Espero que você já tenha ouvido falar dela.

— Já ouvi, sim.

— Mas nunca leu o que ela publicou, não é?

— Yuri, eu nunca consigo tempo suficiente para acompanhar todas as publicações em inglês, que dirá...

— Muito bem; quando tudo isto terminar eu vou lhe conseguir a coleção completa dela, para ver se você aprende alguma coisa.

— Obrigado. Mas, assim à primeira vista, acho a descoberta dela pouco provável. Se alguns tipos de atividades mentais sobrevivem à sinapse melhor que outros, e considerando-se que há muitas centelhas de bilhões de sinapses ocorrendo a qualquer instante no cérebro, conclui-se que apenas uma porção ínfima dos pensamentos consegue sobreviver.

— É muito mais complexo do que você está pensando — retrucou Konev. — Os pensamentos triviais não são destruídos. Permanecem num nível mais baixo de intensidade; não são degradados para sempre. O que acontece é que, nas imediações de uma sinapse, os pensamentos mais importantes são temporária e relativamente fortalecidos.

— Isso foi comprovado ou é apenas uma teoria?

— Há evidências muito sutis. Um dia, quando melhorarmos a miniaturização, tenho certeza de que vamos reforçar essas evidências.

Em algumas pessoas esse efeito das sinapses é muito mais forte que na média. Que outra explicação pode haver para o fato de que pessoas criativas são capazes de se concentrar com muito mais intensidade e por muito mais tempo

que outras? Só pode ser porque elas não são perturbadas por trivialidades. E por que, por outro lado, os acadêmicos brilhantes são tradicionalmente tão distraídos?

— Tudo bem. Se conseguirmos algum resultado, não vou agredir os fatos.

— Mas o que é que vai acontecer quando chegarmos ao fim do axônio? — Dezhnev perguntou. A corrente desse fluido que está nos conduzindo vai fazer uma curva de cento e oitenta graus e nos levará de volta pela parede oposta do axônio. O que é que eu faço?

Atravesso a membrana à força?

— Não — disse Konev —, claro que não. Isso danificaria a célula.

Vamos ter que reproduzir o padrão eletromagnético da acetilcolina.

É ela que carrega o impulso nervoso através da sinapse.

— Sophia — chamou Natália —, você consegue dar este padrão à nave, não é?

— Consigo. Mas as moléculas de acetilcolina não são ativas no exterior da célula?

— Seja como for, a célula deve ter algum mecanismo para ejetálas.

Vamos tentar?

E a viagem através do axônio, que parecia não ter fim, continuou.

O FIM DO AXÔNIO apareceu de repente, sem qualquer aviso. Konev foi o primeiro a ver. Morrison sabia que ele estava atento e consciente de como seria mas, mesmo assim, admirou a rapidez do soviético, uma vez que ele próprio também estava atento e consciente e não conseguiu ver nada. Era verdade que Konev estava no banco da frente, mas não era desculpa.

A fraca luz dos faróis deixava ver um vazio à frente, mas a corrente, em vez de se projetar nele, iniciava um movimento de retorno.

O axônio dividia-se agora em ramificações, em dendritos comosos do corpo da célula por onde a nave havia entrado. Menores que aqueles, e em menor número, sem dúvida, mas dendritos do mesmo jeito. Uma parte do fluido dirigia-se a eles, mas a nave continuava no fluxo principal e eles não podiam se

arriscar. Tinham que forçála a entrar no primeiro dendrito que encontrassem — se possível.

— Ali, Arkady, ali! — Konev gritou, apontando. Só então os outros perceberam que o axônio estava terminando. — Use os motores!

Entre ali!

Morrison sentiu o delicado tremor dos motores, e a nave começou a mudar de direção. Seu novo destino era um tubo imenso aberto na parede do axônio, tão imenso, para a escala deles, que só conseguiam ver um pequeno arco de sua borda circular. À medida que ele se aproximava, Morrison inclinou-se para a frente, como se tentasse ajudar com o gesto.

Não era uma simples questão de navegar até a abertura. Era preciso vencer a resistência do fluido; as moléculas de água que se precipitavam formavam círculos aparentemente serenos e logo se apressavam de volta ao fluxo principal, que as levaria de volta pelo axônio. A nave conseguiu avançar e, finalmente, mergulhou pela abertura do tubo.

— Corte os motores — Konev gritou, excitadíssimo.

— Ainda não — resmungou Dezhnev. — Ainda podemos estar muito próximos da corrente contrária que sai desta coisa. Espere que eu vou mais para perto da parede.

Não demorou muito. Logo puderam sentir que navegavam com a corrente, não mais contra a sua força. Quando desligou os motores, Dezhnev soltou o fôlego num grande suspiro, afastou da testa os cabelos molhados de suor e exclamou:

— Qualquer coisa que a gente faça consome um absurdo de energia, Yuri! Tudo tem limite!

— Mais tarde eu vou me preocupar com isso — disse Konev, impaciente.

— Vai mesmo? Meu pai costumava dizer: “Mais tarde geral mente é tarde demais”. Natália, não deixe isso nas mãos do Yuri. Eu não confio na atitude dele em relação à nossa reserva de energia.

— Calma, Arkady. Fique tranqu?ilo que, se eu julgar necessário, darei as ordens. Yuri, esse dendrito não é muito longo, é?

— Vamos já, já chegar ao final dele.

— Neste caso, Sophia, por favor, fique pronta para adotar o padrão da acetilcolina a qualquer momento.

— Você me diz a hora exata?

— Não vai ser preciso. Garanto que o Yuri vai começar a gritar e pular como um cossaco quando avistar a saída. Assim que ele começar, você troque o padrão.

Continuaram deslizando pela extremidade tubular do neurônio em que haviam penetrado tanto tempo antes. Morrison teve a impressão de que, à medida que o dendrito ia se tornando mais fino, conseguia ver a parede em arco acima da nave, mas sabia que era só uma ilusão. Mesmo no ponto mais estreito, o tubo parecia ter quilômetros de largura para a escala molecular em que estavam.

De repente, exatamente como Natália previra, Konev soltou um grito, provavelmente sem ter nem mesmo consciência de estar gritando:

— Chegamos ao final! Depressa! Acetilcolina, antes que a corrente nos leve de volta!

Os dedos de Sophia moveram-se ágeis sobre o teclado. De dentro da nave era impossível perceber qualquer mudança, mas à frente deles devia haver um receptor de acetilcolina, ou melhor, centenas deles, e as cargas opostas correspondentes garantiriam que um deles e a nave se prenderiam com firmeza.

Logo a nave foi arrancada da corrente e mergulhou na parede do dendrito. Continuou, por alguns minutos, através do meio intracelular, entre o dendrito do neurônio que haviam abandonado e o do seu vizinho. Morrison não conseguiu ver quase nada. Percebeu que a nave estava atravessando uma complexa molécula de proteína e viu também que uma concavidade estava se formando, como ocorrera na entrada do primeiro neurônio.

Konev ejetou o cinto de segurança e ficou de pé. Era visível que estava excitado demais para ficar sentado numa ocasião como aquela.

Quando falou, chegou a gaguejar:

— Agora, de acordo com a teoria de Nastiaspenskaya, a filtragem dos pensamentos mais importantes é mais intensa imediatamente após a sinapse. À medida que nos aproximarmos do corpo da célula, a diferenciação diminui. Portanto, assim que entrarmos no dendrito vizinho, abram suas mentes! Estejam prontos para qualquer coisa! Repitam bem alto tudo que conseguirem ouvir. Descrevam todas as imagens. Eu vou gravar tudo. Fiquem de olho! Você também, Arkady! Você também, Albert! Entramos! Comecem!

CAPÍTULO 15

ABANDONADO

Até a hora da morte fica menos pavorosa em boa companhia.

Dezhnev (pai)

MORRISON ACOMPANHOU com um relativo interesse o que veio a seguir. Não tinha nenhuma intenção de participar ativamente. Se captasse alguma coisa, tudo bem... relataria devidamente. Não fazê-lo seria anticientífico. Sophia, a seu lado, parecia abatida e desocupada.

Ele aproximou-se e sussurrou:

— Você voltou ao padrão de glicose-L?

Ela fez que sim.

— Você conhece essa teoria da Nastiaspenskaya?

— Nunca ouvi falar. Não é da minha área.

— Você acredita nela?

Sophia não parecia disposta a se comprometer:

— Não tenho base para acreditar nem para desacreditar. Mas ele acredita, porque quer que seja verdade.

— Você está captando alguma coisa?

— Não mais do que antes.

Dezhnev estava quieto. Natália balbuciava, de vez em quando, uma ou outra palavra, mas Morrison teve a impressão de que ela não tinha muita convicção. Só Konev parecia continuar entusiasmado.

Houve um momento em que gritou:

— Alguém mais captou isto? "Ritmo circular". "Ritmo circular"!

Ninguém respondeu e, depois de alguns instantes, Morrison quis saber:

— O que é que isso quer dizer, Yuri?

Konev também não respondeu. Até ele pareceu se aquietar e ficou olhando para a frente, sem expressão, enquanto a nave prosseguia em seu curso. Natália insistiu:

— E então, Yuri?

— Eu também não entendi — respondeu, com a voz rouca.

— Yuri, meu filho — disse Dezhnev —, pode ser que esse neurônio não seja dos bons. Pode ser que não esteja pensando grande coisa. Vamos ter que passar para outro e depois outro... Aquele primeiro pode ter sido um caso de sorte de principiantes.

O outro olhou para ele com raiva:

— Não trabalhamos com células isoladas. Estamos num grupo de células, mais de um milhão, talvez, que, segundo a teoria de Albert, formam um núcleo de pensamento criativo. O que uma delas pensar, todas as outras também pensam, com algumas pequenas variações.

— Acho que foi isso que eu consegui demonstrar — acrescentou Morrison.

— Então não será preciso ir passando de célula em célula? — Dezhnev quis saber.

— Não adiantaria nada — Morrison respondeu.

— Ótimo, porque não teríamos tempo nem reserva de energia para isso. E o que é que vamos fazer, então?

Ficaram todos em silêncio, até que Konev repetiu:

— Não entendi. Nastiaspenskaya não pode estar errada!

Sophia ejetou o cinto e se pôs de pé, devagar e deliberadamente:

— Quero dizer uma coisa e não quero ser interrompida. Escute, Natália. Já é o bastante. Esta experiência tinha que ser feita, ainda que eu a achasse condenada ao fracasso desde o início. Muito bem... a experiência já fracassou. — Apontou um dedo para Konev, sem olhar para ele. — Há gente que quer que o

universo obedeça a seus caprichos. Se não obedecer, acha que é possível mudá-lo às custas de mera força de vontade. Mas o universo independe de forças de vontade individuais, por maiores que sejam. Não sei se a teoria de Nastiaspenskaya está correta ou não. Não sei se as teorias do Albert estão corretas. Mas sei de uma coisa: o que os dois pensaram e formularam, o que qualquer neurocientista pensa e formula, se refere a cérebros razoavelmente normais, o que não é o caso do cérebro do acadêmico Shapirov. Vinte por cento dele não está funcionando.

Este pedaço está morto. O restante deve estar distorcido, em consequ?.ncia disso, e o fato de ele já estar em coma há várias semanas só comprova o que estou dizendo. Qualquer ser humano normal seria capaz de compreender que Shapirov não pode estar pensando de maneira organizada. Seu cérebro está como um exército em debandada. Como uma fábrica em que todas as máquinas foram desreguladas. Está disparando centelhas ao acaso, emitindo pensamentos soltos, pedaços, cacos de memória. Há pessoas — tornou a apontar para, Konev — que não conseguem admitir tal coisa, porque acham que, se insistirem com suficiente obstinação, o óbvio vai desaparecer e o impossível vai acabar acontecendo.

Konev também estava de pé, há muito livre do cinto. Virou-se aos poucos e encarou Sophia. Morrison espantou-se: o rapaz estava olhando de frente para ela. E não havia sinal de raiva, ódio ou desprezo em seu rosto, O americano teve a nítida impressão de que o rosto do outro exibia apenas humildade e uns poucos traços de derrota.

Mas a voz soou clara, dirigindo-se a Natália, enquanto o olhar se afastava aos poucos de Sophia:

— Tudo isso foi declarado antes do embarque para esta missão, Natália?

— Você quer saber se a Sophia falou disso comigo antes? Não, Yuri.

— Há alguma razão para aturarmos um membro da tripulação que não tem fé em nossa missão? Por que foi que trouxemos uma pessoa que não acredita no trabalho que estamos realizando?

— Porque eu sou uma cientista! — fuzilou Sophia, também se dirigindo a Natália. — Porque queria testar os efeitos dos padrões eletromagnéticos artificiais sobre as interações bioquímicas! Já fiz isso. Para mim a viagem já foi um sucesso. Para o Arkady, também, já que a nave se comportou perfeitamente. E para o Albert, porque suas teorias ganharam muito mais força, eu acho, do que tinham antes.

E para você, Natália, que nos trouxe até aqui e vai nos levar de volta, espero. Mas para uma só pessoa — tornou a apontar o indicador — foi um fracasso. E a estabilidade mental de tal pessoa só teria a ganhar com a admissão de tal fracasso.

Ela está se vingando com tudo a que tem direito, pensou Morrison.

Mas Konev não se abateu com o ataque. Surpreendentemente calmo, tornou a se dirigir a Natália:

— Não é verdade. É até o oposto da verdade. Sabíamos, desde o começo, que não podíamos esperar que Shapirov estivesse tão lúcido quanto antes do acidente. Era de se esperar que ele fosse misturar fragmentos de idéias importantes com bobagens e trivialidades.

Sabíamos que seria assim. Eu tinha esperança de encontrar uma percentagem mais alta de pensamentos relevantes neste neurônio, logo depois da sinapse. Não deu certo. Isso só fez com que nossa missão se torne mais difícil, não impossível. Já temos mais de uma centena de frases e idéias, obtidas do pensamento dele. Não se esqueça de "n.u vezes c é igual a s sobre m". Isso tem que significar alguma coisa. Não há nenhuma razão plausível para achar que seja só uma trivialidade.

Natália coçou a cabeça.

— Você já pensou, Yuri, que esse fragmento de equação matemática pode ser alguma coisa que o Shapirov pensou e depois descartou porque não deu certo?

— Já. Já pensei nisso. Mas por que ela teria ficado em sua mente, se fosse assim? Vale a pena investigar! E quanto do que julgamos irrelevante ou trivial não pode talvez revelar alguma verdade, mesmo que seja só uma frase ou uma imagem? Qualquer uma pode ser uma pista. A cada peça que conseguirmos colocar no quebracabeças, mais fácil será encaixar as outras! Não temos nenhuma razão para achar que a viagem foi um fracasso! Nenhuma parte dela foi um fracasso, por enquanto!

— Bom. Vamos torcer para que você tenha razão — disse Natália inclinando um pouco a cabeça. — Mas, como já perguntou o Arkady, o que é que vamos fazer agora? O que é que você sugere?

Konev fez uma pausa dramática antes de responder:

— Há uma coisa que não tentamos ainda. Já tentamos detectar pensamentos fora do neurônio, dentro dele, dentro do axônio, dentro do dendrito, depois da sinapse... Mas, em todas as tentativas sempre ficamos dentro da nave, encobertos por um casco que deve ser isolante.

— Você está querendo dizer — completou Natália — que deveríamos tentar fora da nave, dentro do próprio fluido celular? Lembrese de que quem sair terá de ficar dentro de um escafandro também de plástico.

— Mas muito mais fino que o casco e, portanto, muito menos isolante! o computador não precisa ficar do lado de dentro do escafandro.

Morrison começou a se assustar:

— E quem é que você está achando que vai fazer isso?

Konev olhou-o com frieza:

— Só existe uma possibilidade, Albert. O programa foi desenvolvido por você, sintonizado com o seu cérebro. Você, por definição, é a pessoa mais sensível aos pensamentos de Shapirov, dentre todos nós. Mandar qualquer outro lá para fora seria uma idiotice. Estou achando que é você quem vai, Albert.

MORRISON SENTIU um aperto no estômago. Ah, não! Não iam querer que ele saísse de novo... Tentou dizer exatamente isso, mas sua garganta secou, imediata e completamente, e tudo que conseguiu emitir foi uma espécie de gemido rouco. Lembrou-se de que estava começando a gostar de não se sentir um covarde, de explorar o cérebro sem medo, a bordo daquela nave, mas... Sentia-se novamente um covarde.

— Não! — Pensou que tivesse conseguido gritar, mas não percebeu a própria voz. E nem poderia: foi Sophia quem gritou: — Isto não, Natália! Que sugestão mais covarde! O coitado do Albert já esteve lá fora e quase morreu! E, se não fosse por ele, talvez ainda estivéssemos perdidos no capilar errado, talvez nunca conseguíssemos chegar ao grupo de neurônios! Por que é que ele vai ter de sair de novo? — Voltara-se em direção a Natália e os punhos com que se segurava aos braços da cadeira estavam azulados. — É claro que agora é a vez de outra pessoa sair e, já que a sugestão foi dele, deixe que ele saia. Não é justo mandar qualquer outro.

Ninguém se deu ao trabalho de perguntar quem era “ele”. Morrison, apesar do pavor de que estava possuído, perguntou vagamente a si próprio se o fervor

da moça era devido à afeição por ele ou à determinação de se opor a qualquer desejo de Konev. Havia um canto qualquer de sua mente pragmático o bastante para lhe dar a certeza de que a segunda hipótese era a correta.

Konev ficou vermelho à medida que Sophia falava:

— Não tenho um pingo de covardia — cuspiu a palavra, como para reforçar que fora aquele o insulto que mais o afetara. — O que estou sugerindo é a única coisa lógica possível. Se eu sair, o que sou perfeitamente capaz de fazer, terei de usar o instrumento dele, que não funcionará tão bem quanto o faria com ele. Não podemos nos dar ao luxo de escolher um ou outro por capricho. Tem de sair quem for mais capaz de obter melhores resultados. Não há dúvida de quem se trata.

— Certo — conseguiu dizer Morrison, recuperando a voz. — Mas não vejo nenhuma razão para pensar que a recepção fora da nave vai ser melhor que dentro dela.

— Também não há nenhuma razão para pensar o contrário — disse Konev. — E o Dezhnev pode lhe mostrar como nossa reserva de energia está diminuindo, e com ela o tempo de que dispomos.

Não vejo razão para perder mais tempo. Você tem que sair da nave como fez da outra vez. E agora!

Morrison respondeu numa voz grave, com esperança de encerrar o assunto:

— Sinto muito. Não vou sair da nave.

Mas Natália pareceu ter tomado uma decisão e disse em tom suave:

— Eu acho que vai, sim, Albert.

— Não!

— O Yuri tem razão. Só você, com seu programa, é capaz de obter as informações que queremos.

— Tenho certeza de não haver informação alguma!

Natália esticou as mãos à frente do corpo, com as palmas para cima:

— Pode ser, mas temos que ter certeza. Vamos descobrir.

— Mas, Natália...

— Albert, prometo que, se fizer isso por nós, sua participação vai ser relatada com toda a honestidade quando pudermos publicar a experiência. Você vai ficar para a posteridade como o homem que desenvolveu a teoria correta do pensamento, que inventou o equipamento capaz de comprová-la, que salvou a nave no capilar; o homem que detectou os pensamentos de Shapirov, arriscando corajosamente própria vida dentro do neurônio, como já havia feito na corrente sangu?.nea.

— O que você está querendo dizer é que, se eu me recusar a sair, a verdade não vai ser contada?

Natália suspirou:

— Você me força a esse papel de vilã. Seria melhor se você se desse por satisfeito com a insinuação. É isso mesmo. Não há necessidade de contar toda a verdade. É a única arma que tenho contra você, não é? Não podemos pô-lo para fora à força, porque sair só por sair não vai adiantar nada. Queremos que você capte os pensamentos do pobre Shapirov, o que só pode ser feito de boa vontade. Vamos premiá-lo, mas... só se fizer isso.

Morrison olhou em volta, como se à procura de ajuda. Natália o encarava fixamente. Konev parecia querer convencê-lo com o brilho dos olhos. Dezhnev cantarolava parecendo não querer se comprometer.

E Sophia... Sophia era a única esperança.

— O que é que você acha, Sophia?

A moça hesitou mas respondeu com voz firme:

— Acho que está errado ameaçar você desse jeito. Uma coisa dessas tem de ser feita voluntariamente, e não sob pressão.

Dezhnev parou de cantar e se intrometeu:

— Meu pai costumava dizer: “A pior pressão é a da própria consciência; é isto que faz a vida ser tão amarga”.

— Minha consciência vai muito bem, obrigado — retrucou Morrison.

— Que tal pormos o caso em votação?

— Não adiantaria nada — disse Natália. — Sou a comandante e, num caso como este, o único voto válido é o meu.

— Se eu sair e não sentir nada, vocês vão acreditar em mim?

Natália fez que sim com a cabeça.

— Eu vou. Afinal, seria mais fácil para você inventar alguma coisa que pudesse parecer útil, se quisesse nos enganar. Se você voltar dizendo que não pegou nada, ou pegou só trivialidades, acho que vou acreditar mais do que se você voltar imediatamente, dizendo que captou uma coisa muito importante.

— Não pense que é fácil me enganar — disse Konev. — Se ele voltar com alguma coisa que pareça importante, eu sou capaz de dizer se é ou não é verdade. E chega de discussão, Vamos?

Morrison, com o coração disparado e a garganta estrangulada, ainda conseguiu dizer:

— Está bem, eu vou. Mas só vou ficar um pouquinho lá fora.

DESPIU, SEM QUE ninguém mandasse, o uniforme de algodão. Da primeira vez — será que fora mesmo só algumas horas antes? — sentira-se como se estivesse praticando uma obscenidade. Agora já parecia um ato quase rotineiro. Enquanto Sophia ajudava com o escafandro de plástico, sentiu-se consciente e orgulhoso da facilidade com que conseguia encolher a barriga. Apesar do farto café da manhã, da grande quantidade de água que havia bebido e do tablete de chocolate, o estômago estava vazio, o que o deixou contente. Sentiu um pouco de náusea ao contato do plástico com o corpo, e se assustou.

Vomitar, vestido com aquilo, seria intolerável. Ao fechar o escafandro, alguém lhe ofereceu outra barra de chocolate, que recusou com um arrepio.

O computador foi colocado entre as mãos envelopadas de plástico.

Natália perguntou:

— Dá para operá-lo?

Morrison ouviu sem dificuldade. Sabia que, uma vez fora da nave, não conseguiria ouvir mais nada. Equilibrou a máquina, praticamente sem peso, numa das mãos e experimentou o teclado com a outra, desajeitado e cuidadoso. Gritou a resposta:

— Acho que dá.

Com dificuldade, também desajeitados, os outros amarraram o computador firmemente a seus pulsos, com uma corda de plástico.

Devia ser feita do mesmo material que o escafandro e a própria nave, pensou.

— É para você não perdê-lo — gritou Natália.

Dirigiu-se à escotilha dupla, sentiu o contato das duas superfícies plásticas, e seguida a pressão, quando o ar foi retirado e... pronto:

estava fora da nave.

Fora, outra vez. Só por um pouquinho, dissera aos outros, mas que diferença fazia o que dissera? Como poderia forçá-los a admitilo de volta, se resolvessem o contrário? Já se arrependera por concordar em sair. Devia ter resistido a qualquer ameaça, a qualquer chantagem. Mas procurou desviar tal pensamento, que só fazia com que se sentisse pior ainda.

Abraçou o computador com o braço esquerdo, em parte porque não confiava muito na corda, e também porque queria protegê-lo, tanto quanto possível, dos objetos do interior da célula. Tateou pela superfície da nave, procurando os pontos em que as cargas elétricas do escafandro encontrassem seus opostos, para fixá-lo ao casco. Descobriu uma posição confortável, preso pelas costas, O campo eletro magnético não o prendia demais, dava-lhe um pouco de liberdade de movimentos.

Contudo, pensou, estava do tamanho de um átomo; talvez não fosse fácil manter o contato em regiões ultramicroscópicas. Ou, pelo contrário, talvez fosse facílimo. Os elétrons responsáveis pelas cargas que faziam o contato não estavam também miniaturizados?

Conscientizou-se da própria ignorância a respeito dos princípios teóricos da miniaturização e lamentou-a profundamente.

Mal tinha consciência de seus próprios movimentos na corrente intracelular, porque todo o resto se movia junto com ele. Mesmo assim, viu-se no centro de um cenário em permanente mudança. Através do plástico fino do escafandro, movimentando a cabeça de um lado para o outro, apesar de sentir o capacete um

tanto relutante em acompanhar seus gestos, conseguia fazer com que o farol adaptado a ele se movimentasse e lhe permitisse ver um pouco mais.

Distinguiu as moléculas de água, parecendo elásticas como balões de borracha, esfregando-se umas nas outras. Elas passavam devagar por ele, roçando levemente seu corpo, mas parecendo ignorá-lo.

Vez por outra, uma delas se demorava por um momento, atraída por cargas elétricas opostas, e tornava a se afastar lentamente. Era como se uma ou outra molécula quisesse abraçá-lo, mas, sem conseguir, desistisse com pena.

Havia algumas, maiores, que pareciam do tamanho da nave, ou até de transatlânticos. Ele só conseguia vê-las pelo reflexo da luz, como que modificada por um prisma. Na verdade, não as via; sua mente as adivinhava pelos reflexos. Pensou que isso só era possível porque conhecia bem o conteúdo de uma célula, ou achava que conhecia.

Por outro lado, tudo podia ser apenas fruto da imaginação.

Chegou até a pensar que estava distinguindo o "esqueleto" celular, a estrutura indiferente ao fluxo, que dava à célula seu formato mais ou menos constante, embora passasse por ela com tamanha velocidade que os olhos mal conseguiam captá-la. Mas era ela que lhe fornecia a única sensação de velocidade da corrente, em que ele próprio e a nave se deslocavam, em movimentos suaves de navio sobre mar calmo.

Achou que já observara o bastante. Era hora de se dedicar ao computador. Mas... para quê? Não ia detectar nada, tinha certeza, mas não podia levar em conta a convicção, por mais forte que fosse.

Podia estar errado, afinal, e devia aos outros e a si próprio o esforço Começou a ajustar o computador, com movimentos desajeitados, à sensibilidade máxima. Atrapalhou-se com o teclado e verificou, com alívio, que o isolamento da bateria da máquina estava cumprindo com perfeição o seu papel. Concentrou-se, com grande esforço, para tentar captar as ondas de pensamentos que passassem por ele.

O computador estava desempenhando bem sua missão. As moléculas de água continuavam desfilando levemente, roçando tanto pela máquina quanto por seu próprio corpo e, apesar delas, a tela mostrava as ondas céticas mais claras e bem definidas, mais nitidamente detalhadas que já vira em toda a sua

vida. Morrison, no entanto, não conseguiu sentir nada, a não ser uma espécie de murmúrio baixo e suave que não evocava imagens nem palavras, apenas um sentimento de tristeza.

Só que... como é que ele sabia que o murmúrio era triste? Com certeza um julgamento subjetivo... Ou estaria captando uma emoção?

Será que Shapirov, em coma profundo, parcialmente morto, estava triste? Não seria nenhuma surpresa.

Morri voltou o rosto sobre o ombro, tentando ver o interior da nave. O que detectara já devia ser o bastante. Captara um sentimento de vazio e tristeza e nada mais. Será que devia sinalizar para que o deixassem voltar? Será que estariam de acordo? E, se voltasse e dissesse a Natália que não sentira nada, será que Konev não explodiria?

Poderia dizer-lhe que não estivera mais que dois minutos do lado de fora; poderia exigir que tornasse a sair.

E se esperasse um pouco mais? Na verdade podia muito bem esperar mais. Na escala a que estava miniaturizado — se é que era aquela a razão — a temperatura não estava incomodando nem um pouco. O problema é que Konev nunca se daria por satisfeito, mesmo que ele esperasse mais dois, ou mais cinco, ou mais sessenta minutos.

Conseguiu enxergar Konev, que o encarava com expressão sombria.

Sophia estava bem atrás dele; devia ter ejetado o cinto para, se mudar para a cadeira pertencente a ele próprio. A moça tinha os olhos fixos nele, ansiosos. Seus olhares se encontraram e ela pareceu pronta a fazer um gesto qualquer, mas foi detida pela mão firme de Natália em seu ombro e voltou a seu lugar.

Está certo, pensou Morrison. Sophia era responsável pelos padrões eletromagnéticos da nave e dele próprio. Não devia, não podia abandonar seu posto, por mais ansiosa que estivesse.

Apenas para completar o quadro, Morrison tentou ver o que Dezhnev estava fazendo, mas o ângulo em que se encontrava o rapaz foi demais para a flexibilidade do capacete. Tudo o que conseguiu ver, naquela direção, foi Konev, fazendo um gesto claramente interrogativo com as mãos. Virou o rosto ostensivamente, recusando-se a fornecer qualquer informação, e percebeu que alguma coisa, ainda distante, estava vindo a grande velocidade em sua direção.

Não conseguiu distinguir nenhum detalhe e fez uma careta involuntária, esperando que a nave, e ele próprio, passassem pelo obstáculo. A coisa aproximou-se como uma avalanche e ele se encolheu instintivamente contra o casco.

Na passagem do objeto monstruoso, Morrison sentiu o corpo arrancado e atraído na direção dele. Passou-lhe pela mente, num lampejo, que Sophia devia ter dado um padrão de cargas aleatório ao escafandro e, por uma desgraçada coincidência, o padrão do objeto era exatamente complementar ao seu. Em circunstâncias normais não seria muito importante. A velocidade da nave era tamanha que as cargas não poderiam se atrair, pelo menos não com intensidade suficiente para arrancá-lo do casco. Mas ele estava reduzido a tal ponto que já não tinha massa nem inércia e o resultado foi que sentiu o corpo ser puxado, esticado, como se a nave e a coisa o disputassem.

Foi o casco que cedeu e Morrison, apavorado, compreendeu que estava solto da nave, que, seguindo com a corrente, desapareceu de imediato. Um segundo antes estivera a seu lado; agora, sumira.

Antes mesmo de poder entender o que acontecera, ele estava só, abandonado. Um objeto do tamanho de um átomo perdido numa célula do cérebro, A nave, a única coisa que o mantivera ligado à vida, à realidade, tinha desaparecido para sempre.

PERDEU A CONSCIÊNCIA das coisas durante alguns minutos. Ficou sem a noção de onde estava e do que tinha acontecido. Reteve apenas a sensação de pânico absoluto, da iminência da morte. Quando percebeu que continuava vivo, ficou quase desapontado. Se aqueles instantes tivessem mesmo sido a morte, tudo já estaria terminado, não seria mais necessário esperar por ela.

Quanto tempo duraria a reserva de ar? Será que o calor e a umidade o sufocariam aos poucos? Embora não os sentisse tanto quanto da primeira vez, sabia que seriam tão inexoráveis quanto antes. Será que a luz do capacete terminaria antes dele, condenando-o a morrer na escuridão total, além da solidão total? Começou a pensar de forma desordenada: como vou saber que morri, se tanto antes quanto depois a escuridão vai ser absoluta? Lembrou-se da prece de Ajax a Zeus: se tivesse que morrer, que fosse ao menos à luz do dia.

E com alguém, com uma pessoa, pelo menos, que me dê a mão, acrescentou em desespero.

O que podia fazer? Esperar, somente? O que saíra errado?

Ah! Não estava morto ainda, O medo diminuiu um pouco, dando espaço um pouco de curiosidade e, com ela, à disposição para lutar e viver.

Conseguiria se desgrudar daquela coisa? Parecia uma indignidade, de certa forma, morrer como um inseto apanhado num papel pega-mosca. E a nave ia se distanciando mais e mais, a cada momento, pensou logo em seguida. Já está longe demais para que eu a alcance, faça o que fizer.

A idéia trouxe-lhe outro paroxismo de pavor e ele começou a sacudir todo o corpo, numa tentativa desesperada de se livrar. Não adiantou nada e logo lhe ocorreu que estava desperdiçando energia e aumentando o calor no escafandro.

Deslizou as mãos para cima, ao longo da estrutura nebulosa que o mantinha cativo, mas logo as sentiu afastadas — cargas iguais se repelem, Tateou para baixo, para cima, para os lados. Em algum ponto tinha de haver uma carga oposta. Se conseguisse um apoio, talvez pudesse rasgar a estrutura. Percebeu que seus dentes estavam batendo com força: medo, desespero, ou as duas coisas?

A mão direita fixou-se com um "clique". Tentou apertá-la com força, vencendo a mera atração das cargas opostas, para desarrumar a própria organização atômica. Se é que esta fazia alguma diferença naquelas circunstâncias pensou. Por algum tempo sentiu a resistência um tanto elástica da estrutura e continuou apertado. De repente, sem aviso, sentiu que ela se esfarinhava em sua mão. Olhou espantado, tentando entender o que tinha acontecido. Aquilo não se rasgara ou esfacelara. O pedaço que apertara pareceu simplesmente ter sumido.

Tentou de novo, tateando aqui e ali, e tornou a acontecer: outro pedaço desapareceu. O que estava acontecendo?

Mas era claro! Natália tinha explicado que o campo da miniaturização envolvia um volume ligeiramente maior que o objeto. Aquilo se aplicava também ao escafandro. Quando fechava a mão com toda a força, alguns dos átomos que tocava eram miniaturizados e, neste processo, perdiam o contato com a estrutura de que antes faziam parte. Qualquer coisa que ele tocasse, ou melhor, pressionasse com força, seria miniaturizada.

Qualquer átomo, ou mesmo fragmento atômico, miniaturizado daquele jeito, se transformaria numa partícula minúscula, com massa muito menor que a de um elétron, e se projetaria para o espaço, quase à velocidade da luz, atravessando a matéria sem tomar conhecimento dela.

Seria possível? Tinha de ser. Não conseguiu imaginar nenhuma outra explicação que fizesse sentido. Enquanto pensava, Morrison começou a dar socos e pontapés violentos na superfície que o prendia.

De repente seu corpo soltou-se. Deixou de ser um prisioneiro. Tornou-se um objeto independente, levado pela corrente intercelular.

Aquilo não evitava que a nave continuasse para sempre fora de alcance, mas pelo menos ele agora a perseguia. Bobagem! Que bobagem!

E de que adiantava persegui-la, pensou, se naquela escala ele estava a dezenas, talvez centenas de quilômetros?

Outra idéia súbita o apavorou: miniaturizando átomos para se livrar da estrutura, gastara energia. Não muita, porque as massas envolvidas eram tão minúsculas, mas... de onde saíra aquela energia?

Só podia ter saído do campo de miniaturização do escafandro. Cada átomo reduzido, portanto, havia enfraquecido um pouco o campo. E com que intensidade?

Seria aquela a razão pela qual não estava sentindo calor? A miniaturização do ambiente a seu redor teria absorvido, junto com a energia do campo, uma parte do calor? Não, não podia ser. O calor não o incomodara antes mesmo de tentar se libertar da estrutura.

Pensou em outra coisa, que só fez aumentar seu desespero. Se gastara energia de seu campo para miniaturizar os átomos da estrutura, se seu campo ficara mais fraco, certamente ele próprio desminiaturizara um pouco. Não poderia ser aquilo um motivo para a desminiaturização espontânea? Natália tinha comentado alguns detalhes do processo. Concordara que, quanto menor o objeto, maior a possibilidade de que ela ocorresse. E Morrison sabia que estava muito, muito pequeno.

Enquanto estivera na nave, fizera parte do campo global da própria nave. Fora uma das partes de um o objeto do tamanho de uma molécula. Quando ficara preso à membrana esquelética da célula, passara a ser parte de um objeto ainda maior. Mas agora estava separado, isolado, não fazia parte de coisa nenhuma. Era apenas um objeto do tamanho de um átomo.

A desminiaturização espontânea era agora muito mais provável.

Só que não seria propriamente espontânea — seria o resultado do enfraquecimento de seu campo pela miniaturização dos objetos normais em volta dele.

Como descobrir se estava desminiaturizando? Se realmente estivesse, o processo caminharia em razão exoponencial. O início seria lento mas, à medida que seu volume aumentasse, afetaria também um volume cada vez maior de objetos, expandindo-se mais e mais depressa, até a explosão final que traria a morte.

Mas que diferença fazia saber ou não? Se estivesse aumentando, dentro de pouco tempo, alguns segundos, talvez, estaria morto e o processo seria tão rápido que ele nem tomaria conhecimento. Num instante estaria vivo, no instante seguinte se teria reduzido a nada.

Que morte melhor poderia desejar? Por que querer saber antes, mesmo que só um segundo antes, o que ia acontecer?

Porque estava vivo e era humano, pensou. Querer saber, sempre, era o que caracterizava um ser humano vivo.

Como descobrir? Olhou em volta, para os brilhos esparsos a seu redor, para o movimento marítimo das moléculas de água, que ondulavam e seguiam como ele pela corrente intracelular, como que num filme em câmera lenta. Se ele estivesse aumentando, elas pareceriam diminuir. Morrison arregalou os olhos: elas estavam diminuindo.

Seria a morte? Ou ele estaria apenas imaginando? Pareciam agora estar aumentando. Cresciam como balões, inchavam! Então era ele que estava ficando menor! Seria reduzido até o tamanho de uma partícula subatômica e arremessado, à velocidade da luz, para explodir a meio caminho da Lua? Morrer no vácuo, sem ter tempo de saber que estava no vácuo? Não! As moléculas agora estavam diminuindo de novo...

Morrison fechou os olhos e tomou um fôlego profundo. Achou que estava ficando maluco. Ou talvez aquilo fosse o primeiro sintoma de um cérebro danificado. Se fosse, preferia a morte. Melhor morrer que continuar com o corpo vivo e um cérebro morto.

Talvez as moléculas estivessem apenas pulsando. Mas por quê?

Pense, Morrison, pense! Você é um cientista! Encontre a explicação!

Por que é que as moléculas estão pulsando? Era fácil entender a razão pela qual o campo podia ficar mais fraco: a tendência que tinha para miniaturizar o meio ambiente. Mas o que o faria tornarse mais forte? Para isso, o campo teria que absorver energia. Mas de onde? Das moléculas a seu redor? Tinham mais energia térmica aleatória por volume do que ele, porque estavam numa temperatura mais alta. Em circunstâncias normais, o calor deveria fluir do ambiente para o escafandro, fazendo com que em pouco tempo ele próprio ficasse à temperatura do sangue e morresse devido à própria incapacidade para se livrar do calor acumulado, como quase acontecera da primeira vez que saíra da nave.

Mas não se tratava apenas da intensidade da energia térmica de seu corpo. Havia também a energia do campo de miniaturização. E, quando entrava em contato ocasional com as moléculas de água, a energia que ele absorvia não se apresentava em forma de calor, mas em forma de intensificação do campo. Com o campo mais intenso, ele, Morrison, encolhia.

Aquilo devia acontecer sempre, todas as vezes que um objeto miniaturizado estivesse em contato com objetos normais de temperatura mais alta. A energia sempre fluía do ambiente para o objeto reduzido em forma de calor ou de intensificação do campo. E, certamente, quanto menor o objeto, quanto mais intensa fosse a miniaturização, tanto mais tenderia a ser o campo, e não o objeto, o receptor daquela energia.

Provavelmente a nave também estivera pulsando, aumentando e diminuindo o tempo todo, mas tão pouco que fora impossível notar.

Ainda assim, devia ser aquela a razão pela qual movimento browniano não se intensificara tanto quanto era de se esperar e também o ar condicionado funcionara sem maiores problemas. Em ambos os casos, o campo de miniaturização formava como que uma almofada protetora.

Mas ele, sozinho na célula, estava muito menor que a nave, tinha massa menor, de forma que, em seu caso, o fluxo de energia se dava mais em forma de miniaturização que de calor.

Morrison cerrou os punhos. Largou o computador e não se importou.

Os outros sem dúvida sabiam de tudo aquilo, principalmente Natália e Konev. Podiam ter-lhe explicado mas, outra vez, deixaram que ele enfrentasse o perigo sem saber de nada.

Agora compreendia o que estava acontecendo, mas que vantagem podia obter do conhecimento?

Fechou os olhos e abriu-os de novo, de repente. Não havia dúvida, as moléculas estavam pulsando. Podia realmente ver acontecendo, não era apenas a certeza de que elas, num ritmo irregular, davam energia para o campo e pareciam aumentar, e tornavam a receber energia, diminuindo em relação a ele. Continuou observando o ritmo hipnótico e percebeu que estava dizendo para si próprio mentalmente:

"maior, menor, maior, menor, maior, menor".

Pensou também que havia um limite para a expansão das moléculas que, na verdade, apenas refletia a redução de seu próprio corpo.

Como a energia de que dispunham era limitada, porque seu conteúdo estava a uma temperatura também limitada, depois de certo ponto elas não conseguiam mais intensificar a miniaturização. Mas elas, por outro lado, podiam roubar dele quantidades grandes de energia e, quando roubassem o bastante, o que sobrasse dele ia diminuir mais e mais rapidamente, até que explodisse.

Quando visse as moléculas aumentando, portanto, ele podia saber que estava diminuindo e podia se sentir seguro. Diminuiria até certo ponto, mas não passaria dele. Mas a situação oposta significava perigo.

Se visse as moléculas encolhendo de forma contínua, até ficarem pequenas demais para que ele as enxergasse, teria a certeza de estar a caminho da desminiaturização espontânea.

"Maior, menor, maior, menor, menor... Parem de encolher!"

Elas voltaram a se expandir e ele respirou aliviado. O processo se repetia eternamente e, a cada diminuição, ele prendia o fôlego, à espera do aumento correspondente. Pareciam estar brincando com ele, mas ele sabia que não fazia muita diferença. Se repetissem um milhão de vezes os gestos aparentes de levá-lo à beira da destruição e salvá-lo, ainda assim nada daquilo faria muita diferença. Mais cedo ou mais tarde a reserva de ar terminaria e ele morreria lentamente por asfixia.

A morte súbita seria, com certeza, muito melhor.

SOPHIA DEU um grito agudo. Foi a primeira a perceber o que acontecera e se engasgou com as próprias palavras:

— Ele está solto! Ele está solto!

Natália não conseguiu conter a pergunta absurda:

— Quem está solto?

— Como é que você ainda pergunta, Natália? — A moça olhou para ela com os olhos arregalados. — O Albert está solto!

A outra olhou sem expressão para a parte do casco onde Morrison devia estar:

— Que foi que houve?

Dezhnev respondeu com voz rouca:

— Não tenho bem certeza. Passamos por uma curva muito fechada.

O Albert, do lado de fora, deve ter desequilibrado a nave. Tentei manobrar para nos afastar da... daquela coisa, seja lá o que for, mas a nave não respondeu direito ao comando.

— Um orgânulo macromolecular fixo — disse Konev, levantando o rosto, que havia baixado e coberto com as duas mãos. — Foi isso que o raspou do casco. Temos que voltar até lá. Pode ser que ele esteja com a informação que queremos.

A esta altura, Natália já tinha absorvido o que ocorrera. Ejetou o cinto e se levantou num só movimento:

— Informação, Yuri? É com isso que você está preocupado? Informações?

Sabe o que é que vai acontecer agora? O campo de miniaturização do Albert está isolado e ele está do tamanho de um átomo.

As chances de entrar em desminiaturização espontânea que ele tem são no mínimo umas cinqu?enta vezes maiores do que as nossas. Se demorar o bastante, não vai ser mais o caso de chances: vai ser certeza!

Com informação ou sem informação, temos que ir buscá-lo. Se ele desminiaturizar, mata o Shapirov e nos mata juntos!

— As motivações não vêm ao caso — retrucou Konev. — Nós dois o queremos de volta. As razões são secundárias.

— Ele não podia ter saído! — disse Sophia. — Eu sabia que não estava certo.

— Agora já aconteceu — resmungou Natália. — E vamos trabalhar, Arkady!

— Já estou tentando. Não precisa ensinar macaco a comer banana.

— Não estou lhe ensinando nada, seu burro! Estou lhe dando uma ordem! Faça a Volta. Para trás, para trás!

— Não — disse Dezhnev. — Este burro aqui vai lhe ensinar que o que você está querendo é ridículo. Você quer que eu faça uma curva de cento e oitenta graus? Quer que eu navegue contra a corrente?

— Se nós ficarmos parados — disse ela —, a corrente vai trazer o Albert até nós.

— Ele ficou preso em alguma coisa. Não vai ser trazido pela corrente, nunca. O que eu tenho que fazer é ir para o outro lado do dendrito e deixar que a corrente contrária nos leve de volta.

Natália pôs as mãos na cabeça:

— Peço desculpas por tê-lo chamado de burro, Arkady. Mas se voltarmos pela outra corrente não vamos conseguir encontrá-lo.

— Não temos escolha — disse Dezhnev. — Não temos energia suficiente para navegar contra esta corrente em que estamos.

Konev interveio, parecendo exausto mas de boa vontade:

— Deixe o Arkady fazer o que ele quer. Nós não vamos perder o Albert.

— Como é que você sabe?

— Porque estou ouvindo o Albert, ou melhor, estou sentindo o Albert. Melhor ainda, estou sentindo os pensamentos de Shapirov através do computador do Albert, que está no interior da célula, sem isolamento nenhum.

Ficaram todos em silêncio por alguns momentos, até que Natália, espantada, perguntou:

— Você ainda está sentindo alguma coisa?

— Claro! Naquela direção — apontou Konev.

— Como é que você consegue localizar a direção?

— Não sei direito. Só sinto. Está naquela direção.

Natália voltou-se para Dezhnev:

— Faça o que você sugeriu, Arkady.

— Já estou fazendo, Natasha, independente do que você disser.

Você pode ser a comandante, mas o piloto sou eu e estou com a morte pela frente, O que é que eu tenho a perder? Como dizia o meu velho pai: “Se você estiver agarrado a uma corda num abismo, não tente segurar a moeda que cair do seu bolso”. Seria melhor se eu tivesse um mecanismo de direção de verdade, em lugar de três motores fora de esquadro.

Natália tinha parado de prestar atenção a ele. Estava olhando atenta para a escuridão de fora, como se fosse possível enxergar alguma coisa. Dirigiu-se a Konev:

— O que é que você está ouvindo, Yuri? O que é que Shapirov está pensando?

— Nada no momento. É só uma espécie de ruído. Angústia.

Sophia disse baixo, como se estivesse falando sozinha:

— Será que uma parte da mente de Shapirov sabe que ele está em coma? Será que essa parte se sente aprisionada e quer se libertar?

Aprisionada como o Albert, como nós mesmos.

Natália respondeu em voz elevada:

— Nós não estamos aprisionados, Sophia! Podemos nos mover e vamos encontrar o Albert. Vamos sair deste corpo! Entendeu, Sophia?

— Apertou o ombro da moça com força.

Sophia respondeu com uma careta de dor:

— Por favor! Entendi.

A outra voltou à conversa com Konev:

— Só isso? Só angústia?

— Mas é muito forte. — Voltou-se para ela, curioso. — Você não está sentindo nada?

— Nada.

— Está tão forte... Mais forte do que tudo que eu senti quando o Albert estava aqui dentro. Foi uma boa coisa ele ter saído.

— Mas você não consegue captar nenhum pensamento? Nenhuma palavra.

— Talvez eu esteja longe demais, ou talvez ele não tenha focalizado a máquina direito. Você não está sentindo nada, mesmo?

Natália fez que não com a cabeça, de maneira firme, e voltou o olhar para Sophia. A moça respondeu baixinho, esfregando o ombro:

— Não sinto nada.

Dezhnev também respondeu, contrariado:

— Eu nunca recebo essas mensagens misteriosas.

— Você captou “Hawking”, O Albert sugeriu que pode haver diferentes tipos de cérebros, como acontece com o sangue, e que o dele e o meu talvez sejam do mesmo tipo. Pode ser que ele esteja certo.

— De que direção vem a sensação? — Natália quis saber.

— Dali — Konev desta vez apontou numa direção muito mais para a proa. — Você está numa curva, não está, Arkady?

— Estou. E já estou bem perto da turbulência entre as duas correntes, o que eu estou pensando em fazer é penetrar só um pouquinho na corrente contrária, para que ela nos leve de volta, mas não muito depressa.

— Ótimo — disse Natália. — Não podemos perder o Albert. Você consegue avaliar a intensidade, Yuri? Está aumentando?

— Está, sim! — Konev pareceu se surpreender, como se só tivesse notado o aumento depois da pergunta.

— Você acha que pode ser só imaginação?

— Pode ser... Não chegamos mais perto dele, na verdade. Só fizemos uma curva. É quase como se ele é que estivesse chegando mais perto.

— Talvez ele tenha se livrado da coisa a que estava preso, ou a própria corrente o tenha arrastado. Neste caso, se estamos forçando a nave em uma curva, praticamente sem sair do lugar, pode ser que ele chegue até nós com a corrente.

— Pode ser.

— Yuri! — Natália gritou com veemência. — Concentre-se só na sensação. Mostre ao Arkady o tempo todo a direção, ou seja, fique com o braço apontado para o Albert permanentemente. Arkady, quando estivermos chegando perto, você vai ter que voltar para a primeira corrente e se aproximar dele o máximo que conseguir.

Quando ele e a nave estiverem lado a lado, não vai ser difícil, com os seus motores.

— Não vai ser difícil para quem não estiver controlando os motores... — resmungou o rapaz.

— Difícil ou fácil — fuzilou Natália, com as formidáveis sobrancelhas quase unidas, de tão cerradas —, faça o que estou dizendo.

Caso contrário... Não! Não há caso contrário. Faça!

Dezhnev moveu os lábios mas acabou não dizendo nada. A nave ficou de novo em silêncio, a não ser para Konev, cuja mente continuava “ouvindo” a forte sensação para a qual os outros continuavam surdos.

KONEV CONTINUAVA de pé, voltado para a direção de onde lhe parecia vir a sensação. De repente, disse baixo:

— Está mais forte, com certeza. — E, logo em seguida: — Eu estou quase captando palavras. Se ele chegasse mais perto. Seu rosto contorceu-se cada vez mais, como se ele estivesse forçando a mente a separar à força as palavras da emoção. Manteve o dedo apontando rigidamente. De repente disse: — Arkady,

comece a curva para voltar à turbulência e fique pronto para entrar de novo na primeira corrente.

Depressa! Não deixe ele passar por nós!

— Tão depressa quanto esses motores deixarem — resmungou Dezhnev. Acrescentou, em seguida, em voz ainda baixa: — Se eu pudesse manobrar esta nave por mágica, como vocês fazem para ouvir as tais vozes.

— Vá direto para a membrana! — Konev gritou, ignorando o que ele estava dizendo.

Foi Sophia quem viu a luz primeiro:

— Ele está ali! Aquela é a luz do capacete.

— Não preciso nem olhar — Konev disse para Natália, — O barulho é como ode uma erupção do vulcão Kamchatka.

— Só ruído, Yuri? Nenhuma palavra ainda?

— Medo. Medo incoerente.

— Se você estivesse preso a um corpo em coma também se sentiria assim — disse Natália. — Mas por que será que ele tomou consciência disso agora? Antes nós captamos palavras e até imagens tranqu?ilas e bonitas.

Foi Dezhnev quem respondeu, ofegante de excitação com a caçada.

Estivera prendendo a respiração sem perceber:

— Pode ter sido alguma coisa que fizemos com a nave. Podemos ter sacudido alguma coisa do cérebro dele.

— Estamos pequenos demais — disse Konev com desprezo. — Desse tamanho não somos capazes nem de sacudir nada de importante dentro de uma célula.

— Estamos chegando perto dele! — Dezhnev gritou.

— Sophia — disse Natália —, você consegue detectar o padrão elétrico do Albert?

— Muito fraquinho...

— Jogue toda a intensidade num padrão complementar para nós.

Quero que ele fique bem preso ao casco.

— Ele está parecendo meio grande, Natália.

— Ele deve estar pulsando, com certeza. Quando você o prender ao casco, ele vai entrar no nosso campo de miniaturização e o tamanho vai ficar normal. Depressa, Sophia!

Os quatro sentiram um pequeno tranco quando Morrison, puxado eletronicamente, colou-se ao casco da nave.

CAPÍTULO 16

A MORTE

Fica escuro toda vez que o Sol se põe, nunca se deixe surpreender por isso.

Dezhnev (pai)

MORRISON NÃO conseguia se lembrar de nada entre um pouco antes e um pouco depois de sua volta à nave. Por mais que se esforçasse não conseguia recordar a aproximação, nem a passagem para dentro da nave, nem a retirada do escafandro plástico.

O máximo que conseguia era a lembrança do desespero e da solidão enquanto estivera esperando pela explosão e pela morte. Mais adiante, lembrava-se do rosto preocupado de Sophia inclinando-se sobre o seu. Entre as duas imagens, nada.

Mas será que aquilo já não havia acontecido antes? Os dois incidentes, ligados apenas pela imagem de Sophia a acariciá-lo, tinham horas a separá-los mas pareciam um só para ele. Falou com voz fraca e rouca, quase ininteligível, em inglês:

— Estamos na direção certa?

Sophia hesitou antes de responder, também em inglês, com uma pronúncia razoável:

— Estamos, Albert, mas isso foi há muito tempo, quando estávamos ainda no capilar. Você voltou e tornou a sair. Agora estamos num neurônio, lembra?

Morrison franzju a testa. Do que é que ela estava falando? Aos poucos, aos arrancos, a memória foi voltando. Finalmente perguntou, em russo desta vez:

— Como foi que vocês me acharam?

Konev respondeu:

— Eu senti, com muita intensidade, as ondas de pensamento do Shapirov, através da sua máquina.

— Meu computador! Ele está OK?

— Ficou o tempo todo amarrado a seus pulsos. Você captou algum pensamento?

— Pensamento? — Morrison olhou tonto para o soviético. — Que pensamento? Que bobagem você está dizendo?

A impaciência de Konev era visível, mas ele mordeu os lábios e se controlou:

— Eu captei com clareza as ondas de Shapirov, através de seu programa, mas não consegui distinguir palavras nem imagens.

— E o que foi que você captou, então?

— Angústia.

Natália entrou na conversa:

— Ninguém mais sentiu algo, mas ficou claro para nós que o que o Yuri descreveu foi a angústia de uma mente consciente de estar prisioneira de um estado de coma, consciente de estar aprisionada.

Você conseguiu captar alguma coisa mais específica?

— Não. — Morrison ergueu o rosto e percebeu que estava quase deitado, ocupando duas cadeiras e com a cabeça repousando no vão do braço de Sophia. Viu também que estava outra vez com o uniforme de algodão. Tentou erguer o corpo. — Alguém me dê um pouco d'água, por favor. — Bebeu avidamente e acrescentou: — Não me lembro de ter ouvido ou sentido coisa nenhuma. Na situação em que eu estava...

Konev interrompeu com raiva:

— Que é que a sua situação tem a ver com isso? O seu computador estava transmitindo informações. Eu as captei a uma distância considerável. Você vai querer nos dizer que não sentiu nada?

— Eu tinha outras coisas para me preocupar, Yuri. Estava perdido e tinha certeza de que ia morrer. Naquela situação, não consegui pensar em mais nada.

— Eu não acredito, Albert! Não minta!

— Não estou mentindo. Doutora Boranova — conseguiu dar à voz o tom formal que queria —, exijo ser tratado com cortesia.

— Não faça acusações, Yuri — disse ela, de forma peremptória.

— Se você tem o que perguntar, apenas pergunte.

— Está bem — disse Konev. — Então digamos o seguinte: eu senti uma emoção muito forte, apesar de estar a uma distância enorme do instrumento, pela nossa escala. Você, Albert, estava em cima dele, e ele está afinado com o seu cérebro. Nossos cérebros são do mesmo tipo, ao que parece, mas não são idênticos. Você é mais sensível ao computador que eu. Como é que eu posso ter sentido tanto e como é que você pode dizer que não sentiu nada?

Morrison respondeu cansado:

— Você acha que eu estava com vontade ou tempo de sentir alguma coisa? Fui arrancado da nave. Estava sozinho, isolado, abandonado!

— Eu sei disso, mas para sentir não é preciso fazer nenhum esforço especial. As sensações deviam ter inundado sua mente, fosse lá o que fosse que estivesse acontecendo.

— Mas a verdade é que não captei nenhuma sensação. Só o que havia em minha mente era a consciência de que estava sozinho e de que ia morrer. Como é que você não consegue entender? Achei que ia esquentar até morrer, como da outra vez. — Uma dúvida repentina tomou conta dele e Morrison se voltou para Sophia: — Foram duas vezes, não foram?

— Foram, Albert — disse ela, baixinho.

— De repente percebi que não estava esquentando. Em vez disso, tive a impressão de que estava aumentando e diminuindo. Pulsando.

Estava metido em um processo qualquer de transferência de energia de miniaturização em lugar de calor. Isto é possível, Natália?

Ela hesitou um pouco mas respondeu:

— Esse efeito é uma consequ?.ncia natural das leis que regem a miniaturização. Nunca tinham sido testado na prática, mas parece que você conseguiu comprová-las lá fora.

— Tive a impressão de que o tamanho das coisas a meu redor oscilava, pulsando, que as moléculas de água aumentavam e diminuíam, e me pareceu mais lógico que fosse eu que estivesse oscilando, e não todo o resto.

— Você estava certo e seu relato é muito importante. Pode-se até dizer que toda a confusão valeu a pena, afinal.

Konev indignou-se:

— Albert, você está dizendo que estava perfeitamente lúcido e capaz de pensar logicamente, enquanto estava lá fora. Vai querer que eu acredite que não captou nada?

Morrison também irritou-se e elevou a voz:

— Você não consegue entender, seu maníaco, que foram esses pensamentos lúcidos e lógicos, como você os chamou, que encheram minha mente, sem deixar espaço para mais nada? Eu estava completamente apavorado! A cada contração das moléculas eu esperava que elas fossem continuar se contraindo, o que na verdade significaria que eu estava expandindo continuamente, ou seja, que eu ia entrar em desminiaturização espontânea, explodir e morrer!

Eu não estava nem um pouco interessado em ondas de pensamento!

Se alguma tivesse aparecido, eu provavelmente a teria ignorado. E a verdade é essa!

Konev torceu o rosto numa expressão de desprezo:

— Se eu tivesse uma missão importante a cumprir, mesmo que eu estivesse diante de um pelotão de fuzilamento estaria me concentrando no trabalho até que eles puxassem os gatilhos.

— Como costumava dizer o meu pai — resmungou Dezhnev —, “qualquer um é capaz de caçar um urso sem medo nenhum, desde que o urso não esteja por perto”.

Konev voltou-se furioso:

— Já estou de saco cheio do seu pai, seu bêbado!

— Repita isso quando estivermos de volta à Gruta, em segurança, que eu vou lhe mostrar como é que é quando o urso está por perto.

— Chega, Yuri! — Natália interveio. — Nem mais uma palavra!

O que é que você está querendo? Brigar com todo mundo?

— O que eu estou querendo, Natália, é fazer o meu trabalho! O Albert vai ter que sair de novo.

— Não — disse Morrison. — Nunca mais!

Dezhnev, os olhos fixos em Konev, com expressão que ninguém ousaria chamar de amigável, tornou a resmungar:

— Acabamos de ouvir um herói soviético. Ele tem que acabar o trabalho dele, portanto o Albert que saia outra vez.

— O Dezhnev tem razão, Yuri — disse Natália. — Você acabou de dizer que nem um pelotão de fuzilamento seria capaz de interromper sua missão. Saia, então; o Albert já saiu duas vezes.

— A máquina é dele! Está afinada pelo cérebro dele!

— Eu sei — concordou ela. — Mas vocês têm o mesmo tipo de cérebro, como você mesmo disse. Não há dúvida de que você captou as ondas céticas quando ele estava perdido na corrente intracelular, e a uma distância bem grande. Com a máquina em suas mãos, do lado de fora, você vai conseguir informações por si próprio, o que é muito mais interessante para nós. De que vai servir a percepção mais acurada do Albert, se você mesmo se recusa a acreditar no que ele diz?

Quatro pares de olhos estavam fixos em Konev. Até Sophia, embora disfarçando, mantinha nele os belos olhos, ocultos pelos cílios longos. Morrison pigarreou e disse:

— Acho que urinei um pouco dentro do escafandro. Um pouquinho só. Não foi grande coisa. Sempre há um preço a pagar pelo terror da morte.

— Eu sei — disse Natália. — Já sequei e limpei o melhor que pude. Mas não vai ser obstáculo para Yuri. Um pouco de resíduo de urina alheia com certeza não vai ser capaz de atrapalhar a dedicação ao dever de um homem como ele.

— Detesto esse tipo de sarcasmo grosseiro — disse Konev —, mas está bem. Vou sair. Vocês acharam que eu estava com medo?

Só achei, e continuo achando, que o Albert é o melhor receptor.

Mas sou o segundo melhor, com certeza, e, já que ele não vai mesmo, eu vou, desde que...

— Desde que o urso não esteja lá, Yuri, meu herói? — Dezhnev sorriu.

— Não, seu bêbado burro. Desde que eu fique preso firmemente ao casco. O Albert se soltou porque estava mal preso, porque a pessoa responsável por isso fez um péssimo trabalho. Quero que, comigo, o trabalho seja bem-feito.

Sophia continuou olhando para as pontas dos dedos e falou, sem se dirigir a ninguém em particular:

— O Albert deve ter esbarrado em alguma estrutura com um padrão exatamente oposto ao dele. As chances de que isso aconteça são muito pequenas. Mesmo assim, vou fazer o que puder para criar padrões exóticos, tanto para a nave quanto para o escafandro. Vou reduzir a possibilidade de outro acidente ao máximo.

Konev fez que sim com a cabeça:

— Aceito — disse para Natália. Em seguida voltou-se para Morrison:

— Você disse que não há transferência de calor?

— Eu não senti nenhuma. Só a oscilação de tamanho.

— Então não vou me dar ao trabalho de tirar o uniforme.

— Que fique claro, Yuri — disse Natália —, que você não vai demorar lá fora. Não podemos ficar arriscando a desminiaturização o resto da vida.

— Está claro — disse Konev, enquanto Morrison o ajudava a vestir o escafandro.

MORRISON FICOU observando Konev através do casco transparente.

Das duas vezes anteriores, a situação fora a inversa: ficara olhando de fora. E da última nem tivera para onde olhar. Sentiu-se um pouco despeitado com a compostura do soviético, que não se dignava a olhar para dentro. Segurava o computador com as duas mãos, fazendo os ajustes de aproximação e foco que Morrison lhe ensinara às pressas. Parecia totalmente concentrado no trabalho. Seria realmente tão corajoso? Seria capaz de continuar concentrado, mesmo que

fosse arrancado da nave, como acontecera com ele? Morrison ficou envergonhado.

Procurou com o olhar os outros tripulantes. Dezhnev continuava atento aos controles. Tinha que ficar perto da membrana celular, embora ele próprio tivesse sugerido situar a nave na turbulência, entre as duas correntes, porque ali, quase sem deslocamento, provavelmente flutuando em um círculo lento, não haveria perigo de se repetir o acidente que Morrison sofrera. Mas Konev havia vetado a sugestão imediatamente. Era ao longo da membrana que as ondas céticas corriam e era perto delas que Konev queria ficar.

Dezhnev tinha sugerido também virar a nave de cabeça para baixo.

No interior da célula, cabeça para baixo ou para cima, não fazia a menor diferença; era como no espaço cósmico. Mas, na posição sugerida, a escotilha ficaria do lado oposto da nave, o que deveria evitar que Konev esbarrasse em alguma estrutura da membrana esquelética.

Mas também essa sugestão só conseguira provocar irritação em Konev, que argumentara que as estruturas podiam estar em qualquer lugar da célula e, além disto, não queria todo o volume da nave entre ele e as ondas.

Assim, lá estava ele do jeito que queria, e Dezhnev, concentrado em seus controles, assobiava baixinho. Natália também estava atenta a seus instrumentos, embora lançasse vez por outra um olhar pensativo para Konev. Sophia estava irrequieta. Era a única palavra para descrevê-la, pensou Morrison. Os olhos da moça procuravam Konev a todo instante, apenas para se desviarem logo em seguida.

Natália falou de repente:

— Albert, o instrumento é seu. Você acha que o Yuri está conseguindo trabalhar com ele? Será que ele está captando alguma coisa?

Morrison deu um sorrisinho furtivo:

— Eu o deixei todo ajustado. Não há muito para o Yuri fazer. O foco eu o ensinei a operar. Mas, mesmo assim, Natália, eu sei que ele não está captando nada.

— Como é que você sabe?

— Se ele estivesse sentindo qualquer coisa, eu também estaria, da mesma forma que aconteceu com ele quando eu estava lá na corrente.

E não estou sentindo nada, absolutamente nada.

— Mas como é que pode? — Natália pareceu surpresa. — Se ele sentiu quando o computador estava com você, por que será que não sente agora, que tem a máquina nas mãos?

— Pode ser que as condições sejam outras. Pense na tal angústia que Konev disse ter detectado através da passagem da minha máquina para minha mente. Isso não se parece em nada com as imagens anteriores do cérebro de Shapirov.

— Eu sei. Era quase romântico, antes: pastagens, equações matemáticas.

— Pode ser que a parte viva do cérebro de Shapirov, se é que ela é capaz de consciência, tenha acabado de tomar conhecimento do estado de coma. Pode ter acontecido há pouco, há uma hora, mais ou menos...

— Mas por que há uma hora? É muita coincidência acontecer uma coisa dessas justamente quando estamos dentro do cérebro.

— Talvez nossa própria presença tenha estimulado o cérebro, e o conhecimento seja resultado desse estímulo. Talvez seja mesmo coincidência.

A coisa mais estranha a respeito das coincidências é que elas acontecem mesmo. E pode ser que, depois da angústia resultante do conhecimento, ainda há pouco, ele tenha caído numa apatia silenciosa.

Natália não pareceu convencida:

— Não consigo acreditar nisso. Você acha mesmo que o Yuri não está captando nada?

— Nada importante, posso garantir.

— Talvez fosse melhor chamá-lo de volta.

— Eu chamaria, Natália, se fosse você. Para não conseguir nada, ele já teve bastante tempo. Já saiu há mais de dez minutos.

— E se ele estiver captando alguma coisa?

— Ele se recusará a voltar. Você conhece o Yuri.

— Bata no casco, Albert. E você quem está mais perto do rosto dele.

Morrison obedeceu e Konev voltou o rosto para dentro. Era difícil ver detalhes através do capacete mas, mesmo assim, notava-se a testa franzida. Natália mandou, através de gestos, que ele voltasse.

Ele hesitou um pouco, mas logo fez que sim com a cabeça.

— Está aí a prova, Natália — disse Morrison. Trouxeram-no para dentro e seu rosto estava congestionado e vermelho. Tomou um grande fôlego quando o capacete foi retirado:

— Opa! Está melhor, agora. Estava ficando meio quente lá fora.

Como fiquei preso ao casco, a oscilação de tamanho foi menor do que eu esperava. Deu para sentir a transferência de calor. Me ajudem a tirar o resto dessa armadura de plástico.

Natália agarrou-se a uma súbita e pequena esperança:

— Foi por isso que você concordou em voltar? O calor?

— A razão principal foi ele, sim.

— Você captou alguma coisa, Yuri?

Konev fez uma careta:

— Não. Nada, nada.

Morrison virou o rosto. Um músculo no lado direito do rosto tremeu um pouco, mas ele não chegou a sorrir.

— MUITO BEM, Natasha, minha querida comandante — disse Dezhnev, com um ar de jovialidade forçada. — O que é que fazemos agora? Alguma sugestão?

Não teve resposta, na verdade ninguém pareceu notar que ele tinha falado. Konev ainda estava tentando enxugar o peito e a nuca.

Seu olhar sombrio parecia soltar faíscas:

— Houve muitas transmissões, muito intensas, quando você estava lá fora.

— Você já disse isso — respondeu Morrison com frieza. — Mas eu já disse que não me lembro de nada.

— Talvez a diferença seja a pessoa que manuseia o aparelho.

— Não creio.

— A ciência não cuida de crenças, cuida de indícios. Por que não procuramos os indícios com você lá fora, segurando o computador do mesmo jeito que eu fiz? Nós garantimos que você vai ficar ligado ao casco com firmeza, sem perigo de se soltar de novo. E você fica só dez minutos, como eu fiz. Nem um minuto a mais.

— Não. Nós já tentamos isso e não deu certo.

— Mas eu captei os pensamentos de Shapirov, ainda que você diga que não sentiu nada.

— Você não captou nenhum pensamento dele. Captou só uma emoção. Nenhuma palavra.

— Porque você largou o instrumento. Você mesmo admitiu. Tente de novo, sem largar, desta vez.

— Não. Não vai dar certo.

— Você ficou com medo porque se perdeu da nave. Desta vez não vai se perder, como eu não me perdi. Não vai precisar ficar com medo.

— Você subestima a minha capacidade de ficar com medo, Yuri.

— Morrison sentiu um arrepio.

Konev ficou revoltado:

— Isto é hora para piadinhas?

— Não estou brincando. Fico apavorado com facilidade. Não tenho a sua...

— Coragem?

— OK. Se você faz questão, admito que não tenho muita coragem.

Konev voltou-se para Natália:

— Você é a comandante. Mande ele tentar de novo.

— Acho que não posso dar ordens ao Albert, nestas circunstâncias.

Como ele mesmo disse, de que adiantaria se nós quatro o fizéssemos vestir o escafandro à força e o empurrássemos para fora?

Se ele se sente incapaz de fazer qualquer coisa, não vai conseguir fazer mesmo. O que eu posso fazer é pedir. Albert!

— Economize a saliva, Natália.

— Só mais uma vez... Três minutos, contados no relógio. A não ser que você capte alguma coisa.

— Não vamos captar mais nada. Tenho certeza.

— Então, só três minutos... Para que você nos convença de todo...

— O que é que vai adiantar, Natália? Se eu não receber nada, o Yuri vai dizer que eu desregulei o computador de propósito. Sem confiança entre nós não vamos conseguir nada de qualquer jeito.

Que tal se eu adotasse a mesma atitude que ele: discordância é mentira!

Eu digo que não senti qualquer emoção ou pensamento quando estive abandonado na corrente intracelular. Ele diz que sentiu uma porção de coisas. Quem mais sentiu? Você, Natália?

— Não. Não senti nada.

— Sophia?

A moça sacudiu a cabeça.

— Arkady?

Dezhnev pareceu magoado de novo:

— Acho que não sou capaz de sentir grande coisa.

— Muito bem. O Yuri fica sozinho nisto, então. Como é que podemos ter certeza de que ele sentiu alguma coisa mesmo? Não vou ser tão grosseiro quanto ele. Não vou chamá-lo de mentiroso. Mas será que ele não pode desejar tanto sentir alguma coisa que acabe achando que sentiu?

O rosto de Konev ficou branco de raiva, mas a voz, embora tremesse um pouco, continuou fria:

— Vamos esquecer tudo isso. Já passamos horas dentro deste corpo. Só estou pedindo uma última experiência, uma última observação, que pode vir a justificar tudo o que já fizemos.

— Não — disse Morrison. — Roda de fogo? Já perdi dinheiro nisto antes!

— Albert — pediu Natália —, não vai haver nenhum acidente desta vez. Ë a última experiência...

— Vai ter que ser a última — disse Dezhnev. — A reserva de energia está baixa demais para o meu gosto. Achar você custou muito caro, Albert!

— Mas nós achamos! — Konev exclamou. — E sem ligarmos para o custo. — O rosto contorceu-se num sorriso feroz: — E você estaria lá até agora se eu não tivesse detectado a transmissão de sua máquina. A prova de que não foi só minha imaginação é você mesmo: você está aqui, não está? E, como o responsável sou eu, pague-me o favor!

As narinas de Morrison dilataram-se:

— Vocês voltaram para me pegar porque minha explosão mataria todo mundo em alguns minutos, no máximo! Por que é que eu devo ficar agradecido por vocês estarem ansiosos para salvar a própria...

Foi interrompido por uma violenta sacudidela da nave. Foi tão súbita que Konev, que estava em pé, teve que se agarrar às costas da cadeira para não cair.

— O que foi isto? — Natália quis saber, agarrando-se a seu próprio console em busca de equilíbrio.

Sofia debruçou-se sobre o computador:

— Só vi um relance. Com esta luz é difícil identificar, mas acho que foi um ribossomo.

— Um ribossomo! — Morrison repetiu, estupefato.

— E por que não? Eles estão em tudo que é canto das células.

São os orgânulos que produzem as proteínas.

— Eu sei o que eles são! — Morrison gritou, indignado.

— Ele nos deu uma trombada. Ou melhor, como nós é que estamos nos deslocando, demos uma trombada num deles. Não faz diferença.

Foi como uma dose tamanho-família de movimento browniano.

— É muito mais grave — disse Dezhnev, apontando para fora, horrorizado. — Não estamos mais sofrendo troca de energia em forma de calor. Entramos em oscilação de campo!

Morrison, em pânico, reconheceu, olhando para fora, o fenômeno que observara ao ficar abandonado: as moléculas de água aumentavam e diminuíam visivelmente.

— Pára! Pára! — Konev gritou.

— Eu estou tentando — Natália sussurrou, com os dentes cerrados.

— Arkady, corte os motores. Transfira toda a energia para mim. Desligue o ar-condicionado, as luzes, tudo! — Reclinou o corpo sobre a pequena luminosidade do computador.

Morrison não conseguia ver quase nada, a não ser aquela luminosidade e uma outra, que marcava o console de Sophia, a seu lado.

Na escuridão de uma célula, no interior de um cérebro, era impossível ver a oscilação. Mas nem por isso teve qualquer dúvida. A sensação de aperto na boca do estômago era a mesma de antes. Sabia que não eram as moléculas, afinal, que estavam oscilando. Era o campo de miniaturização, com tudo que o compunha, inclusive ele próprio.

Cada vez que a nave aumentava e as moléculas de água pareciam encolher, o campo convertia em calor um pouco de energia. Ele sentia como que um bafo de ar quente. Então Natália forçava mais energia para o campo, fazendo com que tudo diminuísse um pouco e o calor desaparecia. Por alguns momentos, Morrison acompanhou o ritmo da oscilação pela temperatura do próprio corpo.

De repente o ritmo aumentou. Ele entendeu que Natália não conseguia mais dar conta do trabalho. A desminiaturização espontânea estava avançando. Dentro de alguns segundos estariam todos mortos. Ele próprio, os outros e o

corpo de Shapirov, que os encerrava, acabariam numa explosão de vapor d'água e dióxido de carbono.

Morrison sentiu tonteira e achou que ia desmaiar. O seu medo fez com se antecipasse à morte por alguns segundos. Sua última emoção seria uma vergonha imensa.

OS SEGUNDOS continuaram passando e Morrison não desmaiou.

Mexeu-se um pouco na cadeira. Devia estar morto, não devia? Inevitavelmente, o pensamento seguinte foi sobre a possibilidade de existência de uma vida após a morte. Ele o descartou imediatamente.

Percebeu que alguém estava soluçando. Não ! Era apenas uma respiração ofegante.

Abriu os olhos — nem tivera consciência de que os havia fechado — e viu Sophia, a seu lado, na semi-escuridão. Como toda a energia disponível estava sendo desviada para a luta contra a desminiaturização, a moça estava iluminada apenas pelo brilho fraco de seu aparelho. Conseguiu distinguir a cabeça loira debruçada sobre o vídeo, os cabelos totalmente desalinhados e ouviu sua respiração, quase um assobio, pelos lábios entreabertos.

Olhou em volta, com um sentimento novo de esperança e de vida.

As oscilações da nave pareciam menos intensas e, enquanto ele observava, tudo começou a se estabilizar. Sophia parou de trabalhar, lentamente, com cuidado, e voltou para ele o rosto contorcido por um sorriso mais de dor que de alegria:

— Está pronto. — A voz saiu rouca e baixa.

As luzes da nave foram aumentando aos poucos, quase como se estivessem experimentando a volta, e Dezhnev soltou um fôlego gigantesco:

— Se é que eu não estou morto, espero viver ainda um pouco mais. Como disse uma vez o meu pai: "A vida seria insuportável se a morte não fosse pior ainda". Obrigado, Natasha. Vou pedir para que você seja a minha eterna comandante.

— Eu, não — respondeu ela, com um rosto que parecia ter envelhecido muito. Morrison não teria ficado surpreso se a visse cheia de cabelos brancos. —

Eu simplesmente não consegui energia suficiente para o campo. Foi alguma coisa que você fez, Sophia?

A moça estava de olhos fechados e seu busto ainda arfava com a respiração. Mexeu-se um pouco, parecendo relutante em responder, como se a única coisa que quisesse realmente fazer fosse saborear por algum tempo o fato de estar viva. Finalmente falou:

— Eu não sei... Pode ter sido.

— O que foi que você fez?

— Eu não consegui ficar parada, esperando a morte. Dei à nave o padrão de glicose-D e torci para que a célula fizesse seu trabalho normal e a forçasse a interagir com uma molécula de ATP, de adenosinatrifosfato.

Com isto, ganhamos um grupo fosfatado e energia.

Eu tinha esperança de que a energia viesse reforçar o campo de miniaturização.

Em seguida neutralizei o padrão e o grupo fosfatado se soltou. Voltei ao padrão de glicose-D, outro ganho de energia, neutro de novo, e assim por diante um milhão de vezes. — Parou um pouco para recobrar o fôlego. — Continuei fazendo a mesma coisa. Meus dedos estavam indo tão depressa que eu nem tinha certeza de que estava batendo as teclas certas. Mas devo ter acertado, e a nave recebeu energia suficiente para estabilizar o campo.

— Onde foi que você aprendeu isso? — Natália quis saber. — Nunca tinha ouvido falar em nada parecido.

— Nem eu — disse Sophia. — Hoje de manhã, antes do embarque, fiquei pensando no que seria possível fazer, eu ou outra pessoa qualquer, se a desminiaturização espontânea começasse. Sabia que iríamos precisar de energia mas, se a nave não tivesse o suficiente, a própria célula seria capaz de fornecê-la? Se fosse, teria que ser através do ATP, que existe em todas as células. Não sabia se daria certo ou não. Sabia que teria que gastar energia, alterando o padrão da nave, e sabia que podia acabar gastando mais do que recebesse do ATP. Ou então a energia do ATP podia simplesmente não fazer efeito contra a desminiaturização. Foi como jogar na loteria.

Dezhnev disse baixinho, como se falasse consigo mesmo:

— Como teria dito o meu pai: “Se você não tem nada a perder, aposte à vontade”. Voltou-se para ela, de repente, em voz alta: — Obrigado, Sophiazinha. De agora em diante, minha vida é toda sua.

Eu a sacrifico por você toda vez que for preciso. Vou mais longe ainda: posso até me casar com você, se você julgar conveniente.

— Uma oferta muito cavalheiresca — disse ela, com um sorriso sem brilho —, mas eu não exigiria tal sacrifício, Arkady. Basta você dar a vida por mim quando for preciso.

Natália já estava inteiramente recomposta:

— Isso vai constar, com todos os detalhes, do relatório final. Sua rapidez de raciocínio e de ação salvou tudo, todo o projeto.

Morrison estava sem condições de dizer qualquer coisa. Sentiu que estava quase chorando, sem saber bem por quê. Gratidão por estar vivo? Admiração pela moça? Tudo que conseguiu fazer foi pegar a mão dela, levá-la aos lábios e dar-lhe um beijo. Em seguida, depois de um vigoroso pigarro, falou com extraordinária humildade:

— Obrigado, Sophia.

Ela ficou encabulada, mas não retirou logo a mão:

— Podia não ter dado certo. Eu achei que não ia dar.

— Se desse errado — disse Dezhnev — a gente ia morrer do mesmo jeito.

Durante toda a conversa, só Yuri Konev se manteve em silêncio e Morrison voltou-se para ele. Viu-o sentado na posição de sempre, corpo ereto e cabeça virada para a frente. A cena trouxe-lhe de volta a voz e a raiva:

— E você, Yuri? O que é que você diz?

O outro deu uma rápida olhada por sobre o ombro:

— Nada.

— Nada? A Sophia salvou a expedição.

— Ela fez o trabalho dela — Konev sacudiu os ombros.

— O trabalho dela? Ela fez muito mais do que isso! — Morrison saltou para a frente e agarrou o outro pelo ombro. — Ela inventou a técnica que nos salvou. E, fazendo isso, salvou a sua vida, seu idiota!

Você só está vivo por causa dela! O mínimo que você pode fazer é agradecer!

— Eu faço o que eu quiser fazer — disse Konev, contorcendo o corpo até livrar o ombro do agarrão do americano.

As mãos de Morrison conseguiram encontrar o pescoço do outro:

— Seu bárbaro, egoísta miserável! — Começou a apertar com toda a força. — Você é apaixonado por ela à sua maneira doente, e não se dá ao trabalho de dizer uma só palavra! Nem uma palavrinha, seu pedaço de porcaria!

Konev tornou a se livrar e os dois começaram a trocar sopapos desajeitados.

As cadeiras, que não permitiam ficar completamente de pé, atrapalhavam e nenhum dos dois sabia brigar à gravidade zero.

Sophia gritou:

— Cuidado para não machucá-lo!

Ele não vai me machucar, pensou Morrison, continuando a distribuir bofetões com toda a energia. Desde os 16 anos de idade que não se via metido em uma luta corporal e, pensou envergonhado, também não tinha melhorado nada desde então.

A voz de Natália soou como um gongo:

— Parem com isso, você dois!

Pararam. Os dois.

— Albert, você não está aqui para dar lições de boas maneiras — disse ela. — E você, Yuri, não precisa se esforçar para agir como um cavalo. Parece que você já consegue quando age naturalmente.

Se não quer reconhecer que a Sophia...

Com um esforço visível, a própria Sophia interrompeu:

— Não estou pedindo agradecimentos. A ninguém...

— Agradecimentos? — Konev repetiu, ainda com raiva. — Vamos todos agradecer! Quando a desminiaturização começou, eu estava tentando fazer com que esse americano covarde nos agradecesse por termos salvo a sua vida. Não queria gratidão expressa em palavras.

Isto aqui não é um salão de bailes. Não queremos reverências e cortesias. Queria que ele mostrasse gratidão indo lá fora para tentar captar os pensamentos de Shapirov. E ele se recusou! Quem é ele para querer me ensinar a agradecer alguma coisa?

— Eu disse não ia, antes da desminiaturização, e torno a dizer agora: não vou!

Dezhnev interrompeu:

— Essa discussão já ficou meio acadêmica. Andamos consumindo energia como quem bebe vodca numa festa de casamento. Entre perseguições e desminiaturizações, gastamos tanto que o que sobrou mal vai dar para a desminiaturização sob controle. Está na hora de irmos embora.

— Mandar este homem lá para fora ficar alguns minutos e voltar quase não vai consumir energia. Aí, então, podemos ir embora. — Konev não desistiu.

Morrison e o soviético ficaram por alguns instantes trocando olhares furiosos. Dezhnev voltou a falar, numa voz que parecia ter perdido a vitalidade:

— O coitado do meu pai costumava dizer: “A expressão mais assustadora da língua russa é: que coisa estranha!”

Konev voltou-se para ele com raiva:

— Cale a boca, Arkady!

— Eu só disse isso porque acho que chegou minha vez de dizer:

“Que coisa estranha!”

NATÁLIA AFASTOU da testa a mecha de cabelo escuro. Molhado de suor, notou Morrison; ela parecia muito cansada.

— O que é estranho, Arkady? Vamos parar com as charadas?

— A corrente de matéria celular está mais lenta.

Depois de um longo silêncio, Natália. insistiu:

— Como é que você sabe?

— Natasha, querida — respondeu gravemente o rapaz —, se você estivesse na minha cadeira saberia que há fibras de todos os lados.

— A membrana esquelética — completou Morrison.

— Obrigado, Albert, filho meu. — Dezhnev fez um gesto largo e majestoso. — O meu pai costumava dizer: "Mais importante que saber o nome é conhecer a coisa". Mas não faz mal. A membrana esquelética não interrompe o fluxo nem o curso da nave, mas eu vejo os seus brilhos o tempo todo. Bom... os brilhos estão ficando para trás mais devagar, agora. Como sou obrigado a presumir que as fibras não se movem, também sou forçado a concluir que estamos indo mais devagar. E, como sei que não estou fazendo nada para reduzir nossa velocidade, concluo também que é o fluxo intracelular que está mais lento. Isto se chama lógica, Albert. Não precisa me ensinar nada a respeito disto.

Sophia falou baixinho, como que arrependida:

— Acho que danificamos a célula.

Morrison quis consolá-la:

— Mais uma célula, menos uma... Isso não vai fazer nenhum mal ao Shapirov, principalmente no estado em que ele está. Mas se a célula foi destruída eu não vou me surpreender. Afinal, imagino que vocês conduziram esta nave numa correria vertiginosa para me recolher de volta. Agradeço a vocês todos, mais uma vez, aliás.

Mas deve ter causado uma vibração infernal, que deve ter feito a célula inteira vibrar também.

Konev respondeu, com expressão totalmente fechada:

— Isto é ridículo. Estamos do tamanho de uma molécula, e das pequenas. Você acha que somos capazes de fazer qualquer coisa, por mais que nos movimentemos e agitemos, que vá danificar uma célula inteira?

— Não há por que especularmos, Yuri — disse Morrison, — Estamos falando de um fato. A corrente intracelular está parando e isso não é normal.

— Para começar, isso foi uma impressão do Arkady e ele não é nenhum neurologista.

— É preciso ser neurologista para enxergar bem? — Dezhnev perguntou irritado, erguendo um braço como que se preparando para bater no outro.

Konev olhou-o de lado e ignorou a pergunta:

— Além disso, como podemos saber o que é e o que não é anormal numa célula, observando-a do nível em que estamos? Pode haver remansos na corrente e, portanto, mesmo o fato que estamos observando ser um fenômeno apenas temporário.

— Você está chovendo no molhado, Yuri — disse Morrison. — A verdade é que não podemos tirar mais nada que preste desta célula e não temos mais energia para tentar uma outra qualquer.

O soviético mordeu os lábios:

— Tem que haver alguma coisa que possamos fazer! Não podemos desistir!

— Natália — disse Morrison —, a decisão é sua. Adianta alguma coisa continuar investigando esta célula? Temos alguma possibilidade de passar para outra?

Natália ergueu a mão e abaixou a cabeça, em reflexão. Os outros a acompanharam com o olhar e Konev aproveitou para agarrar Morrison pelo braço e trazê-lo para perto de si. Seus olhos transbordavam hostilidade. Sussurrou com raiva:

— Como é que você pode achar que eu estou apaixonado por...

— Indicou Sophia com um gesto da cabeça. — O que lhe dá o direito de dizer uma coisa dessas? Responda!

Morrison olhou-o sem nenhuma expressão. Foi Natália quem falou, mas não em resposta à perguntas do americano. Perguntou, com voz mansa:

— Arkady, o que você está fazendo?

Dezhnev, debruçado sobre o console, levantou a cabeça para responder:

— Estou refazendo a fiação. Estou tentando restabelecer o contato com a Gruta.

— Eu mandei você fazer isto?

— Foi a necessidade quem mandou.

— Já lhe passou pela cabeça que não vai mais ser possível manobrar a nave? — Konev quis saber.

O outro respondeu, com uma careta irônica:

— E já lhe passou pela cabeça que talvez não seja mais preciso manobrar?

— Qual foi a necessidade que lhe deu a ordem, Arkady? — Natália perguntou, cheia de paciência.

— Acho que não é só esta célula que está mal. A temperatura do lado de fora está baixando. Devagar mas constantemente.

— Pelos seus cálculos? — Konev cuspiu a pergunta.

— Não. Pelos cálculos da nave. Pelo reflexo da radiação infravermelha que estamos recebendo.

— Isso não quer dizer nada — disse Konev. — No tamanho em que estamos recebemos pouquíssimos fótons infravermelhos. O nível tem mesmo é que variar.

Dezhnev concordou com a cabeça e replicou:

— Assim, não é? — Agitou as mãos para cima e para baixo muito rapidamente. — Só que ele pode subir e descer como um barquinho num mar de furacão e, ainda assim, baixar cada vez mais na média.

— Foi baixando mais e mais as mãos, ainda sacudidas furiosamente.

Natália tornou a falar com ele:

— E por que é que a temperatura está baixando?

Morrison deu um sorriso amargo:

— Que é isso, Natália? Eu acho que você sabe. Eu sei que o Yuri sabe. O Arkady tem que confirmar e foi por isso que a necessidade mandou que ele restabelecesse a comunicação.

Caiu um silêncio desagradável, só quebrado pelos gemidos e rosnados de Dezhnev empenhado em reconstituir a fiação original.

O americano olhou para o exterior da nave, visível outra vez, ainda que de forma insatisfatória, agora que as luzes tinham sido religadas.

Lá estavam os brilhos irregulares das moléculas, grandes e pequenos que os acompanhavam. Depois do que dissera Dezhnev, era fácil notar os reflexos luminosos ao longo de linhas que se desenrolavam perpendiculares à direção da nave, e que ficavam para trás muito rapidamente.

Eram fibras finíssimas de colagênio, sem dúvida, e serviam para preservar o formato irregular do neurônio, impedindo que ele se fechasse numa forma vagamente esférica, tangido por sua própria tensão superficial. Se tivesse prestado mais atenção, pensou Morrison, teria percebido aquelas fibras antes. Ocorreu-lhe que Dezhnev, na função de piloto, tinha sido forçado a ficar atento a tudo e, nas condições da viagem, totalmente sem precedentes, o rapaz não tivera guias, mapas, nem mesmo experiência prévia em seu auxílio.

Não havia dúvida: a tarefa de Dezhnev o tinha submetido a uma tensão muito maior do que os outros podiam imaginar. Ele próprio, Morrison, tinha julgado que Arkady recebera a missão mais fácil de todas. Não tinham sido justos com ele, pensou.

Dezhnev conseguiu se livrar dos fios e sentou-se normalmente.

Colocou um fone no ouvido e falou:

— Acho que consegui religar nosso contato. Alô, Gruta! Alô! Alô, Gruta! — Abriu um sorriso largo: — Está. Está tudo bem. Até aqui estamos bem. Como é que vão as coisas aí fora? O quê?! Repita, por favor, devagar. Está bem. Eu achei que era isso. — Voltouse para os colegas: — Camaradas, o acadêmico Pyotor Leonovich Shapirov morreu. Há treze minutos, cessaram todos os sinais vitais.

Nossa missão agora é deixar o corpo.

CAPÍTULO 17

A SAÍDA

Se sair de complicações fosse tão fácil quanto se meter nelas, a vida seria uma delícia.

Dezhnev (pai)

UM SILÊNCIO pesado tomou conta do interior da nave. Sophia mergulhou o rosto nas mãos espalmadas e sussurrou:

— Você tem certeza, Arkady?

Dezhnev piscou várias vezes, para evitar as lágrimas, antes de responder:

— Certeza? O homem já estava à beira da morte há semanas. O fluxo celular está cada vez mais lento, a temperatura está caindo. E o pessoal da Gruta, que ligou nele todos os instrumentos que já foram inventados, diz que ele morreu. O que é que você quer que eu responda?

— Coitado do Shapirov — suspirou Natália. — Ele merecia uma morte melhor.

— Ele podia ter agu?entado mais uma hora, pelo menos — disse Konev.

— A escolha não foi dele, Yuri — retrucou ela, de cenho franzido.

Morrison sentiu-se mal. Até ali, tinha estado consciente de glóbulos vermelhos, da paisagem específica da região intercelular ou do interior do neurônio. Agora olhava para fora, através do casco transparente, e o que via, pela primeira vez, lhe parecia uma sucessão interminável de camadas de matéria. Naquela escala, com a nave reduzida às dimensões de uma molécula de glicose e seu próprio corpo às de um átomo, o corpo de Shapirov estava maior que o planeta Terra.

E ali estava ele, sepultado num objeto de matéria orgânica morta de dimensões planetárias. Impacientou-se com a pausa que os outros fizeram para lamentações. Falou com voz provavelmente mais alta do que .desejava:

— E como é que vamos sair daqui?

Natália o encarou, surpresa, de olhos arregalados. Ele teve certeza de que, na sua dor, a mulher havia momentaneamente esquecido a necessidade de sair. Ela pigarreou e fez um esforço visível para retomar seu ar de executiva:

— Para começar temos que desminiaturizar um pouco.

— Por que "para começar"? Por que não desminiaturizamos de uma vez até o tamanho normal? — E acrescentou rápido, para se antecipar à objeção inevitável: — Vamos danificar o corpo de Shapirov, eu sei, mas é só um corpo morto e nós estamos vivos. Nossas necessidades têm prioridade.

Sophia respondeu com ar de repreensão:

— Albert, um corpo, ainda que morto, merece respeito. Principalmente o cadáver de um grande cientista como o acadêmico Pyotor Shapirov.

— Certo, Sophia, mas não a ponto de arriscarmos nossas vidas.

— A impaciência ia aumentando. Conhecera Shapirov apenas superficialmente.

Não era para ele o semideus que parecia ser para os outros.

Dezhnev entrou na discussão:

— Sem contar com a questão do respeito, estamos envolvidos pelo crânio dele. Se aumentarmos até o ponto de termos que arrebentar a caixa craniana com nosso campo, vamos perder energia demais e desminiaturizar de forma e explosiva. Temos que encontrar a saída do crânio.

— O Albert tem razão — disse Natália. — Vamos começar. Eu vou desminiaturizar até o tamanho de uma célula. Arkady, peça ao pessoal da Gruta para determinar nossa posição exata. Yuri, garanta a marcação precisa da posição em sua cerebrografia.

Morrison procurou com o olhar a distante membrana da célula.

Era um brilho mais intenso e mais contínuo, visível em meio aos brilhos ocasionais das moléculas. O primeiro sinal de que estavam desminiaturizando foi o encolhimento destas. Morrison tentou mas não conseguiu achar outra palavra para descrever o que viu: "encolhimento".

Foi como se as pequenas bolhas que preenchiam todo o espaço em redor deles, que ele reconstituía na mente a partir dos brilhos, mais do que via, propriamente, estivessem encolhendo. Podiam perfeitamente passar por balões de borracha de que alguém estivesse deixando o ar escapar. O ambiente passou a ficar relativamente homogêneo.

Enquanto o líquido em que estava a nave se tornava mais regular, as grandes macromoléculas a distância — proteínas, ácidos nucleicos, estruturas celulares ainda maiores — encolhiam também e, com isso, se tornavam mais nítidas. Os reflexos em suas superfícies ficaram mais próximos entre si. A própria membrana parecia estar se aproximando e podia ser vista com mais nitidez. Continuou se aproximando, chegando mais e mais perto. A nave, afinal, estava num estreito dendrito que se projetava da parte principal da célula e, para chegar até o tamanho da própria célula, teria muito que crescer ainda.

Ficou claro que a membrana iria colidir com eles e Morrison automaticamente cerrou os dentes e retesou o corpo, preparandose para o choque. Só que não houve nenhum choque. A membrana continuou se aproximando até que, de repente, deixou de existir. Era uma estrutura fina e frágil demais para resistir às consequ?.ncias do contato com o campo de miniaturização. Embora em processo de desminiaturização, a nave ainda estava muito, muito mais reduzida que os objetos do mundo normal, e as moléculas da membrana, ao entrar no campo e serem também reduzidas, perderam o contato umas com as outras. O conjunto simplesmente desintegrou-se.

Depois daquilo, Morrison começou a observar fascinado tudo o que acontecia. O ambiente parecia caótico mas, à medida que os objetos continuavam diminuindo, ele começou a reconhecer a "floresta"

de colagênio que tinham encontrado antes de penetrar no neurônio Ela também continuou encolhendo até que os grossos troncos e galhos ficaram parecendo apenas um emaranhado de barbantes.

— Pronto — disse Natália. — Ainda vamos ter que caber em alguma veia bem pequena.

— Teríamos que parar de qualquer maneira, você querendo ou não — resmungou Dezhnev. — Não temos grande coisa na reserva de energia.

— Vai ser o suficiente para acharmos um caminho para fora do crânio, tenho certeza.

— Vamos torcer para dar certo — disse Dezhnev. — Mas você é só a comandante da nave, Natália. Não é a comandante das leis da termodinâmica.

Ela sacudiu a cabeça, com ar de reprovação, e ordenou:

— Arkady, faça com que eles determinem nossa posição, em vez de me dar sermões.

Konev dirigiu-se a ela:

— Estou certo de que não é tão importante assim saber nossa posição.

Ela não pode ser diferente do que era quando saímos do capilar, pelo menos não em termos mensuráveis. Todas as nossas aventuras desde então só nos levaram a um neurônio próximo e dele a seu vizinho. A diferença de posição, mesmo na escala de um microscópio, não vai poder ser medida.

Depois de alguns minutos, Dezhnev recebeu a posição:

— Eu não disse? — Konev insistiu.

Morrison quis saber:

— Que é que adianta saber a posição, Yuri? Não sabemos para que direção estamos voltados e só podemos ir mesmo em frente...

Para poder restabelecer a comunicação tornou a integrar os três motores; não podemos mais dirigir.

— Bom, já que só podemos seguir numa direção, vamos seguir nesta direção Tenho certeza de que o pai do Arkady disse alguma coisa que se aplique a esta situação.

— Ele costumava dizer: "Quando só há uma coisa a fazer, a escolha pelo menos não é difícil".

— Viu? — disse Konev. — E você vai ver que, seja qual for a direção, vamos achar a saída. Vamos em frente, Arkady!

A nave lançou-se para a frente, destruindo os agora frágeis fios de colágênio; passou por dentro de um neurônio e cortou ao meio um axônio. Era difícil acreditar que tinham estado, havia pouco, no interior de um tubo como aquele, que mais parecia uma rodovia de cem quilômetros de largura. Morrison perguntou, de forma seca:

— Se o Shapirov ainda estivesse vivo quando chegasse nossa hora de abandonar o corpo... Como faríamos?

— Como assim? — Natália perguntou.

— Qual a alternativa para isto que estamos fazendo? Não teríamos que determinar nossa posição, do mesmo jeito? E, para isso, não seria preciso restabelecer a comunicação com a Gruta? E isto não nos levaria a seguir só para a frente? Não seríamos obrigados a desminiaturizar, para viajar só alguns quilômetros, em vez de dezenas de milhares? Em outras palavras, para podermos sair, não teríamos que abrir caminho à força entre os neurônios vivos de um Shapirov vivo, como estamos fazendo através de neurônios mortos ou moribundos?

— Bom... — disse Natália. — Você tem razão.

— E onde e que ia ficar o respeito por um corpo vivo? Afinal, chegamos a perder tempo discutindo a violação de um cadáver!

— Você tem que entender, Albert, que isto é uma operação de emergência com uma nave inadequada. Não tivemos escolha. E, de qualquer jeito, não é a mesma coisa que aquela sua sugestão de arrebentarmos o crânio e deixarmos o Shapirov sem cabeça. Nossa rota, se ele estivesse vivo, destruiria uma dúzia de neurônios, uma centena deles, talvez, o que não pioraria o estado dele de forma considerável. Há neurônios morrendo no cérebro durante a vida toda, como os glóbulos vermelhos no sangue!

— Não é a mesma coisa. Os eritrócitos são continuamente repostos.

Os neurônios, nunca.

Konev interrompeu, em voz muito alta, como se quisesse demonstrar sua impaciência com a conversa fiada dos outros:

— Pare, Arkady. Quero outra verificação de posição.

Todos fizeram imediato silêncio, que se prolongou como se qualquer ruído pudesse atrapalhar as medidas que estavam sendo feitas pelos homens da Gruta, ou fosse capaz de distraí-los de sua concentração.

Finalmente, Dezhnev sussurrou as coordenadas para Konev, que comandou:

— Confirme, Arkady; certifique-se de que é isto mesmo.

Morrison ejetou o cinto. Continuava virtualmente sem massa, mas já podia sentir que tinha muito mais do que tivera quando estava manobrando dentro da célula. Ergueu o corpo com cuidado até conseguir ver a cerebrografia por cima do ombro de Konev.

Viu dois pontos vermelhos, ligados por uma linha fina também vermelha. O mapa exibido pela tela condensou-se um pouco, fazendo com que os dois pontos se aproximassem um do outro, e em seguida tornou a detalhar mais, de um ângulo diferente.

Os dedos de Konev mantinham-se ocupados com as teclas. O mapa ficou ininteligível, como se a imagem tivesse saído de foco.

Morrison sabia, no entanto, que Konev estava olhando através de um dispositivo especial, que lhe permitia ver uma imagem estereoscópica, tridimensional.

Konev largou o instrumento e falou:

— Natália, desta vez a sorte está do nosso lado. Onde quer que estivéssemos e fosse qual fosse nossa direção, mais cedo ou mais tarde teríamos que encontrar uma pequena veia. Neste caso, vai ser mais cedo. Não está longe de nós e vamos esbarrar nela num ângulo que vai facilitar nossa entrada.

Morrison disfarçou um suspiro de alívio, mas não deixou de dizer:

— E o que é que você faria se o destino decidisse que a veia tinha de estar muito longe?

— Eu mandaria o Deshnev desmanchar de novo o sistema de comunicação e dirigir a nave para mais perto.

Mas Dezhnev, virado sobre o encosto da cadeira, na direção de Morrison, enunciou sem som, apenas com os movimentos dos lábios:

— Não ia ter energia.

— Vá em frente, Arkady — comandou Natália, com autoridade.

— Vamos a essa veia.

Depois de alguns minutos, Dezhnev falou alto:

— O mapa do Yuri está certo, coisa em que eu não teria apostado meu dinheiro. Lá está ela!

Morrison viu-se frente a uma parede curva, que se estendia da nebulosidade de cima para a de baixo. Mal podia ver os traços mal definidos dos "ladrilhos". Se aquilo era uma veia, não estava muito distante dos capilares. Ele perguntou-se, ansioso, se a nave caberia naquilo.

—HÁ ALGUM JEITO, Sophia — perguntou Natália —, de você dar à nave um padrão elétrico que nos ajude a entrar?

A moça pareceu ficar em dúvida. Foi Morrison quem levantou a mão e falou:

— Acho que não, Natália. Cada célula pode ainda não estar morta de todo, mas com certeza a organização delas já foi destruída. Não acredito que alguma célula possa nos admitir, por pinocitose ou por qualquer outra forma.

— E o que é que eu faço? — Dezhnev pareceu descontente. — Entro à força?

— É claro — disse Konev. — Encoste na parede da veia. Um pedaço vai miniaturizar e desintegrar e nós entramos. Você não vai precisar de muito motor.

— Ah! Falou o especialista... A veia vai miniaturizar e desintegrar às custas do nosso campo, o que quer dizer: vamos gastar mais energia do que se entrarmos à força!

— Arkady, não fique zangado — pediu Natália. — Não é hora...

Dê um pouquinho de motor e tire vantagem do primeiro sinal de enfraquecimento da parede pela miniaturização. Usando as duas técnicas ao mesmo tempo podemos gastar menos energia do que com qualquer das duas em separado.

— Podemos torcer para que funcione assim — disse Dezhnev.

— Mas dizer que vai ser assim não dá nenhuma garantia de que vai ser. Quando eu era criancinha, meu pai me disse: "A veemência meu filho, não garante a verdade". Foi quando eu jurei, com toda a seriedade, que não fora eu quem quebrara o cachimbo dele.

Ele aí perguntou se eu tinha entendido. Eu disse que não e ele explicou direitinho, com todos os detalhes. E aí me deu uma bruta surra.

— Está bem, Arkady — disse Natália. — Mas agora vamos em frente.

— Não há perigo de inundarmos o cérebro de sangue — disse Konev. — Não faria mesmo diferença, com o Shapirov morto, mas o sangue já está parando. Não vai haver vazamento, praticamente.

— Ah! — Dezhnev exclamou. — Isto nos traz outro probleminha interessante. Normalmente, ao entrarmos numa veia, seríamos arrastados pelo sangue numa direção qualquer. Sem o fluxo sangu?.neo, tenho que usar os motores. Mas em que direção?

— Quando entrarmos, você vire à direita, de acordo com minha cerebrografia.

— Mas, sem corrente, o que é que eu faço se entrarmos à esquerda?

— Arkady, você vai entrar em curva à direita. É a minha cerebrografia que está dizendo. Continue indo em frente, está bem?

— Vá em frente, Arkady — disse Natália. — Não temos escolha.

Temos que confiar na cerebrografia.

A nave seguiu e, quando a proa tocou a parede da veia, Morrison sentiu a leve vibração dos motores sendo acionados. A parede simplesmente abriu caminho e a nave penetrou. Dezhnev cortou completamente os motores. A velocidade diminuiu muito e a nave ricocheteou na parede oposta, tão levemente que Morrison não conseguiu detectar nenhuma destruição, e se acomodou numa posição paralela ao eixo maior do enorme túnel. Sua largura ocupava mais que a metade do diâmetro do vaso sangu?.neo.

— Muito bem — disse Dezhnev. — Estamos na direção certa? Se não estivermos, também não podemos fazer nada. Não posso dar marcha a ré. A veia é fina demais para o Albert sair e nos virar a braço e não temos energia suficiente para mais miniaturização.

— Você está virado na direção certa — disse Konev com seriedade.

— Acelere que, logo, logo, você vai ver. O vaso só vai se alargar daqui para a frente.

— Esperemos que sim. E, se for mesmo assim, há quanto tempo de viagem até podermos ser removidos?

— Ainda não sei — respondeu Konev. — Tenho que identificar bem a veia em minha cerebrografia, consultar o pessoal da Gruta e combinar a inserção de uma agulha hipodérmica o mais perto que for possível do ponto em que vamos emergir do crânio.

— Posso explicar que não podemos continuar o resto da vida?

Com as miniaturizações e desminiaturizações, com as manobras de eficiência baixíssima, com os capilares errados, com as buscas (quando o Albert se perdeu), usamos muito mais energia do que tínhamos planejado. Trouxemos muito mais do que parecia necessário mas, mesmo assim, já gastamos quase tudo.

— Você quer dizer que estamos sem reserva? — Natália perguntou.

— Quase. Eu já não venho dizendo isto há algum tempo? Já não avisei que estávamos com pouca reserva?

— Mas quanto temos ainda? Você está querendo dizer que não temos o suficiente para sair do crânio?

— Normalmente teríamos de sobra, mesmo aqui onde estamos.

Se estivéssemos numa veia viva, poderíamos contar com a corrente para nos levar. Mas não há corrente. O Shapirov morreu, o coração dele está parado. Quer dizer que vou ter que abrir caminho pela corrente sangu?.nea parada, com os motores ligados, e, quanto mais fria ela ficar, maior vai ser a viscosidade, mais motor eu vou ter que usar e mais energia vai ser gasta.

— Só temos que navegar alguns centímetros — disse Konev.

Dezhnev enfureceu-se:

— Só uns pouquinhos? Menos que a palma da minha mão? É mesmo? Na escala em que estamos, são quilômetros!

— Será que não devíamos desminiaturizar mais? — Morrison sugeriu — Não podemos! — Dezhnev estava quase gritando. — Não temos energia. A desminiaturização descontrolada não gasta energia.

Ela libera energia. Mas a desminiaturização sob controle... Olhe!

Albert, se você pular da janela de um andar alto, não vai precisar fazer nenhum esforço para chegar ao chão. Mas se você quiser fazer a mesma coisa e continuar vivo, com o auxílio de uma corda, vai ter que fazer uma força desgraçada! Entendeu?

— Entendi — resmungou Morrison.

A mão de Sophia procurou a e a apertou. Ela falou baixinho:

— Não ligue para o Dezhnev. Resmunga, reclama, mas vai nos tirar daqui.

— Arkady — disse Natália —, se a veemência não garante a verdade, como você acabou de nos ensinar, também não garante uma cabeça fria nem uma solução. Muito pelo contrário... Por que é que você não continua a nos levar pela veia? Quem sabe não vai durar até encontrarmos a agulha?

Dezhnev fez uma careta antes de responder:

— É isto que eu estou fazendo. Mas, se você quer que eu mantenha a cabeça fria, me deixe liberar um pouco de calor, de vez em quando.

A nave voltou a se mover e Morrison pensou: cada metro que andarmos é um metro a menos que falta para chegarmos à agulha.

Corno consolo, não foi um pensam dos mais sensatos. Tanto fazia perder a agulha por pouca ou por muita distância. Seria fatal do mesmo jeito. Mas ajudou-o a reduzir o ritmo das batidas cardíacas, enquanto manteve o olhar na parede, que deslizava rapidamente para trás.

Os glóbulos vermelhos e as plaquetas pareciam em maior número agora do que antes, quando a nave entrara pelas artérias e capilares.

Naquela ocasião, havia fluxo sangu?.neo e relativamente poucos objetos deixavam-se ver acompanhando a nave. Agora os vários corpos estavam quase parados, e a nave parecia ultrapassar quantidades sem conta, afastando-os para todos os lados e deixando-os para trás em sua esteira.

Morrison viu passar até algumas células brancas, grandes, globulares e indolentes. Agora, no entanto, ficavam totalmente apáticas à passagem rápida de um corpo estranho. A nave chegou até mesmo a atravessar uma delas, deixando-a dilacerada e inerte.

— Estamos na direção certa — disse Konev. — A veia está visivelmente mais larga.

Estava mesmo. Morrison já tinha notado, mas não absorvera o significado. Estivera concentrado demais na necessidade de continuar em movimento. Começou a sentir um pouco de esperança. Se estivessem errados na direção, o desastre seria completo. A veia se estreitaria até que eles a arrebentassem e fossem parar, perdidos, num oceano de matéria cinzenta, talvez sem o combustível necessário para encontrar outra veia qualquer.

Konev começou a anotar alguma coisa que Dezhnev estava ditando.

Fosse o que fosse, ele aprovou com a cabeça:

— Peça a eles para confirmarem, Arkady. Ótimo! — Trabalhou um pouco com a cerebrografia e falou para todos: — Escutem! Eles sabem em que veia nós estamos e vão inserir uma agulha hipodérmica, num ponto pré-determinado por mim na cerebrogafia. Vamos chegar lá daqui a mais ou menos meia hora. A energia agu?enta meia hora, Arkady?

— Mais para menos que para mais. Se o coração estivesse ba tendo...

— Eu sei, mas não está. — Voltou-se para Natália. — Você pode me passar todos os seus registros do que captamos do processo mental de Shapirov? Vou transmitir tudo, do jeito que está, para a Gruta.

— Você quer dizer — disse ela —, para o caso de não conseguirmos sair?

— Exatamente. Foi atrás deste material que nós viemos, e não vejo razão para perdê-lo, caso aconteça alguma coisa conosco.

— Você está certíssimo, Yuri — disse Natália.

— Desde que o material tenha algum valor... — A voz tornouse raivosa e ele lançou um olhar agressivo para Morrison. Konev debruçou-se sobre Dezhnev e os dois juntos começaram a transmitir eletronicamente as informações, de computador a computador, da minúscula máquina de bordo para a máquina enorme da Gruta, da veia para o mundo lá de fora.

Sophia ainda estava de mãos dadas com Morrison; talvez tentando consolar a si própria tanto quanto a ele, pensou o americano.

Voltou-se para ela e perguntou baixinho:

— O que acontece, Sophia, se a energia acabar antes de chegarmos à agulha?

A moça levantou as sobrancelhas:

— Vamos ter que ficar onde estivermos, passivamente. O pessoal da Gruta vai tentar nos encontrar, seja onde for.

— Será que não vamos desminiaturizar de forma explosiva no momento em que a energia acabar?

— Não. Não. A miniaturização é um estado metaestável. Nós lhe explicamos, você não lembra? Eventualmente, num momento qualquer, esse movimento pseudo-browniano, aleatório, de expansão e contração, vai acabar disparando a desminiaturização espontânea.

Mas isso pode levar até... Quem sabe?

— Anos?

— É possível.

— Não vai ajudar em nada. Morreremos asfixiados antes disso, é claro. Sem energia não poderemos reciclar o suprimento de ar.

— Eu disse que o pessoal da Gruta vai tentar nos encontrar. Nossos computadores vão continuar funcionando e eles vão poder operar, cortar a veia e nos achar, eletrônica ou até visualmente.

— Como é que se pode achar uma célula entre cinqu?enta trilhões?

Sophia acariciou sua mão:

— Você está ficando pessimista, Albert. Nós somos uma célula muito fácil de achar Estamos transmitindo.

— Acho que vou me sentir melhor se encontrarmos a tal agulha e eles não tiverem que nos procurar.

— Eu também. Só estou lhe dizendo que, se a energia acabar antes de chegarmos à agulha, não vai ser o fim do mundo.

— E o que acontece se nós a encontrarmos?

— Seremos recolhidos e as fontes de energia da Gruta vão tratar de nossa desminiaturização.

— Eles não podiam fazer isso logo?

— Estamos cercados por uma quantidade imensa de material normal, próximo demais. Seria quase impossível focalizar o campo de desminiaturização com precisão suficiente. Quando estivermos lá fora, visíveis para eles, vai ser completamente diferente.

A voz de Dezhnev os interrompeu:

— Já transmitimos tudo, Yuri?

— Já. Tudo.

— Então tenho que cumprir o dever de energia para mais cinco minutos. Talvez um pouco menos, mas cm certeza nem um pouquinho a mais.

MORRISON, A MÃO de Sophia ainda presa à dele, cerrou os punhos com tal força que a moça fez uma careta de dor.

— Desculpe, Sophia.

Soltou a mão e ela a esfregou vigorosamente com a outra.

— Onde é que estamos, Yuri? — Natália quis saber. — Vai dar para chegar até a agulha?

— Acho que sim. Vá devagar, Arkady. Economize energia.

— Não. Acredite em mim. À velocidade em que estamos, vamos atravessando o sangue com relativamente pouca turbulência, graças ao desenho e às características da superfície da nave. Se eu diminuir, a turbulência aumenta e há desperdício de energia.

— Mas não podemos passar da agulha — argumentou Konev.

— E não vamos. Quando você pedir para cortar os motores, paramos imediatamente, por causa da viscosidade do sangue. Quanto mais devagar, mais turbulência, o que diminui ainda mais a velocidade. Em dez segundos estaríamos imóveis. Se estivéssemos com massa e inércia normais uma parada dessas nos achataria contra a proa.

— Então pare quando eu avisar.

Morrison estava de pé outra vez, olhando por sobre o ombro de Konev. Achou que a cerebrografia devia estar em uma aproximação enorme, talvez até fosse a máxima. A linha vermelha, que marcava por cálculos o deslocamento da nave, agora estava grossa e se aproximava de um pequeno círculo verde, que ele imaginou representar a posição da agulha hipodérmica.

Mas aquilo não passava do resultado de cálculos e projeções. Podia haver algum desvio em relação à trajetória real. Konev alternava permanentemente a direção do olhar, dividindo a atenção entre o vídeo e a visão da proa da nave.

— Devíamos ter procurado uma artéria — disse Morrison de repente.

— Elas ficam vazias depois da morte. Não teríamos que gastar energia com toda essa viscosidade e turbulência.

— Idéia inútil — disse Konev. — A nave não pode navegar em ar. — Pareceu disposto a continuar a discussão, mas de repente re tesou todo o corpo e gritou: — Pare, Arkady! Pare!

Dezhnev golpeou um comando com força, com a palma da mão.

Morrison sentiu o corpo inclinar-se ligeiramente para a frente, enquanto a nave perdia velocidade e parava quase instantaneamente.

Konev apontou. Havia um grande círculo à frente deles, brilhando com uma luz alaranjada.

— Estão usando fibras óticas para iluminar a ponta. Bem que eles disseram que eu ia ver de qualquer maneira.

— Mas nós não chegamos lá ainda — disse Morrison, tenso. — Estamos vendo mas não chegamos lá. Para entrarmos vamos ter que manobrar o que quer dizer que o Dezhnev vai ter que cortar as comunicações de novo.

— Não vai adiantar nada — disse o rapaz. — A reserva ainda deve dar para uns quarenta e cinco segundos, mas é claro que não vai dar para pôr a nave em movimento. Estamos presos no fluido e não podemos nos mexer.

— E então... a voz de Morrison saiu esganiçada, quase como se fosse chorar.

— E então — disse Konev —, há outro tipo de movimento que pode ser feito. Do outro lado daquela agulha há uma inteligência.

Diga a eles para empurrarem bem devagar, Arkady.

O círculo alaranjado aumentou lentamente, tornando-se ligeiramente elíptico.

— Vai passar por nós! — gritou Morrison, Konev não lhe deu resposta. Debruçou-se sobre o corpo de Dezhnev para poder falar diretamente no transmissor. A luz ficou, por alguns instantes, visivelmente mais elíptica, mas parou a um berro de Konev. Tornou a ficar quase circular e começou a se aproximar na direção correta.

De repente tudo começou a se movimentar. As silhuetas dos glóbulos vermelhos e das raras plaquetas começaram a convergir para e através do círculo. A nave começou a segui-las.

Morrison acompanhou com os olhos a passagem do círculo luminoso ao redor de toda a nave, totalmente encaixada por ele. Continuou olhando e o viu diminuir rapidamente até sumir atrás deles.

Konev falou com satisfação:

— Fomos sugados. Agora é ficarmos quietos. Daqui para a frente é tudo por conta deles.

MORRISON ESFORÇOU-SE para parar de pensar, para fechar a mente.

Agora, ou seria levado de volta ao mundo normal, à realidade, ou morreria sem chegar a ter tempo de saber, e o resto do universo teria que continuar sem ele — o que, aliás, aconteceria de qualquer jeito, dentro de vinte, trinta ou quarenta anos.

Fechou com força os olhos e tentou não tomar consciência de nada, nem mesmo das batidas de seu coração. Houve um momento em que sentiu um leve toque na mão esquerda. Sophia, pensou. Retirou a própria mão, não com rapidez, como se a estivesse rejeitando, mas devagar e delicadamente, como se dissesse: “agora, não”.

Mais adiante ouviu a voz de Natália:

— Arkady, mande que eles evacuem o setor C. Que operem exclusivamente por controle remoto. Se nós formos embora, não há nenhuma razão para levarmos mais gente conosco.

Morrison perguntou-se se o setor C seria mesmo evacuado. Se ele estivesse no tal setor, seria o primeiro a deixá-lo correndo, com ou sem a ordem de evacuação, mas sempre haveria aqueles lunáticos, ansiosos para estar presentes quando a primeira tripulação a ter explorado um corpo vivo retornasse em segurança. Para terem o que contar aos netos, pensou.

O que acontece com gente assim, continuou a desenvolver o pensamento, quando acaba não tendo netos? Quando morrem antes de conhecê-los, quando os filhos resolvem não procriar, quando... Estava vagamente cônscio de se agarrar intencionalmente a bobagens e banalidades. Não era possível parar completamente de pensar, principalmente para alguém como ele, que havia dedicado a vida exatamente às idéias, mas era fácil pensar apenas em coisas totalmente sem importância. Havia sempre, afinal, uma quantidade muito maior de banalidades a pensar do que coisas importantes. Muito mais trivialidades que coisas vitais, muito mais bobagens do que coisas sensatas, muito mais...

Talvez tenha dormido. Tentando lembrar-se, mais tarde, teve certeza de que adormecera. Parecia impossível tanto sangue-frio. Só que não se tratava de sangue-frio — era o cansaço, a liberação da tensão, o sentimento de que não tinha mais que tomar decisões, de que podia, finalmente, relaxar de todo. Ou talvez, embora ele mais tarde se recusasse a admitir tal coisa, tudo aquilo tinha sido demais para ele, e Morrison tenha simplesmente desmaiado.

VOLTOU A sentir um leve toque na mão esquerda, insistente dessa vez. Remexeu-se um pouco e abriu os olhos para o que lhe pareceu uma iluminação comum. Comum demais, até — estava doendo nos olhos. Piscou várias vezes e sentiu que eles lacrimejavam. Sophia estava de pé a seu lado:

— Acorde, Albert!

Esfregou os olhos, começou o ritual de tentar interpretar as coisas a seu redor.

— Voltamos?

— Voltamos. Está tudo bem. Estamos todos bem e esperando por você. É você que está mais perto da porta.

Morrison olhou para a porta aberta e começou a se levantar. Ergueu o corpo uns poucos centímetros e tornou a desabar:

— Eu estou pesado!

— Eu sei — disse Sophia. — Eu mesma estou me sentindo como um elefante. Levante devagarzinho. Eu ajudo.

— Não, não! Está tudo bem. — Evitou o auxílio da moça. Havia uma multidão na enfermaria. A visão já tinha se normalizado e ele podia ver filas e filas de rostos, sorridentes, olhando-o felizes. Todos cientistas soviéticos, pensou. Não queria que o vissem, o único americano presente, precisar da ajuda de uma jovem soviética para ficar de pé.

Devagar, como se estivesse bêbado, conseguiu se levantar, atravessar a porta e, com muito cuidado, descer os degraus da escadinha.

Meia dúzia de braços esticaram-se em sua direção, ignorando seus protestos de que estava bem, de que não precisava de ajuda alguma.

Abruptamente, parou:

— Esperem!

Antes de descer o último degrau, virou-se para trás, tentando enxergar por cima de Sophia, que começara a descer também.

— O que foi, Albert?

— Estou só dando uma última olhada nessa nave, porque não pretendo vê-la nunca mais! Nem a distância, nem em filme, nem em qualquer tipo de reprodução!

Finalmente, voltou ao chão normal seguido pelos outros. Verificou, com alívio, que todos precisaram de auxílio para descer a escada.

Tinha que haver alguma comemoração improvisada, mas foi Natália quem se adiantou, parecendo desarrumada e bem diferente da mulher calma e bem cuidada de sempre. O uniforme de algodão disfarçava muito pouco as linhas maduras de seu corpo.

— Companheiros de trabalho! — ela falou alto, para ser ouvida por todos. — Tenho certeza de que vão ser providenciadas cerimônias adequadas dentro de

pouco tempo, para marcar esta nossa viagem fantástica. Mas, por favor, não estamos em condições para uma cerimônia agora. Temos todos que descansar e recobrar as energias gastas, que foram muitas, e eu lhes peço este favor.

Todos começaram a gritar e a agitar freneticamente Os braços. Só Dezhnev teve bastante presença de espírito para aceitar um copo contendo um líquido incolor. Podia ser água ou vodca, mas Morri-Son não teve a menor dúvida sobre o que era — principalmente ao ver o sorriso largo do rapaz, depois de tomar um gole. O americano perguntou a Sophia:

— Quanto tempo ficamos na nave?

— Mais de onze horas, eu acho.

— Pareceram mais de onze anos — retrucou Morrison, balançando a cabeça.

— Eu sei — ela deu um sorrisinho. — Os relógios não têm imaginação.

— Isso é algum aforismo do pai do Dezhnev, Sophia?

— Não. Esse é meu, mesmo.

— O que eu quero agora é ir ao banheiro, um chuveiro, roupa limpa, um bom jantar, permissão para berrar e gritar e dormir a noite toda, Nesta ordem, acho, principalmente no que se refere ao banheiro.

— Você vai ter tudo isso. Nós todos vamos.

E REALMENTE tiveram. O jantar pareceu especialmente satisfatório para Morrison. Durante todo o tempo a bordo da nave, a tensão sufocara a fome, mas essas coisas só podem ser adiadas e o apetite se vingou assim que ele se sentiu seguro, confortável, limpo e vestido de verdade.

O prato principal era um ganso assado, de proporções gigantescas, que Dezhnev ia trinchando e servindo, sem parar de falar:

— Não exagerem, meus amigos, porque o meu pai costumava dizer: “Comer demais mata mais depressa que comer de menos” — Dito isto, serviu em seu próprio prato uma porção multo major que a dos outros Havia mais uma pessoa à mesa: um homem louro, muito alto, que fora apresentado como o comandante militar da Gruta, o que nem teria sido necessário: bastava olhar para sua farda e para a coleção de medalhas em seu peito. Os soviéticos

pareciam tratá-lo com extraordinária cortesia e, ao mesmo tempo, sentir extraordinário desconforto em sua presença.

Durante toda a refeição, Morrison sentiu a tensão voltar. O comandante o encarava com frequ?.ncia, sem sorrir, mas não falou diretamente com ele uma só vez. Na presença do militar, ele não quis fazer a pergunta, a que mais o interessava. Quando, finalmente livre do outro, teve a oportunidade de fazê-la, sentiu-se sonolento demais. Se a resposta conduzisse a complicações, ele não seria capaz de discutir direito.

Quando desabou, afinal, na cama, o último pensamento semiconsciente de Morrison foi: vai haver complicações.

O CAFÉ DA MANHÃ foi servido tarde e Morrison só viu dois lugares à mesa. Só Natália veio lhe fazer companhia. Ficou um pouco desapontado, já que esperava a presença de Sophia Kaliinin. Como a moça não veio, Morrison também não perguntou por ela. Havia muitas outras perguntas a fazer.

Natália parecia cansada, como se não tivesse dormido o bastante, mas também parecia feliz. Ou talvez, pensou Morrison, "feliz" fosse uma palavra forte demais. Parecia satisfeita, então.

— Conversei muito com o comandante ontem à noite — disse ela.

— Ele teve uma conversa por videofone com Moscou. Tudo cuidadosamente confidencial. O próprio camarada Rashchin falou comigo, e estava contentíssimo. Ele não é muito expansivo, mas me disse que acompanhou tudo ontem e, durante o tempo em que ficamos sem comunicação com o mundo aqui de fora, não foi capaz de comer nem de qualquer outra coisa. Ficou o tempo todo andando de um lado para o outro. Talvez ele tenha exagerado um pouco. Ele disse que até chorou de alegria quando ouviu que estávamos todos bem, e nisso eu acredito. Esses homens fechadões acabam ficando emotivos quando quebram as barreiras.

— Tudo isso parece muito bom para você, Natália.

— Para todo o projeto! Você sabe que o cronograma provisório com que estávamos trabalhando não previa uma viagem para o interior de um corpo humano vivo para os próximos cinco anos. Fazer o que fizemos, com uma nave grosseiramente inadequada, e sairmos vivos foi visto como uma grande vitória.

Até os burocratas de Moscou compreenderam as dificuldades que tivemos de enfrentar.

— Mas não tenho certeza de que conseguimos chegar ao nosso objetivo.

— Os pensamentos do Shapirov? Isto, é claro, era um sonho do Yuri. No final das contas foi ótimo que ele nos convencesse a perseguir seu sonho. Sem ele nunca teríamos arriscado a viagem. E, se o sonho não deu certo, isto não diminui o nosso feito. Se não conseguíssemos voltar vivos, pode ter certeza, haveria críticas sem fim à nossa “aventura”. Do jeito como as coisas aconteceram, fomos os primeiros a entrar num corpo humano vivo e a voltar com vida.

Uma façanha pioneira dos soviéticos, que ficará na História para sempre. Anos vão se passar antes que algum outro soviético consiga fazer alto semelhante. Nossos líderes têm plena consciência disso e estão satisfeitíssimos, As verbas para nosso projeto estão garantidas por muito tempo, eu acho, desde que consigamos fazer alguma coisa espetacular de vez em quando.

Exibiu um sorriso largo e Morrison a acompanhou com um sorrisinho bem-educado. O americano cortou um pedaço da omelete de presunto que tinha pedido e perguntou:

— Será que teria sido diplomático enfatizar que um dos membros da tribulação era americano? Eu fui mencionado?

— Que é isso, Albert? Não nos julgue tão mal! Sua façanha de virar a nave à força, com risco da própria vida, foi mencionada com ênfase!

— E a morte do Shapirov? Não vão nos culpar por ela?

— A morte foi vista como inevitável. Era mais que sabido que ele só se mantinha vivo às custas dos métodos científicos mais modernos.

Duvido que a morte dele vá constar como fato relevante nos relatórios.

— Bom. Seja como for, acabou o pesadelo.

— Pesadelo? Deixe disso... Daqui a um ou dois meses você vai recordar tudo isto como um episódio fascinante de sua vida e vai ter orgulho de ter participado.

— Não sei, não.

— Você vai ver. Ao saber ou participar de outras viagens como a nossa, vai dizer para todo mundo: “Ah, mas eu fiz parte da primeira!”

Você nunca vai se cansar de contar a história a seus netos!

A deixa é esta, pensou Morrison.

— Estou vendo que, para você, a hipótese de que eu vá conhecer meus netos é uma certeza. O que é que vai acontecer comigo depois desta refeição, Natália?

— Sair da Gruta, voltar para o hotel.

— Não é isto, Natália. Eu quero mais: o que é que vai acontecer depois? Quero avisá-la: se o projeto de miniaturização se tornar de conhecimento público e se houver uma parada comemorativa na Praça Vermelha, eu não quero estar presente.

— Paradas estão fora de cogitação, Albert. Ainda falta muito para que tudo isso possa se tornar público, embora falte muito menos agora do que faltava anteontem.

— Então vamos falar sem meias medidas. Quero voltar para os Estados Unidos. Já.

— Claro! Assim que for possível. Imagino que seu governo vá nos pressionar um pouco.

— Espero que sim — disse ele secamente.

— Eles não iam querer você de volta antes de ter tido uma chance de nos ajudar. — Ela olhou com toda a seriedade dentro dos olhos de Morrison. — Ou, do ponto de vista deles, de nos espionar. Mas agora que você já fez a sua parte... Garanto que eles de alguma maneira já estão sabendo... Eles vão exigir você de volta.

— E vocês vão me mandar de volta, Vocês me prometeram não sei quantas vezes.

— Vamos cumprir nossa promessa.

— E não precisam se preocupar com minha espionagem. Não vi nada que vocês não tenham deixado que eu visse.

— Eu sei. Mas, quando estiver de volta a seu país, você acha que eles não vão interrogá-lo exaustivamente?

Morrison deu de ombros:

— Vocês sabiam disso antes de me trazerem para cá.

— Certo. E isso não vai impedir que o mandemos de volta. Você, com certeza, não contará nada que eles já não saibam. Eles fuçam e farejam tudo que fazemos com grande dedicação e competência.

— Da mesma forma que vocês fazem conosco. — Morrison indignou-se um pouco.

— Sem dúvida — retrucou Natália, com um gesto de indiferença.

— É claro que você vai contar que fomos bem-sucedidos, mas não nos incomodamos com isso. Até hoje os americanos teimam em achar que a ciência e a tecnologia soviéticas são de segunda categoria.

Dar-lhes uma liçãozinha como esta vai nos fazer bem. Mas há um probleminha...

— Ah!...

— Nada muito grande. Só uma mentirinha. Você não deve dizer que foi trazido para cá à força. Em qualquer menção a este assunto, você vai dizer, se alguém perguntar, que veio voluntariamente, para poder testar suas teorias em condições que não estavam disponíveis em nenhum outro lugar. É perfeitamente lógico. Quem vai deixar de acreditar?

— Meu governo sabe da verdade.

— Sim, mas os próprios homens do governo vão encorajar você a mentir. Eles têm tão pouco interesse quanto nós em precipitar uma crise mundial por causa de um caso como este. Mesmo sem levarem conta o fato de que uma crise entre os Estados Unidos e a União Soviética resultaria num antagonismo imediato do restante do mundo contra ambos os países, neste chamado "bom presente". Os Estados Unidos têm tão pouco interesse em que se saiba que você foi trazido à força quanto nós. Concorde, Albert. É uma coisinha tão pequena...

Morrison suspirou:

— Se vocês me mandarem de volta agora, como você está dizendo, prometo que fico calado a respeito do pequeno probleminha do sequ?estro.

— Você insiste no condicional. Insiste no "se". — Natália parecia deprimida. — Para você é difícil acreditar que eu seja uma pessoa honrada. Por quê? Porque sou soviética. Duas gerações de paz, duas gerações de convivência normal, mas os seus velhos hábitos continuam. Será que não há esperança para a humanidade?

— "Bom presente" ou não, continuamos não gostando do seu sistema de governo.

— E quem é que lhes dá o direito de nos julgarem? Nós também não gostamos do seu. Mas vamos deixar isso para lá. Se começarmos a brigar, vamos estragar um dia que deveria ser feliz para você como, certamente, está sendo para mim.

— Está bem. Não vamos brigar.

— Então vamos nos despedir agora, Albert. Um dia vamos nos encontrar de novo, tenho certeza, em condições mais normais. — Estendeu a mão, que ele apertou. — Pedi a Sophia para acompanhar você ao hotel e providenciar tudo para sua viagem. Você não se incomoda, com certeza, não é?

Morrison apertou a mão dela com mais força:

— Não. Gosto muito da Sophia.

Natália sorriu:

— É... Eu já tinha percebido.

NATÁLIA VIVIA um dia realmente feliz e nem o cansaço impedia que ela o desfrutasse. Cansaço! Quantos dias de descanso, quantas noites bem dormidas, quanto tempo em casa com Nikolai e Aleksandr seriam necessários para voltar ao normal?

Mas naquele momento estava sozinha e, nas próximas horas, não teria o que fazer. Aproveite! Deitou-se preguiçosamente no sofá, em sua saIa, e deixou que o pensamento corresse livre sem qualquer compromisso: uma condecoração em Moscou, uma promoção, tudo misturado à imagem de dias na praia, na Criméia, com o marido e o filho A imagem foi se tornando verdadeira, enquanto

adormecia, ela se viu correndo atrás de Aleksandr, que entrava corajosamente nas águas frias do Mar Negro, sem qualquer medo de se afogar. Ela carregava um tambor, onde batia com toda a força, tentando exigir a atenção que o menino teimosamente lhe negava. Mas a visão desapareceu e o rufar do tambor transformou-se em batidas na porta da sala.

Levantou-se, confusa, ajeitou a blusa e correu para a porta, preocupada. Mas a preocupação transformou-se em raiva quando viu Yuri Konev, com uma carranca pesada e os punhos já preparados para outro assalto à porta:

— O que é isso, Yuri? — falou, indignada. — Isso é maneira de se anunciar? Há formas mais educadas de se chamar uma pessoa.

— Tentei todas e não tive resposta, mesmo sabendo que você estava aqui.

Natália mandou-o entrar com um gesto. Não estava com muita vontade de vê-lo, e a aparência dele não era animadora.

— Você está horrível. O que foi? Não conseguiu dormir?

— Não tive tempo. Fiquei trabalhando.

— Trabalhando em quê?

— O que é que você acha, Natália? Nos dados que colhemos ontem, no cérebro.

Ela sentiu a raiva desaparecer aos poucos. O sonho tinha sido dele, afinal. O sucesso da sobrevivência tinha sido um sentimento doce para todos, menos para ele. Para Konev, sobrara o fracasso.

— Sente-se, Yuri. Vamos ser realistas. A análise dos pensamentos não funcionou. E nem podia funcionar. Shapirov já estava mal demais.

Quando penetramos no corpo, ele já estava à beira da morte.

Konev a olhou como se não estivesse prestando a menor atenção às palavras:

— Onde está o Albert Morrison?

— Não vai adiantar nada ficar aborrecendo o Albert. Ele fez o que podia, mas o cérebro do Shapirov estava morrendo. Ouça, Yuri!

Ele estava morrendo!

Outra vez a expressão de quem não estava nem ouvindo:

— Do que é que você está falando, Natália?

— Dos dados! Das informações que colhemos e que você está tentando analisar. Deixe isso pra lá! A viagem foi um sucesso maravilhoso, mesmo sem elas.

Konev balançou a cabeça:

— Um sucesso maravilhoso sem as informações? Você não sabe o que está dizendo. Onde é que está o Morrison?

— Foi embora, Yuri. Acabou-se. Ele está voltando para os Estados Unidos. Como tínhamos prometido.

Ele arregalou os olhos:

— Não é possível! Ele não pode! Ele não pode ir embora!

— Bom, bom... — Natália continuou calma. — Do que é que você está falando?

— Analisei as informações, sua burra! — Konev já estava de pé.

— Está tudo muito claro. Temos que segurar o Morrison. Temos que prendê-lo aqui, custe o que custar!

Natália ficou vermelha:

— Como é que você tem a coragem de me ofender, Yuri?

.Explique-se imediatamente, senão eu vou tirar você do projeto!

Que fixação maluca é essa agora no Albert?

Konev ergueu os punhos, como se compelido por um desejo avassalador de esmurrar alguma coisa. Perdeu o fôlego:

— Desculpe, desculpe! Retiro o que disse. Mas você tem que entender.

O tempo todo que ficamos no cérebro, tentando captar os pensamentos de Shapirov, o Albert estava mentindo para nós. Ele sabia o que estava acontecendo. Tinha que saber, mas nos induziu cuidadosamente na direção errada!

Temos que mantê-lo aqui, Natália, e temos que ter aquele programa. Não podemos deixá-lo ir embora nunca!

CAPÍTULO 18

A VOLTA?

O problema dos grandes triunfos é que às vezes eles acontecem quando você está do lado errado.

Dezhnev (pai)

MORRISON ESTAVA se esforçando para manter os sentimentos sob controle. Mas a exuberância era natural: estava indo para casa; estava voltando para a liberdade; estava voltando à segurança; e muito, muito mais ainda... Mas nisto ele ainda não queria pensar. Yuri Konev era terrivelmente inteligente e já estava cheio de suspeitas.

Se o soviético se concentrasse, talvez conseguisse descobrir os pensamentos dele pelas expressões do rosto.

Será que eles estavam apenas brincando com ele? Podia ser, também.

Aquele podia ser o outro lado da moeda. Podiam estar planejando quebrar sua força de vontade para depois poderem usá-lo melhor.

Era um truque antigo, aquele de criar expectativas e depois destruí-las. Muito pior, para quem o sofria, do que não ter esperança nenhuma.

Natália seria capaz de uma coisa daquelas? Não hesitara em sequestra-lo quando se recusara a vir para a União Soviética. Não hesitara em ameaçar a destruição definitiva de sua reputação, para forçá-lo a entrar na nave. Até onde seria capaz de ir? Nada a faria parar?

O coração deu um salto de alívio quando viu Sophia Kaliinin. Ela, com certeza, não faria parte de nenhuma trama. A crença fortaleceu-se ainda mais quando ela sorriu para ele. Parecia melhor, mais feliz do que jamais estivera. Tomou a mão do americano e a colocou sobre o braço, por trás do cotovelo — Então você está indo embora... Eu estou tão feliz por você, Albert!

Morrison não pôde acreditar que as palavras, a entonação, a expressão fossem parte de uma mentira elaborada. Mesmo assim, respondeu com cuidado:

— Espero que esteja mesmo indo…

— E está. Você já voou de deslizador?

Ele custou a entender a palavra em russo, teve de traduzir duas vezes:

— Você quer dizer uma A.B.S., uma aeronave a bateria solar?

— O nosso é um projeto soviético. Muito melhor. Tem dois motorezinhos auxiliares. Não se pode confiar sempre no sol.

— Mas para que usarmos isso, então? — Levado por ela, atravessava rapidamente o corredor que conduzia à saída da Gruta.

— E por que não? Vamos levar uns quinze minutos até Malenkigrad e, como você nunca esteve num deslizador soviético… Você vai adorar! Vai ser mais uma forma de comemorarmos sua volta para casa.

— Eu tenho um pouco de medo de altura… A coisa é segura?

— Absolutamente. E a verdade é que não resisti. Estamos numa situação tão maravilhosa agora, mas eu não sei quanto tempo vai durar. Conseguimos tudo que pedimos… agora. Foi só eu dizer:

"Preciso de um deslizador" e pronto. Sorrisos de todo lado. "Pois não, doutora Kaliinin". "Ë claro, doutora Kaliinin; vai ficar pronto para a senhora, já, já". Anteontem eu precisaria ter preenchido um formulário de justificativas para conseguir um prato de sopa de beterraba.

Mas hoje eu sou uma heroína da União Soviética… não oficialmente, ainda. Nós todos somos. Inclusive você, Albert!

— Espero que não estejam contando comigo para as cerimônias oficiais — Morrison continuou, cuidadoso.

— As cerimônias vão ser só internas, na Gruta, e devem ser bem simples. Você vai receber em casa o diploma comemorativo. Talvez nosso embaixador em Washington faça a entrega, numa cerimônia discreta.

— Não é preciso. Agradeço a honra, mas tudo que eu quero é recebê-lo pelo correio.

Viraram num corredor que era novo para ele e andaram tanto que Morrison começou a se preocupar. Sem razão, no entanto: logo em seguida saíram numa pista de pouso.

O deslizador era fácil de identificar. Asas longas, rebrilhando com uma camada de células fotovoltaicas em toda a superfície. Parecia-se bastante com a A.B.S. americana, que, no entanto, dependia exclusivamente da energia solar. O deslizador tinha dois pequenos rotores, sem dúvida movidos a gasolina. Sophia podia achar que eram um progresso tecnológico, mas ele ficou com a impressão de que as células fotovoltaicas soviéticas não eram tão eficientes quanto as americanas.

Um mecânico estava de pé ao lado da máquina e Sophia dirigiuse a ele em passos largos e confiantes:

— Foi testado?

— Foi. Está uma beleza.

Ela agradeceu com a cabeça e sorriu mas, quando ele se afastou, segredou para Morrison:

— Eu também vou testar, é claro. Já vi belezas mais bonitas ficarem feias de repente.

O americano examinou o aparelho com uma mistura de interesse e apreensão. Parecia um esqueleto de avião, com todas as peças parecendo, de algum jeito, mais finas e mais longas do que deveriam ser. A cabine era minúscula, parecia uma bolha de sabão pendurada à enorme extensão das asas e à longa estrutura.

Sophia teve que dobrar o corpo todo para entrar. Morrison ficou observando a moça testar os controles. Depois do que pareceu um longo exame, ela taxiou um pouco pela pista, fez a volta e retornou.

Em seguida acelerou os rotores, reduziu-os à marcha lenta e finalmente os desligou e saiu do aparelho.

— Está ótimo, mesmo. Temos bastante combustível e o sol está forte. Não poderíamos querer mais do que isto.

— Poderíamos querer um piloto — Morrison procurou em volta.

— Onde é que ele está?

Sophia ficou gelada:

— Ele? Há algum pré-requisito sexual para o cargo? Eu costumo pilotar meus deslizadores.

— Você? — Morrison não conseguiu deixar de repetir.

— Eu, claro! Por que não? Tirei meu brevê e meu certificado.

Vamos embora.

— Desculpe — gaguejou ele. — Voar é uma coisa muito rara na minha vida, e pilotar então, é uma coisa quase mística. Sempre achei que a única coisa que um piloto faz é pilotar e que, se alguém faz alguma outra coisa, não deve saber pilotar. Você me entende?

— Não estou nem tentando entender, Albert! Entre, vamos embora.

Morrison entrou, seguindo as instruções que ela ia dando e procurando não danificar o próprio crânio em nenhuma peça, ou, talvez, não danificar nenhuma peça com a cabeça. Sentou-se, finalmente, e olhou horrorizado para o espaço aberto à sua direita:

— Não tem porta?

— Para que é que você ia querer uma porta? Para estragar a sensação maravilhosa do vôo? Aperte o cinto e você ficará em completa segurança. Espere aí! Deixe que eu mostro como é. — Sophia estava na cadeira ao lado e parecia confiante e satisfeita Morrison sentiu-se bem com o corpo da moça colado ao seu na cabine apertada.

— Você está pronto?

— Estou resignado — disse. — Isto é o mais parecido com “pronto” que eu vou conseguir ficar.

— Não seja bobo. Você vai adorar. Vamos usar os rotores para a decolagem.

Os motores assobiaram e as pás dos rotores começaram a se movimentar.

O deslizador subiu lentamente e entrou numa curva suave, para o lado de Morrison, que se viu de repente pendurado pelo cinto em frente ao espaço aberto. Mal conseguiu resistir ao impulso de se agarrar a Sophia, sem sombra de pensamento erótico; o que o preocupava era mesmo a segurança física. O aparelho nivelou e ela cortou os motores, acionando ao mesmo tempo um comando marcado “solar” em caracteres cirílicos. Os rotores quase pararam e o barulho desagradável cessou, enquanto a hélice do nariz entrou em ação. O deslizador seguiu em frente, lento e quase silencioso.

— Escute só — sussurrou Sophia. — Escute o silêncio! É como flutuar no nada.

Morrison olhou para baixo, preocupado.

— Nós não vamos cair — disse ela. — Mesmo que uma nuvem encubra o Sol ou haja uma pane nas células fotovoltaicas, as baterias têm capacidade para quilômetros e quilômetros, se for necessário, até acharmos um bom lugar para pouso de emergência. E, mesmo se a energia das baterias acabar, isto é quase um planador.

De qualquer jeito, o pouso sempre é suave. Acho que, mesmo querendo, ninguém conseguiria bater com esta máquina. O único perigo é um vento muito forte; mas hoje não há perigo.

— É um vôo confortável. — Ele engoliu em seco.

— É claro! É pouco mais rápido que um automóvel e muito mais gostoso. Eu adoro! Tente relaxar e olhar para o céu. Não há nada mais tranqu?ilizante que um vôo de deslizador.

— Há quanto tempo você faz isto?

— Tirei o brevê com vinte e quatro anos. O Yu... Ele também.

Passamos muitas e muitas tardes quentes de verão num aparelho como este. Houve uma época em que cada um tinha o seu, de competição, e deixamos nossas marcas de amor escritas no céu. — O rosto dela contorceu-se quando disse aquilo e Morrison teve a impressão de que a moça havia requisitado o aparelho para a pequena viagem até Malenkigrad apenas para poder reviver suas memórias por alguns momentos.

— Não era perigoso?

— Não. Se você sabe o que está fazendo, nunca é. Houve uma vez em que voamos bem perto das fraldas do Cáucaso. Aquilo, sim, podia ter algum perigo. Um pé de vento repentino podia ter acabado conosco, naqueles morros. Mas nós éramos jovens e inconsequ?entes.

Se bem que talvez tivesse sido melhor para mim... — A voz fraquejou e o rosto ficou sombrio, mas logo em seguida um pensamento qualquer pareceu iluminá-lo de novo e ela sorriu.

Morrison sentiu outra vez uma forte desconfiança. Por que a memória de Konev a fazia tão feliz, se dentro da nave miniaturizada ela não fora capaz ao menos de encará-lo?

— Parece que você não se importa de falar dele, Sophia — repetiu, pronunciando deliberadamente o nome proibido: — Do Yuri, digo. Parece até que você gosta. Por quê?

Ela respondeu com os dentes cerrados:

— Não são as memórias sentimentais que me deixam feliz, Albert, posso lhe garantir. A raiva e a frustração e... o sofrimento podem tornar uma pessoa vingativa. Eu quero vingança e sou mesquinha, ou humana, talvez, o bastante para saborear minha oportunidade.

— Vingança? Não estou entendendo.

— É bem simples, Albert. Ele me negou amor e negou a paternidade de minha filha quando eu estava indefesa. Não se incomodou conosco porque tinha o sonho de tornar a miniaturização um processo prático e barato em energia, porque achava que ia se tornar, da noite para o dia, o cientista mais famoso do mundo, da História...

— Mas ele fracassou. Não conseguimos a informação crucial no cérebro do Shapirov. Você sabe disto.

— Ah, mas você não sabe como ele é! Ele nunca desiste. Ele tem a força das tempestades. Eu estive observando a maneira pela qual ele ficou olhando para você, depois da viagem pelo corpo do Shapirov.

Eu conheço muito bem aquele homem. Eu leio os pensamentos dele pelo olhar. Ele acha que você está com a resposta.

— A resposta? A informação do cérebro do Shapirov? E claro que não. Como poderia estar comigo?

— Não importa que esteja ou não, Albert. Ele acha que está. E ele quer você e seu programa, mais do que jamais quis qualquer coisa na vida. Certamente mais do que quis a mim e à filha dele. E estou roubando você dele, Albert. Estou tirando você da Gruta com minhas mãos e vou fazer com que você consiga deixar o país. E eu quero que ele morra de ambição frustrada e quero estar presente!

Morrison continuou olhando para ela, abismado. O deslizador continuou seu vôo, pilotado pelas pequenas mãos de aço da moça.

Ele nunca teria conseguido imaginar que Sophia Kaliinin fosse capaz de ostentar uma tão feroz expressão de alegria maligna.

NATÁLIA TINHA ouvido todo o relato emocional e ofegante de Konev e estava quase convencida pela convicção inabalável do rapaz.

A mesma coisa já acontecera antes, quando ele argumentara que a mente moribunda de Shapirov podia ser pesquisada e que Albert Morrison, o neurofísico americano, era a chave para fazê-lo. Ela fora quase atropelada pelo entusiasmo, daquela vez, e tentava resistir agora:

— Tudo isso parece uma loucura.

— Que diferença faz o que possa parecer, se é verdade?

— Ah, e é verdade?

— Eu tenho certeza de que é.

— Estamos precisando do Arkady — resmungou ela — para nos lembrar que seu pai costumava dizer que a veemência não garante a verdade.

— A veemência também não é nenhuma garantia de que não seja verdade. Se você aceitou o que eu disse, tem que entender que não podemos deixar o Albert ir embora. Certamente não agora, talvez nunca!

Natália sacudiu a cabeça violentamente:

— Já é tarde demais. Não podemos fazer mais nada. Os Estados Unidos vão querê-lo de volta e nosso governo já concordou que ele fosse. Não pode voltar atrás, agora, sem criar uma crise mundial.

— Se você pensar no que está em jogo, Natalia, nós temos que arriscar! Não vai haver crise nenhuma. O que vai haver é muito falatório durante um ou dois meses. Depois que tirarmos dele o que queremos, podemos deixar que ele vá, se for absolutamente necessário, ou podemos dar um jeito de acontecer algum acidente.

Natália ficou de pé, com raiva:

— Não! O que você está sugerindo é uma indecência! Estamos no século 21, não no século 20!

— Seja qual for o século, Natália, a questão é decidirmos se o universo vai pertencer a nós... ou a eles!

— Você sabe que não vai ser possível convencer Moscou de que o que está em jogo é isso. O governo já tem o que queria: um bemsucedida, segura viagem de ida e volta ao interior de um corpo. Por enquanto, é só isso que eles querem. Eles nunca chegaram a entender que queríamos ler a mente do Shapirov. Nós nunca explicamos, também.

— Isso foi um erro.

— O que é isso, Yuri? Você sabe quanto tempo iria levar para convencê-los de que o Albert tinha de ser sequ?estrado, se não quisesse vir por bem? Eles não correriam o risco de uma crise por menor que fosse. O que você está querendo é que eles enfrentem outra, muito maior! O que vai acontecer é que você não só não vai conseguir, como ainda vai forçá-los a investigar a vinda do Albert para cá, o que não vai ser nada bom para nós.

— O governo não é um bloco único, um monólito. Há muitas altas autoridades convencidas de que cedemos demais aos americanos, que pagamos um preço alto demais por cortesias e agrados diplomáticos.

Eu tenho acesso a algumas pessoas.

— Sei disso há muito tempo. É um jogo muito perigoso este que você faz, Yuri. Gente melhor que você já foi apanhada nesse tipo de conspiração e teve um fim lamentável.

— É um risco que eu tenho que correr. Num caso como este sou capaz de virar o governo de pernas para o ar. Mas só se tivermos o Albert Morrison em nossas mãos. Sem ele não vai adiantar nada. A que horas é a partida dele?

— Ao cair da noite. Sophia e eu achamos que, para maior discrição e para não provocar desnecessariamente os que são contra acomodações com os americanos, a noite é melhor que o dia.

Ele arregalou tanto os olhos que estes pareceram saltar:

— Sophia? O que é que ela tem com isso?

— Ela ficou encarregada de providenciar a viagem. Foi ela mesma quem pediu.

— Ela pediu?

— Foi. Acho que ela quis ficar mais algum tempo com ele. — Acrescentou com uma gota de veneno: — Você talvez não tenha notado, mas ela parece que gosta muito do americano.

Konev fez uma careta de revolta:

— Não; nada disso. Eu conheço aquele demônio. Conheço-a melhor do que qualquer outra coisa, sei tudo que existe dentro daquela cabeça. Ela está tirando o Morrison de mim. Sentada ao lado dele na nave, observando tudo que ele fez, ela deve ter adivinhado a importância dele e agora quer tirá-lo de mim. Ela não vai esperar pela noite. Vai querer despachá-lo logo! — Levantou-se e correu para sair da sala.

— Yuri! — Natália gritou. — O que é que você vai fazer?

— Vou evitar que ela consiga — respondeu já do lado de fora.

Natália ficou pensativa. Podia fazê-lo parar. Tinha a autoridade e os meios, Contudo... E se ele estivesse com a razão? E se fosse verdade que o que estava em jogo era nada menos que o próprio universo?

Se ela o parasse, tudo, tudo seria entregue aos americanos.

Se o deixasse prosseguir, poderia haver uma crise gravíssima, sem precedentes nas últimas gerações.

Tinha de tomar uma decisão rápida.

Repetiu o raciocínio: se parasse Konev, estaria agindo. Se, no final das contas, ele estivesse certo, a culpa por tê-lo detido e pela consequ?ente perda do

universo seria exclusivamente dela. Se, ao contrário, ele estivesse errado, a ação de detê-lo cairia no esquecimento.

Um erro que não chegou a ser cometido não é coisa das mais sérias. Mas, se ela não fizesse nada, tudo dependeria de Konev. Se ele conseguisse evitar a volta de Morrison para os Estados Unidos e depois o governo fosse humilhantemente forçado a devolvê-lo a culpa seria de Konev. Ela não teria nada a perder, uma vez que ele saíra correndo, sem dizer o que ia fazer, e ela poderia alegar, com toda a propriedade, que jamais seria capaz de supor que ele fosse tentar subverter os planos do governo. Ela sairia do episódio sem um arranhão.

Se, por outro lado, Konev conseguisse reter o americano e estivesse certo, e se o governo vencesse a batalha diplomática que viria a seguir, ela faturaria o crédito de tê-lo deixado agir. Poderia até dizer que tudo que ele fizera fora permitido por ela.

Muito bem. Se detivesse Konev, na pior das hipóteses poderia ser culpada; na melhor, não teria nem culpa nem crédito. Se não fizesse nada, o pior que podia acontecer seria ficar isenta da responsabilidade; o melhor, o crédito.

Natália Boranova resolveu não fazer nada.

MORRISON ESTAVA começando a concordar com Sophia. A cada minuto sentia-se melhor no deslizador e já estava começando a ter prazer no vôo. Podia ver o chão através das longarinas da estrutura do aparelho. Calculou que estavam a uns trinta metros e o chão recuava a uma velocidade suave e constante.

Sophia pilotava com total concentração, embora ele tivesse a impressão de que não havia muito a fazer. Imaginou que eram a habilidade natural e a observação permanente que a faziam manter o rumo sem ajustes constantes.

— O que é que acontece se você pegar um vento de frente, Sophia?

Ela respondeu sem virar o rosto:

— Eu tenho que ligar os motores e gastar combustível. Se for um vento forte, nem vale a pena usar o deslizador. Mas o céu hoje parece que foi feito de encomenda.

Morrison começou a se sentir bem, pela primeira vez desde que saíra dos Estados Unidos. Não! Pensando melhor, desde muito tempo antes. Começou a

se imaginar de volta a seu país; foi a primeira vez que teve coragem de pensar naquilo.

— O que é que vai acontecer quando chegarmos ao hotel?

— Um carro até o aeroporto — ela respondeu um pouco tensa — e, em seguida, um avião para a América.

— Quando vai ser?

— Está planejado para hoje à noite, mas eu vou ver se dou um jeito de antecipar.

— Ansiosa por se livrar de mim? — ele perguntou quase jovialmente.

Para sua surpresa, a resposta veio de imediato:

— É. Exatamente.

Ele examinou o perfil da moça. O ar estudado de ódio havia sumido muito antes, mas a expressão de ansiedade lhe deu um arrepio.

A imagem de sua volta aos Estados Unidos começou a perder a nitidez.

— Alguma coisa errada, Sophia?

— Não. Ainda não. Só que eu sei que... ele vai correr atrás de nós. O lobo já deve ter saído para a caçada. Tenho que despachar você o mais rápido que eu puder.

MALENKIGRAD ESTAVA à frente e abaixo deles. Não era exatamente uma cidade. Correspondia ao nome: era pequena e, em todas as direções, havia pouco a ver antes do início da vegetação. Era uma cidade-dormitório para as pessoas que trabalhavam no projeto de miniaturização e, durante o dia, ficava quase deserta. Um ou outro veículo, um pedestre aqui e ali, e, naturalmente, crianças brincando nas ruas poeirentas.

Morrison pensou que não tinha a menor chance de descobrir em que ponto do imenso território soviético ficavam Malenkigrad e a Gruta. Não era na tundra nem na zona de florestas. O tempo, naquele começo de verão, era quente e o solo parecia semi-árido. Talvez estivesse na Asia Central ou nas estepes próximas ao lado europeu do Mar Cáspio. Não saberia dizer.

O deslizador foi perdendo altura, mais sereno que um elevador.

Morrison não teria acreditado que uma descida tão suave fosse possível.

As rodas tocaram o chão e o aparelho parou quase instantaneamente.

Estavam nos fundos do hotel, cujas reduzidas dimensões ele pudera ver de cima.

Sophia saltou agilmente para o chão e fez sinal para ele, que desceu mais lentamente e quis saber:

— E o deslizador?

— Eu o pego na volta e levo para a pista da Gruta, se o tempo ainda estiver bom. Vamos. Vamos entrar pela frente e eu levo você a seu quarto, para descansar um pouco e planejarmos o próximo passo.

— Você quer dizer aquele quarto com os soldados na porta?

— Não vai haver soldado nenhum — respondeu ela, impaciente.

— Agora não estamos mais com medo de que você fuja. — Olhou para os lados furtivamente e acrescentou: — Se bem que eu até gostaria de ter uns soldados por aqui.

Morrison também olhou em volta, um pouco ansioso, e pensou que ele não queria soldado nenhum por perto. Pensou que, se Konev visse mesmo atrás dele, como temia Sophia, ele sim, poderia trazer os soldados. Mas será que havia razão para ter medo? Será que ele era mesmo capaz de tudo? Ela tem verdadeiras manias em relação a Yuri, pensou. Mas o pensamento não o ajudou a ficar mais tranqu?ilo.

Ele nunca chegara a ver o hotel por fora, à luz do dia, e nem fora capaz de examiná-lo com muita atenção. Calculou que provavelmente era usado apenas por autoridades em visita e convidados especiais, como ele próprio, se é que podia ser incluído naquela categoria.

Teve a impressão de que, mesmo pequeno como era, nunca chegara a ficar lotado. As duas noites que passara ali, pelo menos, tinham sido bem silenciosas. Não ouvia um só ruído no corredor, e a sala de refeições estivera deserta.

Pensando nisto, chegou com Sophia à entrada e viu, pouco adiante, uma mulher corpulenta, de cabelos avermelhados, sentada ao sol e lendo concentrada um livro. Estava usando óculos na ponta do nariz e ele surpreendeu-se com

aquele anacronismo. Óculos eram uma raridade naquela época, depois que as plásticas oculares se tornaram rotina e a visão realmente normal deixara de ser privilégio de alguns.

Foi por causa dos óculos e da expressão concentrada que Morrison quase deixou de reconhecê-la. Talvez não a reconhecesse mesmo, se não estivesse pensando em refeições e salas de jantar. A mulher era a copeira a quem pedira ajuda, três dias antes, e que o delatara:

Valeri Paleron. Cumprimentou-a formalmente:

— Bom dia, camarada Paleron. — Fez voz e expressão inamistosas.

Ela não pareceu se perturbar. Tirou os óculos para olhá-lo e respondeu:

— Ah, o camarada americano... De volta e bem de saúde. Parabéns!

— Parabéns por quê?

— Não se fala de outra coisa na cidade. Houve uma experiência e um grande sucesso.

Sophia interveio, furiosa:

— Isto não é assunto para a cidade ou para qualquer lugar! Não queremos mexericos!

— Que mexericos! — respondeu, animada, a copeira. — Quem nessa cidade não trabalha na Gruta ou não tem parente lá? Por que não podemos saber e comentar? E como é que eu vou deixar de ouvir?

Tapando os ouvidos? Se eu espetar os dedos nas orelhas não consigo carregar as bandejas! — Voltou-se para Morrison: — Ouvi dizer que você se saiu muito bem. Todo mundo está lhe fazendo grandes elogios.

Ele deu de ombros.

— E este homem — continuou ela, dirigindo-se a uma Sophia cada vez mais irritada e impaciente — queria ir embora antes de participar da grande façanha. Chegou a me pedir ajuda, a mim, uma copeira! Eu contei tudo às autoridades logo, é claro, e ele ficou zangado. A agora, olhe só como ele me olha! — Sacudiu o indicador à frente do nariz do americano. — Pois pense no favor que eu lhe fiz. Se eu não tivesse ajudado o pessoal a forçá-lo a fazer seja lá o que for,

você hoje não seria o grande sucesso que é, o queridinho de Malenkigrad, talvez até de Moscou. E a Tsaritsa aí a seu lado não estaria apaixonada por você, como deve estar agora.

— Se você não parar imediatamente com estas liberdades — disse Sophia —, eu é que vou entregar você às autoridades!

— Entregue! — Valeri pôs as mãos nos quadris e levantou as sobrancelhas.

— Faço bem o meu trabalho, sou uma boa cidadã, não fiz nada de errado! Do que é que você pode me acusar? E chegou um carrão para vocês, também.

— Não vi carro nenhum — replicou Sophia.

— Não está no estacionamento. Está lá do outro lado.

— E por que é que você acha que é para nós?

— Vocês são as únicas pessoas importantes por aqui. Para quem mais ia ser? Para o porteiro? O recepcionista?

— Vamos, Albert. Estamos perdendo tempo. — Passou furiosa pela copeira, tão perto que pisou no seu pé. Mas talvez não tivesse sido um acidente. Morrison a seguiu. — Detesto essa mulher!

Subiram ao segundo andar, onde ficava o quarto dele. O americano perguntou:

— Você acha que ela é uma espécie de observadora do Comitê Central?

— Quem sabe? Só sei que há alguma coisa errada com ela. É um demônio de impertinência. Não conhece o seu lugar.

— Seu lugar? Quer dizer que há diferenças de classe social na União Soviética?

— Não seja irônico, Albert. Nos Estados Unidos também se diz que não há, mas nem por isso deixa de haver. E aqui acontece o mesmo. Conheço bem a teoria, mas ninguém vive só de teoria. Se o pai do Arkady não disse isso antes, devia ter dito.

Chegaram ao quarto que ele havia ocupado no começo da semana e que, aparentemente, ainda lhe pertencia. Morrison não gostou muito do que viu. Era um quarto sem atrativos, embora a luz do sol o fizesse um pouco menos sombrio

do que antes. Contudo, a perspectiva de voltar aos Estados Unidos melhorava a aparência de qualquer coisa.

Sophia sentou-se na melhor das duas poltronas e cruzou as pernas, balançando nervosamente a de cima. Ele sentou-se na beira da cama, olhando pensativo para as pernas da moça. Nunca tivera a oportunidade de observar-se a si próprio em momentos de tensão e pareceu estranho ver o comportamento de outra pessoa mais nervosa que ele.

— Você parece muito perturbada, Sophia. O que anda errado?

— Eu já disse. Essa mulher me perturba.

— Não pode ser só isto. O que anda errado?

— Não gosto de esperar. Esses dias de verão são longos. Até começar a noite vai ser nove horas.

— É incrível que a gente só fale de horas. As manobras diplomáticas podiam ter levado meses. — Falou em tom alegre, embora essa idéia tenha provocado frio em seu estomago — Não. Não num caso como este Albert. Já vi este tipo de coisa antes. Os suecos estão no esquema. Não é um avião americano que vem buscar você. O pouso de uma aeronave americana bem no interior do território soviético ainda assusta as nossas autoridades. Os suecos... Bom, eles estão acostumados, por mútuo acordo, ao papel de intermediários entre as duas nações e, normalmente, fazem de tudo para evitar qualquer possibilidade de atrito.

— Nos Estados Unidos a Suécia é considerada meio escorregadia.

Acho que um avião britânico seria melhor.

— Ah, Albert! Você prefere um avião texano? A Suécia pode parecer escorregadia para vocês, mas é menos ainda do que isto para nós. Seja lá como for, o avião será sueco, e eles sempre se orientam pelo princípio de que, se alguma coisa é perigosa, é melhor fazê-la logo de uma vez, sem esperar muito.

— Parece que estão dispostos a não esperar muito, mesmo. Mas quem devia estar com pressa sou eu, pois preciso ir embora. Por que você está tão ansiosa?

— Já disse! Porque ele virá atrás de nós. — Pareceu morder o pronome.

— O Yuri? È que ele pode fazer? O seu governo me liberou...

— Há pessoas no governo que podem não estar de acordo e o nosso amigo as conhece bem Morrison levou o indicador aos lábios e olhou em volta — Você está preocupado com microfones escondidos? Isso não passa de mais um dos mitos dos romances americanos. São tão fáceis de detectar e de interferir... Eu mesma tenho um detector, que levo aonde vou. Nunca descobri um só microfone.

— Está bem. Então diga. — O americano sacudiu os ombros.

— Nosso amigo não chega a ser um extremista, mas se acha capaz de usar os extremistas dentro do governo. Na América há extremistas também, não é?

— Gente que acredita ser flexível demais nossa política com a União Soviética? Há. Eu conheço uma meia dúzia.

— Pois é. Ele se deixa dominar por sua própria ambição e, se vier a acreditar que o extremismo ajudará seus planos, ele será capaz de se tornar um extremista.

— Espere aí. Você não está querendo me dizer que ele é capaz de dar um golpe de Estado e fazer com que os "duros" assumam o poder, antes do meu vôo de hoje à noite, está?

— Você não está entendendo nada, Albert! É o contrário! Se ele conseguir evitar que você embarque, mesmo que para isso seja necessário desencadear uma crise, ele é capaz de convencer algumas pessoas do governo a endurecerem para conseguirem que você fique aqui por muito tempo. Quando atacado por suas manias, nosso amigo é capaz de muita persuasão. Até Natália ele já persuadiu!

Sophia calou-se e mordeu o lábio inferior. Depois de uma longa pausa, continuou:

— Ele não desistiu de você e nem desistirá. Tenho certeza. Tenho que tirar você daqui.

Levantou-se de um salto e começou a andar de um lado para o outro, em passos curtos e rápidos, com a expressão de quem deseja forçar o universo a obedecer seus desejos. Parou em frente à porta, hesitou um instante e, depois, abriu-a com um gesto violento.

Valeri Paleron, afetando um ar de surpresa, estava com o braço erguido, como se fosse bater à porta.

— O que você quer? — Sophia perguntou, tensa.

— Eu? Não quero nada. Só vim perguntar se vocês querem alguma coisa, um chá...

— Não pedimos nada.

— Nem disse que tinham pedido. Vim por cortesia.

— Então vá embora, por cortesia. E não volte.

Valerie ficou ruborizada, olhou para um e para outro, e resmungou:

— Será que interrompi algum momento íntimo?

— Vá embora! — Sophia gritou. Bateu a porta e contou lentamente até dez, movendo os lábios sem emitir nenhum som. Encarou-a de novo, mas não havia mais ninguém do lado de fora. Tornou a fechá-la, trancou-a e disse em voz baixa: — Deve ter ficado aí fora o tempo todo. Eu ouvi o som de pés se arrastando.

— Se a escuta eletrônica high-tech saiu de moda, os velhos métodos de espionagem devem estar bem valorizados.

— Ah! Mas para quem ela está fazendo isto?

— Você acha que é para o Yuri? Não acredito que ele tenha dinheiro bastante para contratar espiões. Ou será que tem?

— Pode ser que não seja preciso muito dinheiro. Uma mulher dessas é capaz de fazer isso só por prazer.

Depois de um longo período de silêncio, Morrison falou:

— Se é verdade que você está cercada de espiões, Sophia, por que não vem comigo para a América?

— O quê? — gritou, dando a impressão de não ter ouvido direito.

— Você pode ter problemas por me ajudar a ir embora, não pode?

— Por quê? Tenho ordens oficiais por escrito, que são necessárias para você entrar no avião. Estou em missão oficial.

— Isso pode não servir para nada, se eles precisarem de um bode expiatório. Por que você não embarca comigo, Sophia, e vem para a América?

— Assim, sem mais nem menos? E minha filha?

— Mandamos buscá-la depois.

— O quê? Em que você está pensando?

Morrison ficou vermelho:

— Não sei. Podemos ser amigos, não podemos? Você vai precisar de amigos num país novo.

— Não pode ser, Albert. Agradeço sua generosidade... ou seu interesse... ou sua pena. Mas não pode ser.

— Pode, sim! Estamos no século XXI, Sophia, não no século XX! As pessoas têm o direito de ir e vir neste mundo!

— Albert, querido, você tem mania de viver na teoria! Está certo, as pessoas têm esse direito, mas há exceções em todos os países. A União Soviética não permitiria que uma cientista sua altamente treinada, com experiência em miniaturização, saísse do país. Pense bem: a nação tem esse direito. Se eu fosse com você, haveria uma reação imediata do governo e, com certeza, uma acusação de sequ?estro.

O mundo inteiro começaria a exigir aos gritos que eu fosse mandada de volta, para evitar uma crise. A Suécia entraria em ação por mim tão rapidamente quanto entrou por você.

— Mas eu fui sequ?estrado!

— Muita gente acreditaria, ou preferiria acreditar, que também fui. E eu seria mandada de volta para a União Soviética, do mesmo jeito que você será mandado para os Estados Unidos. Foi assim que se evitaram dezenas de crises nos últimos sessenta e poucos anos. É melhor do que a guerra, não é?

— Mas, se você disser com firmeza, e repetir muitas vezes, que deseja ficar nos Estados Unidos.

— Nunca mais vejo a minha filha e minha própria vida passa a correr perigo. Além disso, eu não quero ir para os Estados Unidos.

Morrison pareceu surpreso e ela acrescentou:

— Para você é difícil acreditar? Você quer ficar na União Soviética?

— Claro que não! Meu país... — interrompeu a frase no meio.

— Exatamente. Você não pára de falar na Humanidade como um todo, na importância de uma visão humanista universal, mas, se enxugarmos todo o resto e ficarmos só com as emoções, o que sobra é o país. Eu também tenho um país, Albert, uma língua, uma literatura, uma cultura, uma maneira de viver. Não quero largar tudo isso.

— Está bem, Sophia. — Morrison suspirou.

— Não estou agu?entando mais ficar neste quarto, Albert. Para que esperar mais? Vamos para o carro que eu levo você até o avião sueco.

— Ele não deve ter chegado ainda.

— Então a gente espera no aeroporto. É melhor do que aqui. Lá, pelo menos, a gente tem certeza de que você embarcará no instante em que ele chegar. Quero ver você em segurança, Albert! E quero ver a cara dele, depois.

Quando acabou de falar, já estava fora do quarto e a meio caminho da escada. Ele a seguiu aos saltos. Não estava, na verdade, muito triste por ter que ir embora. Seguiram por um corredor atapetado e atravessaram uma porta que abria para a rua ao lado do hotel.

Pouco adiante, perto de um muro, estava estacionada uma limusine, brilhando de tão polida. Morrison falou, ofegando um pouco:

— Estão dando transporte de luxo para nós. Você sabe dirigir esta coisa?

— É uma beleza — sorriu Sophia. E parou, em seguida, engolindo o sorriso.

Na esquina do hotel estava Konev. Ele também parou no meio de um passo e, por muito tempo, os dois ficaram paralisados, como se cada um fosse uma górgona e tivesse transformado o outro em estátua de pedra com o olhar.

MORRISON foi o primeiro a falar, ainda que com a voz rouca:

— Veio se despedir de mim, Yuri? Se veio, adeus, até a próxima vez. Estou indo embora.

A frase soou falsa até para ele próprio e seu coração disparou. O olhar de Konev passou rapidamente por voltando, em seguida, para o alvo anterior. Morrison ainda tentou:

— Vamos embora, Sophia!

Se não tivesse dito nada, o efeito teria sido o mesmo. Quando ela finalmente falou, dirigiu-se a Yuri, com voz dura:

— O que você quer?

— O americano — respondeu ele, no mesmo tom.

— Eu o estou levando embora.

— Não. Nós precisamos dele. Ele nos enganou. — A voz dele soou mais baixa e mais dura ainda.

— Isso é você quem diz. Estou em missão oficial. Tenho que levá-lo até um avião, garantir que ele embarque e você não pode fazer nada.

— Não sou eu quem precisa dele. Ë a nossa nação.

— Isso! Diga! Diga que é a Santa Mãe Rússia quem precisa dele!

Eu vou rir na sua cara!

— Repito apenas que a União Soviética precisa dele.

— Você só se preocupa consigo mesmo! Por favor, saia do caminho.

Konev meteu-se entre os dois e a limusine.

— Não. Você não compreende a importância que ele tem. Acredite em mim. Já enviei um relatório para Moscou.

— Claro! E sei até para quem foi! Mas aquele velho rabugento e chato não conseguirá fazer nada! Ele é um mentiroso, e você sabe disso tão bem quanto eu. Não terá coragem de abrir a boca no Presidium e, se por acaso tiver, o Albert já vai estar longe!

— Não. Ele não irá.

Morrison entrou na discussão:

— Deixe que eu cuido dele, Sophia. Abra a porta do carro.

Percebeu que estava tremendo. Konev, apesar de não ser muito grande, parecia musculoso e visivelmente determinado a não deixálo ir embora. Reconhecia também não ser muito bom de briga, em qualquer situação, e teve certeza de que não seria capaz de subjugar o outro.

Sophia espalmou a mão para ele:

— Fique onde está. — Voltou-se para Konev. — Como você pretende imobilizar-nos? Está armado?

O rapaz pareceu surpreso:

— Não. Claro que não. Usar armas é contra a lei.

— Ah!? Ë?! Mas eu estou. — Falou isso tirando a arma que estava escondida no bolso do casaco. Uma pequena peça de metal, que quase desaparecia dentro de sua mão fechada. O cano brilhava entre seus dedos.

Konev recuou, de olhos esbugalhados:

— Isso é uma derrubadora!

— Claro! Pior que um revólver, não é? Suspeitei que você tentaria atrapalhar e, por isso, vim preparada.

— Mas isso também é contra a lei.

— Me denuncie! Direi que tive de cumprir ordens, apesar de sua interferência criminosa. Possivelmente até serei premiada com uma medalha!

— Não, Sophia. — Ele avançou um passo.

Ela recuou:

— Fique onde está! Estou com vontade de atirar. Sou capaz de atirar até mesmo se você ficar quieto. Lembre-se bem de como funciona uma derrubadora. Desarruma o cérebro, não é? Não foi você mesmo quem me ensinou? Você ficará inconsciente algum tempo e acordará com amnésia parcial. Pode levar horas, ou até dias, para se recuperar. E, às vezes, nunca se recupera totalmente. E que tal se o seu cérebro fantástico nunca voltar a ser o mesmo?

— Sophia...

Ela falou entre dentes:

— Por que você está dizendo o meu nome? Da última vez, você falou: “Nunca mais falaremos um com o outro, Sophia; nunca mais olharemos um para o outro”. E você está olhando para mim e falando comigo! Vá embora! Cumpra sua promessa, miserável...

— A seguir, usou uma palavra russa que Morrison não conseguiu entender.

Konev, completamente pálido, repetiu de novo:

— Ouça, Sophia. Você pode continuar acreditando que durante toda a minha vida eu só menti. Mas, por favor, me dê atenção agora.

Este americano é uma ameaça mortal para a União Soviética. Se você ama seu país...

— Estou cansada de amar. O que o amor me deu até hoje?

— E o que ele deu a mim?

— Você só ama a si mesmo. — A voz dela estava cheia de amargura.

— Não! Você vive dizendo isso, mas não é verdade. Se tenho algum apreço por mim mesmo agora, é porque só eu posso salvar nosso país.

— Você acredita nisto? Acredita mesmo? Você está louco.

— Não, não estou. Conheço o meu valor. Não vou deixar que nada me atrapalhe, nem mesmo você. Por amor a meu país e a meu trabalho, fui obrigado a desistir de você. Fui obrigado a desistir de minha filha. Tive que me dividir em dois e jogar fora minha melhor metade.

— Sua filha? Você está assumindo a responsabilidade?

Konev abaixou a cabeça.

— De que outra maneira eu poderia ter afastado você de mim?

De que outra forma poderia ter dado atenção exclusiva ao meu trabalho?

Eu amo você. Sempre amei. Sempre soube que ela era nossa filha e que só podia ser nossa.

— Você precisa tanto assim do Albert? — A derrubadora não tremeu em sua mão. — Você está disposto a admitir que ela é sua filha, disposto a dizer que me ama... Eu lhe entrego Albert e você torna a negar tudo. Você deve fazer um péssimo juízo da minha inteligência!

Ele sacudiu a cabeça.

— Como eu vou fazer você acreditar? Fui eu quem joguei tudo fora... Não posso esperar ter tudo de volta, posso? Neste caso, me dê o americano, pelo bem de nosso país, e depois me mande embora.

Posso tentar lhe explicar por que precisamos dele?

— Eu não acreditaria na explicação. — Sophia deu uma rápida olhada na direção de Morrison. — Você ouviu o que este homem disse, Albert? Você não pode nem imaginar a crueldade com que ele me mandou embora, junto com a nossa filha! E agora quer que eu acredite que sempre me amou.

E Morrison surpreendeu-se ao ouvir a própria voz:

— Isto, pelo menos, é verdade, Sophia. Ele ama você e sempre amou, desesperadamente.

Ela ficou petrificada. Manteve os olhos fixos em Konev, mas gesticulou com a mão esquerda para o americano:

— Como você sabe disso, Albert? Ele andou mentindo para você também?

Konev gritou, excitadíssimo:

— Ele sabe! Ele mesmo admitiu! Você não está entendendo? Ele captou isso com o programa do computador! Se você me deixar explicar, agora verá que tudo é verdade!

— É verdade, Albert? Você confirma o que ele está dizendo?

Morrison conseguiu não responder, desta vez, mas a expressão dos seus olhos o traiu.

— Meu amor nunca diminuiu, Sophia — disse Konev. — Sofri tanto quanto você. Mas me entregue o americano e tudo será diferente.

Não evitarei que você me distraia do meu trabalho. Realizarei meu trabalho tendo você e a criança ao meu lado, custe o que custar.

E que eu seja para sempre amaldiçoado se não conseguir dar conta das duas coisas!

Sophia continuou olhando para ele, agora com os olhos cheios de lágrimas:

— Eu quero acreditar nisso, Yuri.

— Então acredite. O americano mesmo lhe contou.

Ela caminhava na direção dele como uma sonâmbula, ainda empunhando a arma, quando Morrison gritou:

— Sua missão, Sophia! O avião! — E correu como um louco para os dois.

Mas colidiu pesadamente com outra pessoa e um par de braços enlaçou seu corpo, num aperto fortíssimo, e uma voz falou bem perto ao seu ouvido:

— Calma, camarada americano! Não agrida dois bons cidadãos soviéticos.

Era Valeri Paleron. E seus braços eram tão fortes que Morrison não conseguiu se mexer. Sophia também enlaçava Konev, se bem que com intenções e efeitos diferentes, segurando ainda que frouxamente, a derrubadora na mão direita.

— Acadêmico! Doutora! — Valeri chamou. — Assim acabaremos chamando a atenção aqui fora. Vamos voltar para o quarto do americano. Você, camarada americano, venha conosco, senão acabarei tendo que machucá-lo.

Konev cruzou o olhar com o de Morrison, sorrindo um sorrisinho de dentes cerrados, de triunfo absoluto. O soviético ficara com tudo o que queria: a mulher, a filha e o americano. Por sua vez, este começou a ver o sonho de voltar ao seu país desmanchar-se no ar como uma bolha de sabão.

CAPÍTULO 19

A VOLTA POR CIMA

Num triunfo verdadeiramente grande, no entanto, não há vencedores nem vencidos.

Dezhnev (pai)

MORRISON encontrava-se de novo sentado naquele quarto de hotel que pensara, uns dez minutos antes, jamais ver de novo. Beirava ao desespero — estava mais perto dele até, pensou, do que quando estivera abandonado e sozinho na corrente do interior do neurônio.

De que adiantara todo aquele esforço? Repetiu a pergunta sem parar, como se sua cabeça fosse uma câmara de eco. Era um perdedor.

Sempre fora um perdedor. Por pouco mais de um dia, pensara que Sophia Kaliinin se sentisse atraída por ele mas, era evidente, se enganara. Ele não passara, para ela, de uma arma contra Yuri Konev.

Quando Konev a chamou de volta, ou apenas acenou para que voltasse, ela atirara-se para ele e tanto Morrison quanto a derrubadora perderam o sentido.

Ficou observando os dois, com os olhos sem expressão. Estavam de pé, perto da janela. Assim tinha que ser sempre, pensou: os outros à luz do sol, ele na sombra. Sussurravam coisas, um ao ouvido de outro, e encontravam-se tão absortos que Sophia não parecia ter consciência de que ainda estava com a arma na mão. Houve um momento em que os joelhos dela fraquejaram e pareceu que ela ia largá-la sobre a cama, mas Konev lhe disse qualquer coisa que a fez retesar o corpo e apertar de novo a derrubadora no punho. Morrison disse em voz alta e rouca:

— Seu governo não aturará isto. Você tem ordens para me despachar de volta.

Konev olhou para ele, com os olhos um pouco mais atentos, como se dispendesse muito esforço para prestar atenção ao seu prisioneiro.

Realmente não precisava vigiá-lo, porque Valeri Paleron, a copeira, se encarregava disto, e com grande eficiência. Encontravase a menos de um metro de Morrison e seus olhos, que continham a expressão de quem estava se divertindo com a tarefa, não se desviavam dele um só segundo.

— Não precisa se preocupar com meu governo, Albert — disse Konev. — Ele mudará de idéia logo, logo. — Sophia ergueu a mão esquerda, como se fosse fazer alguma objeção, mas ele a envolveu com a própria mão: — Não se preocupe, Sophia. Mandei todas as informações de que dispunha para Moscou. Logo, logo, eles farão contato comigo através de minha frequ?.ncia pessoal e, quando lhes disser que detivemos Morrison, eles começarão a agir. Eu tenho certeza de que conseguirão persuadir até mesmo o Velho. Prometo isto a você.

Sophia chamou, com voz insegura e estranha:

— Albert!

— Você está se preparando para dizer que lamenta muito, por ter me riscado de sua existência à primeira palavra do homem que parecia odiar tanto?

A moça ficou vermelha.

— Não eliminei você da minha vida. Você será bem tratado.

Trabalhará aqui, do mesmo jeito que faria em seu país, só que aqui será realmente apreciado e respeitado.

— Sinceramente agradeço — ele disse isso conseguindo retirar o resto de sarcasmo da mente. — Se você está feliz por mim, que importância pode ter a forma como estou me sentindo?

— Camarada americano — interrompeu Valeri com impaciência —, você fala demais. Por que não se senta direito nessa cadeira?

Sente-se! — Empurrou-o pelos ombros, fazendo com que ele afundasse na poltrona. — Você nada tem a fazer! Pelo menos fique esperando quietinho. — E, voltando-se para Sophia, que se aninhava sob o braço protetor de Konev, disse: — E você, pequena Tsaritsa, pretende derrubar seu belo namorado com esta coisa ameaçadora que está em sua mão? Você vai abraçá-lo melhor se estiver com as duas mãos livres.

Estendeu a mão a Sophia que, sem uma palavra, lhe entregou a arma.

— Para dizer a verdade — disse a copeira, examinando cuidadosamente a derrubadora — é um alívio. Estava com medo de que você saísse disparando para todos os lados, em algum paroxismo de amor recém-reencontrado. Ela não estava muita segura em sua mão, minha filha.

Aproximou-se de novo de Morrison, ainda estudando e experimentando a arma:

— Não aponte esta coisa para mim, mulher — gritou ele. — Isto pode disparar.

Valeri olhou para ele com desprezo:

— Só dispara se eu quiser, camarada americano. Sei como se usa isto. — Sorriu na direção de Sophia e Konev. A moça tinha passado os dois braços ao redor do pescoço do rapaz e lhe dava repetidos, delicados e rápidos beijos nos lábios. — Eu sei como se usa isto. É assim! E assim!

Primeiro foi Konev quem desabou e depois Sophia.

A mulher voltou-se para Morrison:

— Me ajude, seu idiota! Temos que andar depressa!

Falou em inglês.

MORRISON DEMOROU a compreender e ficou olhando para ela, sem ação. Valeri o sacudiu pelos ombros como se estivesse tentando acordá-lo:

— Anda! Segura pelos pés!

Obedeceu mecanicamente. Konev primeiro, Sophia em seguida foram transportados para a cama, depois que Valeri retirou dela a fina coberta. Arrumou os dois corpos no estreito colchão de solteiro e começou a revistar Sophia, com jeito profissional.

— Ah! — falou, ao encontrar um papel dobrado, com um texto longo e datilografado em espaço tão pequeno que só podia ser obra do governo. Enfiou-o no bolso da jaqueta branca que usava e continuou a busca. Guardou alguns objetos, entre eles um par de chaves pequenas. Em seguida revistou Konev, também rapidamente, e a primeira coisa que fez foi retirar dele um pequeno disco metálico preso à lapela.

— A frequ?.ncia pessoal — resmungou e enfiou-o no bolso. O próximo objeto que retirou dele foi um cartão retangular, preto e grosso. — Isso é seu, não é?

Morrison deu um gemido. Seu programa de computador! Ficara tão zonzo que não havia percebido quando Konev o tomara. Agarrou-o como se fosse sua tábua de salvação.

Valeri virou os corpos de Sophia e Konev frente a frente, equilibrando-os um contra o outro. Colocou o braço do rapaz em torno dos ombros dela e cobriu os dois com o cobertor, cujos lados forçou sob os seus pesos, para reforçar o equilíbrio.

— Pare de me olhar desse jeito, Morrison — disse quando terminou.

— Ande, vamos! — Segurou-o com força pelo braço.

— Vamos para onde? O que está acontecendo?

— Depois explico. Quieto, agora. Não podemos perder mais tempo.

Nem um minuto. Nem um segundo! Vamos! — Sua voz era um sussurro feroz.

Morrison obedeceu. Saíram do quarto e ela desceu a escada tão silenciosa quanto seu corpo pesado permitia. Ele, atrás, imitava seus gestos. Atravessaram o corredor atapetado e saíram na direção da limusine. Valeri abriu a porta da direita com uma das chaves que tomara de Sophia.

— Entre.

— Para onde estamos indo?

— Entre! — Praticamente atirou-o para dentro do carro.

Sentou-se no lugar do motorista e Morrison resistiu ao impulso de perguntar-lhe se sabia dirigir. Estava começando a entrar em sua mente zonza a idéia de que Valeri era mais que uma simples copeira, apesar do indício óbvio de que seu trabalho era na cozinha: o cheiro de cebola que exalava, e que combinava mal com os sofisticados aromas do interior da limusine.

Ela ligou o motor, deu uma olhada no estacionamento que, se não fosse um gato que lá se encontrava cuidando de sua autopreservação, estaria

totalmente deserto, manobrou o carro e encaminhou-se para a rua, na direção da estrada. Foi ganhando velocidade aos poucos e, quando o carro atingiu a marca dos noventa e cinco quilômetros por hora, já estava no asfalto da estrada de mão dupla, cruzando aqui e ali, com alguns veículos que iam no sentido contrário.

Morrison começou a se sentir capaz de raciocinar normalmente de novo. Olhou ansioso para trás, através do vidro traseiro. Ao longe, um carro abandonava a estrada, no cruzamento pelo qual haviam passado há pouco. Ninguém parecia segui-los. Voltou-se para examinar melhor o perfil de Valeri. Aparentemente parecia competente e determinada. Ocorreu-lhe que não só sua profissão verdadeira não devia ser a de copeira, como também não devia ser soviética.

Seu inglês possuía um forte sotaque urbano, impossível de ser aprendido na escola e ao qual nenhum europeu seria capaz de imitar a ponto de enganar seu ouvido.

— Você estava lendo aquele livro na entrada do hotel para poder esperar por Sophia e por mim, não é?

— Está ficando esperto.

— Você é agente americana, não é?

— Cada vez mais esperto.

— Para onde estamos indo?

— Para o aeroporto, onde o tal avião sueco vai apanhar você. Tive que esperar uma barbaridade para que a Sophia me passasse todos os detalhes.

— E você sabe onde é?

— Claro. Conheço Malenkigrad há mais tempo que a sua Sophia.

Mas me diga uma coisa: por que você contou a ela que aquele sujeito, o Konev, a amava? Tudo o que ela queria era ouvir isso de uma terceira pessoa. Ela queria que alguém confirmasse e você o fez.

Foi assim que você entregou o jogo para o Konev. Por quê?!

— Bom, para começar — disse Morrison, com humildade —, porque é verdade.

— Verdade! — Valeri sacudiu a cabeça, parecendo se divertir. — Você não é desse mundo! Mas não é mesmo! Não sei como ninguém não lhe deu ainda uma cacetada na cabeça e escondeu seu corpo numa cova, para o seu próprio bem. E, fora isso... como você sabe que é verdade?

— Eu sei, só isso. E fiquei com pena dela. Ela salvou minha vida ontem, salvou a vida de todos nós. Se bem que o Konev também tenha ajudado.

— Todo mundo salvou a vida de todo mundo, imagino.

— É verdade.

— Mas isso foi ontem. Hoje é outro dia e você não devia se deixar influenciar pelo passado. Jamais ela se acertaria com ele, se não fosse sua burrice. Ele poderia jurar ser louco por ela, até ficar roxo, jurar não só isso como todas aquelas baboseiras, e ela não acreditaria nunca. Não teria coragem. Passar por trouxa outra vez? Nunca!

Mais um minuto e ela lhe daria uma bela pancada com a derrubadora.

Aí vem você e diz: “Não, minha filha, este sujeito te ama”, e pronto! Era tudo o que ela queria. Francamente, Morrison, não deviam consentir que você andasse sozinho por aí sem uma ama-seca.

Morrison remexeu-se, sem jeito:

— Como você sabe de tudo isso?

— Porque eu estava deitada no chão desse carro, na parte de trás, pronta para ir com você e com ela, para ter certeza de que tudo daria certo. Aí você fez a burrice, O que eu podia fazer? Agarrar você para evitar que acabasse levando um disparo, levar todo mundo para o quarto, para não dar espetáculo no meio da rua, e tentar tomar a arma.

— Obrigado.

— Tudo bem. E consegui fazer com que os dois parecessem um casal de amantes. Qualquer um que entrar naquele quarto vai dizer “desculpem” e, imediatamente fechar a porta. Assim poderemos ganhar mais um pouco de tempo.

— Quanto tempo leva até que eles recuperem a consciência?

— Não sei. Depende de eu ter ajustado bem a intensidade da radiação, do estado de espírito de cada um e sei lá mais de quê. Mas, quando acordarem, ficarão um bom tempo tentando lembrar o que aconteceu. Minha esperança é que, acordando naquela posição, a primeira coisa que se lembrarão é que estão apaixonados um pelo outro. Isso deve tomar-lhes um tempão. Quando finalmente se lembrarem de você, de Moscou e de tudo o que andou acontecendo, já deve ser tarde demais.

— Há perigo de dano permanente?

Valeri olhou-o de esguelha, observando sua expressão carregada — Você está preocupado com eles, não é? O que eles significam para você?

— Bom... Fomos membros de uma mesma tripulação.

Ela fez um ruído grosseiro com os lábios:

— Acho que eles ficarão OK. Podem até melhorar, se perderem um pouco daquela hipersensibilidade. Podem se juntar e virar uma família decente.

— E você? O que é que vai acontecer com você? Não é melhor embarcar comigo no avião?

— Não seja burro. Os suecos não me levarão. As ordens são para levar uma pessoa só e eles farão um monte de testes com você para se certificarem de que é você a pessoa certa. Impressões digitais, padrão de retina, ou seja, conferirão todos os dados que constam do arquivo do Conselho Populacional. Pois, se levarem a pessoa errada ou mais de uma, ocorrerá outro incidente. Os suecos não são estúpidos.

— Mas, então, o que lhe acontecerá?

— Bom, para início de conversa, direi que você tomou a derrubadora dela, nocauteou os dois e me obrigou a vir para o aeroporto, pois você não sabia onde ficava. Mandou que eu parasse no portão, disparou contra mim e jogou a arma dentro do carro. Amanhã cedo volto para Malenkigrad, com cara de quem foi alvejada.

— Mas a Sophia e o Konev desmentirão sua história.

— Eles não me viram quando disparei e quase ninguém consegue se lembrar do momento em que foi derrubado. Além disso, o governo soviético deu

ordens para que você fosse embora. E, se isso é verdade, o Konev pode dizer o que quiser que não fará diferença. O governo aceitará o fait accompli. Aposto um rublo contra um copeque, ou melhor, um dólar contra um copeque, que eles vão preferir esquecer toda esta história. E eu volto para minha copa.

— Mas você ficará sob suspeita.

— Então a gente vê. — Deu um sorrisinho. — Nichevo! O que tiver que acontecer acontece.

Continuavam na estrada e Morrison pediu, com pouca convicção:

— Não seria melhor andarmos um pouco mais depressa?

— Nem um quilômetro por hora a mais — disse Valeri com firmeza.

— Estamos bem na velocidade máxima permitida e os sovié ticos cobrem cada centímetro desta estrada com o radar. Eles não são nem um pouco tolerantes com relação ao excesso de velocidade, e eu não quero passar horas tentando me livrar de uma delegacia de polícia só por tentar chegar quinze minutos antes para apanhar o avião.

Já passava do meio-dia e ele começava a sentir os primeiros sinais de fome. Perguntou de repente:

— O que você pensa que Konev disse sobre mim a Moscou?

Valeri sacudiu a cabeça.

— Não sei. Mas, seja lá o que for, eles já tentaram responder através da frequ?.ncia pessoal dele. A chamada foi feita há uns vinte minutos. Você não ouviu?

— Não.

— Você não duraria muito na minha profissão. É claro que, como não foi completada a ligação com Moscou, já deve-se estar tentando descobrir o motivo. Alguém acabará descobrindo os dois pombinhos e, ao imaginar que você esteja a caminho do aeroporto, logo, logo, teremos alguém correndo atrás de nós. Como as carruagens do faraó.

— Só que não contamos com nenhum Moisés para abrir uma passagem para nós no Mar Vermelho.

— Se chegarmos ao aeroporto a tempo, temos os suecos a nosso favor. Eles não entregariam você a ninguém.

— Mas o que eles podem fazer contra os militares soviéticos?

— Não haverá nenhum militar. Será algum funcionário, a serviço de um grupo qualquer de extremistas, que tentará blefar com os suecos.

Mas temos ordens oficiais, por escrito, e ele nada conseguirá.

Mas tentemos chegar o mais rápido possível.

— Mesmo assim você acha melhor não aumentar a velocidade?

Valeri fez um taxativo sinal de sim com a cabeça.

MEIA HORA mais tarde ela apontou; — Olhe ele lá! Estamos com sorte. O avião sueco pousou cedo.

— Freou o carro e apertou um botão que fez a porta da direita abrirse rapidamente. — Você continua sozinho. É melhor que ninguém me veja. Mas, escute — aproximou o corpo de Morrison. — Meu nome é Ashby. Quando chegar a Washington, diga a eles que, se concordarem em que já chegou a hora de me tirarem daqui, eu estou pronta. Entendido?

— Entendido.

Morrison desceu do carro, piscando os olhos com o sol forte do aeroporto. A distância, um homem fardado — e não era um uniforme soviético, pelo que ele podia ver — chamou-o com um gesto.

Começou a correr. Não havia velocidade máxima permitida para pedestres e, apesar de não ter visto ninguém persegui-lo, não se surpreenderia se algum soviético brotasse do chão e tentasse pará-lo.

Ainda correndo, virou o rosto e deu um último adeus em direção do carro e teve a impressão de que Ashby respondeu com um aceno.

O homem que o chamara começou a andar em sua direção. Em seguida, começou a correr e, quando os dois se encontraram, Morrison quase caiu em seus braços. Morrison ainda pôde notar que o uniforme era o da Federação Européia. E, para grande alívio de Morrison, o homem falou em inglês, com um sotaque sueco inconfundível.

— Seu nome, por favor.

— Albert Jonas Morrison.

Os dois andaram juntos em direção ao avião e do pequeno grupo que estava à sua espera para confirmar sua identificação.

MORRISON, TENSO, exausto, via pela janela do avião o chão correndo m direção ao Leste. Uma refeição, composta principalmente de arenque e batatas cozidas, acalmara o seu estômago, mas não a mente.

Ficou com medo de que a viagem de ontem — fora mesmo há tão pouco tempo? — na nave miniaturizada através da corrente sangu?.nea e do cérebro o tivesse deixado num estado permanente de apreensão, de medo de desastres. Será que nunca mais conseguiria ver o universo como um meio amigável? Ficaria incapaz de se movimentar no mundo sem a sensação de que alguma coisa ou alguém estivesse disposto a lhe fazer mal?

Talvez apenas não tivesse tido tempo para se recuperar. E, claro, o bom senso dizia que não havia razão para sentir-se já em segurança.

O solo lá embaixo ainda era soviético. Será que ainda haveria tempo para o amigo de Konev em Moscou, ou seja lá quem fosse, mandar aviões atrás dos suecos? Teria poder suficiente para isso?

Será que as carruagens do faraó se ergueriam no céu para continuar a perseguição?

O coração perdeu uma batida quando viu outro avião a distância, logo mais um. Voltou-se para a aeromoça, que estava numa poltrona do outro lado do corredor, mas não precisou fazer-lhe a pergunta, pois ela interpretou corretamente sua expressão de ansiedade:

— São da Federação. Nossa escolta. Já saímos do espaço aéreo soviético. As tripulações são suecas.

Mais adiante, quando sobrevoavam o canal da Mancha, aviões americanos juntaram-se à escolta. Morrison estava livre das carruagens, com certeza, mas nem por isso sua mente lhe dava descanso.

Mísseis? Alguém seria capaz de arriscar um ato de guerra? Tentou acalmar-se. Ninguém na União Soviética, nem mesmo o Poder Executivo, seria

capaz de tomar tal decisão sem antes fazer inúmeras consultas, e estas certamente levariam horas, ou até dias. Não, não havia perigo.

Mas só quando o avião pousou nos arredores de Washington permitiu-se acreditar que tudo havia terminado: estava em seu país, e em segurança.

SÁBADO DE MANHÃ, Morrison ainda estava começando a se sentir melhor. Já tinha atendido às necessidades do corpo. Tomara um banho e um bom café da manhã. Estava até parcialmente vestido. Deitara-se de costas, a cabeça descansando sobre os braços cruzados. O dia estava nublado e ele acionara só um pouco o dispositivo que controlava a claridade da janela, porque queria se sentir sozinho.

Nas horas que se seguiram ao seu desembarque e transporte para aquele lugar escondido, tanta gente do governo ficou à sua volta que ele chegou a se perguntar se a passagem pela União Soviética contribuíra para melhorar a situação.

Os médicos terminaram os exames, as perguntas feitas haviam sido respondidas, até durante o jantar. Finalmente, deixaram que fosse dormir, naquele quarto que parecia uma fortaleza, por exagero de segurança.

Bom, pelo menos não temia ser novamente miniaturizado. Era sempre um consolo.

A luz de chamada da porta acendeu. Morrison esticou o braço, procurando o quadro de controle à cabeceira da cama, para apertar o botão que tornava transparente, num só sentido, a vigia da porta.

Reconheceu o rosto que apareceu do outro lado e apertou outro botão, que destrancou e abriu a porta.

Entraram dois homens. Aquele, cujo rosto ele reconheceu, falou primeiro:

— Espero que você se lembre de mim.

Morrison nem fez menção de sair da cama. Ele tornara-se o centro, ao redor do qual tudo gravitava, e estava disposto a tirar parti do da situação enquanto pudesse.

— Você é o agente que queria que eu fosse para a União Soviética.

Rodano, não é?

— Isso! Francis Rodano. E este é o professor Robert G. Friar.

Acho que você já o conhece.

Ele hesitou, mas o sentimento de cortesia acabou fazendo com que pulasse da cama:

— Como vai, professor? É claro que o conheço. Já o vi na holovisão não sei quantas vezes. É um prazer conhecê-lo pessoalmente.

Friar, um dos "cientistas visíveis", cujas fotos na imprensa e aparições na holovisão o faziam conhecido por todo mundo, deu um sorrisinho. Tinha um rosto redondo, olhos azuis-claros e uma ruga vertical, que parecia permanente, entre as sobrancelhas, além de bochechas rosadas, um corpo sólido de altura média, e o cacoete de olhar inquieto à sua volta o tempo todo.

— Você, pelo que entendi, é Albert Jonas Morrison.

— Sou — disse Morrison, à vontade. — Rodano pode testemunhar.

Sente-se, por favor, e me desculpem por continuar meu descanso na cama. Estou com um atraso de mais ou menos um ano no descanso.

Os dois sentaram-se num sofá e inclinaram-se para ele. Rodano falou, um pouco sem jeito:

— Não posso lhe prometer muito descanso, doutor Morrison, pelo menos nos próximos dias. Aliás, acabamos de receber uma mensagem da Ashby. O senhor se lembra dela?

— A copeira que virou a mesa? É claro! Sem ela...

— Já conhecemos os detalhes de sua história, doutor. Ela fez questão de que lhe disséssemos que seus dois amigos parecem recuperados e estão muito bem um com o outro.

— E ela, como está? Ela me pediu para dizer que está pronta para sair de lá, se o pessoal de Washington quiser. Contei isto no relatório, ontem à noite, não contei?

— Contou. Tentaremos tirá-la de lá. Mas agora pretendo incomodá-lo um pouco.

Morrison franziu a testa.

— Quanto tempo vai levar?

— Não sei. O senhor terá que descobrir à medida que for acontecendo.

Professor Friar, o senhor não quer conduzir a conversa?

Friar fez que sim:

— Doutor Morrison, o senhor se importa se eu gravar? Não.

Deixe-me dizer de uma forma melhor: vou gravar, Morrison. — Tirou da pasta um pequeno teclado de computador, de desenho moderníssimo.

Rodano perguntou com voz suave:

— Para onde vai isso, professor?

— Para o meu gravador, senhor Rodano.

— E onde ele fica, professor?

— No meu escritório, na secretaria de Defesa. — Acrescentou, irritado pelo olhar fixo do outro: — Dentro do cofre de meu escritório.

Tanto o cofre quanto a memória eletrônica são muito bem codificados.

Satisfeito?

— Continue, professor.

Ele voltou-se para Morrison:

— É verdade que você foi miniaturizado, Morrison? Pessoalmente?

— Fui. Cheguei ao tamanho de um átomo, como parte da tripulação de uma nave do tamanho de uma molécula de glicose. Passei metade de um dia dentro de um corpo humano vivo, primeiro na corrente sangu?.nea, depois no cérebro.

— É verdade, mesmo? Não pode ter havido hipnose ou algum truque?

— Escute, professor Friar. Se eu tivesse sido hipnotizado ou iludido, meu depoimento de agora não valeria nada, não é? Não vale a pena continuar a não ser que o senhor admita o fato de que estou em meu juízo perfeito e sou capaz de relatar os acontecimentos de forma razoavelmente realista.

Friar apertou os lábios mas concordou:

— Está bem. Temos que partir de alguns pressupostos. Um deles será o de que você está são e que podemos confiar no que diz. Sem prejuízo de eventuais reconsiderações posteriores.

— Claro, claro — disse Morrison.

— Neste caso — Friar dirigiu-se a Rodano —, começaremos com uma observação de tremenda importância: a miniaturização é possível e os soviéticos a dominam e são capazes de usá-la até mesmo em seres humanos, sem prejuízo aparente para eles. — Voltou-se para Morrison: — Presumo que eles digam que a miniaturização resulta da redução da constante de Planck, — Dizem.

— É claro. Não há outra maneira imaginável. Eles lhe explicaram o processo pelo qual isso é feito?

— Claro que não. Outra coisa que o senhor deve saber é que os cientistas soviéticos com os quais lidei são tão lúcidos quanto nós.

Não revelariam segredos que não desejam que conheçamos, por mera falta de cuidado.

— Está bem. Outro pressuposto. Agora, por favor, conte tudo o que aconteceu na União Soviética. Não queremos uma história de aventuras. Queremos o relato das observações profissionais de um cientista.

Morrison começou a contar. Não se sentiu mal. Desejava exorcizar tudo aquilo e não continuar com a responsabilidade de ser o único americano a deter essas informações. Levou horas contando a história, com todos os detalhes. Só terminou quando chegaram ao fim do almoço que eles encomendaram por telefone.

Saboreando a sobremesa, Friar falou:

— Deixe-me tentar resumir, então, se é que minha memória será capaz disso. Para começar, a miniaturização não afeta a passagem do tempo nem as interações quânticas, isto é, as interações eletromagnéticas, fortes ou fracas. A interação gravitacional, no entanto, é afetada e diminui na mesma proporção da massa, como tinha de ser. Certo?

Morrison fez que sim.

— A luz, bem como a radiação eletromagnética em geral, é capaz de entrar e sair do campo de miniaturização, mas o som, não. A matéria normal é fracamente repelida pelo campo mas, sob pressão, pode ser forçada a entrar nele e ser também miniaturizada, às custas da energia do campo.

Outra vez Morrison concordou com um gesto.

— Quanto mais miniaturizado estiver um objeto, menor a energia necessária para miniaturizá-lo ainda mais. Você sabe se a necessidade de energia diminui na mesma proporção da massa remanescente, em qualquer estágio do processo?

— Parece lógico, mas não me lembro de nenhuma menção à natureza quantitativa do fenômeno.

— Bem... Continuando: quanto mais miniaturizado estiver o objeto, maior a chance de desminiaturização espontânea. E isto se aplica a toda a massa coberta pelo campo e não aos componentes individuais.

Você, quando esteve isolado, ficou muito mais sujeito à desminiaturização do que quando era parte da nave. Estou certo?

— Foi isso que deduzi.

— E seus companheiros soviéticos admitiram que a maximização, o processo inverso, é impossível; não se pode tornar as coisas maiores que seu tamanho natural.

— Outra vez, foi isso que deduzi. Mas o senhor tem que entender, professor Friar, que só posso repetir aquilo que ouvi. Eles podem ter me induzido a erros de propósito ou podem até estar errados por falta de conhecimento.

— Sei, sei. Eu entendo. Você tem razões para acreditar que eles o induziram a erros?

— Não. Eles me pareceram muito honestos.

— Pode ser... O mais interessante para mim é o fato de o movimento browniano se equilibrar com a oscilação da miniaturização e, quanto mais miniaturizado o objeto, maior a oscilação e menor o movimento.

— Isso eu observei pessoalmente, professor. Não foram eles que disseram, apenas.

— E essas modificações no equilíbrio têm alguma coisa a ver com a ocorrência de desminiaturização espontânea?

— Isso é uma hipótese minha. Não posso assegurar que seja verdadeira.

— Hum... — Friar tomou um gole de café, pensativo. — O problema é que tudo isso é muito superficial. Sabemos como se comporta o campo de miniaturização, mas não sabemos como é produzido.

E você diz que, quando eles reduzem o valor da constante de Planck, a velocidade da luz não sofre nenhuma alteração, não é?

— Certo, mas, como já disse, isso significa um brutal gasto de energia. Se eles conseguissem relacionar a constante de Planck à velocidade da luz, fazendo com que esta aumentasse quando aquela diminuísse... Mas isto eles não conseguiram ainda.

— É o que eles dizem. Estava, supostamente, no cérebro de Shapirov, mas você não conseguiu chegar a obtê-lo.

— Certo.

Friar parou para pensar alguns minutos. Finalmente sacudiu a cabeça:

— Vamos analisar tudo o que você disse e deduzir o que puder mos, mas acho que não adiantará grande coisa.

— Por quê? — Rodano quis saber.

— Porque nada disto é o essencial. Se alguém que nunca tivesse visto um robô, nunca tivesse ouvido falar de seus componentes, tivesse que descrevê-lo em operação, seria capaz de relatar os movimentos da cabeça e dos membros, reproduzir a voz, contar como ele obedece às ordens e assim por diante. Mas nada do que esta pessoa descrevesse daria qualquer indicação de como funciona um padrão cerebral positrônico ou do que é uma válvula molecular. A pessoa nem teria idéia da existência de tais coisas. Menos ainda os cientistas que tentassem trabalhar a partir de sua descrição. Os soviéticos dominam alguma técnica que produz o campo, mas nada sabemos sobre ela e nada do que o Morrison nos diz pode nos ajudar.

Eles poderiam ter publicado alguma coisa que servisse de indicação, antes de perceberem que estavam a caminho de uma descoberta essencial. Foi isto que

aconteceu na primeira metade do século XX, quando divulgaram os primeiros trabalhos elementares com a fissão nuclear, antes de compreenderem que tinham de ser mantidos em sigilo. Mas os soviéticos não repetiram este engano no caso da miniaturização. E também não conseguimos nenhuma informação sobre o assunto através de espionagem ou de algum golpe de sorte, como a deserção e passagem para o nosso lado de alguma pessoa-chave. Ainda vou me reunir com meus colegas do Conselho, mas, de maneira geral, doutor Morrison, acho que posso adiantar que sua aventura na União Soviética, por mais corajosa e digna de elogios que tenha sido, não serviu para nada, a não ser, é claro, para confirmar a existência da miniaturização. Sinto muito, senhor Rodano, mas acho que perdemos nosso tempo.

A EXPRESSÃO de Morrison não se alterou enquanto Friar proferia sua longa conclusão. Serviu-se de um pouco mais de café, misturou cuidadosamente com creme e tomou alguns goles. Finalmente voltou-se para ele:

— Você está completamente errado, Friar.

O outro o encarou rapidamente:

— Você está querendo dizer que sabe alguma coisa a respeito da produção do campo de miniaturização? Você mesmo disse que...

— O que eu vou lhe dizer, Friar, nada tem a ver com a miniaturização.

Tem tudo a ver com o meu próprio trabalho. Os soviéticos me levaram até Malenkigrad e à Gruta para que eu tentasse usar meu programa de computador na leitura da mente do Shapirov. Não deu certo, o que não é nenhuma surpresa, uma vez que ele estava em coma e à beira da morte. Por outro lado, Shapirov, que tinha a mente incrivelmente aguçada, se referiu a meu programa como a 'um relé", depois de ler alguns dos documentos que publiquei. Ele acertou: no final, foi assim que meu programa funcionou.

— Relé? — O rosto de Friar expressou desentendimento e irritação.

— O que você quer dizer com isto?

— Em vez de captar os pensamentos de Shapirov, o computador, com meu programa, depois de chegar ao interior de um neurônio dele, passou a funcionar como um relé, passando pensamentos de pessoa para pessoa dentro da nave.

Friar começou a parecer indignado:

— Você quer dizer... qualquer coisa como um instrumento de telepatia?

— Exatamente. Minha primeira experiência foi uma intensa emoção de amor e atração sexual por uma das mulheres que estavam na nave. Como ela é extremamente atraente, é claro que achei o sentimento normal e achei que pertencia à minha própria mente. No entanto, eu não tive consciência de nenhum sentimento daquele tipo.

Só depois de vários outros acontecimentos semelhantes, comecei a perceber que eu estava captando pensamentos de um rapaz que também estava conosco. Ele e a moça estavam brigados, mas continuavam apaixonados um pelo outro, do mesmo jeito.

Friar deu um sorrisinho tolerante:

— Você tem certeza de que estava em condições, a bordo daquela nave, de interpretar corretamente estas sensações? Você estava muito tenso, não estava? Você captou pensamentos da moça, também?

— Não. O rapaz e eu trocamos pensamentos, de forma involuntária, muitas vezes. Quando pensei em minha mulher e minhas filhas, ele pensou numa mulher e duas meninas. Quando me perdi na corrente intracelular, ele captou meu pânico e entendeu que captara o sofrimento de Shapirov através de meu instrumento, que estava atado a meus pulsos. Mas o que ele captou foi o meu desespero. Não troquei pensamentos com nenhuma das mulheres a bordo, mas elas trocaram entre si. Quando se concentraram para captar pensamentos do Shapirov, elas detectaram palavras e sentimentos parecidos, que eu e o rapaz não conseguimos sentir. Mas é claro que elas estavam captando uma da outra.

— Uma diferenciação sexual?

— Não. Acho que não, O piloto da nave não captou nada, nem das mulheres nem dos homens. Se bem que houve um momento em que ele pareceu receber um pensamento, mas não sei de quem foi.

Minha opinião é a de que há tipos cerebrais, a exemplo dos tipos sangu?.neos. Deve haver poucos, também. Acho que a comunicação telepática fica mais fácil para cérebros pertencentes ao mesmo tipo.

Rodano interrompeu, falando baixinho:

— Mesmo que isso tudo esteja correto, doutor Morrison, que importância pode ter?

— Vou explicar. Há anos que eu venho tentando identificar as regiões e os padrões do pensamento abstrato dentro do cérebro e os êxitos que obtive não foram dos mais notáveis. Umas poucas vezes, captei imagens, mas nunca consegui interpretar corretamente o fenômeno.

Sempre- achei que elas estavam sendo emitidas pelo cérebro do animal com que estava trabalhando. Agora chego à conclusão de que elas vinham de algum ser humano que estava por perto fortemente emocionado ou imerso em reflexão profunda. Nunca tinha pensado nesta hipótese. Erro meu, é claro. No entanto, irritado pela indiferença geral, pela descrença e desrespeito de meus colegas, nunca publiquei nada a respeito dessas imagens. Em vez disto, continuei desenvolvendo meu programa, modificando-o para intensificá-las. Algumas destas modificações também nunca foram publicadas.

E foi assim que acabei penetrando na corrente sangu?.nea de Shapirov, munido de um instrumento com maior capacidade de funcionar como relé do que qualquer coisa em que já pusera as mãos antes. E agora, que finalmente minha cabeça dura já absorveu exatamente as possibilidades que tenho, sei o que fazer para desenvolver ainda mais o programa. Tenho certeza disto.

Estou tentando entender, Morrison — disse Friar. — Você está dizendo que, em resultado de sua viagem fantástica rumo ao cérebro de Shapirov, você está certo de que pode modificar seu instrumento de forma a transformar a telepatia numa coisa prática?

— Prática até certo ponto. É isso mesmo.

— Isto seria fantástico... se você pudesse demonstrar. — A voz de Friar continuava cética.

— Talvez muito mais fantástico do que você esteja pensando — Morrison falou com um pouco de aspereza. — Você sabe, naturalmente, que os telescópios, sejam óticos ou a rádio, construídos em partes separadas, espalhados em distâncias imensas e coordenados por computador, podem funcionar como um só conjunto, como se fossem um só telescópio, muito maior do que poderíamos construir numa peça única.

— Sei, mas... e daí?

— É só uma analogia. Estou convencido de que posso demonstrar um efeito semelhante em relação ao cérebro. Se unissemos telepaticamente seis homens, os seis cérebros iriam funcionar temporariamente como um cérebro gigantesco e, na verdade, seriam sobrehumanos em inteligência e criatividade. Pense nos desenvolvimentos científicos e tecnológicos que podemos obter! Pense nos avanços em outros campos da atividade humana. Estaremos criando um super-homem mental, sem termos que depender da demorada evolução física ou dos perigos da engenharia genética.

— Se for verdade, é mesmo interessante — disse Friar, obviamente intrigado, mas também obviamente longe de estar convencido.

— Mas há um problema — disse Morrison. — Fiz todas as minhas experiências com animais, porque foi necessário introduzir os eletrodos do computador em seus cérebros. Isto não pode ser muito preciso, é o que vejo agora com clareza. Por mais que sofistiquemos o método, o máximo que conseguiremos será sempre um sistema telepático grosseiro. O que precisamos fazer é invadir um cérebro e colocar um computador devidamente preparado e miniaturizado dentro de um neurônio, onde ele possa funcionar como relé.

Aí, sim, o processo telepático será tremendamente melhorado.

— E a pobre pessoa que você submeter a este suplício — disse Friar — mais tarde ou mais cedo explodirá, quando a máquina desminiaturizar.

— Um cérebro animal é muito inferior ao cérebro humano — replicou Morrison com seriedade —, porque possui menos neurônios, além de não tão bem complexamente coordenados. Mas um neurônio isolado em um coelho pode não ser significativamente inferior a um neurônio humano. Poderíamos usar robôs como relés.

Foi a vez de Rodano:

— Cérebros americanos trabalhando em cadeia poderiam, então, descobrir o segredo da miniaturização e talvez até chegar antes dos soviéticos ao relacionamento da constante de Planck com a velocidade da luz.

— Certo! — Morrison respondeu com entusiasmo. — E um cientista soviético, Yuri Konev, o membro da tripulação com quem andei trocando pensamentos, percebeu a mesma coisa que eu. Foi por isso que ele desafiou seu próprio governo e tentou me deter à força.

Sem mim e sem meu programa, duvido que ele consiga reproduzir meus trabalhos nos próximos anos. Principalmente porque este não é o campo de trabalho dele, exatamente.

— Continue — disse Rodano. — Estou começando a gostar disso.

— A situação é esta. No momento temos uma espécie de telepatia rudimentar. Mesmo sem a miniaturização, pode ser que ela nos ajude a passar à frente dos soviéticos. Mas também pode ser que não.

Sem a miniaturização, sem a possibilidade de instalarmos um computador dentro de um neurônio de animal para servir de relé, não podemos ter certeza de chegar a lugar nenhum. Os soviéticos, por sua vez, têm um método rudimentar de miniaturização. Podem até, através de métodos convencionais de pesquisa, chegar a um jeito de relacionar a teoria quântica com a da relatividade e obter uma miniaturização realmente eficiente, mas podem levar muito tempo até chegarem a isto. Ou seja: se temos a telepatia sem a miniaturização e se eles estão na situação inversa, pode ser que ganhemos a corrida depois de muito tempo, mas também pode ser que eles ganhem. A nação que chegar na frente vai ganhar, em certo sentido, a velocidade de deslocamento ilimitada, e o universo será todo seu. A nação que perder a corrida vai definhar, ou, pelo menos, suas instituições definharão. Seria muito bom para nós se ganhássemos, mas pode ser que eles ganhem. E pode ser que, durante a corrida, a paz duramente conquistada há duas gerações degenere em uma guerra de destruição total. Por outro lado, se nós e eles concordarmos com um trabalho conjunto e usarmos a telepatia, refinada e fortalecida por um relé miniaturizado dentro de um neurônio vivo, poderemos a curto prazo conquistar juntos o equivalente à antigravidade e à velocidade infinita. O universo pertencerá tanto aos Estados Unidos quanto à União Soviética. Pertencerá, na verdade, ao mundo todo, à Terra, à humanidade. Por que não, senhores? Ninguém sai perdendo.

Todos ganham.

Tanto Friar quanto Rodano o estavam encarando, espantados. Foi o primeiro que falou, finalmente, depois de engolir em seco:

— O que você está dizendo é formidável... desde que tenhamos realmente a telepatia.

— Você tem tempo para ouvir uma explicação mais detalhada?

— Tenho todo o tempo que for preciso — disse Friar.

MORRISON levou algumas horas para explicar todos os detalhes de sua teoria. Quando terminou, recostou o corpo e disse:

— Já está quase na hora do jantar. Agora eu sei que vocês, e muitas outras pessoas, vão querer me sabatinar e vão querer que eu monte um sistema para demonstrar a telepatia na prática. E tudo isto me manterá ocupado por... pelo resto da minha vida, pelo que sei. Mas agora eu quero uma coisa diferente.

— O que é? — Rodano perguntou.

— Uma folga, antes de começar. Por favor. Passei por muita coisa.

Me dêem vinte e quatro horas. De agora até o jantar de amanhã.

Quero ler, comer, pensar, descansar e dormir. Só um dia, por favor.

Depois me ponho à disposição de vocês.

— É justo — disse Rodano, pondo-se de pé. — Vou dar um jeito, se puder. Acho que posso. As vinte e quatro horas são suas. Aproveite bem. Concordo que depois você não terá tempo mais para nada.

E, de agora em diante, e por muito tempo, conforme-se: você será uma das pessoas mais fortemente protegidas da América, tanto quanto o presidente.

— Está bom — disse Morrison. — Pedirei o jantar só para um.

RODANO E FRIAR tinham acabado de jantar. Fora uma refeição estranhamente silenciosa, numa sala isolada e bem guardada. Rodano perguntou:

— Diga uma coisa, doutor Friar, o senhor acha que ele está certo neste negócio de telepatia?

Friar suspirou e respondeu com cautela:

— Vou ter que consultar alguns colegas que conhecem o funcionamento do cérebro humano melhor que eu. Mas pressinto que ele está certo. Ele é muito convincente. Mas quem tem uma pergunta a fazer agora sou eu.

— Pois não.

— Você acha que ele tem razão no que se refere à cooperação entre os Estados Unidos e a União Soviética?

Houve uma longa pausa antes da resposta de Rodano:

— Acho. Acho que ele está certo nisso, também. É claro que vai haver uma gritaria infernal de todos os lados, mas não podemos correr o risco de os soviéticos chegarem na frente. E todos compreenderão isto. Têm que compreender!

— E os soviéticos? Será que compreenderão também?

— Eles serão forçados a isso. Também não desejarão correr o risco.

Além disto, as outras nações, sem dúvida, vão se informar, vão querer participar e não permitirão que uma nova guerra fria tenha início. Para se chegar a isso talvez leve anos, mas no final todos terão que cooperar. — Rodano sacudiu a cabeça. — Sabe o que estou achando realmente esquisito, doutor Friar?

— Eu me espantaria se você achasse alguma coisa que não seja esquisita em tudo isto.

— Está certo. Mas o mais estranho de tudo, para mim, é que conheci o Morrison no domingo passado, à tarde, e tentei convencê-lo a ir para a União Soviética. Na hora, desanimei. Ele me pareceu um sujeito sem coragem, um zero à esquerda, um molenga. Um sujeito sem nenhum brilho, a não ser no sentido acadêmico. Achei que não se podia confiar nele para nada. Acreditei que, ao enviá-lo, simplesmente estava condenando-o à morte. Foi assim que me senti.

Cheguei a comentar com um colega de trabalho, na segunda-feira.

E, o que é pior, acho ainda a mesma coisa. Ele é um zero, sobreviveu por milagre e só porque contou com ajuda de outras pessoas. E contudo...

— Sim?

— E, contudo, ele voltou. E, depois de fazer uma incrível descoberta científica, disparou um processo que forçará os Estados Um dos e a União Soviética a cooperarem, mesmo que a contragosto. E, ainda por cima, transformou-se no cientista mais importante e, assim que publicarmos tudo isto, no mais famoso do mundo, quem sabe, de toda a História! De certa maneira, ele destruiu o sistema político mundial e construiu um novo, ou pelo menos iniciou

a construção. E fez tudo isto entre a tarde de domingo passado e a tarde de hoje, sábado. Tudo em seis dias! É meio assustador.

Friar jogou o corpo para trás e deu uma gargalhada:

— É muito mais assustador do que você pensa! Ele está planejando descansar no sétimo dia.